



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**“POR FORÇA DAS CIRCUNSTÂNCIAS”: MARIA THÉTIS NUNES NA DIREÇÃO
DO COLÉGIO ESTADUAL DE SERGIPE (1951-1955)**

ADRIANA DE ANDRADE SANTOS

**SÃO CRISTÓVÃO/SE
2021**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**“POR FORÇA DAS CIRCUNSTÂNCIAS”: MARIA THÉTIS NUNES NA DIREÇÃO
DO COLÉGIO ESTADUAL DE SERGIPE (1951-1955)**

ADRIANA DE ANDRADE SANTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador(a): Profa. Dra. Josefa Eliana Souza

**SÃO CRISTÓVÃO/SE
2021**

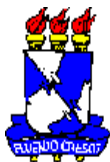
**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SIBIUFS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

S237p Santos, Adriana de Andrade
“Por força das circunstâncias”: Maria Thetis Nunes na direção do Colégio Estadual de Sergipe (1951-1955) / Adriana de Andrade Santos; orientadora Josefa Eliana Souza. – São Cristóvão, SE, 2021.
201 f. : il.

Dissertação (mestrado em Educação) - Universidade Federal de Sergipe, 2021.

1. Educação – Sergipe. 2. História – Sergipe. 3. Colégio Estadual de Sergipe (SE). – História. 4. Nunes, Maria Thetis. 1923-2009. I. Souza, Josefa Eliana, orient. II. Título.

CDU 37(813.7)(091)



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



ADRIANA DE ANDRADE SANTOS

**“POR FORÇA DAS CIRCUNSTÂNCIAS”: MARIA THÉTIS NUNES NA
DIREÇÃO DO COLÉGIO ESTADUAL DE SERGIPE (1951-1955)**

Aprovada em 26.02.2021

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação da Universidade Federal de Sergipe e
aprovada pela Banca Examinadora.

Profa. Dra. Josefa Eliana Souza (Orientadora)
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof. Dr. Joaquim Tavares da Conceição
Universidade Tiradentes
Programa de Pós-Graduação em Educação/UFS

Prof.^a Dr.^a Maria Neide Sobral
Universidade Federal de Sergipe/UFS

Prof. Dr. José Genivaldo Martires
Universidade Federal de Sergipe/UFS

Prof. Dr. Magno Francisco De Jesus Santos
Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN

**SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2021**

À Maria Thétis Nunes (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Essa pesquisa foi possível graças aos esforços empreendidos por mim e alguns agentes. Chegou a hora de agradecer a todos aqueles que contribuíram direta e/ou indiretamente para que este levante se concretizasse.

Agradeço primeiramente a Deus pela dádiva da vida, pela sua bondade em permitir que tal feito se realizasse. Muitos foram os momentos que me peguei clamando a ele por força, foco, discernimento e coragem para seguir em frente.

Agradeço muitíssimo a minha orientadora, professora Dra. Josefa Eliana, exemplo de dedicação e amor pelo que faz. Sua postura perante a profissão docente renova-me a esperança de tempos melhores para a educação brasileira. Quando “crescer” quero ser igual à senhora.

Também foi fundamental a colaboração dos professores do Departamento de Pós-graduação em Educação (PPGED): Josefa Eliana Souza, Silvana Bretas e Edimilson Menezes por todos os saberes arremetidos aos alunos que integraram ou integram esse departamento. Ambos dirimiram dúvidas e oportunizaram o acesso às fontes que sustentam a argumentação deste trabalho.

Sublinho, ainda, o apoio de amigos e amigas que encontrei durante esses deslocamentos e cujos posicionamentos combativos não me fizeram desanimar em meio à empreitada. Agradecimento resumido nas pessoas de Lidiana Vieira, fiel escudeira, sempre elencando qualidades não vistas por mim, encorajando-me com palavras de superação e elevação, sem contar pelos socorros recorrentes à área das tecnologias e da cartografia.

A Cristiane Tavares, pela amizade obtida por meio de choros e risos, pelos incentivos constantes, pela ajuda mútua nos momentos de descontração e dor, como também pelo carinho que construímos ao longo de oito anos de parceria como colegas de turma e bolsistas, fazendo com que essa amizade transcendesse os portões da Universidade.

Sou grata também aos colegas de turma, nas pessoas de Juselice Alencar, Danilo Mota, Thiciane Nascimento e Matheus Luamm, os quais, ao longo desses dois anos de mestrado, contribuíram essencialmente para a minha formação como educadora e cidadã.

Para concluir esse estudo fez-se necessário a colaboração de outras pessoas. Por isso, agradeço aos colegas professores Suely Cristina Silva Souza, Waldinei Santos Silva, Rosemeire Marcedo Costa, Ana Cláudia Mendonça, Rita de Cácia Souza, dentre outros.

Gratidão extensiva as professora Eva Maria Siqueira Alves e Lianna de Melo Torres pela coordenação em projetos de pesquisa e extensão tecnológica.

Agradecimentos aos profissionais que integram o Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense – CEMAS, da Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe – BICEN, do Arquivo Público do Estado de Sergipe e da Biblioteca Central da Bahia.

Agradeço aos préstimos de João Quintino pelo intermédio junto aos ex-alunos: Arivaldo de Andrade e Francisco Guimarães Rollemberg. Como também aos professores Dr. José Genivaldo Martires e Dr. Jorge Carvalho do Nascimento pela partilha de memórias e conhecimentos.

Agradeço aos professores que compuseram a banca de minha defesa de mestrado: Dr. Magno Francisco de Jesus Santos, pertencente à Universidade Federal do Rio Grande do Norte e aos professores pertencentes à Universidade Federal de Sergipe Dr. Joaquim Tavares da Conceição, Dr. José Genivaldo Martires, e a Profa. Dra. Maria Neide Sobral pela leitura atenta e pelas sublimes observações em prol do crescimento desse trabalho.

Por fim, agradeço, sobretudo, a minha filha Eduarda, razão do meu viver. Sou grata também a Everton. Não sei como me suporta. Entre tapas e beijos se vão 19 anos de convivências e de ajuda mútua. Sei que não foi fácil para mim, muito menos para você, que durante anos se dispôs a servir de mototáxi, abrindo mão do seu horário de descanso e almoço para concretude dos meus ideais.

A Madalena, por ter me carregado em seu ventre por nove meses. E, claro, ao meu pai, Jorge Antônio, homem simples, prestativo e imaturo, por ter me concebido seu gene. Embora não saiba transmitir sentimentos paternais, é um socorro presente.

Aos meus irmãos paternos Rodolfo, Marcos e Paulo, como também a meus irmãos maternos Ana Cláudia, Renata e Messias (*in memoriam*), os quais compartilharam comigo muitos dos momentos mais difíceis e especiais da minha vida.

Aos meus queridos sobrinhos Júlia e Arthur, que me fazem tão feliz e amada, como também pelos momentos de alegria, que por instantes faziam-me esquecer as atribulações corriqueiras. Obrigada por fazerem parte desta jornada!

Quando a família não pode exercer a parte que lhe cabe **na educação dos filhos**, por ter de garantir a produção de toda a riqueza social; é a instituição escolar a responsável pela socialização das informações e ideologias que cimentam todo o constructo social; é o espaço escolar que é responsável pela transmissão dos saberes produzidos e acumulados pela sociedade (LOMBARDI, 2012, p. 19, grifo do autor).

RESUMO

A presente dissertação propõe-se a compreender a atuação de Maria Thétis Nunes como diretora do Colégio Estadual de Sergipe durante o recorte temporal de 1951 a 1955, período que marca o início e o término de suas funções como dirigente da citada instituição de ensino. Este estudo insere-se no campo da História da Educação e constitui-se em uma pesquisa qualitativa, de cunhos histórico, documental e bibliográfico que comunga princípios defendidos pela História Cultural. Os fundamentos teórico-metodológicos que cimentam este trabalho e atendem aos conceitos de *intelectual* e *redes de sociabilidades* defendidos por Jean-François Sirinelli, articulado ao conceito de *campo e poder simbólico*, de Pierre Bourdieu, o qual subsidiou o processo de análise dos dados coletados. Dentre as fontes documentais apresentam-se: livro de ponto do professor, livro de contrato de funcionário, livro de registro de diploma, ata de relatório escolar anual, ata de resultado final, ata geral de exame, ata de prova oral, ata de reunião da congregação escolar, atestado, boletim, caderneta de aula, publicação em jornal, revista e, diário oficial, fotografia e, principalmente, livro de correspondência expedida e recebida do mencionado estabelecimento de ensino. A análise das fontes impressas e por meio de entrevistas semiestruturadas, foi identificado que os relatórios de final de ano permitiram compreender um pouco mais sobre a atuação de Maria Thétis Nunes enquanto regente do Colégio Estadual de Sergipe, além de revelar a situação educacional da principal casa de ensino secundário sergipano na época em voga.

Palavras-Chaves: Administração Escolar. Colégio Estadual de Sergipe. Intelectuais. Maria Thétis Nunes.

ABSTRACT

This dissertation aims at understanding Maria Thétis Nunes' performance as director of Colégio Estadual de Sergipe during the period from 1951 to 1955, a period that marks the beginning and the end of her functions as head of that educational institution. This study is part of the field of Educational History and is a qualitative research of historical, documentary, and bibliographic nature that shares principles defended by Cultural History. The theoretical-methodological foundations that underpin this work meet the concepts of intellectual and sociability networks advocated by Jean-François Sirinelli, articulated to the concepts of field, of Pierre Bourdieu, which will support the process of analysis of the data collected. Among the documentary sources are teacher's time book, employee contract book, diploma registration book, annual school report minutes, final result minutes, general exam minutes, oral test minutes, school congregation meeting minutes, certificate, bulletin, class notebook, publication in the newspaper, magazine and, official diary, photography and, mainly, correspondence book sent and received from the mentioned educational establishment. In the preliminary analysis and through semi-structured interviews, it was identified that the year-end reports will allow us to understand a little more about Maria Thétis Nunes' performance as regent of the State College of Sergipe, besides revealing the educational situation of the main secondary school in the State of Sergipe at the time in vogue.

Keywords: Intellectuals. Maria Thétis Nunes. School Administration. State College of Sergipe.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização da rua na qual Thétis Nunes morou em Itabaiana	36
Figura 2 - Livro de Atas do Atheneu Sergipense	44
Figura 3 - Professor Joaquim Vieira Sobral	46
Figura 4 - Decreto que nomeou Thétis Nunes professora substituta do Atheneu Sergipense (1941).....	52
Figura 5 - Centro de Estudos da Faculdade de Filosofia da Bahia.....	63
Figura 6 - Discurso de Maria Thétis Nunes na sessão solene em homenagem aos professores Abdias Bezerra e Arthur Fortes	65
Figura 7 - Ofício da Congregação do Atheneu Sergipense sobre a nomeação de Thétis Nunes para a cadeira de Geografia Geral (1946).....	72
Figura 8 - Decreto que nomeou Thétis Nunes professor catedrático do Atheneu Sergipense (1946).....	72
Figura 9 - Fachada da antiga Livraria Regina e foto atual do local	74
Figura 10 - Thétis Nunes em seu gabinete no Colégio Estadual de Sergipe (1954)	81
Figura 11 - Dispensa e designação de diretor do CES (1951).....	82
Figura 12 - Ilustração do Prédio que abrigou o Atheneu Pedro II (Atheneuzinho)	83
Figura 13 - Ilustração do Prédio do Colégio Estadual de Sergipe, 1951 (Sede atual)	83
Figura 14 - Ilustração do Pátio do Colégio Estadual de Sergipe (1950)	86
Figura 15 - Materiais da seção de Educação Física do Colégio Estadual de Sergipe – oriundos do antigo prédio (1949)	88
Figura 16 - Notícia sobre a inauguração do campo de esportes Adolpho Rollemberg	89
Figura 17 - Credencial do estudante Francisco Guimarães Rollemberg como membro da União Sergipana dos Estudantes Secundários – USES (1952).....	124
Figura 18 - Materiais solicitados por Thétis Nunes para os Salões de Geografia e História	132
Figura 19 - Artigo denunciando as precárias condições do Laboratório de Química do Atheneu Pedro II.....	133
Figura 20 - Passagem do artigo “Arnaldo Garcez e os Estudantes do Colégio Estadual”	134
Figura 21 - Thétis Nunes discursando na inauguração do Auditório	135

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Levantamento de produções sobre Maria Thétis Nunes	18
Quadro 2 - Itinerário de Thétis Nunes como aluna do Curso Ginásial do Colégio Pedro II (1935-1939)	46
Quadro 3 - Notas que Maria Thétis Nunes obteve da banca examinadora no concurso para professor catedrático do Colégio Estadual de Sergipe	71
Quadro 4 - Corpo docente do Curso Ginásial do Colégio Estadual de Sergipe (1952, 1953, 1954 e 1955)	100
Quadro 5 - Corpo docente do Curso Colegial Clássico e Científico do Colégio Estadual de Sergipe (1952, 1953, 1954 e 1955).....	105
Quadro 6 - Suplemento da folha correspondente às aulas suplementares do CES no mês de março de 1953	111
Quadro 7 - Livros adotados pelo Colégio Estadual de Sergipe para o ano de 1952	113
Quadro 8 - Matrículas do 1º semestre de 1954	118
Quadro 9 - Matrículas do 1º semestre de 1955	119

LISTA DE SIGLAS

AIB - Ação Integralista Brasileira

APS - Arquivo Público Estadual de Sergipe

ASL - Academia Sergipana de Letras

BICEN - Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe

CADES - Campanha de Aperfeiçoamento de Difusão do Ensino Secundário

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEMAS - Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense

CEB - Centro de Estudos Brasileiros

CES - Colégio Estadual de Sergipe

CBHE - Congresso Brasileiro de História da Educação

CNEC - Campanha Nacional de Escolas da Comunidade

DED - Departamento de Educação

DEHEA - Grupo de Pesquisa Disciplinas Escolares: História, Ensino e Aprendizagem

DGE - Departamento de Geografia

ENEFD - Escola Nacional de Educação Física e Desporto

ESHE - Encontro Sergipano de História da Educação

ESSS - Escola Superior de Serviço Social

FAPITEC/SE - Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe

FCFS - Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe

FFB - Faculdade de Filosofia da Bahia

GREPHES - Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História do Ensino Superior

IEX - Iniciação em Extensão Tecnológica

IHGSE - Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

ISEB - Instituto Superior de Estudos Brasileiros

OMS - Organização Mundial da Saúde

ONU - Organização das Nações Unidas

PCB - Partido Comunista Brasileiro

PIBIC JR - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica Júnior

PPGED - Programa de Pós-graduação em Educação

PSD - Partido Social Democrático

PTN - Partido Trabalhista Nacional

PUC/SP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SCAS - Sociedade de Cultura Artística de Sergipe

SBHE - Sociedade Brasileira de História da Educação

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UDN - União Democrática Nacional

UEB - União Estudantil da Bahia

UFS - Universidade Federal de Sergipe

URS - União Republicana de Sergipe

USES - União Sergipana dos Estudantes Secundários

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. MARIA THÉTIS NUNES: DA SERRA DE ITABAIANA AOS BANCOS ESCOLARES DO COLÉGIO ATHENEU PEDRO II.....	36
2.1 MARIA THÉTIS NUNES: DA FACULDADE DE FILOSOFIA DA BAHIA Á CATÉDRA DE GEOGRAFIA DO COLÉGIO ESTADUAL DE SERGIPE	56
3. ASSUMIREIS E ORGANIZAREIS: PARECERES DE MARIA THÉTIS NUNES SOBRE O COLÉGIO ESTADUAL DE SERGIPE.....	78
3.1UM OLHAR SOBRE O CORPO DOCENTE DO COLÉGIO ESTADUAL DE SERGIPE	94
3.2 UM OLHAR SOBRE O CORPO DISCENTE DO COLÉGIO ESTADUAL DE SERGIPE	117
3.2.1 Tempos de recordar: ações de incentivo da diretora Thétis Nunes para com os alunos do Colégio Estadual de Sergipe	120
3.3 PARA ALÉM DA SALA DE AULA: UM OLHAR ACERCA DOS OUTROS ESPAÇOS DO COLÉGIO ESTADUAL DE SERGIPE	128
BREVES CONSIDERAÇÕES	139
REFERÊNCIAS.....	146
APÊNDICE	163
ANEXO	185

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas do século XX, as pesquisas sobre História da Educação nascida em meados do século XIX ganharam destaque em meio aos temas educacionais, principalmente nas áreas de humanas, fortalecendo assim “o campo histórico-educativo”, como afirma Castanha (2013). Segundo este autor, fatores diversos explicam o aumento do número de pesquisas nessa área, a exemplo da “criação de programas de pós-graduação em educação; fortalecimento de grupos de pesquisa; abertura dos canais de publicação dos estudos; aproximação dos pesquisadores em história da educação das teorias da história” (CASTANHA, 2013, p. 80), dentre outros.

Nos dias hodiernos, a cultura patrimonial escolar vem sendo centro de discussões, principalmente no palco dos estudos da História da Educação. O que foi e é produzido nesses espaços de aprendizagens, particularmente a vasta documentação, relata ou nos revela o desenvolvimento e as ações de uma determinada sociedade em uma dada época.

Para Neves e Martins (2008, p. 36), os recentes debates teóricos e metodológicos discutidos dentro da História da Educação “ênfaticam a necessidade de conhecermos a escola em sua especificidade de organização, de trabalho pedagógico e da cultura que produz e reproduz”. Melhor dizendo, os ditos debates focam na necessidade de se estudar a cultura escolar das instituições educacionais. Essa cultura escolar é entendida por Dominique Julia

como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização), normas e práticas (JULIA, 2001, p. 10).

À vista disso, o pesquisador de História da Educação, em seus estudos, cria uma representação do passado. Entretanto, Fonseca (2006) salienta que são impostas dificuldades à pesquisa, notadamente no processo de localização das fontes, na realização das leituras de alguns documentos e manuscritos, no tocante à grafia e/ou desgaste deles ou ainda a sua inexistência, ocasionados, às vezes, pelo descarte ou má conservação de vestígios gerados pelo ser humano que se perdem com o passar do tempo.

Todas as instituições escolares dispõem de arquivos. No entanto, percebe-se que há falta de interesse e de conhecimento de alguns agentes em preservar a memória e a história da

instituição. A consolidação do Atheneu Sergipense como instituição é refletida em palavras, atos, gestos e/ou pensamentos que compreendem documentos “[...] gerados ou recolhidos por uma entidade pública ou privada que são necessários à sua criação, ao seu funcionamento e ao exercício das atividades que justificam sua existência” (BELLOTO, 2006, p. 28).

Nessa conjuntura, apresento o Atheneu Sergipense como espaço que carrega e guarda consigo fontes cujas informações foram fundamentais no processo de elaboração desta pesquisa. Por conseguinte, atento para a importância do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS), pela salvaguarda dos arquivos históricos escolares dessa instituição, provedores de inúmeras possibilidades de investigação e análise científica que permitem aos pesquisadores dissertarem sobre as mudanças ocorridas no sistema educacional sergipano ao longo do tempo.

O Atheneu Sergipense foi fundado em 24 de outubro de 1870, por meio do Regulamento Orgânico da Instrução Pública de Sergipe. Esse regulamento foi organizado por Manuel Luiz Azevedo d’Araújo, diretor geral da Instrução Pública na época. Conhecido como Casa de Educação Literária, o Atheneu Sergipense, quando de sua criação, ofertava à elite sergipana dois cursos: o de Humanidades, distribuído em quatro anos, e o Normal, ministrado em dois anos. Deve-se ressaltar o seu funcionamento ininterrupto até os dias atuais. Esta instituição dispõe de um acervo documental extenso e bastante rico à disposição de historiadores e pesquisadores da educação. Convém salientar que ao longo destes 150 anos a instituição recebeu múltiplas denominações:

Atheneu Sergipense (1870), Lyceu Secundário de Sergipe (1881), Escola Normal de Dois Graus (1882), Atheneu Sergipense (1890), Atheneu Pedro II (1925), Atheneu Sergipense (1938), Colégio de Sergipe (1942), Colégio Estadual de Sergipe (1943), Colégio Estadual Atheneu Sergipense (1970), e atualmente Colégio Estadual Atheneu Sergipense – Centro de Excelência (desde 2003) (ALVESb, 2005, p. 81-82).

A cabo de explicação, utiliza-se no trabalho a denominação referente a cada ano, priorizando muitas das vezes a mais popular “Atheneu Sergipense”, bem como “Colégio Estadual de Sergipe (CES)” por ser a denominação utilizada no período estudado.

O desejo em ingressar no Mestrado em Educação surgiu ainda em 2016, antes mesmo de concluir o curso de Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe – UFS, por incentivo de uma colega de turma. Inicialmente, tentei ingresso como aluna regular. Posteriormente, tentei ingresso no mestrado pelo Departamento de História. A persistência e a obstinação eram tamanhas que tentei mais uma vez ingressar no mestrado por meio do Edital de 2017, agora como aluna especial e, sem êxito, decidi desistir. Desisti

temporariamente, convém salientar. Porém, em 2018, certa de que seria a última tentativa, pareceu-me uma peça do destino porque finalmente passei nesse Edital para cursar o Mestrado em Educação, com a certeza de dar continuidade à pesquisa iniciada ainda na graduação intitulada “As correspondências do Atheneu Sergipense: ofícios recebidos e expedidos no período de 1951 a 1955”, orientada pela professora Rita de Cácia Santos Souza¹, na qual tive como objeto de pesquisa as correspondências do Atheneu Sergipense. Partiram daí os primeiros olhares para atuação de Maria Thétis Nunes como diretora do Colégio Estadual de Sergipe.

Mas donde surgiu esse interesse por Thétis Nunes? Como bem disse Bourdieu (1990, p. 42): “Quem procura acha”. O interesse por essa temática surgiu em 2013, por ser bolsista de Iniciação em Extensão Tecnológica (IEx), em um projeto cujo foco foi avaliar os indicadores, a gestão e os resultados do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica Júnior (PIBIC Jr) em Sergipe, programa operacionalizado pela Fundação de Apoio à Pesquisa e à Inovação Tecnológica do Estado de Sergipe – FAPITEC-SE, no período de 2003 a 2013.

Posto isso, declaro ser esse o início da minha jornada rumo à descoberta no campo da pesquisa em História da Educação. Ser bolsista possibilitou-me ingresso no Grupo de Pesquisa Disciplinas Escolares: História, Ensino e Aprendizagem – DEHEA e participação na pesquisa “O Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense – CEMAS”. Realizei, por intermédio dessa pesquisa, cursos que me deram suporte para atuar no trato de documentos salvaguardados no presente arquivo.

Importa lembrar que em 2020 houve mudança de orientação. Passei a integrar o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História do Ensino Superior GREPHES²/UFS/CNPq, que tem

¹ Professora do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe. Ministrando as disciplinas: Educação Inclusiva, Fundamentos da Investigação Científica, Fundamentos Filosóficos da Educação, Tópicos Especiais de Ensino, Monografia, Libras, Pesquisa em Educação Especial e Tecnologia Assistiva. Tem pós-doutorado e doutorado em Educação pela Universidade Federal da Bahia, mestrado em Educação pela Universidade Federal de Sergipe e Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Sergipe. Membro da Sociedade Movimento dos Focolares, Associação Brasileira de Psicopedagogia – Seção Sergipe, Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial (SBEE), Sociedade Brasileira de Pesquisadores em História da Educação (SBHE), Academia Literocultural de Sergipe (ALCS); Pesquisadora e Líder do Núcleo de Estudo, Extensão e Pesquisa em Inclusão Educacional e Tecnologia Assistiva (NÚPITA/UFS), EDUCON/UFS. Tem experiência na área de Educação infantil à pós-graduação, atuando e publicando principalmente nas seguintes temáticas: Educação, História da educação, formação de professores, educação especial e inclusiva, práticas pedagógicas, tecnologia assistiva, educação infantil, ensino-aprendizagem, Libras, arte e diversidade. (Texto informado pelo autor no Currículo Lattes). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5346944386346175>. Acesso em: 26 mar. 2021.

² Criado em outubro de 2011 pela Profa. Dra. Josefa Eliana Souza. Fruto do Projeto intitulado **Universidade Federal de Sergipe de Escola Superior a Universidade Multicampi** que objetivou desenvolver estudos

como foco principal a história da Universidade Federal de Sergipe, além de desenvolver estudos sobre biografia e trajetória de vida de intelectuais ligados à história da UFS. Maria Thétis Nunes foi uma delas. Contudo, o presente trabalho anseia compreender uma das facetas da trajetória de vida de Thétis Nunes, não na UFS, mas no Colégio Estadual de Sergipe, no cargo de diretora. Entendo que a certeza da minha relação com o grupo GREPHES consolida-se pelo interesse no estudo de trajetória e da história da educação sergipana.

Como dito em meados de 2013, foram-me apresentadas as correspondências do Atheneu Sergipense, mas a indecisão pairava sobre mim. O que pesquisar em meio à vastidão de correspondências existente na instituição? Inicialmente, decidi analisar os ofícios recebidos e expedidos nos anos de 1951 e 1952. Em suma, investigaria com quem o Colégio Estadual de Sergipe na época se correspondia, quem se correspondia com a instituição e o teor dessas correspondências, bem como a relevância de ambas na gestão de Maria Thétis Nunes e para a educação sergipana.

Encontrava-me encantada pela história de Maria Thétis Nunes. Lembro-me de que ela era sempre citada pelos professores na graduação, como também nas bancas de defesa de mestrado e doutorado das quais participei como ouvinte, e eu já havia tido contato com o seu livro intitulado “História da Educação em Sergipe”, obra discutida na disciplina optativa Educação Brasileira, ofertada pelo Departamento de Educação (DED) e ministrada por minha atual orientadora, Profa. Dra. Josefa Eliana Souza³, disciplina cuja ementa contemplou a figura de Thétis Nunes.

Desse modo, entendi que tudo me levava àquela intelectual, sobretudo quando, ao garimpar as correspondências de 1952, identifiquei que no campo de diretor, Thétis Nunes

associados à linha de pesquisa “História da Universidade”, em março de 2010. A produção acadêmica decorrente dos estudos iniciais resultou em variados artigos, monografias, dissertações e teses em andamento, além do livro “História e Memória – Universidade Federal de Sergipe (1968-2012)” financiado pela UFS. As ações do GREPHES tem por objetivo investigar as transformações históricas que resultaram na implantação e funcionamento da UFS. Além da História da instituição, interessam estudos sobre a construção de trajetórias de intelectuais da educação; práticas pedagógicas; criação, circulação e difusão de impressos; assim como, articular o ensino superior com a educação patrimonial e a história da expansão da UFS, em Sergipe. Informações coletadas em: <http://cech.ufs.br/pagina/20772-grupos-de-pesquisa>. Acesso em: 30 out. 2020.

³ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Mestrado em Educação obtido na Universidade Federal de Sergipe, Bacharel em História pela Universidade Federal de Sergipe e Graduada em História, também pela Universidade Federal de Sergipe. Professora Associada II do Departamento de Educação e membro do corpo permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS. Membro da Comissão de História do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Membro do Conselho Editorial/Científico Nacional da Interespaco – Revista de Geografia e Interdisciplinaridade. Membro da Sociedade Brasileira de História da Educação/SBHE. Atua no campo da História da Educação e os seus interesses estão voltados para discussões que dizem respeito ao Ensino Superior no Brasil (Instituições, Intelectuais, Representações, Memória e Materiais Impressos), tendo como foco principal: história da Universidade Federal de Sergipe / UFS. Lidera o Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História do Ensino Superior GREPHES/UFS/CNPq. (Texto informado pelo autor no Currículo Lattes). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/0698585902048453>. Acesso em: 26 mar. 2021.

assinava como a dirigente do Colégio Estadual de Sergipe. Assim, a partir do real interesse em conhecer mais sobre a História da Educação em Sergipe e do Colégio Estadual de Sergipe e, sobremaneira, da trajetória dessa intelectual como diretora, resolvi realizar essa pesquisa, que teve início ainda na graduação.

Maria Thétis Nunes destacou-se ao longo dos seus 86 anos de vida por ser pioneira em múltiplos setores. Benemérita professora, destacada historiadora brasileira do século XX, desenvolveu pesquisas em diferentes temáticas e publicou uma vastidão de trabalhos⁴. Representante da cultura brasileira em terras estrangeiras, foi a mais premiada das mulheres sergipanas. Em reconhecimento aos seus feitos em prol da educação sergipana e brasileira, importantes aspectos de sua biografia já foram explorados em livro, tese, dissertação, monografia, artigo publicado em periódico, dossiê em revista especializada na área da educação, como nos revela o quadro a seguir.

Quadro 1 – Levantamento de produções sobre Maria Thétis Nunes

Ano	Autor	Título
LIVRO		
1999	Maria Nely Santos	Professora Thétis: uma vida.
2018	Clovis Carvalho Britto (Org.)	Sob os véus de Mnemosyne: a imaginação museal de Maria Thetis Nunes.
TESE		
2015	João Paulo Gama Oliveira	Caminhos cruzados: itinerários de pioneiros professores do ensino superior em Sergipe (1915-1954).
2020	José Genivaldo Martires	Do capelo ao fardão: a inserção de professoras na Academia Sergipana de Letras no século XX.
DISSERTAÇÃO		
2011	João Paulo Gama Oliveira	Disciplinas, docentes e conteúdos: itinerários da História na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1962).
2020	Marcos Breno Andrade Leal	Catálogo de fontes metalinguísticas: estudo exploratório dos fundos pessoais do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE).
MONOGRAFIA		
1997	Norberto Rocha de Oliveira	Maria Thétis Nunes: uma contribuição a historiografia sergipana.
2008	Clevertton dos Santos	O catolicismo colonial sergipano segundo Maria Thétis Nunes.
2008	João Paulo Gama Oliveira	O curso de geografia e história da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1954): entre alunas, docentes e disciplinas – uma história.

⁴ Destaco alguns trabalhos de grande valia para a educação sergipana realizados por Thétis Nunes: A civilização Árabe: sua influência na civilização ocidental (2002); História da Educação em Sergipe (1984); História de Sergipe a partir de 1820 (1978); Sergipe Colonial I (1989); Sergipe Colonial II (1996); Sergipe Provincial I (2000); Ensino Secundário e Sociedade Brasileira (1962), dentre outros.

2014	Jandison Moura da Silva	Maria Thétis Nunes: um olhar sobre a Revolta de Santo Amaro.
REVISTA		
2004	Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe	Dossiê Maria Thétis Nunes
2009	Revista do Mestrado em Educação	Maria Thétis Nunes (06.01.1923 a 25.10.2009)
FASCÍCULO		
2009	Jornal da Cidade	Thétis e a história da educação doméstica (I)
2009	Thiago Fragata	Maria Thétis Nunes, museóloga sim
2017	Correio de Sergipe	Maria Thetis Nunes: caminhos percorridos pela jovem sergipana
PERÍODICOS E ANAIS DE EVENTOS		
2010	João Paulo Gama Oliveira	As aulas de Maria Thétis Nunes na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1956)
2012		Os professores de história da antiga FAFI
2013		A “área” da Geografia no curso de Geografia e História da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1962).
2016		"Caminhos percorridos" por Maria Thetis Nunes: pioneira catedrática do Atheneu Sergipense
2017		Vestígios “dos jovens anos escolares” de uma intelectual brasileira: itinerários da aluna Maria Thetis Nunes no Atheneu Sergipense (1935-1941)
		Itinerários de Maria Thetis Nunes na Faculdade de Filosofia da Bahia (1943-1946)
		Maria Thetis Nunes: o ingresso da “subversiva” nos caminhos do magistério (1944-1945)

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora com base no banco de dados da BICEN.

Ciente dos esforços já empreendidos pelos supraditos pesquisadores em retratar a trajetória estudantil e docente de Maria Thétis Nunes no Atheneu Sergipense, aspectos da sua atuação como professora da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe e, posteriormente, da Universidade Federal de Sergipe, seu itinerário como aluna e bolsista do Instituto Superior de Estudos Brasileiros – ISEB, diretora do Centro de Estudos Culturais na Argentina, além do campo de atuação como museóloga, inquietou-me o silenciamento a respeito da trajetória de Thétis Nunes como diretora do Colégio Estadual de Sergipe, resumida em breves linhas, e com ênfase na nomeação.

Assim sendo, a pesquisa em tela não parte de um patamar zero de conhecimento; ao contrário, “partimos de condições já dadas, existentes, e de uma prática anterior nossa e de outros, que gerou a necessidade da pesquisa ao problematizar-se”, como bem salienta (FRIGOTTO, 2010, p. 96). Nesse sentido, a culminância dessa escrita se deu graças a

trabalhos anteriores, os quais são fornecedores de subsídios e reveladores de indícios para problematização deste.

Dessa forma, a pesquisa documental foi imperiosa na obtenção das informações. Assim, foram realizadas coletas de dados, priorizando trabalhos que versam sobre o objeto de estudo – Colégio Estadual de Sergipe, mais conhecido como Atheneu Sergipense, Maria Thétis Nunes e trajetória de vida – campo de atuação nas seguintes bases de pesquisa: Biblioteca Central – BICEN da Universidade Federal de Sergipe, em busca de livros, jornais e revistas; Programa de Pós-graduação em Educação – PPGED à cata de teses, dissertações e periódicos; Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe – IHGSE à procura de fontes em jornais e revistas; Departamentos de História e Ciências da Religião em busca de Trabalhos de Conclusão de Curso – TCC; Congresso Brasileiro de História da Educação – SBHE atrás de artigos científicos e Correio de Sergipe em busca de fascículos.

Dentro dessa perspectiva, ao inserir os descritores Atheneu Sergipense no banco de dados do Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e no banco de dados da Bicen, localizei 40 trabalhos. Compreendem estes: livro, tese, dissertação, TCC e monografia de especialização que versam sobre aspectos pertinentes à citada instituição, ilustrados no (APÊNDICE A). Assim sendo, destaco a tese de doutorado de Eva Maria Siqueira Alves⁵, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), em 2005. Intitulada **O Atheneu Sergipense: uma Casa de Educação Literária examinada segundo os planos de estudos (1870-1908)**.

Essa autora objetivou conhecer o cenário do Atheneu Sergipense no período compreendido entre as últimas três décadas do século XIX e a primeira década do século XX. Ela investigou o espaço formador de vultos que se projetaram no panorama político e social, almejando tornar acessíveis traços significativos da história do Atheneu Sergipense;

⁵ Eva Maria Siqueira Alves tem Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Sergipe e Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Sergipe. Professora Titular (Portaria N. 0782) da UFS, aposentada. Voluntária do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS (2017-2020). Presidiu o CONMEA – Conselho Municipal de Educação de Aracaju (2015-2017). Coordenou o Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS (Mestrado e Doutorado) no período de 2009 a 2013. Foi coordenadora do Fórum de Coordenadores dos Programas de Pós-Graduação em Educação das Regiões Norte e Nordeste (FORPRED N/NE) de 2012 a 2013. Dirigiu a Sociedade Brasileira de Educação Matemática / Regional Sergipe (2006-2012). Coordenou no período de 2008 a 2010 o Plano de Metas Compromisso Todos pela Educação na elaboração dos Planos de Ações Articuladas – PAR em Sergipe (FNDE/UFS/SEED). Dirigiu o Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS) por meio do termo de cooperação técnica firmado entre a Secretaria de Estado da Educação e a Universidade Federal de Sergipe (2005-2020). Pesquisa na área de Educação com ênfase em História da Educação. (Texto informado pelo autor no Currículo Lattes). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/5696705408159072>. Acesso em: 26 mar. 2021.

investigou o processo formador do colégio, trazendo à cena as finalidades da instituição, as cadeiras lá ministradas, o método de ensino, elementos que, no seu conjunto, conferiram identidade àquela Casa de Educação Literária, sendo indispensável essa leitura àqueles que versem sobre o Atheneu Sergipense.

Em busca de trabalhos que abordem a respeito da intelectual Thétis Nunes, destaco o pioneiro trabalho de conclusão de curso de Norberto Rocha de Oliveira, intitulado **Maria Thétis Nunes: uma contribuição à historiografia sergipana**, defendido em 1997, que objetivou resgatar vida e obra de Thétis Nunes, destacou os primeiros historiadores sergipanos e seus livros; retratou a vida e a formação acadêmica, bem como sua trajetória como professora e historiadora; além de enfatizar a importância do Instituto Superior de Estudos Brasileiros na sua formação, resgatando as principais características das suas produções historiográficas publicadas, na época.

Vale ressaltar que, dentre as 76 laudas, somente na página de número 15 é que o autor faz menção à nomeação e atuação de Maria Thétis Nunes como diretora do Atheneu Sergipense. Relatou que ela foi convidada para assumir o cargo de diretora no ano de 1952, por Arnaldo Garcez, então governador do estado, permanecendo nessa função entre 1952 a 1955, além de dirigir “uma congregação de 20 homens, dos mais renomados nomes da nossa cultura. Destacam-se entre suas ações, a implantação de uma sala de geografia que ficou famosa, modernização da biblioteca e implantação de novas medidas pedagógicas” (OLIVEIRA, 1997, p. 15).

Todavia, de acordo com as fontes, Thétis Nunes foi “nomeada para exercer a função gratificada de diretora do Colégio Estadual de Sergipe por decreto de 15 de dezembro de 1951”, conforme assevera (SANTOS, 1999, p. 28). Este fato é evidenciado, também, pelo ofício nº 3, de 07 de janeiro de 1952, no qual Thétis Nunes comunica que em 17 de dezembro de 1951, assumiu a função de diretora para a qual foi designada por meio do decreto do dia 15 de dezembro daquele ano confirmando, assim, a assertiva de Santos (1999). E cabe parabenizá-lo pelas riquíssimas fontes presentes em anexos: recorte de jornais sergipanos, baianos e rosarianos que tratam de Maria Thétis Nunes.

Outro trabalho que despertou o olhar para o presente tema foi o de Maria Nely Santos publicado no ano de 1999, em sua obra intitulada **Professora Thétis: uma vida**. A autora discorreu sobre a vida de Thétis Nunes, trouxe à baila recordações de sua trajetória, sua nomeação nos cargos de professora e diretora do Colégio Estadual de Sergipe, além de sua indicação para representar o estado de Sergipe no ISEB, por designação do governador

Leandro Maciel (1955-1959), sem contar da sua viagem para Argentina, onde assumiria o cargo de diretora do Centro de Estudos Brasileiros – CEB.

No capítulo intitulado “O Atheneu: de professora a diretora”, a pesquisadora Maria Nely abordou a mudança de prédio do Atheneu Sergipense ocorrida no ano de 1950; a indicação do nome de Thétis Nunes pelo governador Arnaldo Rolemberg Garcez para ela assumir o cargo de diretora do já mencionado estabelecimento de ensino, bem como sua relutância em aceitar de prontidão o convite.

Frisa Santos (1999) a reivindicação proferida por Thétis Nunes de despachar diretamente com o governador sem a intervenção de terceiros. Esse pedido foi deferido pelo governo. Convite aceito. Outros aspectos elencados pela autora foi o apoio incondicional do governador durante sua gestão, a “solidariedade e companheirismo de todos os colegas da congregação” (SANTOS, 1999, p. 29), bem como seu pedido de demissão antes da mudança de governo.

Discorre ainda acerca dos feitos de Thétis Nunes em arrumar uma casa totalmente nova e, sobremaneira, conceber e deliberar o uso dos espaços. Por sua iniciativa “foi criada e posta em funcionamento a Cooperativa Escolar João Ribeiro para atender aos alunos carentes” (SANTOS, 1999, p. 30). Ademais, também tece considerações sobre seus esforços para o retorno da circulação do Jornal do Atheneu. Importa ressaltar que esse trabalho instigou ainda mais minha vontade em compreender a trajetória de Maria Thétis Nunes como diretora do supramencionado estabelecimento de ensino secundário.

Abre-se ressalva para figura do professor Dr. João Paulo Gama Oliveira⁶, por ser o pesquisador que mais se dedicou a estudar os itinerários de Maria Thétis Nunes. No ano de 2008, João Paulo apresentou o trabalho de conclusão de curso intitulado **O curso de geografia e história da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1954): entre**

⁶ Professor Adjunto da Universidade Federal de Sergipe com atuação no Departamento de Educação (DEDI) e no Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA). Doutor e Mestre em Educação, graduado em História Licenciatura pela UFS. Coordenador do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS) desde 2019. Avaliador do Programa Nacional do Livro e do Material Didático de História em quatro edições. Coordenou a Divisão de Licenciaturas junto à Pró-reitoria de Graduação da Universidade Federal de Sergipe entre janeiro de 2019 e novembro de 2020. Possui experiência na educação básica como professor de História da rede pública estadual de ensino de Sergipe e do Instituto Federal de Sergipe. Membro do Grupo de Pesquisas Relicário (DEDI/UFS/CNPq) e HEDUCA (PPGH/UFPel). Líder do Grupo de Pesquisa Disciplinas Escolares: História, Ensino e Aprendizagem – DEHEA (UFS/CNPq). É membro da Associação Nacional de Profissionais de História/ANPUH, da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e da Academia de Letras de Aracaju ocupando a cadeira do historiador Silvério Leite Fontes. Pesquisa, principalmente, nos seguintes temas: História da Educação; Intelectuais Sergipanos; História do Ensino Secundário; História do Ensino Superior, Profissão Docente, Patrimônio escolar e História do Ensino de História. (Texto informado pelo autor no Currículo Lattes). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1683730358783754>. Acesso em: 26 mar. 2021.

alunas, docentes e disciplinas – uma história. Esse autor analisou o curso de Geografia e História da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, nos anos de 1951 a 1954, período de ingresso e conclusão da primeira turma a se matricular no curso em tal Faculdade. Traçou aspectos da formação desses profissionais, por meio dos seus alunos, dos professores e das disciplinas que formaram o primeiro currículo do curso, do qual Thétis Nunes fez parte como professora de Geografia Física, História do Brasil e Administração Escolar.

Em 2011, defendeu na Universidade Federal de Sergipe a dissertação de mestrado intitulada **Disciplinas, docentes e conteúdos: itinerários da História na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1962)**, na qual investigou as disciplinas ministradas no curso de Geografia e História da referida faculdade, no período de 1951 a 1962. O autor analisou os saberes transmitidos naquele curso de formação de docentes de História em meados do século XX, as disciplinas, os perfis dos seus docentes e os conteúdos explícitos que formaram as bases da investigação desse recorte do passado que contribuiu sobremaneira para o ensino de História em Sergipe. Vale frisar que Maria Thétis Nunes integrou o quadro de professores do presente estudo.

No ano de 2015, João Paulo Gama Oliveira defendeu na Universidade Federal de Sergipe a tese de doutorado intitulada **Caminhos cruzados: itinerários de pioneiros professores do ensino superior em Sergipe (1915-1954)**, na qual investigou um grupo de pioneiros professores do ensino superior sergipano. Nesse trabalho, o autor analisou os caminhos trilhados por Felte Bezerra (1908-1990), José Bonifácio Fortes Neto (1926-2004), José Silvério Leite Fontes (1925-2005), Manoel Cabral Machado (1916-2009) e Maria Thétis Nunes (1923-2009), desde a vida estudantil, atuação no ensino secundário até à docência nas primeiras turmas de graduados da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe. Analisou os itinerários individuais desse grupo de intelectuais desde a formação escolar até seu ingresso no magistério secundário e os primeiros passos como docentes na pioneira instituição de formação de professores no ensino superior em Sergipe, a FCFS.

Dentre os vários artigos publicados em revistas especializadas na área da educação, importa destacar o texto intitulado **Vestígios “dos jovens anos escolares” de uma intelectual brasileira: itinerários da aluna Maria Thetis Nunes no Atheneu Sergipense (1935-1941)**, publicado em 2017 na Revista de História e Historiografia da Educação. No aludido trabalho, o autor analisou os itinerários da vida escolar de Maria Thétis Nunes no recorte temporal de 1935 a 1941, período no qual ela foi aluna do Atheneu Sergipense. O estudo dos itinerários ocorreu por meio da análise das origens do seu despertar intelectual e

político nas instituições educacionais que frequentou e dos mestres que foram registrados em suas memórias.

O pesquisador João Paulo Gama Oliveira, em seus trabalhos, dedicou-se aos itinerários de Thétis Nunes enquanto aluna e professora do Atheneu Sergipense, aluna da Faculdade Católica de Filosofia da Bahia e professora da Faculdade Católica de Sergipe, além da UFS. No tocante à trajetória dela como diretora do Colégio Estadual de Sergipe, esse pesquisador tece breves palavras para relatar sua indicação.

No processo de localização das fontes identifiquei no Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe três trabalhos de conclusão de curso: o primeiro de autoria de Oliveira (1997), o segundo de Oliveira (2008), ambos discutidos anteriormente, bem como o trabalho de Jandison Moura Silva defendido no ano de 2014, intitulado **Maria Thétis Nunes: um olhar sobre a revolta de Santo Amaro**. O autor analisou dois textos de Maria Thétis Nunes que versam sobre a Revolta de Santo Amaro. São eles: Insurreição de Santo Amaro das Brotas – antecedente publicado pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe nº 31, em 1992, e parte do livro Sergipe Provincial I (1820 – 1840), publicado em 2000, cuja argumentação principal foi examinar os fundamentos da orientação historiográfica a partir das posições adotadas pela historiadora Thétis Nunes. O autor abriu parêntese em sua escrita para informar alguns lugares perpassados por Thétis Nunes e citou a passagem dela pelo “Colégio Atheneu Sergipense (inicialmente aluna, depois professora e por fim como diretora)” (SILVA, 2014, p. 33). Evidenciou-se que a palavra diretora é citada apenas pelo autor nesse trecho do texto.

A edição de número 9 da Revista do Mestrado em Educação exerceu a ação de elaborar um dossiê no ano de 2004, com cinco conferências em homenagem a Maria Thétis Nunes. Na primeira conferência, o pesquisador Luiz Antônio Barreto⁷, membro da Academia

⁷ Natural de Lagarto (SE), nasceu em 10 de fevereiro de 1944 e faleceu em 17 de abril de 2012. Filho do casal João Muniz Barreto e Josefa Alves Barreto. Coursou o ensino primário na cidade de Pedrinhas e o ensino secundário no Colégio Tobias Barreto. Atuou como secretário do reitor da Universidade Federal de Sergipe entre os anos (1968-1969). Foi diretor da Galeria de Artes Álvaro Santos; chefe da Divisão de Cultura do Departamento de Educação, da Secretaria de Estado da Educação; secretário municipal de Educação e Cultura de Aracaju, de Estado da Cultura, de Estado da Comunicação; secretário de Estado da Educação, Desporte e Lazer e subsecretário de Comunicação do Estado. Foi assessor Cultural do Instituto Nacional do Livro e da Presidência da Confederação Nacional da Indústria; chefe do escritório em Sergipe da Fundação Joaquim Nabuco e superintendente do Instituto de Documentação da Fundação Joaquim Nabuco em Recife. Foi diretor da Organização Simões Editora; administrador Estadual da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC e professor nos cursos de cinema e literatura da cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro; coordenador do Curso de Geografia Cultural do Brasil (Nordeste da Bahia ao Rio Grande do Norte) para estudantes da Universidade de Essex, Inglaterra e diretor do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira. Ocupou a Cadeira nº 23, da Academia Sergipana de Letras, vindo a presidi-la no biênio (1981-1983). Foi membro fundador do Instituto Luso-Brasileiro de Filosofia e sócio do IHGSE, do Instituto Brasileiro de Filosofia, da

Sergipana de Letras, traça o perfil historiográfico de Thétis Nunes. Em versos, o autor discorre sobre a vida de menina de Thétis, seu ingresso como aluna, atuação como professora da cátedra de História em 1945, ano da morte de seu querido professor Arthur Fortes⁸, e como diretora do Atheneu, seus estudos no Instituto Superior de Estudos Brasileiros e apresenta também as principais revistas em que Thétis Nunes publicou seus trabalhos e suas obras.

A segunda conferência da Revista ficou a cargo do pesquisador Marcos Cezar de Freitas⁹, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, que apresentou ao leitor os principais intelectuais isebianos que estimularam Thétis Nunes a se enveredar pela vertente marxista. O pesquisador José Octávio de Arruda Mello¹⁰, da Universidade Federal da Paraíba, encarregou-se da terceira conferência, na qual versou sobre as lembranças do seu relacionamento na posição de aluno da Campanha de Aperfeiçoamento de Difusão do Ensino Secundário – CADES com Thétis Nunes enquanto professora de Geografia Geral e do Brasil, em 1959. Nessa conferência, ele revelou que Thétis Nunes, em uma conversa particular confessou que no ano de 1964, não foi punida, visto que se encontrava fora do país.

União Brasileira de Escritores e da Academia Brasileira de Filosofia. Atuou como literato, pensador e agente cultural.

⁸ Arthur Gentil Fortes nasceu no dia 23 de julho de 1881, na cidade de Aracaju, vindo a falecer em 27 de novembro de 1944. Filho do casal Antônio Augusto Gentil e Antônio Junqueira Fortes. Fez o curso de humanidades no Colégio Atheneu Sergipense, no qual foi professor vitalício da cadeira de História Geral e do Brasil entre (1916-1944), bem como diretor desse estabelecimento de ensino. Lecionou História e Francês no Colégio Tobias Barreto e as disciplinas de Francês e Geografia no Instituto América. Foi membro do Conselho Superior do Ensino e diretor da Escola Normal. Atuou como deputado estadual entre (1923-1925) e foi secretário geral do Governo do Estado durante a revolução de 1930. Enquanto docente empenhou-se no exercício da oratória e da criação poética. Destacou-se na vida intelectual sergipana da época por meio das participações em associações como o Grêmio Tobias Barreto, o Clube Esperanto e o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Foi fundador e redator do jornal O Cenáculo e atuou na direção do jornal O Liberal, além de colaborador dos jornais A Cidade do Rio, Correio de Aracaju, Estado de Sergipe, Diário da Manhã e Boletim de Ariel. Também atuou como colaborador do Diário Oficial do Estado de Sergipe e da Revista da Academia Sergipana de Letras. Durante dois anos, foi membro efetivo do Conselho Superior do Ensino.

⁹ Professor Associado Livre-Docente do Departamento de Educação da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo. Orientador de mestrado, doutorado e supervisor de pós-doutorados. Iniciou a carreira de professor da educação básica na escola pública em 1982, e em 1988 tornou-se professor universitário. Atua na formação de professores no Curso de Pedagogia oferecendo cursos sobre a construção social da infância. Coordena o Projeto de Pesquisa EDUCINEP - Educação Inclusiva na Escola Pública, que abriga a Plataforma de Saberes Inclusivos com colaboradores do Brasil e do exterior. Desenvolve projeto de produtividade em pesquisa financiado pelo CNPq. (Texto informado pelo autor no Currículo Lattes). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6855478178963979>. Acesso em: 20 jan. 2021.

¹⁰ Possui graduação em licenciatura em história pela Universidade Federal da Paraíba, Graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade Federal da Paraíba, Especialização em Métodos e Técnicas de Pesquisa Histórica pela Universidade Federal de Pernambuco, mestrado em História pela Universidade Federal de Pernambuco e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo. Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil. (Texto informado pelo autor no Currículo Lattes). Disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do>. Acesso em: 20 jan. 2021.

Responsável pela quarta conferência, o professor Jorge Carvalho do Nascimento¹¹, da Universidade Federal de Sergipe, objetivou conhecer os principais intelectuais sobre os quais Thétis Nunes se debruçou a conhecer, bem como o esforço de compreensão da intelectualidade empreendido pela autora. Os pesquisadores Alfredo Julien¹², Ruy Belém de Araújo e Luiz Eduardo Pina de Lima encerram o ciclo das conferências tecendo breves palavras a respeito de Maria Thétis Nunes, da Civilização Árabe e da Civilização Ocidental. Constatei que, dentre as cinco conferências, somente a primeira faz menção à palavra diretora; as demais vislumbram a passagem de Maria Thétis Nunes pela CADES e pelo ISEB.

Friso o livro intitulado **Sob os véus de Mnemosyne** de autoria de Clovis Carvalho Britto; Rafael Jesus da Silva Dantas e Roberto Fernandes dos Santos Junior (2018), no qual os autores promovem apontamentos iniciais acerca de como os indivíduos e as instituições, ao contribuírem para a fabricação de imortalidades e perpetuação de legados monumentalizadores, manipulam essas narrativas, ocasionando silêncios e silenciamentos de determinados aspectos de uma trajetória, ou seja, esquecimentos, visando compreender, em especial alguns trajetos de Maria Thétis Nunes desde 1923 a 2009, tendo como fio condutor sua formação/atuação como museóloga. A partir da leitura identifiquei que os autores não

¹¹ Foi Secretário de Estado da Educação de Sergipe e conselheiro fiscal do Conselho Nacional de Secretários Estaduais da Educação – CONSED. Professor aposentado Associado do Departamento de História, do Mestrado em História e do Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Federal de Sergipe. Foi coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFS. Doutor em História e Filosofia da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atuou como pesquisador (bolsa sanduiche CAPES) na Johan Wolfgang Goethe Universität de Frankfurt, na República Federal da Alemanha. É mestre em História e Filosofia da Educação, também pela PUC de São Paulo. Fez curso de especialização em Desenvolvimento Econômico e Relações Internacionais pela Universidade de Havana/Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais e em Administração Pública pela Universidade de Campinas/Fundação de Desenvolvimento da Administração Pública. Estudou Direito e é licenciado em Pedagogia com Habilitação em Administração Escolar. Fundou e coordenou o Grupo de Pesquisa em História da Educação da UFS: Intelectuais da Educação, Instituições Educacionais e Práticas Escolares. Foi Diretor-Presidente da Empresa Pública de Serviços Gráficos do Estado de Sergipe – Segrase (Imprensa Oficial). Exerceu o cargo de Secretário de Estado Adjunto de Turismo do Estado de Sergipe no período 2007-2009. Foi Secretário Municipal de Educação de Aracaju nos períodos de 86/87 e 97/98 e Secretário de Governo do Município de Aracaju, no período 1999/2000. Foi membro do Conselho Editorial da Typografia Editorial - T e também Membro do Instituto Tobias Barreto de Educação e Cultura - ITBEC. Foi membro da diretoria da Sociedade Brasileira de História da Educação e do Conselho Editorial da Coleção História da Educação da Editora Autêntica. Foi membro do Conselho Estadual de Educação de Sergipe e também do Conselho Estadual de Cultura. Foi Diretor do Departamento de Cultura e Arte da Universidade Federal de Sergipe e Chefe do Departamento de História da UFS. (Texto informado pelo autor no Currículo Lattes). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1545911375120314>. Acesso em: 20 jan. 2021.

¹² Pós-doutorado pelo Programa de Pós-graduação Educação, Artes e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (2006). Mestrado em História Social pela Universidade de São Paulo (2001). Graduação em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1986). Professor Associado da Universidade Federal de Sergipe. Atualmente realiza pesquisas e estudos sobre as formas de representação em narrativas dramáticas e autobiográficas das relações entre indivíduo, poder e sociedade, com ênfase em suas dimensões éticas e culturais. (Texto informado pelo autor no Currículo Lattes). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8739491010215866>. Acesso em: 20 jan. 2021.

dedicaram nem mesmo uma linha para falar da trajetória de Thétis Nunes como diretora do Colégio Estadual de Sergipe.

Identifiquei duas edições do Jornal Correios de Sergipe publicadas em homenagem a Thétis Nunes, sob o título **Memórias de Sergipe: personalidades sergipanas**. A primeira publicação data de 12 de junho de 2005, na qual pesquisadores da lavra de Giovani Allievi, Luiz Antônio Barreto, Jorge Carvalho do Nascimento e Hilton Lopes tecem considerações sobre a vida e obras da intelectual. A segunda edição do jornal, organizada pelo professor Dr. Joaquim Tavares da Conceição¹³ e pela jornalista Rísia Rodrigues, data do ano de 2017, sendo o pesquisador João Paulo Gama Oliveira responsável pela produção do texto intitulado **Maria Thétis Nunes: caminhos percorridos pela jovem sergipana**.

Ao analisar os trabalhos citados anteriormente, constatou-se que nenhum dos pesquisadores direcionou o olhar para a trajetória de Thétis Nunes como diretora do Colégio Estadual de Sergipe, apesar da vasta gama de fontes existentes acerca da temática, bem como pelo fato de ela ter sido a primeira mulher a ocupar essa função de diretora na presente instituição de ensino.

Em busca de trabalhos que abordam a trajetória de vida identifiquei no Departamento de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe quatro teses de doutorado e 10 dissertações de mestrado defendidas durante o período de 2000 a 2020.

Ressalvo os trabalhos produzidos pelos membros do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre História do Ensino Superior GREPHES/UFS/CNPq (Ver APÊNDICE C), a exemplo da dissertação de mestrado intitulada **Entre fatos e relatos: as trajetórias de Carmelita Pinto Fontes e Rosália Bispo dos Santos na educação sergipana (1960-1991)**, defendida no ano de 2016, pela pesquisadora Ane Rose de Jesus Santos Maciel, que analisou as trajetórias intelectuais de Carmelita Pinto Fontes e Rosália Bispo dos Santos e suas contribuições para a

¹³ Doutor em História (2012) pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Educação (2007) e Graduado em História pela Universidade Federal de Sergipe (1993). Bacharel em Direito pela Universidade Tiradentes (1996). Especialização em Direito Processual pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professor titular da Universidade Federal de Sergipe com atuação no Colégio de Aplicação, no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED-UFS) e no Programa de Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHistória-UFS). Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação: memórias, sujeitos, saberes e práticas educativas (GEPHED/CNPq/UFS). Avaliador do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD, 2016: História: Anos Iniciais do Ensino Fundamental; PNLD 2018: História: Ensino Médio; PNLD 2019: História. Anos Iniciais do Ensino Fundamental; PNLD 2019: História. Anos Iniciais do Ensino Fundamental; PNLD, 2019 Atualização da BNCC (anos iniciais do Ensino Fundamental). Coordenador do Centro de Pesquisa Documentação e Memória do Colégio de Aplicação (UFS). Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Membro do corpo editorial da Revista Tempos e Espaços em Educação, Membro do Conselho Editorial da Universidade Federal de Sergipe e Editor da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. (Texto informado pelo autor no Currículo Lattes). Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/6407061514040419>. Acesso em: 20 jan. 2021.

educação sergipana, durante os anos de 1960 a 1991. Nessa dissertação buscou-se compreender como ambas as professoras consolidaram suas profissões e conduziram suas atividades pedagógicas nas instituições em que atuaram, a fim de demonstrar os impactos que suas ações proporcionaram à sociedade de sua época.

A pesquisadora Anna Karla de Melo Silva também se enveredou pelos caminhos da escrita a respeito da temática trajetória de vida. Defendeu em 2014, o trabalho intitulado **Felte Bezerra (1933-1958): um quartel de atividades lítero-científicas**, no intuito de construir a trajetória desse professor sergipano e suas contribuições para o Ensino Superior de Sergipe. Outros trabalhos que compreendem esta lavra são os de: Almeida (2009), Cruz (2018), Maciel (2020), Martires (2016), Melnikoff (2016), Paixão (2020), Santos (2018), Santos (2015), e Souza (2017).

Concluído o levantamento da revisão de literatura, debruicei-me sobre as fontes. Como já dispunha de um quantidade significativa de fontes resultante do meu TCC, particularmente de livros e folhas avulsas das correspondências expedidas e recebidas, direcionei o olhar para outros fundos do acervo documental do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS), especialmente nos: livro de ponto do professor, livro de contrato de funcionário, livro de registro de diploma, ata de relatório escolar anual, ata de resultado final, ata geral de exame, ata de prova oral, ata de reunião da congregação escolar, atestado, boletim, caderneta de aula, recorte de jornais e do diário oficial e fotografia.

Também continuei a investigar na Biblioteca Central da Universidade Federal de Sergipe fontes que dessem suporte à escrita. Fiz ainda pesquisas no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, no qual localizei o Fundo Maria Thétis Nunes. Nas idas e vindas, visitei a Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa – localizada na Universidade Federal da Bahia (Campus Ondina), onde localizei e fotografei a tese defendida por Thétis Nunes para obtenção do título de Bacharel em Geografia e História, além da Biblioteca Central do Estado da Bahia (Barris) em busca de publicações daquela intelectual em jornais, de modo a compor o entendimento acerca de sua gestão à frente do Colégio Estadual de Sergipe.

Convém mencionar que realizei visitas iniciais à Biblioteca Pública Epifânio Dórea e ao Arquivo Público do Estado de Sergipe, onde localizei recortes do Diário Oficial que tratam de portarias e requerimentos a respeito do objeto estudado. Evidencio que seria imprescindível retornar aos fundos em busca de mais fontes. Entretanto, desde o mês de março de 2020, quando a Organização Mundial da Saúde – OMS definiu o surto da doença

covid-19 como pandemia, foi decretado pelo governo Federal¹⁴ e pelos governos estaduais o isolamento social. Em virtude disso, todos os órgãos que não eram tidos como essenciais tiveram suas portas fechadas, o que me impossibilitou a ter acesso a outras fontes documentais, a exemplo do fundo de Maria Thétis Nunes presente no IHGSE; a leis, decretos e regulamentos acerca da educação sergipana salvaguardados na Biblioteca Epifânio Dória e ao boletim de Thétis Nunes enquanto aluna da Faculdade de Filosofia da Bahia, bem como a publicação de textos da universitária em jornais locais.

Apesar disso armazenei os registros já coletados em pastas de acordo com os fundos e separados por ano e realizei um mapeamento dessas correspondências no qual constatei que os assuntos mais recorrentes tratam de portarias com pedidos de admissão e rescisão de contratos; título de licença dos funcionários; certificados de pontos de trabalho; empenho de verbas; apresentação de funcionários; convites para solenidades; pedidos para contratação de profissionais; compras de materiais; reparos na estrutura do prédio; aumento de salários, dentre outros.

Desse modo, a pesquisa tem como objetivo principal compreender a atuação de Maria Thétis Nunes como diretora do Colégio Estadual de Sergipe durante o período de 1951 a 1955, por meio de fontes presentes no acervo documental do CEMAS, em especial nos livros e folhas avulsas das correspondências expedidas e recebidas pela instituição.

O recorte cronológico da pesquisa está compreendido entre o ano de 1951, quando Thétis Nunes assumiu a direção do Colégio Estadual de Sergipe e 1955, ano em que ela pediu demissão do cargo de diretora. Cabe destacar que esses anos apresentaram, conforme o levantamento de fontes documentais realizada por mim, maior número de registros, o que possibilitou-me identificar o teor dos ofícios recebidos e expedidos, como também aprofundar reflexões no intuito de compreender a atuação de Thétis Nunes à frente da direção do supracitado colégio.

Logo, como não foi localizado entre os trabalhos em circulação nenhum que verse sobre a importância dessa intelectual ocupar a administração de uma escola e assim, por meio de inquietações recorrentes na investigação e sobre os conhecimentos já produzidos acerca da problemática em questão, registro a clara pretensão de contribuir para os estudos na área. Para tanto, lanço as seguintes questões norteadoras: Por que, dentre os seus pares, Maria Thétis

¹⁴ O presidente do Brasil em exercício, Jair Messias Bolsonaro, por meio do Decreto nº 10.282, de 20 de março de 2020, que regulamentou a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir os serviços públicos e as atividades essenciais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10282compilado.htm. Acesso em: 02 fev. 2021.

Nunes foi a escolhida para atuar como diretora do Colégio Estadual de Sergipe? O que as correspondências expedidas e recebidas pela instituição revelam sobre o perfil de diretora de Thétis Nunes? Sabe-se que na época eram usuais os prêmios e sanções. Contudo, como Thétis Nunes punia e premiava os alunos? Apesar de bem-sucedida e bafejada pelo sucesso profissional, o que a motivou a pedir demissão do cargo de diretora?

A fim de ajudar-me a responder às seguintes questões, elenquei estes objetivos específicos:

- a. Identificar os percursos intelectuais de Maria Thétis Nunes até o momento da sua posse na direção do Colégio Estadual de Sergipe.
- b. Ilustrar as principais ações realizadas por Thétis Nunes à frente da direção do Colégio Estadual de Sergipe, destacando sua importância para a história dessa instituição e para a história sergipana;
- c. Descrever o funcionamento e a estrutura administrativa do Colégio Estadual de Sergipe durante a gestão de Maria Thétis Nunes;
- d. Identificar os percalços existentes na instituição enfrentados por Thétis Nunes no tocante às questões estruturais, econômicas e pedagógicas que possibilitaram seu afastamento.

Sem embargo, endosso ser este estudo uma pesquisa qualitativa, de cunhos histórico, documental e bibliográfico, com abordagem na História Cultural, que propõe-se analisar as fontes por meio de conceitos teóricos e metodológicos afinados com a História da Educação que comunga princípios defendidos pela História Cultural¹⁵ ou Nova História Cultural.

No final dos anos 80 do século XX, nota-se forte presença do materialismo histórico na historiografia nacional brasileira. Segundo Pesavento (2012), suas

vertentes de análise preferenciais eram aquelas da história econômica, analisando a formação do capitalismo no Brasil, a transição da ordem escravocrata para a do trabalho livre e o surgimento do processo de industrialização. Por outro lado, realizava-se uma história dos movimentos sociais, em que, particularmente, eram estudados o proletariado industrial, com suas lutas de classes, bem como a formação do partido e do sindicato, todos esses estudos desembocando, nos anos 80, para uma análise das condições em que se davam a dominação e a resistência (PESAVENTO, 2012, p. 6).

¹⁵ Ver, também RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa, Portugal: Estampa, 1998. 432 p.
Ver BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 191 p.

Consequentemente, foi a partir de uma certa bancarrota e inoperância das correntes neomarxistas que a História Cultural encontrou abertura, sendo impulsionada na década de 90 do já mencionado século. De acordo com Pesavento (2012, p. 14), atualmente a produção historiográfica nacional dessa vertente corresponde a cerca de 80%, “expressa não só nas publicações especializadas, sob a forma de livros e artigos científicos, como nas apresentações de trabalhos, em congressos e simpósios ou ainda nas dissertações e teses, defendidas e em andamento, nas universidades brasileiras”.

Para a produção deste estudo, e a fim de entrelaçar conceitos e teorias, fizeram-se necessárias leituras imprescindíveis de autores que tratam da História de Sergipe, entre as quais cito três livros que julgo serem relevantes por abrangerem o período estudado. O primeiro, de autoria de Ibarê Dantas (1989), investigou em que medida os partidos em Sergipe chegaram a representar interesses de classe no período de 1889 a 1964; o segundo, também de Ibarê Dantas (2004), sintetizou a experiência de 110 anos da República, mostrando ao leitor como os sergipanos conviveram politicamente, trabalharam, produziram, distribuíram suas riquezas, enriqueceram sua cultura e contribuíram para a construção do estado republicano e da sociedade democrática desde 1889 a 2000; o terceiro, de autoria de João Pires Wynne (1973), retratou a situação política de Sergipe, elencando traços em nível nacional desde a Revolução de 1930 a 1972.

Destaco primordiais as leituras de autores que versam sobre a Educação em Sergipe, a exemplo da obra de Nunes Mendonça (1958), que fez em seu estudo um levantamento da situação sergipana no ano de 1956, abordando aspectos geoeconômicos e socioculturais de Sergipe, o sistema estadual de educação, a organização administrativa e financeira da educação, a educação e a constituição, a educação e a política em terras sergipanas, a configuração da escola elementar, o professor primário e o ensino normal, além de elementos do escolar sergipano; também destaco o estudo de Maria Thétis Nunes (1984), em cuja obra essa pesquisadora analisou o que se passou na vida sergipana, mostrando como eram tratados os problemas educacionais desde os primórdios da Colônia até o final da Primeira República, em 1930. E para compreender a importância do Atheneu Sergipense e das suas fontes históricas existentes no arquivo do CEMAS, recorro a Alves (2005), que se dedicou a conhecer o cenário dessa instituição de ensino secundário que muito contribuiu e contribui para história de Sergipe.

A princípio, esta pesquisa enseja articular o pensamento de autores adeptos a correntes teóricas e a distintos campos de saberes, a fim de obter um maior aparato ao adentrar as

diversas questões que perpassam este estudo. Nesse sentido, trabalho com o conceito de *campo*, unidade da sociologia do pesquisador francês Pierre Bourdieu. Para esse autor, “o limite de um campo é o limite dos seus efeitos ou, em outro sentido, um agente ou uma instituição faz parte de um campo na medida em que nele sofre efeitos ou que nele os produz” (BOURDIEU, 1989, p. 31).

Nessa perspectiva, o Colégio Estadual de Sergipe – denominação utilizada pela instituição no período estudado – será retratado aqui como o campo educacional de atuação de Thétis Nunes. Essa instituição educacional criada com o propósito de prover “uma instrução secundária, de caráter literário e científico, necessária e suficiente de modo a proporcionar à mocidade subsídios para matricular-se nos cursos superiores, como também para desempenhar variadas funções na sociedade” (ALVES, 2005, p. 82), por meio dos cursos de Humanidades e Normal ministrados concomitantemente.

Na visão da professora Eva Maria Siqueira Alves, o Atheneu Sergipense – denominação utilizada por pesquisadores, alunos, profissionais e admiradores,

formou aos poucos a sua alma, adquiriu relevância na vida sergipana, foi um catalisador das produções culturais, de novas práticas e padrões pedagógicos no Estado de Sergipe, um centro aglutinador e disseminador do *ethos* cultural. Foi não só um ponto de força centrípeta, mas também centrífuga do patrimônio cultural. [...] soube impor-se como uma casa de educação literária, justo motivo de ufanía e orgulho para Sergipe (ALVESb, 2005, p. 128).

O Atheneu Sergipense, além de ter sido um catalisador das produções culturais, de novas práticas e padrões pedagógicos e culturais, configurou-se também como campo de legitimação das desigualdades sociais, já que cabia aos estados “imprimir à educação institucional a orientação que melhor atenda às solicitações do seu meio físico e social, dando ao ensino fisionomia própria, organização e conteúdo capazes de satisfazer as necessidades locais” (MENDONÇA, 1958, p. 63).

Pode-se afirmar que Thétis Nunes começou a criar seu cabedal de leitura de uma vida social ainda como aluna do Atheneu Sergipense, aprendendo a agir, sentir e ter as disposições circundantes desse campo educacional ao compor o corpo docente e a direção desse estabelecimento de ensino.

Esse cabedal de leitura da vida social é entendida por Bourdieu (1989) como *habitus*. Trata-se de estruturas estruturadas que funcionam como estruturas estruturantes que, ao mesmo tempo, geram e determinam os objetivos para alcançar os caminhos trilhados – feitos de maneira inconsciente sem a necessidade de um agente coordenando essas condições. É

visto pelo autor como “um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) [...] indica a disposição incorporada, quase postural [...] de um agente em acção” (BOURDIEU, 1989, p. 61).

No transcorrer da pesquisa utilizo o conceito de intelectual defendido por Jean-François Sirinelli que no decorrer do século XX, presenciou o deslocamento dos interesses teóricos-metodológicos da história política – ideologia dominante no cerne das investigações historiográficas. Esse deslocamento precisamente se deu em 1929, na França quando Lucien Febvre e Marc Bloch criaram a revista intitulada *Annales d'Histoire Économique et Sociale*. Esta revista tornou-se, ao longo do decênio de 1930, símbolo de uma nova corrente historiográfica que ficou conhecida como Escola dos Annales. Tal periódico buscou distanciar-se da visão positivista fortemente enraizada no século XIX e início do XX. Advindos desse movimento, os historiadores da Escola dos Annales propunham

novos objetos, de interdisciplinaridade aproximando a história da economia, da sociologia, da geografia e de outras disciplinas; a valorização de novas temporalidades que colocasse em dúvida a supremacia do tempo curto ou da chamada história episódica, sobretudo, por meio das permanências, das mentalidades, a longa duração braudeliana, a redefinição conceitual de civilização, da aproximação com a antropologia resultando na exploração de novos objetos como o estudo de clima, da alimentação, da vida privada, das práticas religiosas, do corpo, entre outros (CORREA, 2016, p. 267).

Ademais, estas oscilações na área do conhecimento “explicam as razões pelas quais temas e objetos de pesquisas, perdem ou ganham prestígio e interesse, bem como esclarecem as disputas por hegemonia entre correntes e vertentes dentro do campo historiográfico” (CORREA, 2016, p. 266).

Em meios a essas oscilações, pesquisadores, a exemplo de Jean-François Sirinelli influenciados por René Rémond, vislumbraram outras temáticas “como os partidos políticos, a opinião pública, as ideias políticas, a relação entre religião e a política institucionalizada, a guerra, os intelectuais” (CORREA, 2016, p. 269).

Para desenvolver a tipologia de intelectuais, Jean-François Sirinelli baseou-se em duas acepções: a primeira mais ampla e sociocultural, que engloba os criadores e mediares de cultura, esta abrangendo a figura do jornalista, o escritor, o professor secundário e o erudito, como também “uma parte dos estudantes, criadores ou “mediadores” em potencial, e ainda outras categorias de “receptores” da cultura” (SIRINELLI, 2003, p. 242). Quiçá, Thétis Nunes engloba-se em quase todas elas.

Na visão de Sirinelli (2003), a segunda acepção seria mais estreita e baseada na noção de engajamento do intelectual na sociedade, sendo considerada “sua notoriedade eventual ou sua especialização, reconhecida pela sociedade em que ele vive – especialização esta que legitima e mesmo privilegia sua intervenção no debate da cidade –, que o intelectual põe a serviço da causa que defende” (SIRINELLI, 2003, p. 243).

Percebe-se que Maria Thétis Nunes, desde sua vida estudantil, engajou-se em lutas políticas. Atuante nas agremiações estudantis, acompanhou as correntes de pensamento vigentes de cada época e foi defensora da liberdade, do progresso e da educação feminina. Enquanto diretora do CES engajou-se na luta em prol de uma educação de qualidade que abarca-se todas as parcelas da sociedade da época, principalmente a classe estudantil pobre e não somente os alunos da classe dominante do estado, por meio de incentivos e estímulos.

Compõem ainda a perspectiva de abordagem dos intelectuais as noções de itinerário ou trajetória (SIRINELLI, 2003). Embora estas duas abordagens sejam muito importantes, a presente pesquisa não se aterá a elas. Todavia, o trabalho fará uso da ideia de redes de sociabilidades, a fim de relatar as relações das quais Thétis Nunes desfrutou ou construiu dentro dos portões do Colégio Estadual de Sergipe, espaço aglutinador da inteligência sergipana.

Jean François Sirinelli conferiu ao conceito de sociabilidade um status de ferramenta imprescindível ao estudo dos intelectuais. Esse autor entende sociabilidade como campo no qual “se interpenetram o afetivo e o ideológico. As redes secretam, na verdade, microclimas à sombra dos quais a atividade e o comportamento dos intelectuais envolvidos apresentam traços específicos” (SIRINELLI, 2003, p. 252). Nesse sentido, o indivíduo tem o direito de escolher se se insere em uma rede de sociabilidade ou não, voluntariamente. Ademais, Sirinelli (2003) acrescenta que a palavra sociabilidade reveste-se de uma dupla acepção, pois, ao passo que pode ser entendida como redes que estruturam, também se configura como um “microclima que caracteriza um microcosmo intelectual particular” (SIRINELLI, 2003, p. 253). Trato aqui das redes de sociabilidades de Thétis Nunes que foram ovacionadas ao longo de sua vida, apesar de também terem existido aquelas que por algum motivo foram silenciadas por ela.

Entretanto para se desenhar estas redes, fez-se imperioso utilizar-se da História Oral entendida por Thompson (2002, p. 9) como “a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências”. Declaro que as fontes orais foram de suma importância no preenchimento de

lacunas existentes acerca de nuances da vida e da trajetória de Thétis Nunes, como também no cruzamento de informações pré-existentes.

Contudo, como já explicitado, em face da pandemia do novo coronavírus, foi decretado pelo Governo Federal e pelos governos estaduais o isolamento social e foram apontados alguns grupos de risco, os quais as pessoas idosas. Diante da impossibilidade do contato físico, se fez imperioso o contato virtual. Como dispomos de uma gama de artefatos eletrônicos, a exemplo do celular, além de termos à disposição a mídia online – que facilita a difusão das mensagens, as entrevistas ocorreram exclusivamente por acesso remoto. No entanto, registro que a impossibilidade de conseguir novas fontes documentais e possíveis fontes orais foram, sem dúvida, as maiores dificuldades impostas a este trabalho.

À vista do que já foi dito compõem a estrutura deste trabalho três seções. Na introdução exponho o objetivo principal e específicos, as questões norteadoras e justifico a motivação pela objeto de pesquisa. Faço a revisão de literatura, elenco os aportes teóricos e metodológicos que embasam a escrita. Na segunda seção, intitulada “Maria Thétis Nunes: da serra de Itabaiana aos bancos escolares do Atheneu Pedro II”, apresento com brevidade fatos da vida de Thétis Nunes, desde sua saída de Itabaiana para Aracaju, além de aspectos da sua vida como estudante do Atheneu Pedro II. Nela trago uma subseção intitulada “Maria Thétis Nunes: da Faculdade de Filosofia da Bahia à Cátedra de Geografia do Colégio Estadual de Sergipe”, na qual abordo aspectos de sua trajetória universitária na Faculdade de Filosofia da Bahia, dando maior ênfase ao concurso que a tornou professora catedrática do Atheneu Sergipense. Na terceira seção, intitulada “Assumireis e organizareis: pareceres de Maria Thétis Nunes sobre o Colégio Estadual de Sergipe”, intento, por meio das fontes, abordar aspectos da sua atuação como diretora da instituição, mostrando ao leitor suas ações em prol de formar um quadro docente constituído de professores formados e com especialização na área, sua determinação em aparelhar os gabinetes de História e Geografia bem como a Biblioteca, além das ações de incentivos aos alunos secundaristas daquele estabelecimento de ensino.

Assim sendo, como dito anteriormente, a seção que segue tratará com brevidade de algumas das facetas da vida de Thétis Nunes, relatando sua mudança de domicílio de Itabaiana para Aracaju, aspectos da sua vida estudantil no Atheneu Pedro II, sua trajetória universitária na Faculdade de Filosofia da Bahia e o concurso que a tornou professora catedrática da cadeira de Geografia Geral do Atheneu Sergipense.

2. MARIA THÉTIS NUNES: DA SERRA DE ITABAIANA AOS BANCOS ESCOLARES DO COLÉGIO ATHENEU PEDRO II

Figura 1 - Localização da rua na qual Thétis Nunes morou em Itabaiana



Elaboração do mapa: SANTOS, Lidiana Vieira dos. Departamento de Geografia – DGE/UFS.

Menina vinda da cidade serrana de Itabaiana, residente na rua 13 de Maio – destacada no mapa acima, na época denominada rua Cisco – localizada estrategicamente no centro da cidade entre a Praça da Matriz e a feira e entre a feira e a igreja. Convém cintilar que Thétis Nunes não morava em um palacete, porém tinha o privilégio de morar¹⁶ na região central da cidade e de inteirar-se de tudo o que ocorria nela (MARTIRES, 2020).

Filha do modesto casal José Joaquim Nunes¹⁷ e Maria Anita Barreto. Á mãe foi atribuído o estereótipo de mulher simplista, sensível, organizada, racional e objetiva, que cursou somente o primário, mas, apesar do pouco estudo, proporcionou aos três filhos contato

¹⁶ Maria Thétis Nunes residiu na cidade de Itabaiana em duas moradias, a primeira situada na Rua 13 de Maio e a segunda na Praça Santa Cruz – hoje conhecida como João Pessoa.

¹⁷ O pai de Thétis Nunes morreu prematuramente, na época ela tinha quatro anos de idade.

com a literatura, a exemplo dos

romances como o Guarany e Amor e Perdição, assim como a leitura da revista Tico-Tico que trazia interessantes histórias como a de Chiquinho [...] destaca-se também a influência das novelas escritas em fascículos e das aventuras de “A Filha do Diretor do Circo” e “Flávia, a Princesa Desventurada”, leitura popular que precede as novelas de rádios e TV (OLIVEIRA, 1997, p. 12).

Maria Thétis Nunes mudou-se para a capital, Aracaju, aos 11 anos de idade, deixando para trás os costumes da pequena e pacata cidade do campo. Levou consigo as lembranças da bela serra de Itabaiana, vislumbrada por ela do alto da grande mangueira existente em seu quintal, especialidade sua enquanto menina e acobertada por sua avó, dona Emília. Mulher dócil e amável que mimava sua neta deixando-lhe fazer peripécias, ou melhor, fazer o que mais gostava, que “era subir em árvores” (SANTOS, 1999, p. 83).

Sua mudança de domicílio ocorreu após a conclusão do curso primário, esse sob a orientação da professora Izabel Esteves de Freitas, carinhosamente chamada de Dona Bebê. Essa professora foi lembrada por Thétis Nunes em seu discurso, ao tomar posse na Academia Sergipana de Letras – ASL¹⁸ da Cadeira nº 39, que tinha como patrono o poeta Joaquim Martins Fontes. Em seu discurso Thétis Nunes revelou que foi no magistério que ela encontrou a plena realização do seu ideal de vida – ser professora. Vocação despertada ainda na infância

numa singela escola pública isolada, pelo exemplo de uma professora admirável, a quem presto minha homenagem: Izabel Esteves de Freitas. Ela acreditou na menina irrequieta e encantada pelos livros, e me estimulou a abrir caminhos além do horizonte, que me parecia intransponível, marcado pela serra de Itabaiana e suas ramificações, a seguir sempre em frente, sem esmorecimento, para que os sonhos se tornassem vida (NUNES, 1983, p. 90).

A professora Izabel Esteves de Freitas regeu, nos anos 20 do citado século, duas cadeiras femininas na sede do município de Itabaiana, juntamente com a professora Petrina de Menezes Lemos. Segundo Costa (2016), existiram ainda na sede do município mais duas cadeiras masculinas, regidas pelas professoras Marieta Machado e Maria Pureza de Almeida. A autora assinala que, além dessas quatro escolas isoladas situadas na sede do município, existiram mais

¹⁸ Consultar MARTIRES, José Genivaldo. **Do capelo ao fardão**: a inserção de professoras na Academia Sergipana de Letras no século XX. 2020. 322 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

nove de ensino misto distribuídas em toda a região. Dentre elas, a Escola nº 8 de ensino misto do povoado Serra, regida pela professora Maria Pureza da Silva, que desempenhava suas funções desde 1927. Em 1930, havia em Itabaiana quatro escolas primárias na sede, sendo duas **para o** sexo masculino e duas femininas e nove nos povoados. O ensino restringia-se ao primário. Até esse período não havia grupo escolar, esse só foi construído em 1937, na administração de Silvio Teixeira, incorporando as crianças dispersas em escolas isoladas (COSTA, 2016, p. 73-74, grifo do autor).

A exemplo dos demais municípios sergipanos, Itabaiana enfrentou nesse período sérios problemas no sistema de ensino. De acordo com Santos (2013, p. 408): “O ensino primário em Itabaiana era sinônimo de precariedade e insegurança, pois as cadeiras eram criadas e extintas constantemente”. Todavia, o problema não limitava-se somente à questão das instalações de novas escolas.

Para Santos (2013):

Um dos grandes impasses da educação sergipana na primeira metade do século XX consistia em reduzir a taxa de evasão escolar, que ainda permanecia elevada. Podemos suscitar uma série de questões que possam explicar o elevado número de alunos faltosos no ensino público sergipano, dos quais se destacam a distância entre a escola e a residência do aluno e a inserção das crianças no mercado de trabalho, seja este doméstico ou no cultivo. Apesar da criação de um maior número de estabelecimentos escolares por todo o Estado a evasão escolar continuava emperrando o desenvolvimento educacional sergipano (SANTOS, 2013, p. 408).

A respeito dessa assertiva, Mendonça (1958, p. 57-58) revelou em seus estudos que o nível de vida do sergipano era precário e que a maior parte da população vivia em situação infra-humana. A pobreza dominava o estado “com o estômago semivazio ou falsamente cheio [...] baixa média de vida e o alto coeficiente de mortalidade infantil [...] uma das principais causas a subnutrição”. Aliás, a subnutrição levou na época graves dilemas aos bancos escolares, dentre esses destacaram-se: “o rendimento insatisfatório e antieconômico da aprendizagem e a repetência” (MENDONÇA, 1958, p. 58).

Outrossim, a grande seca que ocorreu no estado de Sergipe na década de 30 do século XX marcou a vida de muitos sertanejos, além de ter ficado viva na memória de Thétis Nunes. Em uma passagem do livro de Santos (1999), Thétis Nunes recordou as “levas de retirantes famintos, esfarrapados vindos do sertão em busca de água; das filas enormes que se formavam e da angústia da **sua** avó porque não podia atender a todos que chegavam a **sua** casa” (NUNES, apud SANTOS, 1999, p. 77, grifo do autor). O drama da seca também foi lembrado por ela ao discursar em uma sessão solene da Academia Sergipana de Letras. Relatou-nos o espanto ao presenciar a chegada à cidade de emigrantes famélicos e sedentos em busca de

água no “único poço artesiano existente na cidade e os açudes quase secos” (NUNES, 2003, p. 233).

Cumprir cintilar a figura de Lampião e seus cangaceiros responsáveis pela retirada de uma leva de pessoas da região. Em síntese, nota-se nas palavras de Thétis Nunes, em entrevista concebida a Santos (1999), o quão a imagem de Lampião ficou viva em suas memórias, pois ela e a família moravam, nesta época,

numa casa defronte à Praça de Santa Cruz, principal acesso à cidade. O único meio de comunicação com Aracaju era a estrada da rodagem. Acontecendo a invasão, os volantes passariam, obrigatoriamente, por ali. Consequentemente, ela não era o caminho mais seguro para os cangaceiros. Diante dessa posição estratégica, nos sentíamos, mais ou menos, protegidos. Quando se espalhava a notícia da vinda de Lampião, as pessoas amigas – residentes noutras áreas – corriam lá para casa, imaginando que estariam em segurança.

A cidade praticamente virava um deserto. Lembro que minha mãe e todos ficávamos morrendo de medo. Nosso refúgio, nessas ocasiões, era a capineira no fundo da casa... Não me esqueço das pessoas feridas e espancadas chegando ao quartel da cidade. Era um horror! (NUNES 1998, apud SANTOS, 1999, p. 77-78).

Temos aqui dois fatores que contribuíram fortemente para mudança da família Barreto Nunes de Itabaiana para Aracaju; a atmosfera de insegurança e medo causada pela figura de Lampião e a seca que assolou a região. Somado a estes, havia o problema da educação das crianças, visto que o “município passou muito tempo desprovido de grupo escolar, que só foram implantados em 1937” (SANTOS, 2013, p. 412). Para Santos (1999), decerto Thétis Nunes continuaria seus estudos no Colégio Nossa Senhora das Graças, em Propriá, seu irmão Fernando Barreto Nunes no Ginásio Salesiano, em Aracaju, e sua irmã caçula Maria Emília permaneceria aos cuidados de Dona Anita e da avó dona Emília.

Isso posto, conclui-se que a seca marcou a família; Lampião infundiu o medo e a educação foi um problema. A solução foi seguir os conselhos de Pompílio, tio de Thétis Nunes, e mudar-se para Aracaju, já que assim a família continuaria unida.

Maria Thétis Nunes deixou a citada cidade – localizada na zona oeste do estado, área “montanhosa, mais elevada e muito seca [...] de fatores musológicos adversos [...] progressista [...] zona da policultura [...] terra, quase isenta de matéria orgânica” assim sublinhada por (MENDONÇA, 1958, p. 51), terra que, apesar da pobreza, consignou o milagre do esforço de sua gente. Mudou-se para uma casa situada na rua de Laranjeiras. Deixou para trás a beleza da serra de Itabaiana e passou a vislumbrar o encanto da **Aracaju romântica que vi e vivi**, de Melins (2000, 2007) – zona de litoral baixo e arenoso, com temperaturas úmidas e quentes,

com predomínio de uma vegetação escassa; cidade silenciosa, de comércio pequeno, de belas festas natalinas e juninas; que “despertava com a alvorada, anunciada pelo toque da corneta no Quartel da Polícia Militar às 5 horas da manhã” (MELINS, 2000, p. 15).

A itabaianense identificou-se com a cidade, assim que desceu “da marinete na rua da Frente” (NUNES, 2003, p. 234), rua, que, segundo ela, proporcionar-lhe-ia talvez a mais impressionante visão de sua vida, “o estuário do rio Sergipe com a quantidade de água que oferecia, e que **ela** nunca vira tanta” (NUNES, 2003, p. 234, grifo do autor). Rua na qual se localizava, ao ver de Thétis Nunes, o tão imponente prédio do Atheneu Sergipense, se comparado à pequena sala de aula “da modesta escola primária de Itabaiana, onde estudavam 30 crianças da 1ª à 4ª série” (NUNES, 2003, p. 234).

No que se refere a esse imponente prédio, importa ressaltar que antes de ser adaptado e reformado para fins educacionais pelo presidente¹⁹ Graccho Cardoso²⁰, funcionou nele o quartel da força pública. A nova sede do já mencionado estabelecimento de ensino secundário foi inaugurada em 13 de agosto de 1926, com a presença do presidente da República, Dr. Washington Luís. Graccho Cardoso, com o propósito de homenagear o Imperador Pedro II, alterou a nomenclatura do Colégio Atheneu Sergipense para Atheneu Pedro II²¹. A escolha pela localização da nova sede teria sido feita levando-se em conta o crescimento urbano de Aracaju, em direção ao sul. Cumpre destacar que a modificação de nomes realizada pelo governante do estado não foi aceita por todos, tanto que muitos dos sergipanos continuaram a se referir à instituição pela denominação anterior.

Segundo Franco (2015, p. 121), além da alteração na nomenclatura, houve também, por meio do decreto nº 940, de 02 de julho de 1926, mudanças no Regimento Interno do

¹⁹ Getúlio Vargas, ao assumir a Presidência da República, na categoria de Governo Provisório, substituiu os presidentes estaduais por interventores.

²⁰ Mauricio Graccho Cardoso nasceu no dia 9 de agosto de 1874, na cidade de Estância/SE. Filho do casal Brício Maurício de Azevedo Cardoso e Mirena Cardoso. Foi aluno da Escola Militar de Sergipe. Coursou Direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro e na Universidade Federal do Ceará. No estado do Ceará ingressou na vida pública. “Retornando a Sergipe, foi eleito deputado federal, senador e presidente do Estado, ainda durante a Primeira República” (FRANCO, 2015, p. 118, grifo do autor). Foi um homem engajado politicamente, tanto que “morreu no Plenário, quando se dirigia para a Mesa, para presidir uma sessão, no dia 3 de maio de 1950” (FRANCO, 2015, p. 118).

²¹ A historiadora Josevanda Mendonça Franco, na obra intitulada Atheneu “Pedro II”: memória e restauro, trata da história, restauração e ressignificação do prédio, no qual funcionou o Colégio Atheneu Pedro II – hodiernamente sede do Museu da Gente Sergipana. A autora expõe a evolução da educação sergipana e enfatiza as unidades de ensino que foram acolhidas pela edificação, dando maior ênfase ao registro da memória e restauro desse símbolo da arquitetura sergipana.

Colégio, sendo fixada uma nova matriz curricular²² “com componentes e carga horária semanal distribuídos em 6 anos de curso”.

O mencionado regimento definiu que o certificado de aprovação do 5º ano do curso secundário seria “indispensável para admissão a exame vestibular para a matrícula em qualquer curso superior” (FRANCO, 2015, p. 122). Também fixou que o aluno que desejasse ingressar na instituição teria de se submeter a um exame de admissão que comprovasse “seu grau de conhecimento nos conteúdos de Instrução Moral e Cívica, Português, Cálculo Aritmético, Morfologia Geométrica, Geografia e História do Brasil, Ciências Físicas e Naturais e de Desenho” (FRANCO, 2015, p. 122).

Os alunos que desejassem ingressar no Colégio Pedro II tinham de realizar nos meses de dezembro e março prova de admissão tanto oral como escrita. Eram formadas duas comissões examinadoras, constituídas de três professores indicados pelo diretor do Colégio e pela Congregação de professores. Franco (2015, p. 122) assevera que, embora o ensino da instituição tivesse um caráter público, cabia ao aluno arcar com as taxas de “matrícula, de frequência por ano, de frequência de cadeira dependente, de exame final, de exame de promoção, de exame de admissão, de certidão de exame, de regulamento, de programações de ensino, e de transferência”. Implica dizer que, para os filhos das famílias menos abastardas, ingressar no principal colégio de ensino secundário de Sergipe na época “era tão difícil quanto nele manter-se” (SANTOS, 1999, p. 30). Outro aspecto a ser enfatizado é a ideia que se tinha de que os alunos interioranos “não estavam em igualdade de condições para competir com os colegas dos colégios públicos” (SANTOS, 1999, p. 88).

Contudo, foi nesse colégio que Thétis Nunes, após fixar residência em Aracaju, ingressou. E diga-se de passagem, com um bom desempenho. Porém, antes, tentou ingresso na Escola Normal para cursar o ginásial, sendo impedida devido às várias exigências, a maior destas: o pré-requisito de idade, pois, só permitia o ingresso de alunos a partir dos 14 anos. Todavia, como já mencionado, ingressar no Atheneu Pedro II era deveras difícil. Sendo assim, ela fez um breve curso preparatório com a professora Leonor Teles.

Entretanto, outro impeditivo lhe colocara a prova. Segundo Santos (1999, p. 87), “o Atheneu, naquela época, era frequentado, majoritariamente, por alunos do sexo masculino”, a exemplo da turma ginásial de Thétis Nunes composta de 43 alunos, dentre os quais 13 eram

²² Consultar FRANCO, Josevanda Mendonça. **Atheneu “Pedro II”**: Memória e Restauro. Aracaju: Edise, 2015. 328 p.

do sexo feminino e 30 do sexo masculino. Havia forte preconceito, e cabia às mulheres seguirem os valores normativos expostos pela ordem patriarcal que prescreviam seus papéis na sociedade da época. Ademais, as mulheres eram e ainda são “Excluídas do universo das coisas sérias, dos assuntos públicos, e mais especificamente dos econômicos, as mulheres ficaram durante muito tempo confinadas ao universo doméstico” (BOURDIEU, 2012, p. 116). A respeito dessa afirmação, Santos (1999, p. 109) assinala que o papel da mulher na sociedade contemporânea chamou atenção para a luta que elas vinham desenvolvendo para ampliar seus “espaços de atuação, especialmente no mercado de trabalho. Nesse caso, o estudo e a formação científica se faziam imprescindíveis à superação das barreiras e dos preconceitos contra o sexo feminino”.

Muito embora as pessoas ligadas à família de Thétis Nunes tenham se impactado com o fato, Dona Anita não se prostrou perante as vozes discordantes, e o feliz precedente ocorreu no dia 23 de fevereiro de 1935. Iniciou-se o itinerário de Maria Thétis Nunes no Atheneu Pedro II, ou melhor dizendo, no Atheneu Sergipense, a partir da sua aprovação no exame de admissão realizado nos dias 21, 22 e 23, conforme prescrito no Livro de Certificados de Exames de Admissão (1931-1935) – CEMAS.

Nessa época, o ensino seguia as prescrições legais impostas pelo decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931. Esse decreto foi empreendido no ministério de Francisco Luís da Silva Campos, mentor da reforma Francisco Campos, que estabeleceu em nível nacional

a modernização do ensino secundário brasileiro, conferindo organicidade à cultura escolar do ensino secundário por meio da fixação de uma série de medidas, como o aumento do número de anos do curso secundário e sua divisão em dois ciclos, a seriação do currículo, a frequência obrigatória dos alunos às aulas, a imposição de um detalhado e regular sistema de avaliação discente e a reestruturação do sistema de inspeção federal (DALLABRIDA, 2009, p. 185).

Conforme o Art. 18, Cap. III, para cursar nível secundário nos estabelecimentos de ensino brasileiro na década em que Thétis Nunes foi aluna, o estudante teria de prestar exame de admissão na segunda quinzena de fevereiro. Tinha de requerer inscrição do dia 1º até o dia 15 do predito mês. Exigia-se que o candidato não se tivesse inscrito em exames de admissão em outros estabelecimentos na mesma época, além de ter 11 anos de idade completos. Também era exigida a apresentação de atestado de imunização antivariólica e do recibo de pagamento da taxa de inscrição. No tocante ao local de realização da prova, esta ocorria no estabelecimento de ensino que o candidato pleiteasse matrícula. Era constituída uma banca

examinadora por três professores da instituição, estes designados pelo diretor. Já “nos estabelecimentos sob regime de inspeção permanente ou preliminar, por dois professores do respectivo quadro docente, sob a presidência de um dos inspetores do distrito” (BRASIL, 1931). Quanto às provas, conforme o Art. 22: “O exame de admissão constará de provas escritas, uma de português (redação e ditado) e outra de aritmética (cálculo elementar), e de provas orais sobre elementos dessas disciplinas e mais sobre rudimentos de Geografia, História do Brasil e Ciências naturais” (BRASIL, 1931).

Maria Thétis Nunes obteve no exame de admissão os seguintes resultados: Português prova escrita (85), oral (70) e nota final (77); Aritmética prova escrita (70), oral (90) e prova final (80); Geografia (90); História do Brasil (90); Ciências Naturais (80); Média geral (83). Sua aprovação consta no Livro de Certificado e no Livro de Atas da instituição, sendo o último escrito manualmente. A priori, são explicitados sua filiação, naturalidade e os resultados obtidos. Seu nome também aparece, em folhas seguintes, no termo de classificação geral de acordo com a Figura 2, sendo ela a quinta colocada e não a terceira, conforme apontou Santos (1999) e Nunes (2003). Deve-se frisar que Maria Thétis Nunes, às vezes, para recordar-se das inúmeras atividades desenvolvidas por ela ao longo de sua vida, recorria ao livro de Santos (1999). Portanto, para não repetir o que foi dito e acabar colocando centenas de subjetividades e acasos sobre essa questão, recorri ao documento que, no entendimento de Karnal e Tatsch (2011, p. 24), “encerra a chave de acesso ao conhecimento do passado, reafirmando seu senhorio dialético, criador/criatura [...] com a beleza da contradição e da imprevisibilidade, com as marcas do humano”. Além do mais, a memória “distingue o testemunho do documento” (CHARTIER, 2009, p. 21). Na visão deste autor, o testemunho “é inseparável da testemunha e supõe que suas declarações sejam consideráveis admissíveis”, **enquanto que o documento** dá acesso a “acontecimentos que se consideram históricos e que nunca foram recordações de ninguém” (CHARTIER, 2009, p. 21, grifo do autor). Dessa forma, aqui trago agentes distintos que fizeram leituras distintas sobre a mesma temática.

Figura 2 - Livro de Atas do Atheneu Sergipense

Fonte: CEMAS (1935).

Para percorrer sobre a vida escolar de Thétis Nunes fez-se necessário recorrer ao pesquisador João Paulo Gama Oliveira, por ter se debruçado na temática. Segundo ele, o itinerário de Maria Thétis Nunes como aluna

ocorreu por meio da análise das origens do seu despertar intelectual e político nas instituições educacionais que frequentou – **Escola de Nº 1 em Itabaiana e o Colégio Pedro II em Aracaju, bem como pelos mestres** que foram registrados nas suas memórias (OLIVEIRA, 2017, p. 176, grifo do autor).

Segundo Sirinelli (2003), as estruturas de sociabilidade variam de acordo com o tempo e os subgrupos estudados pelos pesquisadores. Para esse autor,

é possível e necessário fazer sua arqueologia, inventariando as solidariedades de origem, por exemplo de idade ou de estudos, que constituem muitas das vezes a base de “redes” de intelectuais adultos. É lógico, sobretudo no caso dos acadêmicos, remontar a seus jovens anos escolares e universitários, numa idade em que as influências se exercem sobre um terreno móvel e em que uma abordagem retrospectiva permite reencontrar as origens do despertar intelectual e político (SIRINELLI, 2003, p. 249-250).

Com isso pode-se afiançar que a professora Izabel Esteves foi uma das principais responsáveis pela descoberta vocacional de Thétis Nunes. Ciente do temperamento de Thétis

Nunes, a mestra

pôs em ação o método de designá-la para tomar as lições dos alunos do primeiro ano. Com uma cajadada não matou apenas dois coelhos, e sim, três. Indiretamente, pôs a nu a vocação de sua aluna que, num futuro muito breve, tornar-se-ia a conceituada professora Maria Thétis Nunes (SANTOS, 1999, p. 86).

Outra figura que muito lhe marcou nos jovens anos escolares foi, incontestavelmente “[...] o jornalista, poeta e parlamentar Arthur Fortes²³ [...], professor de maior influência em sua vida estudantil”, como focalizou (SANTOS, 1999, p. 2). A própria Thétis Nunes, em discurso nas comemorações dos 50 anos de sua vida literária no Conselho Estadual de Cultura, afirmou que o aludido professor “tanto influenciara na **sua** vocação para a História nos seis anos em que **dele foi** aluna” (NUNES, s/d, grifo do autor). Para Santos (1999), Thétis Nunes transferiu ao mestre sentimentos filiais, recebendo-os de volta.

Arthur Fortes era um homem culto, respeitador, carismático e elegante. Foi um mestre de convicções democráticas, defensor dos interesses coletivos, “homem coerente com a sua própria visão dos problemas do povo [...] independente, intransigente na defesa de seus ideias e das suas convicções” (SOUTELO, s/d, p. 16), que muito incentivou a trajetória intelectual de Thétis Nunes. Enquanto professor, foi elemento de formação do alunado sergipano, transmitiu “antes de tudo, o culto da liberdade e a “convicção de que as ideias nobres e generosas, os sonhos de liberdade não desaparecem. Tombam aqui, mas ressurgem mais vigorosos, acolá”” (SOUTELO, s/d, p. 17). Pode-se dizer que Arthur Fortes foi um mister que participou do debate intelectual da sua terra e deixou nela “direta ou indiretamente seu rastro, nem homem da sombra, nem figura de proa, mas inspirador de um grupo atento e ardorosamente prosélito” (SIRINELLI, 2003, p. 253).

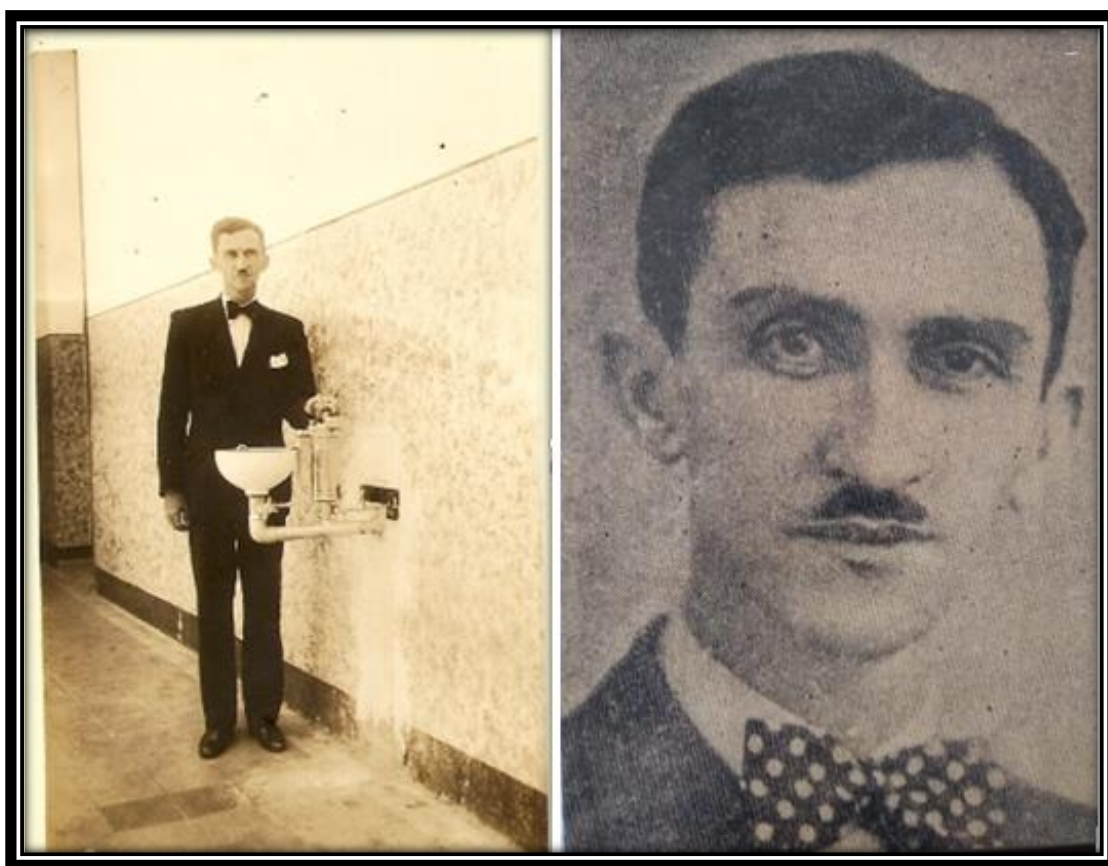
Nessa rede de intelectuais adultos que marcaram o itinerário da jovem Thétis Nunes destacou-se também o diretor Joaquim Vieira Sobral (1935-1941), que, valendo-se do poder simbólico a ele atribuído por ocasião da função de diretor na época, fá-la-ia permanecer na instituição como funcionária da Biblioteca, após concluir o curso ginasial. Como também por sua interferência junto à tipografia²⁴ do seu amigo Sr. Jasonias Andrade para imprimir a preço acessível o livro **Árabes: sua influência na civilização ocidental**, levando-se em conta os poucos recursos de que dispunha sua mãe na época. Em uma passagem do texto de Santos

²³ Consultar OLIVEIRA, João Paulo Gama; OLIVEIRA, Roselusia Teresa de Moraes. Arthur Fortes: o professor e “poeta da rosa vermelha”. In: CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da; SOUZA, Josefa Eliana; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Entre trajetórias e disciplinas**. 1ª ed. Jundiaí/SP: Paco Editora, 2020.

²⁴ Esta pequena tipografia foi a origem da conceituada Gráfica J. Andrade e Cia.

(1999, p. 89), Thétis Nunes fez alusão ao professor como “grande diretor [...] a quem eu devo muito por ter me dado um apoio forte”. Cumpre notabilizar que Joaquim Vieira Sobral foi diretor novamente do Atheneu Sergipense no período de 1944 a 1946, além de num futuro muito breve ter-se tornado colega de cátedra de Thétis Nunes após a aprovação desta como professora catedrática de Geografia da instituição.

Figura 3 – Professor Joaquim Vieira Sobral



FONTE: IHGSE e CEMAS.

O quadro, a seguir, mostra as cadeiras frequentadas por Thétis Nunes no curso ginásial do Atheneu Pedro II.

Quadro 2 – Itinerário de Thétis Nunes como aluna do Curso Ginásial do Colégio Pedro II (1935-1939)

1ª SÉRIE (1935)		
Cadeiras	Professor	Média anual
Português	Padre Avelar Brandão	60
Francês	Não identificado	78
História da Civilização	Arthur Fortes	77
Matemática	Gentil Tavares	67
Geografia	Fraga Lima	70

Ciências Físicas e Naturais	Augusto Cesar Leite	54
Desenho	Joaquim Vieira Sobral	82
2ª SÉRIE (1936)		
Português	Mário Miranda Vilas-Boas	56
Francês	Padre Claudio D. F. Dantas	77
Inglês	Felte Bezerra	70
História da Civilização	Arthur Fortes	86
Geografia	José de Magalhães Carneiro	82
Matemática	Abdias Bezerra	80
Ciências Físicas e Naturais	Augusto Cesar Leite	54
Desenho	Joaquim Vieira Sobral	72
3ª SÉRIE (1937)		
Português	Mário Miranda Vilas-Boas	85
Francês	Não identificado	77
Inglês	Não identificado	92
História da Civilização	Arthur Fortes	86
Geografia	Não identificado	91
Matemática	Não identificado	77
Física	José Rollemberg Leite	54
Química	José Andrade Carvalho	62
História Natural	Oscar Baptista do Nascimento	70
Desenho	Não identificado	87
4ª SÉRIE (1938)		
Português	Mário Miranda Vilas-Boas	61
Francês	Não identificado	67
Inglês	Não identificado	49
Latim	Pe. Alberto B. de Azevedo	75
História da Civilização	Arthur Fortes	78
Geografia	Não identificado	82
Matemática	Não identificado	69
Física	José Rollemberg Leite	47
Química	José Andrade Carvalho	71
História Natural	Não identificado	61
Desenho	Joaquim Vieira Sobral	76
5ª SÉRIE (1939)		
Português	Mário Miranda Vilas-Boas	89
Latim	Não identificado	86
História da Civilização	Arthur Fortes	92
Geografia	Felte Bezerra	72
Matemática	Abdias Bezerra	76
Física	José Rollemberg Leite	73
Química	Não identificado	77
História Natural	Garcia Moreno	73
Desenho	Joaquim Vieira Sobral	73

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora com base nos dados apresentados por (OLIVEIRA, 2017, p. 180-181).

Como acentuou Oliveira (2017), o desempenho de Thétis Nunes ao longo desses cinco anos variou bastante. Ela destacou-se mais na disciplina de História da Civilização e Geografia, obtendo notas acima dos 70 pontos, com destaque para notas acima dos 90 pontos nas duas disciplinas. Observou-se também um certo declive na disciplina de Física em que obteve a nota mais baixa, 47 pontos, se comparada ao conjunto dos dados apresentados.

No entendimento desse autor, as disciplinas exibidas no quadro anterior mostram quais eram as

cadeiras que compunham o ensino secundário humanístico do Atheneu Sergipense no contexto da Reforma Francisco Campos, **como** também quais as áreas de conhecimento **tinham** presença nos diferentes anos do curso, repetindo-se ao longo de todo o curso fundamental (OLIVEIRA, 2017, p. 182, grifo do autor).

Na concepção de Chervel (1990, p. 214): “O ensino das matérias ensinadas simultaneamente no mesmo estabelecimento de ensino constitui em cada época uma rede disciplinar que não deixa de exercer uma influência mais ou menos forte sobre cada um de seus constituintes”. Isso quer dizer que o conteúdo que é ensinado e/ou pretende-se ensinar em cada disciplina deve estar entrelaçado com a ideia do cidadão que se anseia formar. Na concepção desse autor, a “história de uma disciplina escolar não pode então fazer abstração da natureza das relações que ela mantém com as disciplinas vizinhas” (CHERVEL, 1990, p. 214). As finalidades de ambas disciplinas devem atrelar-se ao meio social de cada época, pois dessa forma “a repetição de uma disciplina em várias séries ou mesmo sua carga horária também dizem respeito aos objetivos da educação escolarizada” (OLIVEIRA, 2017, p. 182).

Considerando, então, as prescrições do mencionado decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931, após aprovado no exame de admissão, e estando devidamente matriculado, o aluno cursaria no prazo de cinco anos as disciplinas que seguem:

1ª série: Português – Francês – História da civilização – Geografia – Matemática – Ciências físicas e naturais – Desenho – Música (canto orfeônico).

2ª série: Português – Francês – Inglês – História da civilização – Geografia – Matemática – Ciências físicas e naturais – Desenho – Música (canto orfeônico).

3ª série: Português – Francês – Inglês – História da civilização – Geografia – Matemática – Física – Química – História natural – Desenho – Música (canto orfeônico).

4ª série: Português – Francês – Inglês – Latim – Alemão (facultativo) – História da civilização – Geografia – Matemática – Física – Química – História natural – Desenho.

5ª série: Português – Latim – Alemão – (facultativo) – História da

civilização – Geografia – Matemática – Física – Química – História Natural – Desenho (BRASIL, 1931).

Ao comparar, o Quadro 2 com o que prescrevia a lei na época, a única disciplina que não aparece no quadro é o Canto Orfeônico. Porém, a pesquisadora Wênia Mendonça Silva, em sua dissertação de mestrado intitulada **A pedagogia Musical do Canto Orfeônico e a sua configuração como disciplina escolar no Atheneu Sergipense (1931-1956)**, revelou que a educação musical aparece nas documentações da referida instituição com a nomenclatura de Música (Canto Orfeônico), assim como “consta na redação da reforma que a instituiu como disciplina obrigatória no currículo do Ensino Secundário” (SILVA, 2019, p. 48). A mencionada autora revelou ainda que a presente disciplina aparece no currículo do colégio desde o ano de 1931, sendo “responsável pelo seu ensino a professora Maria Valdete de Melo, diplomada nessa área, ocupando o cargo de professora interina [...] nomeação em condição provisória” (SILVA, 2019, p. 49). A ausência dessa disciplina no Quadro 2 certamente se explica pelo fato de o pesquisador Oliveira (2017) não ter encontrado documentos na época que comprovassem que esse componente curricular era ministrado no decênio de 1931,

uma vez que as cadernetas relativas a esta disciplina só foram localizadas a partir de marco de 1945, **ano em que** foi publicado no Diário Oficial do Estado de Sergipe uma nota determinando o programa a ser seguido nos estabelecimentos de ensino secundários sergipanos (SILVA, 2019, p. 52, , grifo do autor).

Após concluir o ginásial, ainda vestindo a farda – (ANEXO N) do Atheneu Sergipense, Thétis Nunes fez o Curso Complementar²⁵, esse obrigatório aos interessados em matricular-se em instituições de ensino superior. Com duração de dois anos de estudos e ênfase na aplicação de exercícios e trabalhos práticos individuais, o curso contemplaria as disciplinas que seguem:

Alemão ou Inglês. Latim, Literatura, Geografia, Geofísica ou Cosmografia, História da Civilização, Matemática, Física, Química, História natural, Biologia geral, Higiene, Psicologia e Lógica, Sociologia, Noções de Economia e Estatística, História da Filosofia e Desenho (BRASIL, 1931).

Compreendiam o Curso Complementar os cursos Pré-jurídico, os Cursos de Medicina, Farmácia e Odontologia e os Cursos de Engenharia ou Arquitetura. Em suma, Thétis Nunes optou por cursar o Pré-jurídico com exames prestados em 29 de novembro de 1940, para a 1ª série, obtendo os seguintes resultados nas disciplinas obrigatórias: Psicologia e

²⁵ Sua implementação “foi regulamentada pela Lei nº 40, de 18 de novembro de 1936” (FRANCO, 2015, p. 147).

Lógica (96); Literatura (90); Latim (88); História da Civilização (92); Economia Política (97); Biologia (84) e Média geral (91). Já nos exames da 2ª série pré-jurídica, Thétis Nunes obteve os seguintes resultados finais: História da Filosofia (97); Geografia Humana (97); Latim (97); Literatura (96); Higiene (95); Sociologia (91) e Média geral (95) – Recortes de Jornais com notícias sobre o Atheneu Sergipense (1942-1944).

Quiçá, Thétis Nunes passou sete anos de sua juventude cursando o ensino secundário no Atheneu Sergipense. Teve como professores:

Arthur Fortes (História), Mário Vilas-Boas (Português)²⁶, Felte Bezerra (Geografia)²⁷, Abdias Bezerra (Francês)²⁸, Fraga Lima (Geografia), Oscar Nascimento (História Natural), Gentil Tavares (Matemática)²⁹, Garcia Moreno (História Natural)³⁰, Alberto Bragança de Azevedo (Latim), José Olinó (Português-Latim)³¹,

²⁶ Mário de Miranda Vilas-Boas nasceu no dia 04 de agosto de 1903, na cidade de Rio Grande do Sul. Em 06 de dezembro de 1925, ordenou-se sacerdote. Sendo designado para diocese de Garanhuns (PE), no ano de 1938 pelo papa Pio XI, vindo a ser ordenado nesse mesmo ano bispo em Aracaju. Anos após foi nomeado para a Arquidiocese de Belém do Pará e arcebispo coadjuvante da Arquidiocese da Cidade de São Salvador da Bahia. No ano de 1952, participou da fundação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e recebeu o título de “Arcebispo de Cyrhus”. Faleceu aos 64 anos de idade em Aracaju, no dia 23 de fevereiro de 1968.

²⁷ Felte Bezerra nasceu no dia 25 de dezembro de 1908, na cidade de Aracaju. Filho do casal Abdias Bezerra e Esmeralda Araújo Bezerra. Fez o curso primário e secundário no Colégio Tobias Barreto. Em 1933, graduou-se em Odontologia pela Faculdade de Medicina da Bahia. Em 1938, foi nomeado professor catedrático da cadeira de Geografia do Colégio Estadual de Sergipe, vindo posteriormente a ser diretor do estabelecimento de ensino. Participou da fundação do Centro Cultural de Sergipe e da fundação da Sociedade de Cultura Artística de Sergipe, da qual foi presidente. Foi dirigente do Banco Rezende Leite. Integrou o corpo docente da Faculdade Católica de Filosofia, na qual lecionou a disciplina de Antropologia e Etnologia do Brasil. Também ministrou a disciplina História Econômica na Faculdade de Ciências Econômicas. Foi presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e ocupou a Cadeira nº 2, da Academia Sergipana de Letras. Faleceu no dia 6 de janeiro de 1990, no Rio de Janeiro.

²⁸ De acordo com Guaraná (1925), o professor Abdias Bezerra nasceu em 7 de setembro de 1880, na vila de Siriri. Filho do professor João Amando Bezerra e de D. Hermínia Rosa Bezerra. Cursou o secundário no Atheneu Sergipense, instituição na qual ocupou as cadeiras de Frances, Aritmética, Álgebra, Português, Geometria e Trigonometria. Foi diretor do Atheneu no ano de 1922. Faleceu em 14 de junho de 1944, em Aracaju.

²⁹ Segundo Guaraná (1925), Gentil Tavares da Mota nasceu em 11 de outubro de 1892, na cidade de São Paulo. Filho do Capitão João Tavares da Mota e D. Ana Tavares da Mota. Fez o curso de humanidades no Ateneu Sergipense e formou-se em engenharia civil pela Escola Politécnica da Bahia. Atuou como ajudante-secretário da Diretoria de Obras Públicas do Estado. Regeu a cadeira de geometria do Atheneu Sergipense. Foi diretor da Imprensa Oficial do Estado. Fez parte do Conselho superior do Ensino do estado. Foi deputado estadual e federal por Sergipe. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Foi vice-presidente da Liga Sergipense Contra o Analfabetismo. Fundou e redigiu o periódico “O Necydalus”. Dirigiu e redigiu o “O Estado do Sergipe”, “Diário Oficial” e o “Correio de Aracaju”, dentre outros.

³⁰ Consultar FERREIRA, Otilia Tatiana de Cácia da Conceição. **'Entre o discurso medico e o jurídico'**: Garcia Moreno e as primeiras interferências da medicina legal em Sergipe (década de 1940). 2004. 54 f. Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, 2004.

³¹ José Olinó de Lima Neto nasceu no dia 2 de janeiro de 1900, na cidade de Arauá (SE). Filho do casal João Epifânio Lima Neto e Maria Joaquina de Andrade Lima. Cursou na cidade de Estância as primeiras letras e o ensino primário. Durante sete anos estudou como seminarista no Seminário Diocesano Sagrado Coração de Jesus, em Aracaju. No Colégio Atheneu Sergipense fez o curso preparatório, vindo a graduar-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia no ano de 1930. Clinicou nas cidades de Itabaianinha, Simão Dias e

Gonçalo Rollemberg Leite³² (Física), Pe. Avelar Brandão Vilela³³ (Português) e José Andrade de Carvalho (Química) (SANTOS, 1999, p. 89).

Dentre estes, além dos já citados, destacou-se a figura do professor Felte Bezerra³⁴. Enquanto diretor do Atheneu Sergipense (1941-1942), motivado por confiança e em reconhecimento, convidou-a no ano de 1941, pouco tempo após concluir o curso complementar, para lecionar como professora interina, nos bancos da aludida instituição, a disciplina de História Geral, como nos notabiliza a Figura 4.

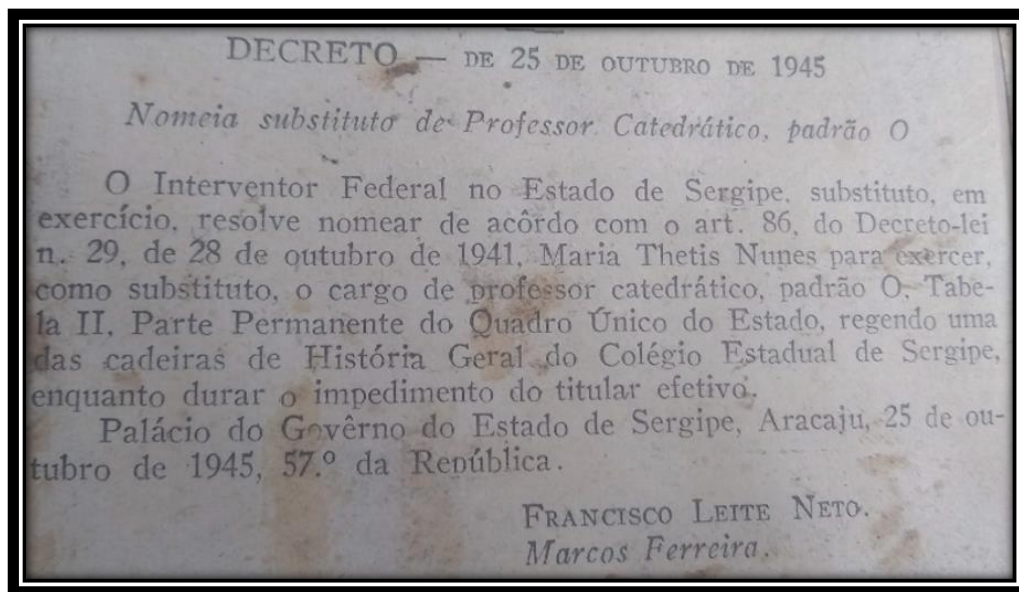
Lagarto. Após fixar residência na cidade de Aracaju dedicou-se exclusivamente ao magistério, lecionando a disciplina de Língua Portuguesa nos colégios Tobias Barreto, Nossa Senhora de Lourdes, na Faculdade de Filosofia de Sergipe e na Universidade Federal de Sergipe. Ocupou a Cadeira nº 30 da Academia Sergipana de Letras. Colaborou com escritos em jornais locais. Tornou-se professor catedrático de Português do Atheneu Sergipense por meio de concurso, ao defender, a tese “Notas filológicas à margem das Vinte horas de liteira de Camilo Castelo Branco”. Faleceu no dia 27 de fevereiro de 1985, em Aracaju.

³² Gonçalo Rollemberg Leite nasceu em 14 de fevereiro de 1906, na cidade de Riachuelo (SE). Estudou no Colégio Salesiano e no Atheneu Sergipense. Em 1927, bacharelou-se em Ciências Políticas e Sociais no estado de Minas Gerais. Em 1938, tornou-se professor Catedrático de História da Civilização do Atheneu Sergipense. Atuou como Promotor de Justiça, professor e jornalista. Foi um dos fundadores da Faculdade de Direito de Sergipe, sendo responsável pela cadeira de Direito Civil. Em 1953, após a morte do desembargador Octávio de Souza Leite, foi escolhido para dirigi-la. Ocupou a cadeira 23 da Academia Sergipana de Letras. Faleceu em 17 de julho de 1977, em Aracaju. (OLIVEIRA, 2011).

³³ Avelar Brandão Vilela nasceu no dia 13 de junho de 1912, em Viçosa (AL). Filho do casal Elias Brandão Vilela e de Isabel Brandão Vilela. Estudou no seminário de Aracaju, vindo a ordenar-se em outubro de 1935. Lecionou Português, Literatura Luso-brasileira e Psicologia no Colégio Estadual de Sergipe. No ano de 1946, foi escolhido bispo de Petrolina (PE). Na cidade de Petrolina criou a Escola de Economia Doméstica, ampliou as instalações do Colégio Dom Bosco e construiu a praça Malan. Em 1955, foi nomeado arcebispo de Teresina e em 1971, de Salvador. Participou da criação da Faculdade Católica de Filosofia do Piauí, da Escola de Odontologia e do projeto de criação da Universidade Fundação do Piauí. Foi ainda, por dez anos, presidente da Campanha Nacional da Comunidade, seção do Piauí, implantando 30 ginásios no estado. Fundou a Ação Social Arquidiocesana (ASA), através da qual foram criados dezenas de centros sociais, beneficiando cerca de quatro mil alunos. Ainda no setor educacional, fundou diversas escolas de alfabetização em convênio com o Movimento de Educação de Base (MEB), espalhadas pelos municípios da arquidiocese. Fundador da Rádio Pioneira de Teresina, defendeu a implantação do projeto de colonização do vale do rio Gurguéia, revelando-se favorável à construção da usina hidrelétrica de Boa Esperança, no rio Parnaíba. Maiores informações consultar: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC/FGV: Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/avelar-brandao-vilela>. Acesso em: 12 de abr. 2021.

³⁴Ver SILVA, Anna Karla Melo. **Felte Bezerra**: um quartel de atividades lítero-científicas. 2014. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014. Ver OLIVEIRA, João Paulo Gama. **Caminhos cruzados**: itinerários de pioneiros professores do ensino superior em Sergipe (1915-1954). 2015. 319 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

Figura 4 – Decreto que nomeou Thétis Nunes professora substituta do Atheneu Sergipense (1941)



Fonte: Acervo do CEMAS.

Deve-se também ressaltar a figura do professor Vilas-Boas, pois sua imagem ficou viva nas memórias de Thétis Nunes, sendo desenhada por ela em um discurso publicado em 16 de março de 1968, no Jornal A Cruzada. A respeito do monsenhor, Thétis Nunes o descreveu como homem cheio de vivacidade, irrequieto, que não se sentava enquanto ministrava aula. Prosseguiu seu discurso alegando que a ele devia

os conhecimentos básicos da língua pátria adquiridos nos dois anos e meio que fui sua aluna. Era um didata perfeito, sem nunca ter estudado Didática, ciência bem desconhecida, entre nós, naquela época. Suas aulas, ricas em conhecimentos linguísticos, mantinham a classe alerta e interessada dadas que eram com método e numa dicção perfeita que nos encantava. Nunca cansou os alunos com as complicadas e monótonas definições gramaticais que constituem o pavor dos que estudam o Português. Ele as ia ensinando à medida que surgia a aplicação na leitura do texto, que era o eixo de suas aulas ou no ditado que nos obrigava a fazer no quadro-negro. Ainda nas primeiras séries ginasiais teve a curiosidade e o interesse despertado para os autores brasileiros e portugueses que a palavra eloquente do professor nos transmitia através da leitura da página a ser estudada, que primeira era feito por ele. Alencar, Machado de Assis, Rui, Coelho Melo, Herculano, Camões, Castro Alves passaram sem esforços, a ser nossos conhecidos (NUNES, 1968, p. 2).

Quando o professor Mário Vilas-Boas morreu, Thétis Nunes se encontrava de férias no sul do país. Ao retornar e ter conhecimento do falecimento do querido professor, dedicou-lhe essa singela homenagem no jornal. De certo, ao passo que a escrevia, recordava dos tempos de aluna no Atheneu Pedro II.

Portanto, Oliveira (2015, p. 132) atesta que foi nesse campo (Atheneu Sergipense) que Maria Thétis Nunes “começou a construir o seu nome, diferenciando-se dos demais alunos pelas notas angariadas, participação nas aulas e amizades com os professores”. Aos poucos, a aluna Thétis Nunes ia tecendo sua rede de sociabilidade, por meio dos laços que iam se atando entre os colegas de turma, professores e demais funcionários.

Santos (1999) assevera que Thétis Nunes distinguia-se dos demais colegas de turma. Ademais foi

a aluna que maior número de vezes alcançou o primeiro lugar de sua classe, posição sempre disputada com o colega Flávio Barreto **que também se destacou** pela sua vocação e amor à História, pelas suas habilidades com o Português, pela sua tendência a oratória, a ponto de ficar conhecida como “a menina que fazia discurso” (SANTOS, 1999, p. 89, grifo do autor).

Tanto que, em 9 de dezembro de 1939, foi escolhida para ser oradora em sua formatura do ginásio. Houve missa festiva na igreja de São Salvador cuja celebração teve como responsável o Padre Avelar Brandão, na época professor de português do Atheneu Sergipense. No salão nobre da congregação da instituição foram entregues os certificados de conclusão de curso aos alunos concluintes, sendo o professor de História Natural – Dr. Oscar Nascimento – o paraninfo da turma e “homenageados os professores Arthur Fortes, Dom Mário Vilas-Boas, Joaquim Vieira Sobral (diretor)” (SANTOS, 1999, p. 86). O baile de formatura ocorreu no Recreio Clube³⁵.

Na época em questão, quando os alunos concluíam o curso ginasial e pedagógico, eram de praxe as festas solenes de formatura. As preparações começavam alguns meses antes. Os alunos se reuniam em suas residências, nas casas de parentes e amigos próximos possuidores de piano ou radiola, sempre aos sábados e feriados, para assim ensaiarem as danças.

Concluído o período letivo, marcavam-se as formaturas.

A escolha do paraninfo e do orador da turma eram feitas por eleição. Os alunos aprovados procuravam a Casa Amador, do fotógrafo Arthur Costa, a Foto Brasil do Sr. Orlando e outros estúdios fotográficos, para tirarem as fotografias, trajando o smoking ou a beca, cedidos pela própria casa. As fotografias eram trocadas entre os colegas mais chegados, oferecidas a parentes e amigos e outra, destinada ao álbum ou quadro de formatura. As modistas e costureiras recebiam em suas casas a visita das formadas, que

³⁵ Tratava-se de um clube de elite, que funcionou “no Parque Teófilo Dantas, em um prédio, hoje anexo à Prefeitura Municipal [...] animou a cidade até os primeiros anos da década de 40. Suas últimas festas foram o Carnaval de 1942” (MELINS, 2000, p. 76).

levavam revistas de modas, para com elas, escolherem os vestidos que achavam mais bonitos para a ocasião.

Os rapazes procuravam as alfaiatarias para encomendarem os seus ternos, sob medida (MELINS, 2000, p. 39).

Além do Recreio Clube, as festividades das formaturas ocorriam do mesmo modo na “Associação Atlética de Sergipe, Salão Nobre do Atheneu Sergipense, Quadra de Esportes da Escola Normal Rui Barbosa ou no pátio do Colégio Tobias Barreto”, assim lembrou (MELINS, 2000, p. 40).

Dentre as facetas da menina que fazia discurso, deve-se destacar sua participação como sócia e oradora oficial do Grêmio Literário Clodomir Silva. Segundo Rodrigues (2015), Thétis Nunes teria se associado no ano de 1940 e sido eleita oradora oficial em 1941. Entretanto, Santos (1999) evidenciou que Thétis Nunes teria comparecido à inauguração do centro estudantil no dia 21 de agosto de 1938, em pleno domingo, e discursado em prol do elemento feminino. Na ocasião proferiu as seguintes palavras:

Aceitei esta missão com entusiasmo porque via o apoio de minhas colegas a esta ideia dos jovens estudantes, demonstrando que já não é a mulher antiga, enclausurada nas alcovas sombrias, completamente alheia às letras, à civilização, e sim, a mulher instruída que dia-a-dia vai revelando sua inteligência, sua inclinação às artes, à literatura (NUNES apud SANTOS, 1999, p. 91).

Percebe-se no discurso de Thétis Nunes sua inclinação à defesa dos direitos das mulheres, visto que no primeiro ano de criação do próprio Centro, a participação do elemento feminino era vetada por parte da direção da instituição. Para Rodrigues (2015, p. 147-148) essa proibição se dava “a fim de preservar a boa reputação das alunas [...], pois não era conveniente deixar moças e rapazes misturados numa sala para a realização das sessões ordinárias”. Ainda de acordo com essa autora, a participação desse segmento se deu por meio de protestos encabeçados pelas “alunas da 3ª série do curso ginásial, Joana Vital de Souza, Maria Cristina Vieira de Carvalho, Julieta Dias dos Santos, Marina Ribeiro Vieira e Maria Cândida Amazonas” (RODRIGUES, 2015, p. 148), as quais alegavam ser o Grêmio uma maçonaria, bem como que esta proibição ia de encontro com o que previa o estatuto – o direito de participação aos alunos com as melhores notas. Como as alunas também sentiam o desejo de participar de agremiações, alegaram, de forma contundente, que as melhores notas do corpo discente do Atheneu Pedro II “estavam registradas nos boletins femininos, logo elas teriam o direito de participação do grêmio” (RODRIGUES, 2015, p. 148). Assim são reveladas pistas e/ou indícios de que a aluna Thétis Nunes destacou-se inclusive, fora da sala

de aula, da mesma forma que aos poucos ia tecendo laços além dos portões da referida instituição.

2.1 MARIA THÉTIS NUNES: DA FACULDADE DE FILOSOFIA DA BAHIA À CATÉDRA DE GEOGRAFIA DO COLÉGIO ESTADUAL DE SERGIPE

Visando à formação de quadros onde se recrutassem elementos destinados ao magistério, bem como às altas funções da vida pública do país, e o preparo de profissionais para o exercício de atividades que demandassem estudos superiores, foram estabelecidas escolas superiores, em alguns Estados (SANTOS, 1999, p. 97).

A Bahia foi um desses estados que estabeleceram escola superior. Em 1942 inaugurava-se a Faculdade de Filosofia da Bahia – FFB³⁶. Segundo pontuou Santos (1999, p. 97), essa Faculdade funcionava no prédio da antiga Escola Normal situado no Bairro de Nazaré. Compunham sua agrade curricular “os cursos de Ciências Sociais, Geografia e História, Letras Clássicas, Filosofia, Letras Anglo-germânicas, Pedagogia e Matemática”.

A saber, as primeiras tentativas concretas de implantação do ensino superior em Sergipe datam da década de 1920, quando “o então presidente da Província, Dr. Maurício Gracco Cardoso, instituiu a Faculdade de Farmácia e Odontologia “Anibal Freire” e a Faculdade de Direito “Tobias Barreto”, tentativas todavia frustradas” (OLIVA, 1990, p. 68). Convém destacar, ainda, a criação do Seminário Sagrado Coração de Jesus, em 1913. A instituição de ensino funcionou até 1933 como Seminário menor e maior, ofertando os cursos preparatórios de nível secundário e os de nível superior (filosófico e teológico). Desse modo, figurou-se como a primeira experiência em Sergipe de ensino superior (BARRETO, 2004).

Para tanto, a ausência de cursos superiores em Sergipe fazia com que os jovens migrassem para outras regiões do país, predominantemente para Bahia, pela proximidade e por ser o local no qual existiam “as Faculdades de Direito, Medicina, Farmácia e Odontologia e a Escola Politécnica” (OLIVA, 1990, p. 106), as quais eram as mais procuradas pelos sergipanos.

Além da Bahia, os jovens sergipanos também se deslocavam para Recife, Rio de Janeiro e São Paulo, e até mesmo para a Europa, em busca de aprimorar seus conhecimentos. Oliva (1990, p. 106, grifo do autor) denota que o “retorno destes **jovens após se formarem**,

³⁶ Ver SALLES, João Carlos. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas: breve nota sobre o sentido de sua história. IN: TOUTAIN, Lídia Maria Brandão. SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves (Orgs). **UFBA: do século XIX ao século XXI/Universidade Federal da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 343-347.

quase todos oriundos da camada dominante, **seria** formar o contingente que contribuiria mais tarde na criação dos primeiros cursos superiores de Sergipe”. De acordo com Oliveira (2011, p. 24-25), os primeiros cursos superiores que conseguiram lograr êxito em Sergipe surgiram depois do decênio de 1940, a exemplo de “Economia (1948), Química (1950), Faculdade de Direito (1950), Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951), Faculdade de Serviço Social (1954), Faculdade de Ciências Médicas (1961)”.

Isso posto, observou-se que com Thétis Nunes não foi diferente. Tanto que, em 1942, após a instalação da Faculdade de Filosofia da Bahia, seguiu para esse estado vizinho com o propósito de prestar vestibular. Thétis Nunes obteve no exame de vestibular o primeiro lugar entre tantos concorrentes e em todos os anos em que cursou a faculdade, sempre esteve na primeira colocação da turma.

Ainda segundo Santos (1999), Thétis Nunes quando se mudou para a Bahia, tinha 19 anos de idade e levou consigo na bagagem

muito juízo, muita vontade de vencer e muito pouco dinheiro. Dinheiro para pagar o pensionato e para atender às despesas essenciais. Intelectualmente, a vida correu pressurosamente. Financeiramente, porém, viveu sob as regras estabelecidas pela pequena mesada remetida por Dona Anita. Morar na Bahia-de-Todos-os-Santos foi uma experiência impagável. Vivendo sozinha, sem a presença carinhosa dos familiares, aprendeu a ter autonomia para resolver e decidir sobre as coisas e problemas (SANTOS, 1999, p. 97).

Conforme acentuou Santos (1999), a estada de Thétis Nunes na Bahia lhe proporcionou contato com outras facetas da cultura brasileira, pois lá foi aluna de professores renomados como Luiz Viana³⁷ (jornalista, advogado, historiador e professor) e Thales de Azevedo³⁸, além de criar novos laços de amizades que permaneceriam até seu último suspiro

³⁷ Luís Viana Filho nasceu em 28 de março de 1908, em Paris, França. Foi registrado no Distrito da Sé, Salvador/BA. Faleceu no dia 05 de junho de 1990, na cidade de São Paulo/SP. Filho do casal Luís Viana e Joana Gertrudes Fichtner Viana. Foi aluno do Colégio Anchieta, em Friburgo, e do Colégio Aldridge, no Rio de Janeiro. Frequentou os bancos escolares do Colégio Pedro II (Rio de Janeiro) e Ginásio da Bahia (Salvador), como também estudou no Externato Burlamaqui Moura (Rio de Janeiro). Fez cursos particulares em Salvador. Em 1929, diplomou-se na Faculdade de Direito da Bahia. Trabalhou como jornalista no Diário da Bahia e posteriormente n'A Tarde. No ano de 1933, atuou como professor contratado de Direito Internacional Público na Faculdade de Direito da Bahia. Foi professor catedrático de Direito Internacional Privado, por concurso. Foi nomeado professor de História do Brasil da Faculdade de Filosofia da Bahia. Exerceu o mandato de deputado federal pelo Partido Libertador da Bahia, em 1937, dentre outros mandatos.

³⁸ Thales Olympio Góes de Azevedo nasceu no dia 26 de agosto de 1904, em Salvador. Filho do casal Ormino Azevedo e Laurinda Góes de Azevedo. Formou-se no ano de 1927, em medicina pela Faculdade de Medicina da Bahia. Por volta de 1940, trocou a medicina pelas ciências sociais. Vindo a ingressar em 1943, na recém-criada Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia, da qual foi professor de antropologia e etnografia. Foi diretor da Escola de Serviço Social da Bahia, nela lecionou a disciplina de pesquisa social. Escreveu e publicou **As**

de vida, a exemplo da poeta Lavínia Augusta Machado³⁹ (1922-2000). Condizente com suas próprias palavras enquanto universitária, envolveu-se “nas lutas políticas estudantis contra a ditadura estadonovista ao lado de grandes líderes, como Mário Alves⁴⁰ [...], João Batista de Lima e Silva, Orlando Moscoso, Fernando Santana e tantos outros” (NUNES, 2003, p. 235).

Acerca da política brasileira, importa lembrar que entre o período que compreende os anos de 1937 a 1945, a população vivia sob a intervenção do Governo Federal. Em 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas articulou, juntamente com os seus aliados, um plano para suspender as eleições presidenciais que ocorreriam em 03 de janeiro de 1938, sob o pretexto de um golpe “que previa a instalação de um governo comunista e o assassinato de centenas de políticos brasileiros” (PILETTI, 1991, p. 87). A ideia desse falso plano foi atribuída aos comunistas. Enquanto isso, Vargas decretou um estado de guerra, que consentia apreender qualquer indivíduo sem a expedição de uma ordem judicial. Para que o golpe se concretizasse, buscou apoio das Forças Armadas e dos governantes estaduais. Ao se tornar um ditador, criou uma nova constituinte que centralizou todo o poder em suas mãos. Essa nova constituição tornou-o “autoridade suprema do Estado” (PILETTI, 1991, p. 88). Ainda segundo esse autor, tal constituinte deu plenos poderes ao presidente para coordenar

[...] os órgãos representativos de graus superiores, **dirigir** a política interna, **promover** ou **orientar** a política legislativa de interesse nacional e **superintender** a administração do país” (art. 73). Visando a um controle ditatorial sobre a sociedade, a Carta de 1937 introduziu outras modificações: atribuiu ao presidente a competência para dissolver o Congresso, expedir decretos-leis e nomear interventores para os Estados; extinguiu os partidos políticos; aboliu a liberdade de imprensa e instituiu a censura prévia; estabeleceu a pena de morte; prorrogou o mandato presidencial “até a realização do plebiscito”, que nunca se concretizou (PILETTI, 1991, p. 88, grifo do autor).

Então, Getúlio Vargas nomeou como interventor para Sergipe, Eronides de Carvalho⁴¹

elites de cor: um estudo de ascensão social, em 1953, primeiro em Paris, e a posteriori na Coleção Brasileira. Faleceu no dia 5 de agosto de 1995, em Salvador.

³⁹ Consultar SANTANA, Carla Patrícia; ALVES, Ivya. Lavínia Augusta Machado. **Biografia e Trajetória Literária**, s/d. Disponível em: <http://www.escriptorasbaianas.ufba.br/Lavinia/biogtraj.html>. Acesso em: 22 dez. 2020.

⁴⁰ Morto após ser torturado em cárcere no período da ditadura militar. Maria Dalva Leite de Casto de Bonet, na tomada de testemunho para a Comissão Nacional da Verdade, em 08 de maio de 2014, cita as torturas sofridas por Mário Alves. Disponível em: http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/images/pdf/depoimentos/vitimas_civis/00092_001123_2014_90_degravacao_rp.pdf. Acesso em: 28 dez. 2020.

⁴¹ Eronides Ferreira de Carvalho nasceu em 25 de abril de 1895, em Canhoba (SE). Filho do casal Antônio Ferreira de Carvalho e Balbina Mendonça de Carvalho. Estudou no Colégio 11 de Janeiro e no Liceu Alagoano em Maceió. Diplomou-se em 1917, pela Faculdade de Medicina da Bahia, após defender a tese intitulada “Do ópio em terapêutica mental”, sendo aprovado com distinção. Tornou-se membro da Sociedade Médica dos

(1937-1941). O então interventor, durante esse período, realizou obras voltadas para a área da saúde, a exemplo da construção do “Palácio Serigy, Hospital Infantil, casa para psicopatas e um centro para menores abandonados e delinquentes” (DANTAS, 2004, p. 89). Ampliou a rede de estrada e também contemplou a educação, construindo escolas e destinando um novo prédio para a Biblioteca Pública.

Cumprе lembrar que a política é um campo no qual “os homens políticos, diretamente implicados no jogo [...] interessados e percebidos como tais, são imediatamente percebidos como juízes e partes” (BOURDIEU, 1989, p. 55); um campo permeado de relações de poder e disputas entre seus correligionários. Assim sendo, o interventor, valendo-se do poder a ele atribuído,

[...] deflagrou a derrubada de todos os chefes de executivo municipal, eleitos por outros partidos, que não eram de sua confiança [...] aposentou civis, reformou militares, considerando tais atos de interesse do serviço público e foi substituindo-os em geral por seus clientes ou correligionários, enquanto os grupos oposicionistas praticamente nada podiam fazer. Entre os mais privilegiados dessa operação estavam os senhores do açúcar. Alguns deles tornaram-se inclusive prefeitos municipais (DANTAS, 2004, p. 89).

Dentre seus opositores, deve-se enfatizar o senador Leandro Maciel que, após longo discurso proferido na tribuna do Senado, no dia 11 de maio de 1937, acusou Eronides de Carvalho de praticar atos arbitrários, a exemplo dos que seguem:

1. Perseguições a seus correligionários do interior, em Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora da Glória e Espírito Santo;
2. A prisão de Heribaldo Vieira e Carlos Garcia, este irmão do deputado Luiz Garcia;
3. O episódio com um operário que, após ser solto sob habeas corpus, foi preso uma hora depois a mando do governo;
4. A transformação da detenção de operários em moeda de troca (DANTAS, 2017, p. 87).

Hospitais da Bahia. Foi diretor-geral interino de Higiene e Saúde Pública de Sergipe e diretor interino do posto de assistência pública do estado, desenvolvendo funções de inspetor médico do sistema escolar. Foi aprovado em concurso para o Corpo de Saúde do Exército, sendo classificado como segundo-tenente no 1º Regimento da Cavalaria Independente, em Bela Vista (MT). Atuou no 28º Batalhão de Caçadores, em Aracaju, onde se tornou primeiro-tenente. Foi um dos principais articuladores da União Republicana de Sergipe. Em 1933, foi promovido a capitão. Foi suplente de Augusto César Leite, único deputado eleito na legenda de seu partido para a bancada sergipana na Constituinte. Em 1935, a União Republicana de Sergipe encerrou seus trabalhos elegendo Eronides de Carvalho para governador. Todavia, esse resultado deixou Augusto Maynard Gomes inconformado, recusando-se a priori de transmitir o cargo ao seu sucessor, que mesmo assim foi empossado. Com a implantação do Estado Novo, as eleições foram suspensas e o Legislativo e os partidos políticos foram fechados. Contudo, como era partidário ao novo regime, foi confirmado no posto, agora como interventor federal por Sergipe. Para mais informações, consultar PECHMAN, Robert. Eronides Ferreira de Carvalho. **CPDOC/ FGV – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**, s/d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eronides-ferreira-de-carvalho>. Acesso em: 24 dez. 2020.

A Intentona Integralista que ocorreu em meados do decênio de 1938 resultou em forte repressão aos simpatizantes de Getúlio Vargas, atingindo até mesmo amigos de Eronides de Carvalho, fato que o deixou numa situação pungente. Igualmente lhe causou desconforto a indicação do seu inimigo partidário Augusto Maynard ao comando do 28º BC e a posteriori para presidência do Tribunal de Segurança Nacional. Em virtude disso, a crescente pressão junto ao governo federal pela sua substituição como interventor de Sergipe ocorreu devido às várias “denúncias de irregularidades que chegaram à mesa do ditador, que enviou a Sergipe uma comissão para apurar as denúncias, resultando em relatórios comprometedores” (DANTAS, 2017, p. 101). Por não gozar de prestígio, foi convidado a ter uma audiência com Getúlio Vargas, que, por conseguinte, indicou para sucedê-lo o capitão Milton Pereira de Azevedo. Natural de Aquidabã, lotado na corporação do 28º BC, sua indicação seria uma solução conciliatória, uma vez que Vargas, ciente da rivalidade política existente em Sergipe entre Eronides e Maynard, e para não se dispor perante ambos, indicou Milton Azevedo que durante sua gestão, “organizou comissões para apurar denúncias da administração passada e divulgou os relatórios, dando conta de crise financeira e desordem administrativa” (DANTAS, 2004, p. 91). Wynne (1973, p. 78) sublima que sua candidatura tampão foi marcada pela “Honestidade e zelo no trato da coisa pública”.

Entre os anos de 1942 e 1945, assumiu a interventoria de Sergipe Augusto Maynard Gomes⁴². Recebido com festa pelos aliados, tentou “uniformizar as posturas municipais [...],

⁴² Natural de Rosário do Catete (SE). Nasceu no dia 16 de fevereiro de 1886. Filho do casal Manuel Gomes da Cunha e Teresa Maynard Gomes. Coursou o ensino secundário no Colégio Atheneu Sergipense (Aracaju), posteriormente ingressou na Escola Tática de Realengo, situada no Rio de Janeiro. Em 1902, assentou praça. Em protesto contra a obrigatoriedade da vacinação antivariólica decretada pelo governo de Rodrigues Alves participou com colegas da Escola Militar da Praia Vermelha da Revolta da Vacina. Com a derrota do movimento, os estudantes de Realengo e da Praia Vermelha transferiram-se para a Escola Militar de Porto Alegre, sendo logo adiante desligados do Exército, e ambas as escolas do Rio de Janeiro foram fechadas. Em meados de 1905, foi beneficiado pela anistia decretada pelo mesmo governo. Reingressou nos estudos com a volta do funcionamento da Escola Tática de Realengo. Em 1910, foi declarado aspirante – locado na 6ª Companhia de Infantaria, com sede em Aracaju. Em 1914, foi promovido a segundo-tenente e serviu no 3º Regimento de Infantaria no Rio de Janeiro; no 41º Batalhão de Caçadores, em Aracaju; no 12º Regimento de Infantaria, em Belo Horizonte. Revolucionário, participou de vários levantes, principalmente do tenentista que depôs Graccho Cardoso, então presidente do estado de Sergipe. Conforme Franco (2015), o insucesso do movimento fez com que Maynard fugisse para o estado de São Paulo, local no qual foi preso e posteriormente transferido para o Rio de Janeiro. Mais adiante foi reenviado a Aracaju, onde aguardou o julgamento “em regime liberal de prisão” (FRANCO, 2015, p. 143). Articulador, deflagrou uma nova revolta no início de janeiro de 1926, sendo novamente preso após a derrota e libertado pouco tempo depois, culminando em seu regresso a Aracaju. Ao iniciar-se o ano de 1927, teve sua candidatura ao Senado estadual por Sergipe lançada na qual obteve em média 116 votos. Segundo Renato Lemos (s/d), Maynard, ao ser transferido para o 1º Regimento de Cavalaria, passou a desfrutar de ampla liberdade de movimentos: a ele foi concebida permissão para ler jornais, escrever para seus aliados e manter contato com amigos próximos. Em 1927, foi transferido para Aracaju em companhia de outros revolucionários sergipanos que na ocasião foram acolhidos com louvor pelo povo. Os presos que participaram do levante em 1924 foram julgados em 1928. Já em 1929, foram julgados os que

empreendeu algumas iniciativas no sentido de corresponder a um mínimo das expectativas dos trabalhadores” (DANTAS, 2004, p. 92-93). Ainda se empenhou em construir casas populares, mas não contava com o torpedeamento de navios na costa entre Sergipe e Bahia.

Maria Thétis Nunes lembrou-se bem do que ocorreu, em agosto de 1942. Segundo ela: “O impacto e o horror provocados pelos cadáveres mutilados, que eram atirados à praia Formosa, e que a natural curiosidade estudantil **a levaram** a vê-los, fizeram que **ela** sentisse, pela primeira vez, a monstruosidade da guerra” (NUNES, 1972, apud SANTOS 1999, p. 99, grifo do autor).

A Segunda Guerra Mundial estendeu-se de 1939 a 1945. De acordo com Dantas (2004), Getúlio Vargas encontrava-se hesitante quanto a que partido aliar-se no momento. Todavia, essa neutralidade seria rompida, pois:

Entre 15 e 20 de agosto, desencadearam os mais violentos ataques contra a Marinha Mercante do Brasil. Entre o litoral de Sergipe e o da Bahia, o submarino alemão U507 atacou em rápida sequência sete embarcações: Baependi, Araraquara, Aníbal Benévolo, Itagiba, Arará, Jacira e Hammaren (CRUZ, 2017, p. 3).

Notadamente, a sucessão de torpedeamentos foi um divisor de águas, pois faria com que os governantes brasileiros saíssem da imparcialidade, visto que as agressões navais sofridas pelos u-boats necessitavam imediatamente de respostas concretas. De acordo com Cruz (2017), Vargas viu-se pressionado, uma vez que:

Em nome do desafrontamento do Brasil [...] formaram-se intensas manifestações sociais nas principais cidades brasileiras exigindo a declaração imediata de guerra ao eixo. Alguns manifestantes queriam se vingar da humilhação sofrida e estavam ávidos para fazer justiça com as próprias mãos. Esta vontade se materializou em atos de violência. Destes atos originaram-se as perseguições aos estrangeiros, o alistamento militar e o quebra-quebras de residências e lojas. Como um rastilho de pólvora o caos se espalhou pelos quatro cantos do Brasil (CRUZ, 2017, p. 5).

participaram do levante que ocorreu em 1926. Envolto com as questões políticas do país e engajado no projeto insurrecional, aproveitou-se do momento de deflagração do movimento de 03 de outubro para fugir da prisão. Para tanto, disfarçou-se de garimpeiro e partiu juntamente com alguns de seus compatriotas para Belo Horizonte. Logo depois foi “para Juiz de Fora (MG), onde teve destacada atuação no combate ao 10º Regimento de Infantaria, que resistiu tenazmente até o dia 24 de outubro, quando a revolução triunfou com a deposição, no Rio de Janeiro, do presidente Washington Luís” (LEMOS, s/d). Em 1936, foi promovido a tenente-coronel; em 1937, foi transferido para a 12ª Circunscrição de Recrutamento, em Aracaju; em 1939, foi promovido a coronel, e em 1942, deixou o Tribunal de Segurança Nacional para assumir outra vez a interventoria federal por Sergipe. Foi presidente do diretório estadual do Partido Social Democrático (PSD). Exonerou-se do cargo em 1945, a fim de concorrer a governador de Sergipe. Todavia, não contava com o golpe militar que depôs Getúlio Vargas. Ao regressar a Aracaju foi preso novamente ao fazer escala em Salvador. Em 1947, elegeu-se senador; em 1952, foi promovido a general-de-brigada; em 1954, outra vez foi eleito senador, vindo a falecer em 12 de janeiro de 1957, no Rio de Janeiro. Deixou sua esposa Helena Maynard Gomes e quatro filhos.

Os navios Baependi e Aníbal Benévolo foram torpedeados no município de Estância/SE. Sobre as águas do mar, com as luzes acesas e em festa, o navio mercantil Aníbal Benévolo, que trazia e levava os sergipanos para outras bandas, abriu suas bandas. Na manhã seguinte, levados pelas ondas do mar, os corpos mutilados chegavam às praias territoriais do estado. Levando consigo muita dor e revolta, a população sergipana enterraria ali mesmo na areia da praia centenas dos seus.

Os aracajuanos tomaram as ruas, movidos pela dor e indignação, aglomeram-se na Praça Fausto Cardoso para ouvir o discurso do interventor Augusto Maynard, que, em declaração oficial, anunciou com pesar e tristeza o torpedeamento do mencionado navio. Pedia calma à multidão que se encontrava atordoada e revoltada com o ocorrido. Em marcha, o povo “buscou residências de italianos e alemães aqui radicados, e dos ex-integralistas⁴³ mais atuantes, conhecidos pela simpatia para com as nações do Eixo” (NUNES, 1972, apud SANTOS, 1999, p. 99). Ainda segundo as palavras da estudante Thétis Nunes, ela “adquiriria, naquele dia, outra grave experiência: o poder de destruição e de responsabilidade das massas enfurecidas” (NUNES, 1972, apud SANTOS, 1999, p. 99).

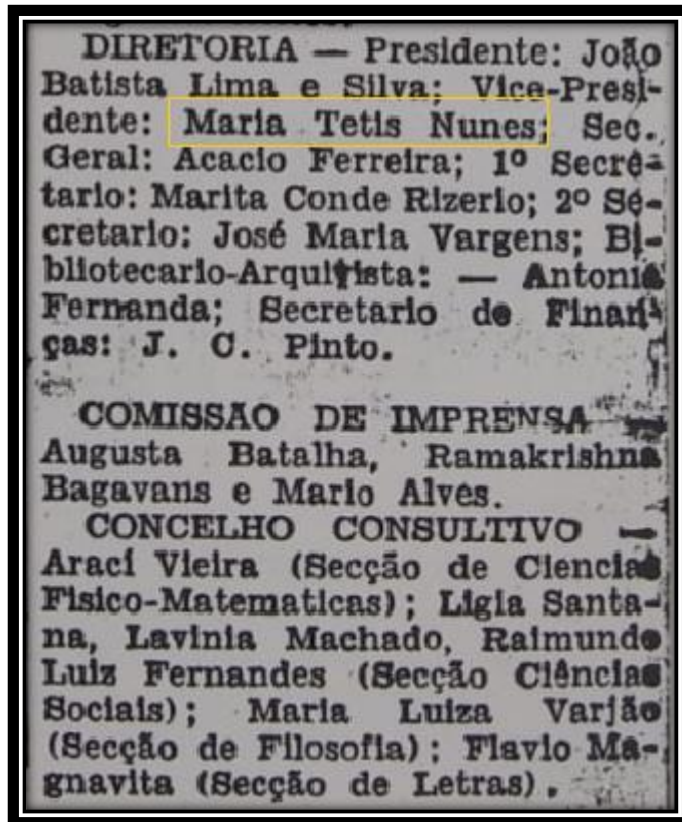
O campo universitário proporcionaria a Thétis Nunes atuar como vice-presidente do Centro de Estudos da Faculdade da Bahia – organização político-estudantil representada pela União Estudantil da Bahia – UEB. Ali participaria do concurso de monografias, vindo a ser premiada, além de ter sido colaboradora da revista “Cultura”, por meio da qual recebeu elogios do jornalista Carlos Chiacchio pela publicação em coautoria com sua já mencionada colega de curso, Lavínia Augusta Machado, pelo artigo intitulado “Algumas observações sobre a mestiçagem na Bahia”, bem como pelo texto individual “Renascimento Literário”.

O Centro era organizado em quatro seções: Ciências Físico-Matemáticas, Ciências Sociais, Filosofia e Letras, podendo ainda haver subseções que tratassem de aspectos voltados a conhecimentos científico-culturais, desde que dez associados requeressem a diretoria. Tinha por finalidade incentivar e divulgar a cultura por meio de reuniões mensais sobre os mais variados assuntos, pesquisas e trabalhos de campo, concursos, aulas de debate e seminário,

⁴³ Segundo Simões (2011), a Ação Integralista Brasileira – AIB foi fundada em 7 de outubro de 1932. Tratava-se de um movimento social político de extrema direita com grande repercussão no país. Foi criado por Plínio Salgado “com a finalidade de educar, disciplinar e preparar os membros integralistas, “soldados obstinados a defender a Nação”” (SIMÕES, 2011, p. 47). O seu surgimento se deu por meio de bases bem estruturadas, sendo a primeira delas “a criação de um periódico que permitisse a aglutinação e formação de adeptos dentro de uma linha de pensamento nacionalista” (OLIVEIRA, 2011, p. 22). Para mais informações, consultar OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A imprensa integralista brasileira em perspectiva; SIMÕES, Renata Duarte. Imprensa oficial integralista: uso e ciclo de vida do jornal A Offensiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. **Entre tipos e recortes**: história da imprensa integralista. Guaíba: Sob medida, 2011.

culminando com a publicação de uma revista em parceria com os professores, intelectuais e outras organizações similares – Diário de Notícia da Bahia, 1943. Compunham a diretoria, a comissão de imprensa e o conselho consultivo os nomes que seguem:

Figura 5 – Centro de Estudos da Faculdade de Filosofia da Bahia



Fonte: Jornal Diário de Notícia da Bahia, 1943. In: OLIVEIRA, 1997.

Percebe-se nos trabalhos de Oliveira (2015) e de Santos (1999) quão forte foi a atuação de Thétis Nunes nos movimentos políticos-estudantis cujas “relações de força simbólicas que se manifestam na interação em forma de estratégias retóricas” (BOURDIEU, 1989, p. 56-57) fizeram com que os membros do Centro participassem ativamente das questões políticas que assolavam o país. Esses estudantes escreviam textos em jornais e realizavam reuniões discursivas e passeatas em defesa da educação, fatores que marcaram “uma parcela do seu itinerário formativo” (OLIVEIRA, 2015, p. 179), deixando-lhes marcas em seu percurso acadêmico e contribuindo direta e indiretamente para sua trajetória intelectual.

Desse modo, a pesquisa afluíu com a sapiência de que “[...] o estudo das estruturas elementares da sociabilidade dos intelectuais, em particular dos jovens intelectuais, deveria permitir precisar como se impõem a eles os dados imediatos da consciência política”

(SIRINELLI, 2003, p. 258).

Essa consciência levaria a massa às ruas de Aracaju nos anos de 1945 para festejar o fim da guerra com o carnaval da vitória. Nesse mesmo ano abriu-se concurso para cátedra de História Geral do Colégio Estadual de Sergipe, vaga com a morte do professor Arthur Fortes. Nesse período, Thétis Nunes ainda se encontrava na Bahia. Mesmo faltando alguns meses para a conclusão do curso, submeteu requerimento pedindo inscrição no supradito concurso. Também nessa época, submeteram requerimento e foram deferidos os pedidos de: Dr. Severino Pessoa Uchôa⁴⁴, para o concurso de Geografia Geral; João Evangelista Cajueiro⁴⁵, para o concurso de Português; Dr. Lucilo Costa Pinto, para o concurso de Ciências Naturais, e o pretendente à mesma cadeira que Thétis Nunes, o Dr. Manoel Ribeiro.

Em relação ao mencionado concurso, Maria Thétis Nunes evidenciou que ele foi a maior ousadia da sua vida. Pois, segundo ela, o país vivia o fim da era Vargas e quando terminou de defender sua tese e a exigida aula de didática, “um público a aplaudia entusiasticamente, **conquanto, ela não sabia** se era pelo que **acabara de dizer** ou pelo que [...] representava no momento político em que vivia” (NUNES, 2003, p. 235). Relata ainda que houve no concurso manobras e interesses políticos em prol do seu oponente, que muito

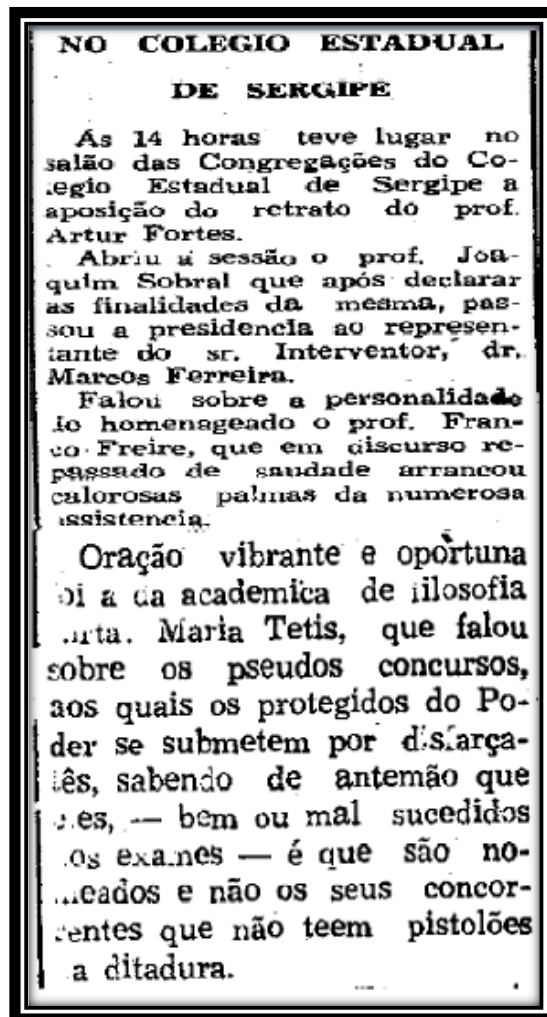
⁴⁴ Severino Pessoa Uchôa nasceu em 13 de abril de 1909, na cidade de Camutanga (PE). Filho do casal Manoel de Barros Uchoa e Feliciano Pessoa Uchoa. Formou-se bacharel em Direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro. Ministrou aulas no Instituto de Educação Rui Barbosa, na Escola Técnica de Comércio de Sergipe, no Colégio Tobias Barreto, no Colégio Jackson de Figueiredo e no Colégio Estadual de Sergipe. Foi correspondente das Academias Paraibana, Pernambucana e Santista de Letras, além de presidente da Academia Sergipana de Letras na qual ocupou a Cadeira de nº 10. Foi membro da Academia Brasileira de Trovas, da Associação dos Geógrafos Brasileiros, do Cenáculo Brasileiro de Letras e Artes, da Confederação Nacional das Associações de Imprensa, da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, da União Brasileira de Escritores e também dos Trovadores, do IHGSE, do Conselho Estadual de Cultura, do Lions Club Internacional, e da Associação Sergipana de Imprensa (NASCIMENTO, 2017). Ao longo da sua vida atuou como professor, jornalista/redator, folclorista e poeta.

⁴⁵ João Evangelista Cajueiro nasceu em 6 de outubro de 1906, na cidade de Penedo (AL). Filho de Manuel Antônio Cajueiro e Maria José Cruz Cajueiro. cursou o ensino fundamental em sua terra natal e o médio no Seminário Arquidiocesano de Maceió, no qual iniciou seus estudos filosóficos. Posteriormente, transferiu-se para o Seminário Sagrado Coração de Jesus. Lecionou as disciplinas de Português, Latim, Matemática, Geografia e Educação Física no Ginásio Imaculada Conceição por meio de aprovação nos exames de suficiência, aos quais se submeteu para obtenção do registro de professor. Ainda, em Alagoas dirigiu a Escola Normal de Penedo. Foi professor catedrático de Latim e de Língua Portuguesa do Colégio Atheneu Sergipense, professor do Colégio Tobias Barreto e do Instituto de Educação Ruy Barbosa, além de ter ministrado aulas no Colégio Nossa Senhora de Lourdes, no Ginásio Jackson de Figueiredo e na Escola Técnica de Comércio de Sergipe. Na década de 1950, graduou-se em Letras Neolatinas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sergipe. Foi diretor do Departamento de Educação do Estado de Sergipe durante o mandato de Arnaldo Garcez, em 1952. Ocupou a Cadeira nº 14 da Academia Sergipana de Letras, dela foi presidente, redator e diretor da revista da casa. Foi diretor da Biblioteca Epifânio Dória e assessor especial da presidência do Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe. Além de acadêmico, foi filólogo, latinista, linguista, poeta e escritor. Dentre suas obras, destacam-se *A Língua e o Estilo de Carvalho Neto* e *O Redobro no Pretérito Perfeito do Verbo Latino*. Suas obras eram publicadas mais em revistas e jornais da época. Homem respeitoso, argumentativo, organizador de pensamentos, introvertido, com temperamento forte, como tantos outros, defensor da língua portuguesa. Faleceu no dia 17 de setembro de 2002, em Aracaju.

embora fosse possuidor de um currículo de alto valor cultural, bacharel em Direito que no ano em curso ocupou o cargo de juiz de direito na comarca de Boquim, professor substituto do Atheneu Sergipense, ex-diretor da “Cidade de Menores” e Chefe de Polícia “não possuía formação de professor para o ensino secundário e nem registro provisório para ensinar” (SOUZA, 2016a, p. 362).

Comungo da assertiva de Le Goff (1990, p. 548), que “O documento é monumento **e que resulta** do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias”. Dito isso, defendo a ideia de que Maria Thétis Nunes na sessão solene que ocorreu em 1945, no Salão Nobre do Atheneu Sergipense em homenagem aos professores Abdias Bezerra e Arthur Fortes, sendo na ocasião feita a oposição do retrato deste último na sala da congregação do colégio. Ao discursar, foi bem categórica ao discernir a respeito dos “pseudos concursos, aos quais os protegidos do poder se submetem por disfarçastes, sabendo de antemão que eles, – bem ou mal sucedidos os exames – é que são nomeados e não os seus concorrentes que não tem pistolões a ditadura (NUNES, 1945, p. 4). Defendendo assim voluntária ou involuntariamente a imagem da mulher que jamais se afastou da meta traçada por ela, ainda jovem – ser fiel aos sentimentos humanos e jamais se curvar diante aos poderosos para galgar um degrau (NUNES, 1999, apud SANTOS, 1999). A mensagem que segue retrata o parecer de Thétis Nunes a respeito do concurso.

Figura 6 – Discurso de Maria Thétis Nunes na sessão solene em homenagem aos professores Abdias Bezerra e Arthur Fortes



Fonte: Jornal Correio de Aracaju, 1945.

Como visto, a crítica feita por Thétis Nunes quanto ao dito concurso foi publicada na edição do dia 25 de julho de 1945 do Jornal Correio de Aracaju, partilhando assim do pensamento de Le Goff (1990), quando diz que não existe um documento-verdade e que todo documento é mentira, compartilho da primazia de “que ninguém pode compreender por si os fatos e as coisas se não houver interlocutores que propiciem o diálogo, de maneira adequada; a fim de que se consiga compreender a história se não em sua plenitude, em sua subjetividade” (NEVES & MARTINS, 2008, p. 47). Portanto, na concepção do Prof. Dr. Jorge Carvalho do Nascimento, o que houve nesse concurso foi uma disputa política entre o Partido Social Democrático – PSD e a União Democrática Nacional – UDN. Segundo esse professor,

de um lado estava Thétis que [...] foi apadrinhada pela UDN, e do outro lado o PSD, que apadrinhou [...] Manoel Ribeiro, o pai do escritor João Ubaldo Ribeiro, que foi professor aqui no Sergipe, no Atheneu Sergipense. E no concurso era assim: metade da banca era ligada ao PSD, metade da banca

ligada à UDN. Prova oral: o examinador do PSD dava nota 10, o examinador da UDN dava nota 10. Resumo da ópera: o concurso terminou empate. **Obtendo os dois candidatos a média 9,0.** [...] pelo que estava posto **no regulamento** [...] a vaga seria do mais idoso. **Todavia, a juventude e o vigor com que** Thétis se situou nas provas entusiasmaram a todos que, **sem querer deixá-la de fora, criaram** a cadeira de Geografia. Sendo Thétis nomeada à cadeira de Geografia e Manoel para cadeira de História... (NASCIMENTO, 2020. In: I Encontro Sergipano de História da Educação – ESHE, grifo do autor).

O professor Genivaldo Martires também comunga dessa assertiva. Em entrevista concebida à pesquisadora, em 04 dez. 2020, em virtude de ter estudado sobre a temática denotou que na época do concurso, a população brasileira se encontrava em um momento de transição política. Saíamos do Estado Novo e entrávamos em uma nova realidade política, na qual de um lado tínhamos

os partidos que continuaram apoiando o getulismo e do outro lado partidos que eram contrários ao getulismo. Trazendo essa questão para o nacional, ou melhor para o estadual e para o local, essas disputas políticas eram muito mais fortes. Então, o concurso por si só foi uma disputa entre esses grupos políticos. Isso não quer dizer, creio eu, que Thétis Nunes estaria, digamos, alinhada a essa disputa política de forma bem iminente. Mas vamos nos ater à banca que foi formada. Foi uma banca que tinha os grupos opositores: um grupo de um lado, outro grupo do outro. Nesse dia eles sabiam muito bem quais eram as normas, quais eram as normativas do concurso e fizeram de forma tal que um dos seus apadrinhados, digamos assim, não saísse por baixo. Moral da história: deu empate. Mas como o critério de desempate sempre foi a idade, e o outro candidato era mais velho, foi logo empossado. Contudo, a pressão política foi muito grande. É tanto que no discurso posterior em homenagem a Arthur Fortes, ela vai reclamar disso, do próprio concurso, dizendo que havia cartas marcadas, havia cartas marcadas, havia interferência política na nomeação do outro candidato. Então, Thétis defendia a lógica que, se foi empate, os dois teriam que ser nomeados. E aí eu volto àquela primeira pergunta: se não tivesse interferência política como é que encontraram uma vaga que não existia para ela? Porque só era uma vaga, só era uma cadeira. Tanto que imediatamente foi aberta uma nova cadeira e ela foi conduzida ao cargo (MARTIRES, 2020).

Diante do que já foi exposto ficou evidente a interferência política no supradito concurso. Contudo, como bem assinalou o aluno secundarista Francisco Guimarães Rollemberg em entrevista concebida à pesquisadora em 19 de nov. 2020,

Maria Thétis se saiu tão bem. Ela não perdeu a categoria; ela teve um décimo ou dois abaixo do Manoel Ribeiro, não me recordo muito bem. Mas não se podia aceitar na época uma mulher vencer um advogado de renome. Segundo que uma estudante vencesse um profissional formado (ROLLEMBERG, 2020).

Conforme reitera Chartier (2009, p. 23), “o testemunho da memória é o fiador da

existência de um passado que foi e não é mais”, implica dizer que o discurso histórico encontra no testemunho legitimação de imediato por meio da referencialidade do objeto de estudo. Partilhando do entendimento de que cabe ao pesquisador trilhar caminhos durante o percurso da pesquisa, recorri às entrevistas dos dois ex-alunos do Atheneu Sergipense e do professor Jorge Carvalho (amigo e companheiro de trabalho no Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe), na certeza de que os testemunhos dariam um maior respaldo ao objeto estudado. Ademais comungo do entendimento de que:

Memória é tempo presente, é a atualização do passado no presente e, portanto, mais do que questões relativas à pesquisa em história da educação e à consciência histórica sobre importância, pertinência e especificidade de cada espaço escolar, ao entrarmos nesses espaços para configurarmos e organizarmos arquivos históricos, toda uma dimensão pedagógica e social, da atualidade dessa escola se faz presente e necessária de ser compreendida pelos pesquisadores (NEVES & MARTINS, 2008, p. 46).

Esses autores, ao discorrerem sobre as fontes de pesquisas escolares e sobre a formação da memória educacional, apontam para a importância da organização dos arquivos escolares no país, bem como dos debates entre professores e pesquisadores acerca das memórias e do processo de valorização da interpretação histórica contidas nesses materiais, seja no âmbito pedagógico ou social.

Assim partindo da dimensão social, convém entender o papel da mulher diante da sociedade conservadora da época. A mulher era: “Percebida e constituída como frágil, a mulher precisava ser protegida e controlada” (LOURO, 2007, p. 453). Santos (1999, p. 72) assevera que no decênio de 1910, no Brasil, “os preconceitos e exigências morais que recaíam sobre as mulheres desenvolveram um conflito entre ser donas de casas ou profissionais”. Ademais, a educação destinada à mulher era voltada para a vida doméstica, pois qualquer atividade que fosse realizada fora desse espaço figuraria como um risco à integridade feminina.

Contudo, “o trabalho deveria ser exercido de modo a não afastar da vida familiar, dos deveres domésticos, da alegria da maternidade, da pureza do lar”, assim salienta (LOURO, 2007, p. 453). Cabia à mulher o status de esposa e mãe; não lhes figurava a igualdade de direitos. Conquanto, Santos (1999) afiança que quando Thétis Nunes nasceu, em alguns países havia mulheres lutando em prol da valorização social da classe feminina; elas reivindicavam o direito da mulher ao voto, tanto que criaram um movimento que ficou conhecido como “sufragista”. Este movimento foi adotado por 33 países. Levaram-se três

décadas de lutas para que a Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas – ONU aprovasse a Convenção sobre Direitos Políticos da Mulher.

Aliás, a mulher somente conseguiu o direito à educação por meio da Lei de 15 de outubro de 1827 e a partir de então foram criadas escolas de primeiras letras para meninas. Segundo o parecer de Demartini e Antunes (1993), esse fator faria com que surgissem as primeiras vagas no magistério primário para o sexo feminino, consequentemente fez com que a possibilidade de instrução fosse ampliada e também se acentuasse a discriminação sexual.

A concepção de trabalho além do espaço doméstico para a mulher foi se construindo como uma “ocupação transitória, a qual deveria ser abandonada sempre que se impusesse a verdadeira missão feminina de esposa e mãe” (LOURO, 2007, p. 453). Enquanto solteira, a moça era submetida ao poderio dos pais; quando casada, “ao poder legal do marido como chefe da sociedade conjugal, **assim ela** necessitava de autorização para assinar contratos de trabalho, sendo considerada incapaz [...] ao exercício dos direitos civis e políticos” (FREITAS, 2002, p. 1, grifo do autor). Todavia, o espaço urbano brasileiro aos poucos ia se modificando e a economia ganhando fôlego, gerando assim novas oportunidades para as mulheres, essencialmente na esfera pública. Isso possibilitou, de acordo com Mancilha (2011, p. 185), “maior visibilidade feminina em espaços antes de exclusividade masculina”.

Muito embora a igreja defendesse o ideal de mãe, esposa e dona de casa “como a principal e mais importante função da mulher” (MANCILHA, 2011, p. 186), tese também defendida pelos médicos e juristas da época e incentivadas por meio de publicações em jornais, Demartini e Antunes (1993, p. 6) expressam que com “o passar do tempo [...], a situação se alterou e, pouco a pouco, as mulheres foram sendo admitidas na Escola Normal, e acabaram por transformá-la num espaço predominantemente feminino”. Cumpre ressaltar dois fatores que provavelmente afastaram o sexo masculino do magistério docente: o nada animador salário, “o aumento da urbanização e o movimento econômico em torno da cultura do café ainda no final do século passado poderiam ter contribuído para a ampliação do mercado de trabalho masculino, afastando os homens do magistério” (DEMARTINI & ANTUNES, 1993, p. 7).

Consequentemente, no campo educacional foi reservado à mulher um papel singular de “educar as gerações futuras” (FERREIRA, 2006, p. 85), relacionando-as quase sempre ao ensino e à formação. Raras as vezes “lhes foi enaltecida sua capacidade de pensar políticas educacionais” (FERREIRA, 2006, p. 85), muito menos o direito de disputa em pé de

igualdade com o sexo oposto, em que pese à sociedade parte do princípio de divisão em que o sexo masculino – ativo e o feminino – passivo. Ou seja, “o desejo masculino como desejo de posse, como dominação erotizada, e o desejo feminino como desejo da dominação masculina, como subordinada erotizada, ou mesmo, em última instância como reconhecimento erotizado da dominação” (BOURDIEU, 2012, p. 31). Esse autor analisou em seus estudos os dispositivos históricos e sociais que naturalizam e desnaturalizam valores e práticas que determinam uma relação de desigualdade entre os sexos, provocando assim uma subsistência atinente dos papéis e das estruturas sexuais no ocidente.

Esse discurso de que a mulher tem de ser submissa ao homem foi construído historicamente e incorporado simbolicamente, fazia e, em muitos casos, ainda faz parte da nossa cultura. O conceito de cultura aqui utilizado é o defendido por Chartier (2009),

que denota um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporados em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (CHARTIER, 2009, p. 35).

Então, partindo do princípio de que historicamente e culturalmente o homem domina a mulher, como aceitar que uma jovem estudante, às vésperas de se formar, concorresse e vencesse em pé de igualdade um homem e profissional de renome.

Assim sendo, a Congregação do Atheneu, com o aval do Governo, viu-se na obrigação de abrir uma nova cadeira, pois,

sem o aval do governador, não se abriria uma nova cadeira, pois teria que mostrar de onde vinham os recursos para os pagamentos, estava atrelado a isso. Então a pressão também veio de cima para baixo, do governador para com a congregação, e aí quem estava no poder era o PSD, não era a UDN (MARTIRES, 2020).

A banca de examinadores foi composta pelos professores: “Manoel Cabral Machado”⁴⁶,

⁴⁶ Manoel Cabral Machado nasceu no dia 30 de outubro de 1916, na cidade de Rosário do Catete (SE). Filho do casal Odilon Ferreira Machado e Maria Evangelina Cabral Machado. Passou sua infância em Capela. Mudou-se para Aracaju, onde estudou nos colégios Salesiano e Atheneu Sergipense. Formou-se em 1942 pela Faculdade de Direito da Bahia. Ao retornar para Sergipe, ingressou na vida administrativa, atuando no Departamento do Serviço Público. Participou do processo de formação dos cursos superiores em Sergipe (Faculdades de Economia, de Direito, de Filosofia e de Serviço Social). Participou da fundação do Partido Social Democrático (PSD). Compôs a equipe do governador José Rollemberg Leite, assumindo a Secretaria da Fazenda e em seguida, o cargo de procurador do Instituto do Açúcar e do Alcool em Sergipe. Eleito deputado estadual três vezes (1950, 1954 e 1958) pela legenda do PSD. Foi líder do Governo Arnaldo Garcez e líder da oposição do Governo Leandro Maciel. Sendo nomeado secretário de Educação em 1964. Também foi consultor do Tribunal de Justiça, procurador Geral do Estado; conselheiro do Tribunal de Contas do Estado; professor de História e membro da Academia Sergipana de Letras, tendo publicado diversos livros.

Carlos Valdemar, João Araújo Monteiro, Gonçalo Rollemberg Leite e Virgínio Santana”, assim atestou (SANTOS, 1999, p. 107). Quando da criação do Atheneu Sergipense, em 1870, era previsto no Regulamento Orgânico da Instrução Pública que o

Exame de História e Geografia consistia no desenvolvimento escrito e na exposição oral de algum dos mais importantes períodos históricos, sendo o candidato interrogado também sobre os fatos que tenham relação com os mesmos períodos, posição geográfica do país ou países de que se tratar, assim como quaisquer ponto da Geografia terrestre, astronômica e cronologia (SOUZA, 2016a, p. 91-92).

Souza (2016a), notou nas determinações do regimento no tocante à prestação de concurso para as cadeiras vagas de ensino secundário algumas permanências e mudanças advindas dos antigos processos de seleção de professor catedrático. Dentre as modificações, a supradita autora cita um trecho do regimento interno da instituição quanto à “obrigatoriedade das três etapas dos exames, principalmente quanto às dissertações que deviam ser produzidas em quinze dias, e no dia da defesa cada candidato entregava vinte exemplares, deixando um deles no arquivo do Atheneu Sergipense” (SOUZA, 2016a, p. 101). Chamou a atenção da autora o fato de não haver encontrado nenhum indício do paradeiro dessas dissertações. Voltando a Thétis Nunes era pré-requisito no concurso que o candidato apresentasse uma tese, sendo apresentado por ela o trabalho intitulado “A Civilização Árabe: sua influência na Civilização Ocidental”, de 90 páginas – capa no (ANEXO A). A este trabalho foram atribuídas pela banca examinadora as notas registradas no Quadro 3.

Quadro 3 – Notas que Maria Thétis Nunes obteve da banca examinadora no concurso para professor catedrático do Colégio Estadual de Sergipe

Examinadores	Título	Tese	Escrita	Didática
Manoel Cabral Machado	9,0	9,0	10,0	10,0
Carlos Valdemar	8,0	10,0	10,0	10,0
João Araújo Monteiro	9,0	8,0	10,0	9,0
Gonçalo Rollemberg Leite	7,0	8,0	9,0	10,0
Virgínio Santana	9,0	9,0	10,0	9,0
Média Geral	8,4	8,8	9,8	9,2

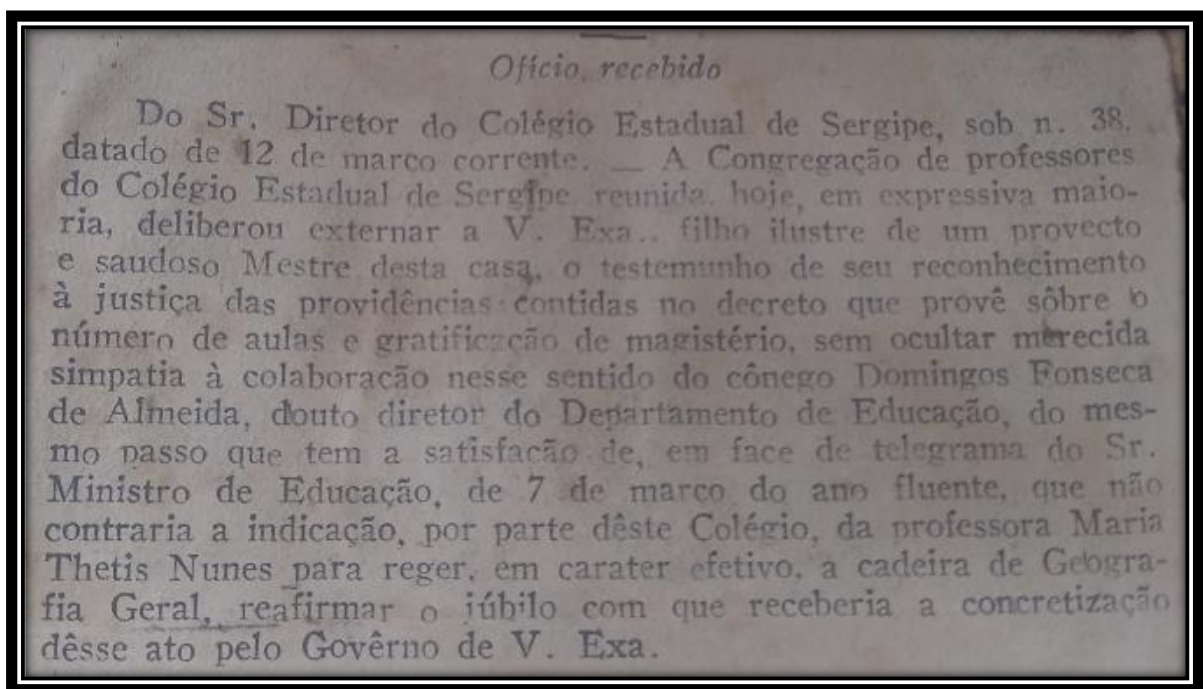
Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora, a partir das informações de Santos (1999, p. 108).

Ao contrário do que ocorreu com Souza (2016a), identifiquei a tese defendida por Thétis Nunes, mas não no Atheneu Sergipense, e sim no arquivo da Biblioteca Universitária da Bahia. Assim, Thétis Nunes preencheu nesse ano seu curriculum vitae com o título de bacharel em Geografia e História do Brasil concedido pela FFB e com sua nomeação a

“professor catedrático padrão Sº da Cadeira de Geografia Geral do Colégio Estadual de Sergipe” (SANTOS, 1999, p. 108).

Em ofício datado de 13 de março de 1946, evidenciou-se que a indicação de Thétis Nunes para reger a cadeira de Geografia Geral da instituição em caráter efetivo não foi contrariada pela Congregação⁴⁷ dos professores do Colégio Estadual de Sergipe. Este fato está vislumbrado na Figura 7.

Figura 7 – Ofício da Congregação do Atheneu Sergipense sobre a nomeação de Thétis Nunes para a cadeira de Geografia Geral (1946)

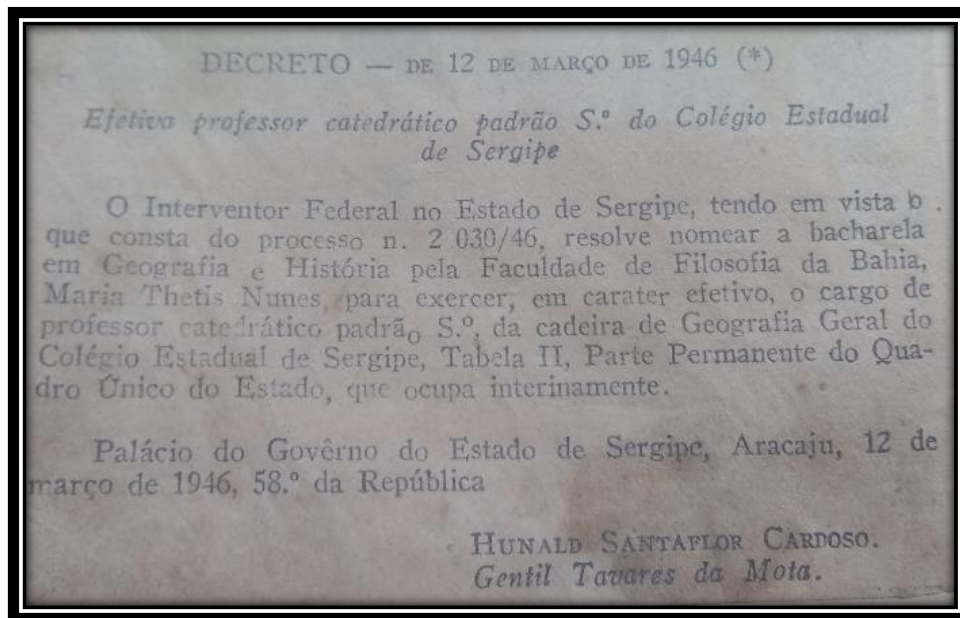


Fonte: Arquivo do CEMAS.

Consoante a Figura 7, a Figura 8, mostra o decreto que nomeou Thétis Nunes professor catedrático padrão Sº da cadeira de Geografia Geral do Atheneu Sergipense em caráter efetivo.

Figura 8 – Decreto que nomeou Thétis Nunes professor catedrático do Atheneu Sergipense (1946)

⁴⁷ Ver SANTOS, Maria Edna. **A Congregação do Atheneu Sergipense (1871-1875)**. São Cristóvão, SE, 2016. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2016.



Fonte: Acervo do CEMAS

Vale frisar que, dentre os catedráticos que ocuparam uma cadeira de Geografia no referido colégio entre os anos de 1951 a 1962, somente Maria Thétis Nunes e Cleonice Xavier de Oliveira eram licenciadas em Geografia e História; os demais tinham formação em outras áreas, assim sublinhou Oliveira (2013). Este autor também destacou que, Maria Thétis Nunes foi a primeira docente a ministrar a disciplina de Geografia Física na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, bem como na Escola Superior de Serviço Social (ESSS), ela “era a única mulher a compor o corpo docente da instituição, além de ser a única graduada na área que ali lecionava” (OLIVEIRA, 2013, p. 9). Vale ressaltar que tal feito se deu no primeiro ano de criação da FCFS em 1951, da qual foi fundadora e onde lecionou a citada disciplina entre 1951 a 1952. Posteriormente passou a lecionar História do Brasil. Maria Thétis Nunes conciliava a sala de aula com a direção do CES.

A provinciana e tímida Aracaju da década de 1950, ofertava aos seus intelectuais, filósofos, poetas e artistas plásticos como ponto de encontro as livrarias Monteiro e Regina⁴⁸. Em que pese, a livraria Regina foi fundada em 1918, por Agripino Leite, após falecer em 1939, a livraria ficou sob os cuidados do então funcionário José Apóstolo de Oliveira Neto, vindo a tornar-se sócio e posteriormente dono majoritário do estabelecimento. Durante quarenta anos a livraria dominou o mercado livreiro e foi a gráfica mais moderna, atualizada e frequentada do Estado (SANTOS, 2012). Discursaram ali figuras como: Elpídio Ribeiro

⁴⁸ Além de ponto de encontro de intelectuais, editava e vendia livros de artistas sergipanos. Também era uma das livrarias em que o Atheneu Sergipense comprava livros e revistas.

Nunes, Austrogésilo Porto (jornalista e ensaísta)⁴⁹, Nunes Mendonça (jornalista e escritor)⁵⁰, Clodoaldo Alencar (poeta)⁵¹, Eunaldo Costa (poeta)⁵², Freire Ribeiro (poeta)⁵³, Santos Souza (poeta)⁵⁴, Garcia Moreno (médico e professor)⁵⁵, Arthur Fortes (professor) e José Calazans (historiador e professor).

Figura 9 – Fachada da antiga Livraria Regina e foto atual do local

⁴⁹ Austrogésilo Santana Porto nasceu na cidade de Capela, no dia 9 de março de 1921. Filho do casal Capitulina de Santana Porto e João Guilherme de Santana. Fez os seus primeiros anos escolares em Capela, cidade na qual viveu parte da juventude. Oriundo de família pertencente à classe média, casou-se e teve cinco filhos. Autodidata, transferiu-se para Aracaju em 1944, “onde iniciou sua carreira literária, passando a ter contato com os poetas José Sampaio, Enoch Santiago Filho, Carlos Garcia, Aluysio Sampaio, Nélson de Araújo e outros” (GILFRANCISCO, s/d). Foi um dos fundadores da revista *Época* (1949) e colaborador dos periódicos *Jornal do Povo* (1945-1948) e *Folha Popular* (1954-1964).

⁵⁰ Foi também deputado estadual e professor. Consultar SOUZA, Josefa Eliana. **Em busca da democracia: a trajetória de Nunes Mendonça**. 1998. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-graduação em Educação, Pró-Reitora de Pós-graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe. Também pode consultar Nunes Mendonça – um escolanovista sergipano. Aracaju: Editora UFS/Fundação Oviêdo Teixeira, 2003.

⁵¹ Clodoaldo de Alencar nasceu na cidade de Quixadá no Ceará, no dia 2 de agosto de 1903. Filho de Cláudio Gomes e Maria Gomes de Alencar. Adotado por Sergipe, atuou como advogado provisionado, jornalista, cronista e poeta.

⁵² Eunaldo Costa nasceu em 19 de abril de 1924, na cidade de Aracaju. Filho do casal Carivaldo Costa e Maria Eunice Costa. cursou o ensino primário no Colégio Jackson Figueiredo. Ocupou a cadeira de nº 21 da Academia Sergipana de Letras. Foi servidor público e participou da fundação do Clube Sergipano de Poesia. Faleceu em 17 nov. 2000.

⁵³ João Freire Ribeiro nasceu no dia 4 de setembro de 1911, em Aracaju (SE). Filho do modesto casal José Augusto Ribeiro e D. Erundina Freire Ribeiro. Estudou na escola da professora Maria Prado, no Educandário Grêmio escolar do Dr. Evangelino de Faro. Fez o curso secundário no Atheneu Sergipense e no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora e no Colégio Salesiano do Recife. Atuou como funcionário público durante a interventoria de Augusto Maynard Gomes como oficial de Gabinete, subsecretário no Tribunal de Justiça e na secretaria da Assembleia Legislativa do Estado. Também atuou como diretor técnico da Biblioteca Pública do Estado e candidatou-se a Deputado Estadual em 1947. Foi membro do IHGSE e da Associação Sergipana de Imprensa, além de correspondente da Academia Matogrossense de Letras, vindo a ocupar a Cadeira nº 13 da Academia Sergipana de Letras. Dedicou sua vida à poesia, vindo a falecer em 24 de janeiro de 1975.

⁵⁴ José Santo Souza nasceu em 27 de janeiro de 1919, em Riachuelo (SE). Aos 13 anos, já falava de amor em seus poemas. Autodidata e poeta, viveu até os 17 anos trabalhando em farmácia na sua cidade natal. Ao mudar-se para Aracaju continuou trabalhando no ramo farmacêutico no qual aprendeu a manipular medicamentos com maestria, exerceu essa função por 26 anos. Em 1938, dedicou-se à poesia – (Urna fantástica, Rio fantasma, Balisa, dentre outras).

⁵⁵ João Batista Perez Garcia Moreno nasceu no dia 12 de dezembro de 1910, na cidade de Laranjeiras. Filho do casal Pedro Garcia Moreno e Maria Ambrosina Brandão Moreno. Iniciou o curso primário na cidade de Santos (SP). Quando sua família retornou para Sergipe fixou residência em Maruim e posteriormente mudou-se para Aracaju. Diplomou-se em 15 de dezembro de 1933, pela Faculdade de Medicina da Bahia. Na cidade do Rio de Janeiro fez especialização em clínica geral e por conseguinte dedicou-se à psiquiatria. Foi presidente da Sociedade Médica de Sergipe e da Sociedade Brasileira de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo. Atuou como professor de Antropologia Física e Psicologia Experimental, na Faculdade de Filosofia de Sergipe e de Medicina Legal e Psicologia Médica, na Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Federal de Sergipe (LEITE, 2012). Também ministrou aulas de Medicina Legal nas Faculdades de Direito das Universidades do Paraná e Bahia e na Escola Paulista de Medicina. Foi fundador da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Federal de Sergipe. Foi membro correspondente da Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Medicina Legal, além de ter sido vice-presidente da Sociedade Civil Faculdade de Medicina de Sergipe. Tornou-se professor catedrático de História Natural do Atheneu Sergipense por concurso tendo como notas: (10), (9,8), (10), (9,8) (10) e média geral (9,92).



Fonte: FILHO, José de Oliveira B. A Livraria Regina. **Aracajuantigga**, 2009. Disponível em: <http://aracajuantigga.blogspot.com/>. Acesso em: 28 dez. 2020.

Mantinham a cidade informada as rádios Difusora e Liberdade. Dentre as poucas opções de lazer ofertadas à população, deve-se mencionar os cinemas Guarany (Rua Estância com Avenida Pedro Calazans), Cine e Teatro Rio Branco (Rua João Pessoa – Atual Lojas Ipanema), Cine Rex (Rua Itabaianinha – Atual Banco do Nordeste), Cinema Vitória (Rua Itabaianinha – Atual Lojas Americanas), Cinema São Francisco (Praça Siqueira de Menezes – Bairro Santo Antônio), Cinema Tupy (Rua Simão Dias com Carlos Burlamarqui – Atualmente funciona a Panificação São Pedro) e Cinema Operário. Alguns deles eram frequentados por todas as classes sociais. Uns com espaços maiores e boas acomodações, outros menores e mais simples.

Ali se exibiam filmes românticos, de dramas, aventuras, religiosos, desenhos, animados e cowboys. Filmes exibidos geralmente aos sábados e domingos, com exceção do Cinema Guarany, que às quintas-feiras ofertava “as matinês Azul ou Cor de Rosa, em que as senhoras e senhoritas que comparecessem vestidas naquelas cores, pagavam metade do ingresso” (MELINS, 2000, p. 48), um mimo do senhor Augusto Fernandes Luz – proprietário do estabelecimento, homem bondoso e de bom coração que permitia o acesso de graça aos meninos menos abastados.

No ano de 1956, Maria Thétis Nunes foi para o Rio de Janeiro, ocasião em que representou “Sergipe na primeira turma do curso promovido pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros – ISEB” (BRITTO [et al.], 2018, p. 62), por indicação do governador do Estado, Leandro Maynard Maciel (1955-1959)⁵⁶. Na visão de Dantas (2004), Thétis Nunes

⁵⁶ Ver WYNNE, J. Pires. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: Pongetti & C, 1973.

aproveitou o ensejo para enriquecer ainda mais seu currículo e assim cursou Museologia na citada instituição. Em sua monografia (de 40 páginas) escreveu sobre os sergipanos Sílvia Romero⁵⁷ e Manuel Bomfim⁵⁸.

Por conseguinte, o governador Luiz Garcia⁵⁹ (1959-1962), que foi um dos fundadores da União Democrática Nacional, também o primeiro candidato desse partido a pleitear o governo nas eleições de 1947, perdeu o pleito para José Rollemberg Leite⁶⁰. Foi deputado Federal em 1950 e reeleito em 1954. Aos olhos de Dantas (2004), Luiz Garcia era um homem civilizado, pragmático e conservador que, durante o mandato fundou,

o Conselho de Desenvolvimento (Condese) [...] o Banco de Fomento Econômico de Sergipe, a Energipe e o Centro de Reabilitação [...] **promoveu a construção do hotel Pálace, da Rodoviária Luiz Garcia situada no centro histórico e comercial de Aracaju**; estruturou o Instituto de Previdência do Estado de Sergipe (IPES) [...] ampliou o aeroporto; apoiou decisivamente a criação da Faculdade de Medicina; ajudou na ampliação da rede escolar; criou a Secretaria da Educação, Cultura e Saúde e incentivou escritores e artistas, contribuindo para o enriquecimento do movimento cultural (DANTAS, 2004, p. 134, grifo do autor).

Grosso modo, uma das contribuições de Luiz Garcia em prol dos movimentos culturais foi ter disponibilizado Thétis Nunes ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil para dirigir o Centro de Estudos Brasileiros na cidade argentina de Rosário, instituição mantida pela Divisão Cultural do Itamaraty. Embora não englobe o marco temporal da

Ver DANTAS, José Ibarê Costa. **Os partidos políticos em Sergipe (1889-1964)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989 e DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe: República (1889-2000)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

⁵⁷ Ver RABELLO, Sylvio. **Itinerário de Sylvio Romero**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944. 260 p.

⁵⁸ Foram localizados nos bancos de dados do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes 36 trabalhos que englobam esta temática. Dentre estes ver: SANTOS, Ivan Paulo Silveira. **Manoel Bomfim: trajetória, suas críticas e concepções sobre o Brasil como nação**. 2017. 139 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

⁵⁹ Nasceu no dia 14 de outubro de 1910, em Rosário do Catete (SE). Filho do casal Antônio Garcia Sobrinho e Antônio Meneses Garcia – família de classe média. Fez o curso primário em sua cidade de origem e o os preparatórios no Atheneu Sergipense. Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Bahia no ano de 1932. Foi promotor público e ascendeu à política auxiliado por Leandro Maciel. Eleito deputado à Assembleia Constituinte de Sergipe no ano de 1934. Eleito deputado federal em quatro legislaturas (1951-1955, 1955-1959, 1967-1971, e (1971-1975). Elegeu-se governador de Sergipe, em 1958. Segundo Dantas (2004), Luiz Garcia esteve à frente do Correio de Aracaju durante o Estado Novo. Ocupou a Cadeira nº 37, da Academia Sergipana de Letras. Faleceu em 11 de agosto de 2001, em Aracaju.

⁶⁰ Nasceu em 19 de setembro de 1912, na cidade de Riachuelo (SE), e faleceu em 24 de outubro de 1996. Iniciou seus estudos em Riachuelo, posteriormente transferiu-se para o Colégio Salesiano em Aracaju. Em 1935, graduou-se Engenheiro de Minas e Civil. Atuou como professor contratado de Física, no Curso Complementar da Sessão Politécnica do Atheneu Sergipense, do qual também foi professor catedrático de Ciências Físicas e Naturais através de concurso. Foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Foi diretor geral do Departamento de Educação do Estado, diretor geral da Instrução Pública e diretor da Escola Normal. Foi governador do Estado de Sergipe entre os anos 1947-1951 e 1975-1976. Consultar perfil biográfico elaborado por Souza (2020).

pesquisa, vale tecer breves linhas a respeito de sua posse em 12 de junho de 1961. Nesse Centro ela desenvolveu funções diretivas e pedagógicas, além de lecionar História Econômica e Geografia Econômica do Brasil, na Universidade do Litoral, e Cultura Brasileira na Faculdade de Filosofia do Litoral; apresentou um programa na Rádio Nacional, enfatizando aspectos relevantes da Cultura Brasileira, conforme Santos (1999). Passados quatro anos em terras estrangeiras, trazendo na bagagem lembranças do folclore e das regiões do nordeste argentino, Maria Thétis Nunes retornou a seu país de origem.

Por fim, nesta seção e subseção foram apresentados fatos da vida de Thétis Nunes, desde sua saída de Itabaiana para Aracaju, aspectos relacionados a seu itinerário estudantil no Atheneu Pedro II, à sua trajetória universitária na Faculdade de Filosofia da Bahia. Estes fatos me deram subsídios para identificar os percursos intelectuais da professora Thétis Nunes até o momento da sua posse na direção do Atheneu Sergipense. Comungo da assertiva de Santos (1999) de que, além do seu potencial acadêmico e do seu engajamento estudantil frente as questões políticas, sociais e econômicas, estas nacionais e regionais, ela contou sim com ajuda de terceiros – nem que essa ajuda tenha sido ocasionada pelas circunstâncias do momento para passar no concurso de professor catedrático dessa importantíssima instituição de ensino secundário.

A posteriori, na seção intitulada “Assumireis e organizareis: pareceres de Maria Thétis Nunes sobre o Colégio Estadual de Sergipe”, traço o perfil de diretora de Thétis Nunes nessa instituição durante o período de 1951 a 1955. Por meio das fontes busco compreender o funcionamento e a estrutura administrativa do colégio e apresentar os agentes que se correspondiam com a instituição e qual o cenário político e social da década de 1950. Além disso, busco identificar os percalços existentes nesse estabelecimento de ensino enfrentados por Thétis Nunes no tocante às questões estruturais, econômicas e pedagógicas, tentando responder o que as correspondências expedidas e recebidas pela instituição revelam sobre o perfil de diretora de Thétis Nunes, como punia e premiava os alunos e o que a motivou a pedir demissão do cargo de diretora. Assim aponto seus esforços em organizar a principal casa de ensino secundário de Sergipe na época em voga.

3. ASSUMIREIS E ORGANIZAREIS: PARECERES DE MARIA THÉTIS NUNES SOBRE O COLÉGIO ESTADUAL DE SERGIPE

O país enfrentou, no ano de 1955, uma certa instabilidade política ocasionada por golpes, contragolpes e revoltas. Com a morte de Getúlio Vargas, assumiu o poder, o vice-presidente da República – Dr. Café Filho, deposto após sair de licença nos findo do mencionado ano por meio de um golpe orquestrado pelo general Henrique Teixeira Lott que contou com o apoio de chefes militares. Quicá, ao ver de Dantas (1989, p. 224), o discurso empreendido em nível nacional fosse liberal, “a prática dos principais líderes udenistas revelou-se autoritária”, visto que pressionaram o adiantamento das eleições, bem como tentaram impedir a posse de Juscelino Kubitscheck.

Em Sergipe, Leandro Maynard Maciel⁶¹ e seu vice, Dr. José Machado de Souza (1955-1959), conferiram a vitória aos udenistas⁶². Em seu discurso de candidatura, Leandro Maciel mostrou-se preocupado com a criteriosa situação econômica e social que assolava o Estado. Segundo o quadro apresentado pelo candidato, Sergipe encontrava-se com a economia atrasada e queda na produção, além de que o "capital sergipano encontrando sedução para emigrar, o êxodo alarmante, o homem do campo desiludido pela falta de assistência técnico-

⁶¹ Leandro Maynard Maciel nasceu na maternidade Climério de Oliveira, em Salvador (BA). Porém, por razões políticas, foi registrado natural de Rosário do Catete (SE), em 08 de dezembro de 1907. Filho do casal Leandro Ribeiro Siqueira Maciel e Anna da Silva Maynard. Na infância, devido ao envolvimento do pai na política, foi assistido por parentes maternos e posteriormente pelos pais. Enquanto criança estudou na cidade de Rosário e Japarutuba. Seu pai faleceu quando este tinha onze anos de idade. Estudou ainda no Colégio Salesiano, em Aracaju. Aos treze anos foi enviado para estudar em um colégio de religiosos em Salvador (BA). Formou-se em Engenharia na Escola Politécnica da Bahia onde revelou suas tendências de liderança por meio do envolvimento em movimentos políticos estudantis. Em 1924, casou-se na Paraíba com Marina Albuquerque, filha de Otacílio Camelo de Albuquerque – médico, professor, ator, teatrólogo e jornalista e, também, importante político da região. Atuou como auxiliar técnico do Departamento de Portos, Rios e Canais no Rio de Janeiro, sendo transferido para a Paraíba e depois para o Pará, vindo a pedir demissão após esta última transferência e mais uma vez foi favorecido pelo seu protetor, o “influente político Miguel Calmon du Pin e Almeida” (DANTAS, 2017, p. 44). Em meandros de 1926, “foi anunciado como diretor de Obras Públicas do Estado, um dos cargos de maior importância na estrutura governamental da época” (DANTAS, 2017, p. 46). Em 1929, filiou-se ao Partido Republicano de Sergipe (PRS), vindo no ano em curso a pedir exoneração do Departamento de Obras para candidatar-se a Deputado Federal, eleito no pleito de 1930, com 12.589 votos. No entanto, seu mandato durou apenas 174 dias, devido à decaída do governo de Manoel Dantas e de seus aliados. Em 07 de fevereiro de 1934, fundou o Partido Social Democrático de Sergipe (PSD). Com o golpe de 1937, teve sua agremiação extinta e seu mandato novamente foi suspenso. Após a formalização da União Nacional pela Democracia – UDN, em 1945, tornou-se outra vez líder da oposição e foi eleito Deputado Federal nas eleições do ano em curso.

⁶² Ver DANTAS, Ibarê. **Os partidos políticos em Sergipe (1889-1964)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989. 340 p.

financeira governamental, enquanto as fontes de receitas estavam esgotadas" (DANTAS, 1989, p. 225).

O futuro governador defendia como alternativa para superar as questões elencadas acima o processo de industrialização. Contudo, apontou problemas na ferrovia, na barra de estação e no campo de pouso. Em seu mandato, cumpriu algumas promessas de palanque, notadamente, também fez outras benfeitorias em prol do Estado, como bem salienta Dantas (2004):

Empenhou-se [...] para a conclusão dos trabalhos do novo aeroporto, cujas obras haviam sido iniciadas há cerca de 17 anos, e terminou inaugurando-o [...] executou a desobstrução da barra de Aracaju [...] Ampliou a rede elétrica na capital e instalou em alguns municípios a energia gerada na Usina de Paulo Afonso [...] renovou boa parte da rede d'água, construiu pontes, cerca de trezentos km de estradas e pavimentou 16 km [...] Incentivou a agricultura e pecuária. Promoveu a realização em diversos municípios de pequenos açudes. Em Aracaju demoliu o morro do Bonfim, facilitando a circulação na área. Levantou novos prédios públicos e impulsionou o processo de modernização da capital [...] Na educação melhorou o salário dos professores, construiu novas escolas e o Instituto de Educação Rui Barbosa (DANTAS, 2004, p. 130).

Não obstante, seu mandato foi marcado pela violência, sendo acusado de atos truculentos. Sucessivas transferências foram utilizadas como forma de penalizar funcionários sulbaternos vinculados a outros partidos. Fora os abusos de poderes, o cenário político da época presenciava mortes decorrentes de lutas entre famílias rivais. Abre-se ressalva para: "Crime no interior do Estado. Morte de correligionário. Crime rumoroso na Capital" (WYNNE, 1973, p. 192).

Acerca dessa assertiva, Franco (2015) alega que a sociedade brasileira como um todo viveu na década de 50 do século XX uma das fases mais atemorizantes de nossa história. Ainda de acordo com essa autora, a sociedade sergipana se viu refém dos conflitos entre os aliados da UDN contra o PSD. A saber, a UDN foi formalizada em 07 de abril de 1945, sendo Leandro Maciel a priori eleito representante do Diretório Nacional do partido, e a posteriori tornou-se o seu líder. O partido contava com o apoio de representantes de famílias "como os Franco, os Diniz, os Rolemberg, jovens advogados dos estratos médios, fazendeiros de quase todos os municípios" (DANTAS, 2004, p. 95). Conquanto, Leandro Maciel também foi o fundador da antiga agremiação do PSD, essa fundada em 07 de fevereiro de 1934 e extinta com o golpe de Estado, em 1945. Segundo Dantas (2017), a antiga União Republicana de Sergipe – URS transformou-se em PSD, agora sob a liderança de Francisco Leite Neto e

contando com o apoio “das famílias Leite, Garcez, Sobral, o pessoal mais identificado com o governo vigente, inclusive funcionários e outras autoridades municipais, entre as quais prestigiosos coronéis” (DANTAS, 2004, p. 95). Convém salientar que Francisco Leite Neto era o principal adversário de Leandro Maciel. Com isso, alguns apoiadores da antiga URS coligaram-se ao novo PSD de Francisco Leite Neto e outros à UDN de Leandro Maciel, desfazendo-se por completo a URS. De acordo com Dantas (2017, p. 117): “Enquanto os comícios aconteciam, udenistas e pessedistas se estranhavam”.

Durante o período eleitoral os moradores dos municípios sergipanos viviam momentos de terror, pois homens armados ameaçavam seus adversários e causavam desordens nas cidades. Cabos eleitorais eram contratados, e os donos e proprietários de grandes fazendas patrocinavam as campanhas eleitorais dos partidos pelos quais nutriam paixões, por outro lado rivalizavam-se com os partidos de quem eram rixados. Conforme a biografia realizada por Dantas (2017, p. 11), Leandro Maciel foi um “homem público polêmico, idolatrado e detestado, que se manteve em largo período no centro de ocorrências políticas variadas, como secretário de Estado, deputado federal, governador, candidato a vice-presidente da República, senador e líder partidário reverenciado e criticado”. Astuto, Leandro Maciel sempre procurou novas alianças, de mais a mais, aliava-se até com os seus opositores. Firmava acordos com aqueles que se comprometiam em apoiá-lo nas eleições suplementares.

Atenta ao cenário político do estado e do país, Maria Thétis Nunes, ciente de que a nomeação de diretor era de responsabilidade do Governo, sendo esse profissional, escolhido dentre os professores catedráticos da instituição, e que o futuro governador Leandro Maciel não a manteria no cargo, como também pelo cansaço e desgaste decorrente do ócio da profissão decidiu pedir demissão da direção do Colégio Estadual de Sergipe no início do ano de 1955.

Figura 10 – Thétis Nunes em seu gabinete no Colégio Estadual de Sergipe (1954)



FONTE: Acervo do IHGSE.

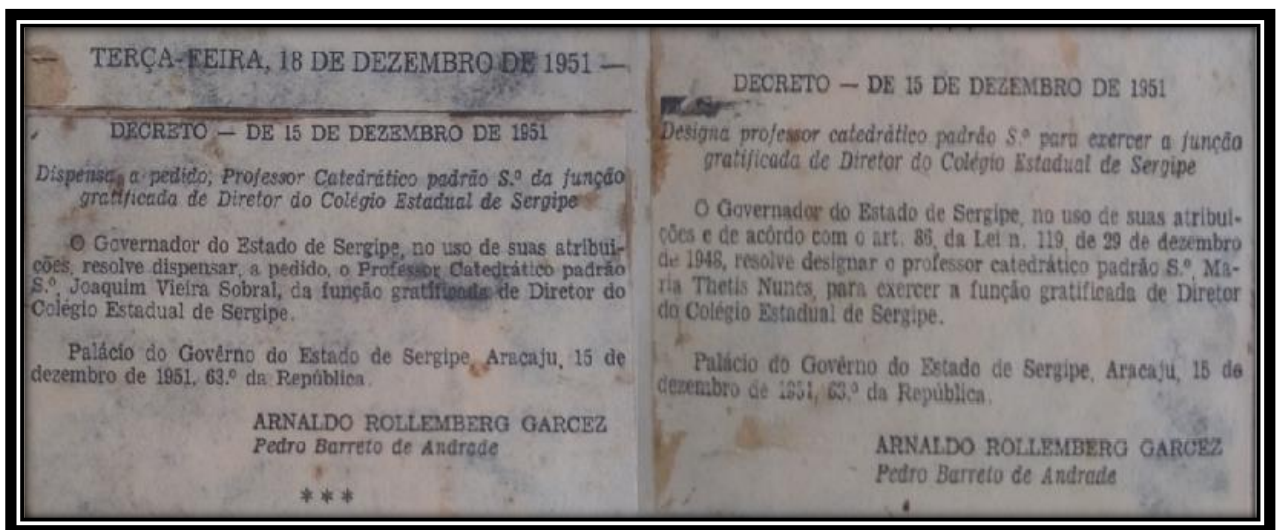
Cabe destacar que quando Thétis Nunes assumiu a direção do CES era o PSD que estava no poder, e quando ela decidiu pedir demissão era a UDN que estava no poder. Portanto, de acordo com Martires (2020), quando Thétis Nunes saiu da direção, alegando que o novo governador possivelmente não a deixaria no cargo, “é por que o novo governador Leandro Maciel era da UDN, da oposição”. Em síntese, a fala de Martires (2020) confirma o que já foi dito, isto é, que Thétis Nunes tinha “uma visão muito clara da situação política sergipana e das interferências políticas também, porque a oposição chegando ao poder não ia deixar nos cargos as pessoas atreladas à situação anterior”. Então, seguindo ao que é de praxe entre aqueles que assumem cargo comissionado, antes da mudança de governo e de uma possível dispersa do cargo, ela pediu demissão.

A vista do cansaço e do desgaste citados acima, basta recorrer à biografia realizada por Nely Santos sobre Maria Thétis Nunes. Nela, Thétis Nunes revelou que no momento em que deixou a direção da instituição estava “extremamente cansada **e sentia-se feliz**. Plena de paz de espírito, por ter cumprido a tarefa **a ela designada**, embora a sensação de alívio fosse bem mais forte. Ao acordar, no dia seguinte, custava a acreditar que era realidade” (SANTOS, 1999, p. 29, grifo do autor), tanto que ela fez uma viagem para o Sul do país a fim de espalhar as ideias e renovar as energias.

Thétis Nunes pediu demissão antes que houvesse a mudança de governo, requerimento aceito sem transtornos por parte do então governador do estado, Arnaldo Garcez. O ciclo iniciado nos fins do ano de 1951, encerrou-se ao adentrar do ano de 1955, tendo vivenciado “um contexto inteiramente favorável à implementação de suas ideias e dos seus projetos” (SANTOS, 1999, p. 30).

Era e é de praxe a quem ocupa cargos por indicação política que com a mudança/troca de partidos, que os ocupantes desses cargos sejam substituídos. Assim como Maria Thétis Nunes, o professor Joaquim Vieira pediu dispensa do cargo de diretor do CES em dezembro de 1951 vindo a professora Thétis Nunes no mesmo dia a ser designada ao cargo, como nos mostra a Figura 11.

Figura 11 – Dispensa e designação de diretor do CES (1951)



Fonte: Hemeroteca do Arquivo Público do Estado de Sergipe

O antigo prédio que abrigou o Atheneu Sergipense localizado, na Rua da Frente, carinhosamente chamado de Atheneuzinho⁶³, não mais suportava a quantidade de alunos interessados em matricular-se. Além do mais, o prédio se encontrava em estado de degradação, fazendo-se necessária uma casa nova. A nova sede foi criada em 1950, em uma quadra situada “entre as ruas Monsenhor Silveira, a oeste; Vila Cristina, a leste; e Campos ao sul [...] na porção norte, a praça que recebeu o nome, em merecida homenagem, do Dr. Graccho Cardoso” (FRANCO, 2015, p. 175). A instituição mantém as características físicas no estabelecimento até os dias atuais. No caso do Atheneuzinho, é possível compreender o

⁶³ Consultar OLIVEIRA, Lizianne Torres. **A arquitetura como palimpsesto**: análise teórica da intervenção de restauração do antigo Atheneuzinho, atual Museu da Gente Sergipana. Laranjeiras, SE, 2019. 89 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2019.

trabalho de preservação por meio dos estudos realizados por Franco (2015). As fachadas dos respectivos prédios podem ser vislumbradas nas ilustrações a seguir:

Figura 12 – Ilustração do Prédio que abrigou o Atheneu Pedro II (Atheneuzinho)



Fonte: Acervo do IHGSE.

Figura 13 – Ilustração do Prédio do Colégio Estadual de Sergipe, 1951 (Sede atual)



Fonte: Acervo do IHGSE.

A entrega oficial do novo prédio do CES ocorreu no dia 31 de dezembro de 1950.

Segundo noticiou o jornal *Diário de Sergipe*⁶⁴, esse foi, sem dúvida um dos mais relevantes empreendimentos educacionais da administração do governo do Dr. José Rollemberg Leite. O jornal noticiou ainda que as novas instalações estavam dotadas de imponentes e moderníssimas linhas arquitetônicas e que obedecia às exigências da pedagogia moderna, além de o nosso prédio estar bem aparelhado para suprir as necessidades existentes no ensino secundário do estado de Sergipe. Seu funcionamento se deu por meio do decreto nº 29.181 de janeiro de 1951.

Santos (1999) afiança que Thétis Nunes incumbiu-se da responsabilidade de arrumar essa nova casa. Projetou e arrumou o uso dos espaços, visto que, com a transferência, somente as salas de aulas estavam dispostas e em funcionamento. A ala administrativa⁶⁵ e o auditório viriam a ser “concluído e inaugurado no decorrer do governo de Arnaldo Garcez” (SANTOS, 1999, p. 30). Governo que teria vestido a camisa do Atheneu Sergipense, uma vez que todas as solicitações feitas pela diretora Thétis Nunes sempre foram atendidas por parte desse governador, quesito a ser discutido mais adiante.

Franco (2015) assegura que algumas das principais dificuldades enfrentadas pela principal casa de ensino secundário de Sergipe, no seu primeiro ano de funcionamento, foram

a inadequação do espaço destinado à prática das aulas de Educação Física, em uma área descoberta e de acesso direto à rua; a organização da biblioteca, inclusive quanto à elaboração do plano de aquisição de novas obras, de catalogação e fichamento; por fim, a montagem e modernização dos laboratórios, que necessitavam ser equiparados com novos materiais e equipamentos (FRANCO, 2015, p. 175).

Partindo dessa premissa, debruçar-me-ei a seguir nessas colocações. Para tanto, recorro às fontes documentais para mostrar as principais ações realizadas por Thétis Nunes à frente da direção da citada instituição de ensino, destacando sua importância para a história sergipana.

Marcam o início da sua gestão solicitações quanto às providências no adiantamento de Cr\$ 20.000,00 para aquisição de materiais de expediente e escolar a serem utilizados no estabelecimento, além de realização de reparos no prédio a tempo do início do ano letivo, encaminhados ao então secretário da Fazenda, Produção e Obras Públicas, Renato Cantadiano Vieira Ribeiro. Isso vai de encontro ao que foi noticiado no jornal *Diário de*

⁶⁴ *Diário de Sergipe*. Aracaju, 31 de Dezembro de 1950, p. 1. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>. Acesso em: 07 jan. 2021.

⁶⁵ Consta no (ANEXO P) imagem de Maria Thétis Nunes na inauguração da ala administrativa do Colégio Estadual de Sergipe.

Sergipe, que dizia que o colégio estava bem aparelhado.

Todavia, solicitações como essas são observadas em relatórios de antigos diretores, não somente na gestão de Thétis Nunes. A mestra em Educação Sayonara Rodrigues do Nascimento Santana, em sua dissertação **Por entre as memórias de uma instituição: o arquivo e as práticas administrativas do Atheneu Sergipense (1870-1926)**, faz-nos conhecedores das mudanças e/ou permanências na organização e conservação do arquivo do Atheneu Sergipense, bem como sua relação com as práticas administrativas entre os anos de 1870 e 1926, revelando as representações construídas pelos diretores do Atheneu da época e as determinações do Governo em relação à organização burocrática e às práticas do corpo administrativo dessa casa de ensino.

Historicamente, o ato de administrar sempre existiu, seja nos negócios públicos ou privados. No entanto, esta forma de administração que conhecemos atualmente surgiu e sofreu mutações ao longo do tempo, especialmente no final do século XIX, ao passo que acompanhava as transformações do mundo capitalista de produção, objetivando “instituir estratégias organizacionais arquitetadas para disciplinar o trabalho e dela extrair maior produtividade” (LOMBARDI, 2012, p. 23-24).

Para esse autor, as instituições escolares também instituíram um modelo burocrático de funcionamento, adaptaram os métodos e as técnicas de organização empregada nas empresas capitalistas. Emergiu nas instituições escolares a necessidade de impor regras semelhantes às existentes nas empresas, que passaram a ser regidas por normas escritas, fazendo com que surgisse uma divisão de trabalho hierarquizado pelo cargo e pelas responsabilidades.

Ao acompanhar as transformações da sociedade, a administração do sistema escolar foi constituindo-se e modificando-se. De acordo com Andreotti (2012), foi com a criação dos grupos escolares na Primeira República que se instituiu o cargo e a função de diretor de escola. Nesse período, as instituições escolares reproduziam suas formas de organização, pregava-se o discurso que era direcionado para toda a sociedade; entretanto, seu atendimento quanto à estrutura de classes era diferenciado.

Retomando à discussão sobre a importância do uso dos relatórios na pesquisa em História da Educação, Santana (2012) atesta que esse tipo de documento representa

um olhar específico do mundo escolar. Esse olhar, pela própria natureza das informações contidas na espécie documental relatório, é bem descritivo, informativo, mas também denunciativo das necessidades e dos anseios daqueles que construíram a história do ensino secundário sergipano (SANTANA, 2012, p. 78).

Por sua vez, Belloto (2006) compreende relatório como: “Exposição de ocorrências, fatos, despesas, transações ou de atividades realizadas por autoridade com finalidade de prestar conta de seus atos à autoridade superior” (BELLOTO, 2006, p. 102). Seguindo essa linha de raciocínio, o diretor, como autoridade maior do corpo burocrático escolar, e canal de comunicação entre as práticas cotidianas da instituição, tem de prestar conta de seus atos à autoridade superior, o Governo.

Nesse caso, essa exposição de ocorrências, fatos, despesas, transações e atividades prestadas pela diretora Thétis Nunes é evidenciada nos relatórios datados de 14 de janeiro de 1952 e de 10 de janeiro de 1953. No primeiro, Thétis Nunes descreveu as atividades desenvolvidas no ano de 1951, sob a gestão do professor Joaquim Vieira Sobral⁶⁶, e no segundo são relatadas as atividades desenvolvidas no ano de 1952, este sob sua gestão.

Devido ao estado de calamidade que se espalhou pelo mundo resultante da pandemia causada pelo novo coronavírus, fiquei impossibilitada de retornar às buscas por fontes. Dessa forma, não sei precisar/discernir sobre as exposições de ocorrências/fatos dos outros dois relatórios.

Fez parte da gestão de Maria Thétis Nunes como diretora do CES suas preocupações com o novo edifício destinado ao Colégio de Sergipe que encontrava-se inacabado e carente de adaptações, com algumas obras em andamentos e outras a serem realizadas, sendo necessária uma área coberta para o recreio, na qual os alunos pudessem recrear, como nos revela a ilustração a seguir.

Figura 14 – Ilustração do Pátio do Colégio Estadual de Sergipe (1950)

⁶⁶ Franco (2017), atesta que o professor já teria assumindo essa função: “Em 1º de setembro de 1935, foi nomeado para ocupar a direção do Atheneu “Pedro II”, o professor Joaquim Vieira Sobral e para a vice-direção, o professor Florentino Menezes” (FRANCO, 2017, p. 188).



Fonte: Acervo do IHGSE.

Vale lembrar que esta questão compunha a lista das principais dificuldades enfrentadas no primeiro ano de funcionamento do CES citadas por Franco (2015). Reclamações quanto à falta de estrutura é um fato recorrente nos relatórios de diretores do Atheneu Sergipense.

Santana (2012) também revelou que os diretores Aristides da Silveira Fontes e Jucundino de Souza Andrade denunciaram em seus relatórios a situação precária vivenciada pela instituição. Essa autora aponta ainda o esforço dos dirigentes em mostrar que o problema não provinha da administração, mas sim do descaso do Governo para com a educação, uma vez que, “reparos mínimos no prédio não eram feitos, solicitações de materiais básicos para as aulas não eram atendidas” (SANTANA, 2012, p. 42).

Portanto, ao analisar o primeiro relatório de Thétis Nunes enquanto diretora, evidenciou-se que um fator que muito preocupou a recém-chegada dirigente foi realmente a seção de Educação Física e é sobre esta questão que a escrita se atém mais adiante.

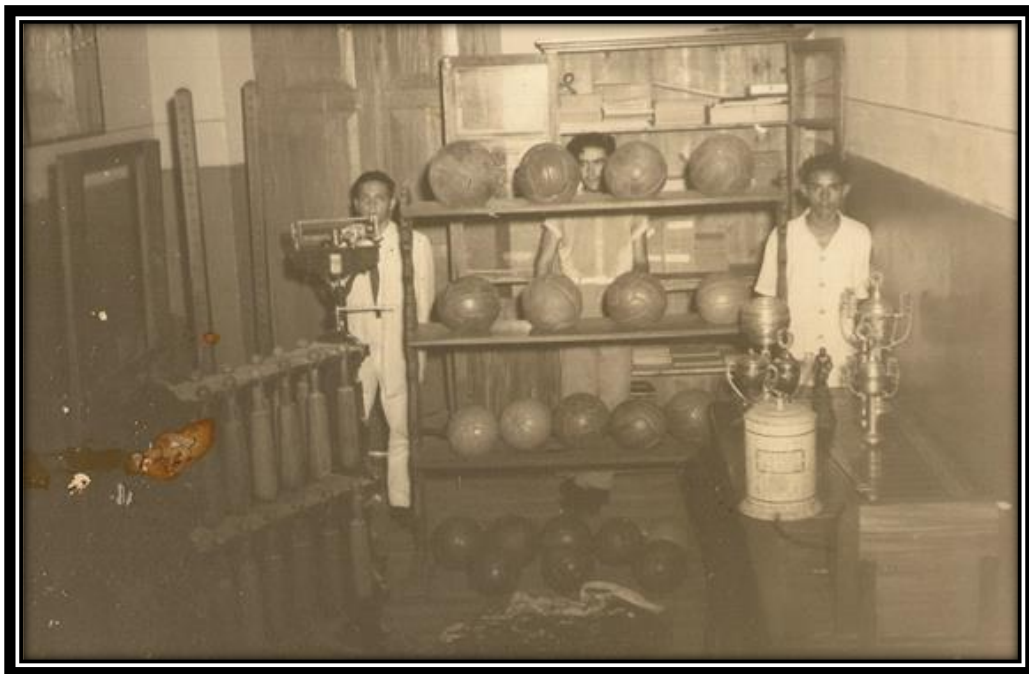
Como dito por Franco (2015) e visualizado na Figura 14, a falta de um espaço apropriado para a prática das aulas de Educação Física, de uma área coberta e de acesso direto à rua, já que não havia muros, preocupava Thétis Nunes, principalmente quanto à exposição das moças à rua. Outra questão preocupante na visão da diretora era a carência de

profissionais especializados na área.

Segundo relatório apresentado por Thétis, a realização dos exercícios físicos ocorriam de forma desordenada e em plena rua. Isso ocasionou inúmeras reclamações por parte da Inspetoria Federal junto ao CES, que teria encaminhado à gestão anterior ofícios reclamando do assunto, como também por parte de pais de alunas, que viam suas filhas sujeitas aos ditos de quem passasse pela rua. A diretora Thétis Nunes, no intuito de contornar a inexistência da quadra, requereu que fosse realizado um aterro parcial do terreno lateral do colégio, além da construção de muros no entorno da instituição, a fim de resguardar a figura das jovens alunas.

Solicitou também materiais para a seção de Educação Física, justificando que esta tinha poucos utensílios, e entre estes, alguns estavam imprestáveis para as atividades a que seriam destinados, uma vez que eram os mesmos utilizados na antiga instituição.

Figura 15 – Materiais da seção de Educação Física do Colégio Estadual de Sergipe – oriundos do antigo prédio (1949)



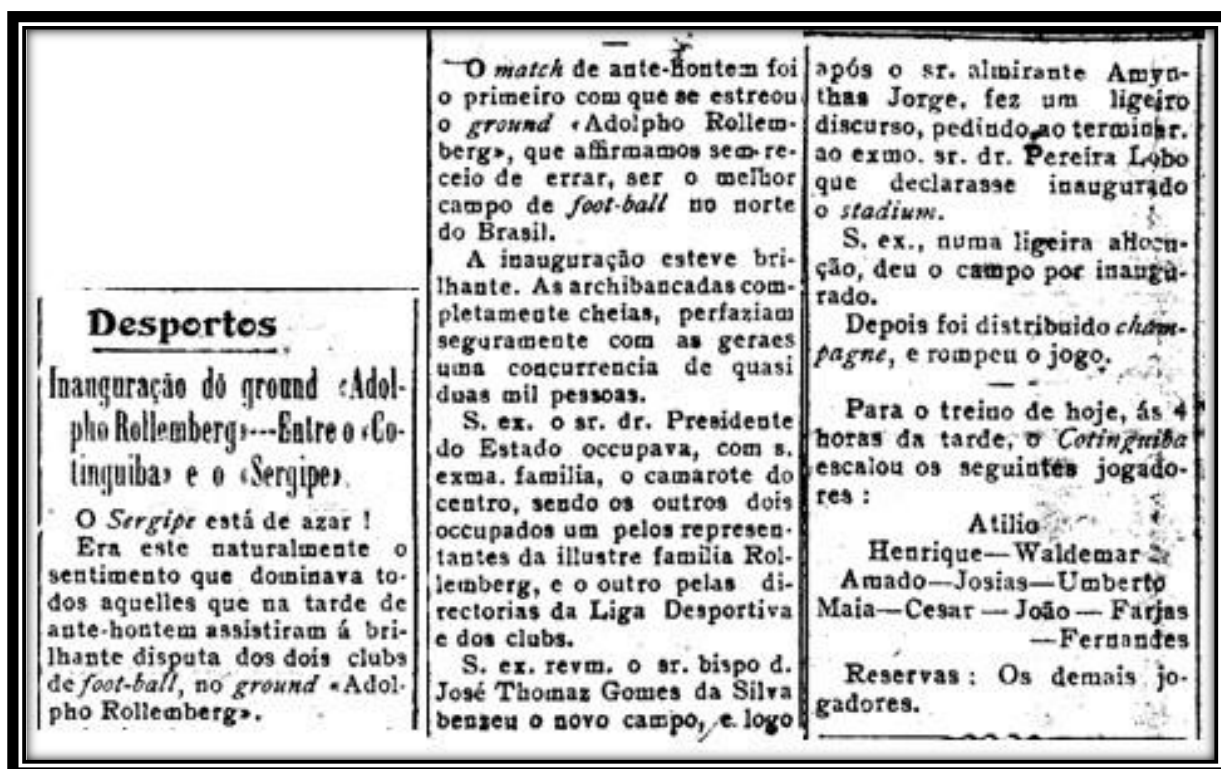
Fonte: Acervo do IHGSE.

Voltando à questão da falta da quadra de esportes, já no ano de 1953, Thétis Nunes, diante da situação, sugeriu de prontidão como solução imediata ao assunto o “aproveitamento do antigo campo de esportes Adolfo Rolemberg, não só pela sua proximidade ao Colégio, como, também, por ser o local que na planta do estabelecimento figurou como Estádio” (LIVRO DE CORRESPONDÊNCIAS – CEMAS, 1952).

Cabe informar que conforme Cabral (1955), o campo de esportes Adolpho Rollemberg

situava-se na Rua Duque de Caxias. Segundo esse autor, tratava-se de uma velha praça de esporte que, deixava muito a desejar, tanto no que concerne ao gramado como à arquibancada. Sobremaneira esse espaço era o ponto certo de encontro de centenas de pessoas apaixonadas pelo futebol. Foi inaugurado com solenidade festiva às 15h30min do dia 07 de março de 1920, após a bênção do bispo D. José e das breves palavras proferidas pelo almirante Amyntas Jorge, presidente da Liga Desportiva Sergipana.

Figura 16 – Notícia sobre a inauguração do campo de esportes Adolpho Rollemberg



Fonte: Correio de Aracaju (1920).

Retomando a discussão sobre a pratica da Educação Física, cabe considerar, então, a insuficiência de profissionais especializados na área, era inadiável, na visão da diretora

uma reforma quanto ao pessoal de Educação Física. Atualmente a Educação Física deste estabelecimento ocupa 20 pessoas, umas como extranumerárias mensalistas, outras designadas, ainda como contratadas, além do professor e dois médicos. Na sua quase totalidade, pessoas sem nenhum curso especializado (LIVRO DE CORRESPONDÊNCIAS – CEMAS, 1952).

Por conseguinte, a diretora Thétis Nunes sugeriu que, além do professor da casa, fosse contratado um assistente, cargo a ser preenchido por pessoa especializada na área. Ainda pedia que fossem extintos “os professores contratados, na sua totalidade estudantes, que criavam problemas de disciplinas” (LIVRO DE CORRESPONDÊNCIAS – CEMAS, 1953).

Importa ressaltar que na época em voga, tanto Sergipe como outros estados brasileiros, não tinham escolas que ofertassem cursos de formação de professores de Educação Física, sendo incumbidos dessa seção profissionais especializados ou não.

No parecer de Thétis Nunes, a inexistência de materiais adequados e a substituição constante de professores faziam com que os exercícios físicos não alcançassem sua real finalidade. Corroborando com sua fala, Mendonça (1958) também infere a respeito do motivo de tal disciplina não alcançar seu real objetivo.

Para esse autor, a pouca importância conferida à Educação Física se dava, possivelmente, pelo desconhecimento “prático de suas finalidades educativas ou no ceticismo quanto aos resultados, pelo modo formal de que se reveste essa atividade nas escolas, a qual, por mal orientada, não produz as consequências desejadas” (MENDONÇA, 1958, p. 122).

Ademais, a sociedade não a compreendia como “uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematizava formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança, ginástica” (SILVA & SILVA, 1998, p. 61).

Tanto que as primeiras medidas, nesse sentido, datam de 1931, por meio da reforma do ensino secundário⁶⁷ empreendida por Francisco Campos. Para Dallabrida (2009), essa reforma conferiu organicidade à cultura escolar do ensino secundário, aumentando o seguimento desse grau de ensino de cinco a sete anos de duração e modificando sua divisão em dois ciclos: fundamental, de caráter obrigatório e de formação básica, e o complementar, este, “de caráter propedêutico, ou seja, um curso preparatório conforme grau de especialização para ingresso nas faculdades de Direito, Ciências Médicas e Engenharia, durava 2 anos” (SOUZA, 2016a, p. 275). Tal reforma foi oficializada por meio do decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931, e tornou obrigatórios nos estabelecimentos de ensino secundário exercícios de educação física para todas as classes. Ainda dispunha que: “Os exercícios de educação física no Colégio Pedro II⁶⁸ ficarão a cargo dos atuais professores de ginástica e dos profissionais que para esse fim forem contratados” (BRASIL, 1931).

Menezes (1997, p. 17) assevera que “a formação do profissional de Educação Física

⁶⁷ Na visão de Dallabrida (2009), o ensino secundário era o nível de escolarização entre o curso primário e o ensino superior que, a partir da Reforma de Francisco Campos, passou a ter duração de sete anos e dois ciclos. Tratava-se de um longo ciclo de escolarização entre a escola primária e o ensino superior, que, grosso modo, era dirigido às elites e partes das classes médias. Até a década de 1950, ele era o único curso pós-primário que preparava e habilitava os estudantes para o ingresso nos cursos superiores, diferenciando-se dos cursos técnico-profissionalizantes e normal (DALLABRIDA, 2009, p. 186).

⁶⁸ Consultar FRANCO, Josevanda Mendonça. Educação Pública em Sergipe: dos primórdios ao “Atheneu Pedro II”. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. Nº 47, 2017.

somente chegou ao âmbito civil, na década de 30”, quando o Estado de São Paulo recebeu a autorização para criação da escola de Educação Física. No ano seguinte, o estado do Espírito Santo criou o Curso Especial de Educação Física, iniciando-se assim a formação do profissional de Educação Física nesses estados.

Em Sergipe, o ensino da Educação Física ocorreu de forma pioneira ao ser introduzido juntamente com o Canto Orfeônico⁶⁹ nas escolas pelo professor Manoel Franco Freire⁷⁰, diretor da Instrução Pública. Este procurando engajar na década de 30 “Sergipe ao movimento de reforma do ensino normal que ocorria naquela época, em vários estados brasileiros, dentre inúmeras ações, introduz o ensino da Educação Física e do Canto Orfeônico” (MENEZES, 1997, p. 27).

A partir de então, emergiu a necessidade de capacitar profissionais para atuar na área, principalmente “algumas professoras que lecionavam na Escola Normal” (MENEZES, 1997, p. 27). Todavia, como o Estado não ofertava esse grau de especialização por não possuir escolas de Educação Física, cabia aos interessados buscá-lo em outros estados. Dentre as figuras sergipanas que saíram do estado em busca de especializar-se na área, cito: Elodir Fontes de Carvalho e Maria Augusta Moura, como também Adalberto Campos Silva (em 1952, atuou como professor de Educação Física do Atheneu), José Carlos Barbosa e Edilberto Reis Cunha.

Ainda na década de 30 do suprarreferido século, no Rio de Janeiro, “é criada a Escola Nacional de Educação Física e Desporto (ENEFD), **cujo** objetivo **era** ser uma instituição padrão na formação do profissional de Educação Física” (MENEZES, 1997, p. 17, grifo do autor). Dentre os profissionais sergipanos que realizaram curso na ENEFD, na gestão de Thétis Nunes, cito o monitor Luiz Barbosa, que, a fim de especializar-se, na área, afastou-se

⁶⁹ SILVA, Wênia Mendonça. **A pedagogia musical do canto orfeônico e a sua configuração como disciplina escolar no Atheneu Sergipense (1931-1956)**. São Cristóvão/SE, 2019. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe, 2019.

⁷⁰ Manoel Franco Freire nasceu em 30 de julho de 1896, na cidade de Estância/SE, filho do casal João Franco Freire e Eugênia de Carvalho Freire. Morreu no dia 5 de setembro de 1996, na cidade de Aracaju. Deixou a esposa Zulmira Alcides Freire, com quem teve sete filhos. Foi professor catedrático de Geometria e Inglês do Colégio Atheneu Sergipense por mais de quarenta anos. Segundo Gilfrancisco (s/d), Manoel Franco Freire foi “diretor da Instrução Pública em dois governos; o de Manoel Dantas (1929) e de Eronides Ferreira de Carvalho (1935-1941). Era um entusiasta da educação, afinando com as modernas tendências pedagógicas da época. Compartilhava das críticas à escola tradicional e defendia a filosofia do movimento da Escola Nova”. Dentre as suas ações como diretor da Instrução Pública “modernizou o ensino no Estado, inclusive introduzindo os estudos de Canto Orfeônico e Educação Física” (GILFRANCISCO, s/d). Também se candidatou à prefeitura de Aracaju, em 1952, sob a legenda do Partido Trabalhista Nacional – PTN, e a deputado estadual por Sergipe pelo Partido Comunista Brasileiro – PCB, vindo a ser preso em outubro de 1952, sob alegação de praticar atividades subversivas.

no ano de 1952, de suas funções, sendo substituído por Maria Lourdes Menezes. Também se afastou de suas funções em 12 de março de 1953 o monitor José Carlos Freire Calazans⁷¹, aluno da 2ª série do curso científico. Seu afastamento se deu por candidatar-se a uma bolsa de estudos ofertada pela Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil. Ainda nesse ano foi contemplado também com essa bolsa o aluno José Sotero Filho.

Outra questão a ser elencada é que na época supradita a Educação Física era tida como componente curricular e não como disciplina que compunha o currículo das escolas. Aparecia como atividade complementar, como afirma Guimarães (2016).

No Atheneu Sergipense, a Educação Física, como já supramencionado, não integrava o conjunto das disciplinas, porém apresentava-se como dispositivo legal, uma vez que a frequência inferior a 75 % nessa seção seria impeditivo de prestação da prova oral em qualquer época, uma maneira de obrigar o aluno a comparecer às atividades.

Portanto, a seção de Educação Física configurou-se como uma questão de difícil solução na gestão de Thétis Nunes, tendo em vista os poucos materiais, e mesmo assim, alguns imprestáveis, restando-lhe somente solicitar verbas para a aquisição destes. Bem como, a contratação de profissionais qualificados na área, que, como visto, estava fora do seu alcance, pois o Estado não dispunha desse tipo de curso na época. Entretanto, constatou-se que Thétis Nunes empenhou-se em qualificar os profissionais que trabalhavam na casa, visto que requereu em conversa verbal com o governador, suplemento da verba nº 3.32-8.33.4-56, na importância de Cr\$ 5.000,00, a fim de fornecer uma passagem para o mencionado aluno José Sotero Filho, que estaria estudando no Rio de Janeiro por meio da concessão de uma bolsa de estudos (LIVRO DE CORRESPONDÊNCIAS – CEMAS, 1953). Percebe-se, transversalmente, nessa correspondência que de fato Thétis Nunes despachava diretamente com Arnaldo Garcez.

Retornando à questão da Educação Física, difícil mesmo foi solucionar a falta de espaço apropriado para realização dessa prática. Esse dado evidenciou-se por meio do ofício de dezembro de 1954, enviado por Maria C. S. P., médica assistente de Educação Física junto ao CES, relatando que, infelizmente, não obteve o que vinha solicitando há muito tempo – um ambiente apropriado para a prática de Educação Física –, e que por esse motivo, não tiveram

⁷¹ Ver no ANEXO E – Comunica que o professor contratado José Carlos Freire Calazans se ausentou das suas atividades para realizar o Curso de Educação Física, na Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil.

aulas práticas nos primeiros dias de outubro daquele ano. Isto fez com que as alunas não se promovessem no citado ano.

Essa assertiva é reforçada por Franco (2015, p. 178), ao revelar que no ano de 1956 haviam sido empreendidas obras de reformas no CES, referentes ao “telhado, ao muro externo, instalação hidráulica e elétrica, além da reconstrução dos bebedouros e da terraplanagem, e preparo do campo para a prática de Educação Física”. Estes fatores atestam que, por mais que Thétis Nunes tenha se esforçado para disponibilizar aos alunos uma área coberta, um espaço para recreação e a construção de um muro externo, essas obras não se concretizaram em sua gestão. Dito isso, vejamos na próxima subseção como estava constituído o corpo docente da instituição na gestão de Thétis Nunes.

3.1 UM OLHAR SOBRE O CORPO DOCENTE DO COLÉGIO ESTADUAL DE SERGIPE

[...] o professor é, na sala de aula, o porta-voz de um conteúdo escolar, que não é só um conjunto de fatos, nomes e equações, mas também uma forma de construir um conhecimento específico imbuído de sua produção histórica e de procedimentos próprios. Como principal porta-voz do conhecimento científico, é mediador por excelência do processo de aprendizagem do aluno. Busca nessa relação pedagógica também sua realização pessoal, precisa sentir que há retorno e que seu trabalho é valorizado. Se não reflete sistematicamente sobre seu fazer, repete suas vivências anteriores como aluno ou centra-se em sua relação pessoal com o conhecimento (DELIZOICOV, 2002, p. 151-152).

De acordo com Delizoicov (2002), cabe ao professor em sala de aula atuar como o porta-voz do conhecimento escolar, além de ser um mediador no processo de ensino/aprendizagem do aluno. Quiçá, os relatórios elaborados por Thétis Nunes denunciavam a precária situação dos professores do CES, especialmente no ano de 1952. Segundo ela, os porta-vozes e transmissores do conhecimento, que integravam o corpo docente da principal instituição de ensino secundário do estado, encontravam-se

sobrecarregados, com um excesso de turmas além da sua tarefa, o que talvez se explique não só pela falta de professores para determinadas disciplinas, como também devido ao alto custo da vida atual que obriga o professor que tem família a se desdobrar a fim de fazer face ao orçamento doméstico. Seria interessante, como solução para o caso, a criação de um quadro de professores extranumerários, como existe no colégio da Bahia, preenchido através de concurso (LIVRO DE CORRESPONDÊNCIAS – CEMAS, 1952).

Para entender um pouco mais sobre como o quadro de professores do Atheneu era constituído fez-se necessário retroceder um pouco no tempo. Para tanto, recorri aos dados coletados e apresentados por Souza (2016a, p. 290), pois estes apontaram que no ano de 1938, eram ministradas semanalmente 14 aulas de português; 15 de matemática; 11 de geografia; nove de inglês e francês; 12 de desenho; 10 de história da civilização; quatro de ciências físicas e naturais; cinco de canto orfeônico (música); seis de latim, de física e de química e de história natural, mostrando assim, quais eram as disciplinas ministradas pelo quadro de professores de que dispunha a instituição, quadro composto de “professores catedráticos (efetivos e interinos), de professores contratados e de auxiliares de ensino”. Em outras palavras, de acordo, com o que previam as determinações legais impostas pela Reforma Francisco Campos, a qual exigia em seu Cap. II, Art. 14, que o corpo docente deveria ser

“constituído por professores catedráticos e auxiliares de ensino. Sendo esses profissionais nomeados por decreto do Governo Federal e escolhidos entre os diplomados pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras mediante concurso de provas e títulos” (BRASIL, 1931). A mencionada lei exigia ainda, em seu Art. 15, que o concurso fosse realizado obedecendo as instruções do Ministério da Educação e Saúde Pública. Caso não houvesse profissionais diplomados pela referida Faculdade os professores dos estabelecimentos de ensino reconhecidos e/ou equiparados ao Pedro II deveriam ser “providos por concurso, nas condições estabelecidas para a escolha de catedráticos dos institutos de ensino superior, devendo ser indicados pelo Conselho Nacional de Educação os três membros da comissão examinadora estranhos à Congregação” (BRASIL, 1931). Após esse processo, o professor catedrático seria nomeado por 10 anos. Se desejasse permanecer na função teria que se submeter novamente a concurso, agora de avaliação de títulos, no qual poderiam concorrer, além dele, outros professores de ensino secundário que tivessem sido nomeados também por concurso.

Portanto, Prado (2003, p. 69) assevera que, ao reassumir a cadeira, o professor “garantia sua vitaliciedade e inamovibilidade, perdendo-os somente com o abandono do cargo ou sentença judiciária”. Após 30 anos de dedicação ao magistério, ou ao completar 65 anos de idade, poderia esse profissional requerer aposentadoria. Se desejasse, suas funções poderiam ser prorrogadas por mais cinco anos. Desse modo, para ser professor catedrático de ensino secundário na época, cabia ao profissional de educação atender às determinações legais.

Quanto aos professores catedráticos interinos⁷²,

[...] também denominado de substituto, eram nomeados em caráter provisório até que, legalmente, pudesse ser provida sua função. Estes profissionais também podiam ser substituídos pelos docentes livres da cadeira ou assistente. Na falta deles, o cargo podia ser provido por pessoa idônea, de preferência por um bacharel diplomado no Colégio Pedro II ou em estabelecimentos equiparados (SOUZA, 2016a, p. 292).

O decreto nº 21.241, de 4 de abril de 1932, previa no Art. 17 que caberia aos professores contratados orientarem e fiscalizarem, “o ensino de línguas vivas, mediante contrato firmado com o Ministério da Educação e Saúde Pública” (BRASIL, 1932). Os contratos teriam a duração de um ano, e o vencimento anual seria de doze contos, tendo esses professores auxiliares e turmas de 15 a 20 alunos. Tanto os professores contratados como os

⁷² Para Souza (2016b, p. 128), a nomeação do professor interino (substituto) “se dava em caráter provisório até que, legalmente, pudesse ser provida sua função”.

auxiliares deveriam ser nomeados pelo diretor da instituição, como também se exigia a realização de concurso.

Gustavo Capanema, ao assumir o Ministério da Educação e Saúde Pública, implementou a Lei Orgânica do Ensino Secundário e por meio do decreto-lei de nº 4.244, de 9 de abril de 1942, realizou um rearranjo no sistema de ensino secundário do país, modificando algumas questões estabelecidas pela Reforma Francisco Campos. Para Dallabrida (2009, p. 190), “houve certa revalorização do ensino humanístico e ênfase nos conteúdos nacionalistas – condicionada pela atmosfera do Estado Novo –, mas o ensino secundário não alterou substancialmente os seus propósitos e a sua estrutura”.

Souza (2016a), revelou que o primeiro indício de que a Reforma Gustavo Capanema teria sido implementada no Atheneu Sergipense foi a mudança de nomenclatura para Colégio de Sergipe, em 1942. Já a sua implementação definitiva se deu pela “extinção do curso Complementar e a criação do curso Colegial” (SOUZA, 2016a, p. 351).

A Lei Orgânica prescrevia que haveria no país os estabelecimentos de ensino secundário federais, estes mantidos diretamente pela União, e os estabelecimentos de ensino secundário equiparados, “mantidos pelos Estados ou pelo Distrito Federal” (BRASIL, 1942), além dos estabelecimentos de ensino reconhecidos, cuja responsabilidade caía sobre os municípios, “pessoa natural ou pessoa jurídica de direito privado” (BRASIL, 1942). O funcionamento desses dois tipos de estabelecimento deveria ser autorizado pelo Governo Federal. Souza (2016a) afiança que o Atheneu Sergipe foi equiparado ao Colégio Pedro II, por meio do Aviso Ministerial nº 18, de 6 de março de 1943. Assim sendo, o Atheneu Sergipense, por ser uma instituição de ensino secundário equiparada, deveria seguir o que previa realmente a lei. No entanto, no que tange aos concursos para professores, percebe-se que na prática nem sempre existiram.

A cabo de explicação, no período que abarca esta pesquisa, ainda vigorava o decreto-lei nº 4.244/42. Contudo, recorro aos estudos de Mendonça (1958), por denotar que na década de 50, do predito século, Sergipe não dispunha de um sistema educacional de ensino, mas de uma rede escolar,

produto do esforço isolado das administrações: estadual e municipais, e da iniciativa particular; esforço sem planejamento e sem unidade, sem a necessária formulação de objetivos e critérios, sem a imprescindível conjugação de recursos para uma ação comum, por isso mesmo mal orientado (MENDONÇA, 1958, p. 64).

Mendonça (1958), a fim de explicitar as oportunidades educacionais de Sergipe na época em que realizou o levantamento da situação educacional do estado, elaborou um esquema geral da rede escolar vigente. Esta rede compreendida pelo ensino civil, composto pela Educação Comum: dividida em pré-primária, primária e secundária. O governo regulava três instituições de ensino: Colégio Estadual de Sergipe, Instituto Pedagógico Rui Barbosa e a Escola Técnica de Comércio de Sergipe. Englobavam, ainda, o ensino civil: a educação especial e educação especializada. Outras duas formas de ensino existentes eram o militar e o ensino eclesiástico.

O Estado de Sergipe apresentava, no ano de 1952, uma população estimada de 661.591 habitantes. Aracaju tinha três unidades de ensino pré-primário (para crianças de quatro a seis anos). Conforme assevera Mendonça (1958), existiam ao todo no estado 755 unidades de ensino fundamental comum (curso de quatro anos para crianças de 7 a 12 anos), 12 estabelecimentos de ensino secundário, três de ensino comercial, seis de ensino normal e quatro de ensino superior.

Para Schwartzman [*et al.*] (2000), o ensino pré-primário

seria uma atribuição da família e de escolas privadas, com participação eventual dos poderes públicos, voltado principalmente para crianças pobres ou cujas mães tenham que trabalhar. O ensino primário ficava como atribuição dos estados, havendo possibilidades de diferentes padrões em diferentes estados. A participação da União seria somente supletiva e regulamentadora, exceto nas zonas de imigração estrangeira, onde a União deveria ter uma ação muito mais direta. Havia, ainda, a exigência de que os diretores de escolas particulares fossem sempre brasileiros, assim como pelo menos a metade dos professores (SCHWARTZMAN; BOMENY; COSTA, 2000, p. 200-201).

Quanto ao ensino secundário, a reforma empreendida por Capanema preconizava sua divisão em dois ciclos: o ginásial, com duração de quatro anos; e um outro compreendido por dois cursos paralelos: o curso clássico e científico, ambos com duração de três anos cada. Tinham por “objetivo consolidar a educação ministrada no curso ginásial e bem assim desenvolvê-la e aprofundá-la” (BRASIL, 1942). O curso clássico favorecia a formação intelectual além de dar maior ênfase ao conhecimento de filosofia e do estudo das letras antigas. Conquanto, no curso científico dava-se uma ênfase maior ao estudo de ciências. Na visão do ministro Capanema, o ensino secundário tinha por finalidade formar a personalidade do adolescente, socializá-lo, adaptando-o às exigências da sociedade. Melhor dizendo, “formar nos adolescentes uma sólida cultura geral, marcada pelo cultivo das humanidades

antigas e humanidades modernas e bem assim de neles acentuar e elevar a consciência patriótica e a consciência humanística” (SCHWARTZMAN [*et al.*], 2000, p. 208-209).

Logo, de acordo com os dados apresentados por Mendonça (1958), Sergipe possuía, no ano de 1953, uma unidade escolar federal, 441 estaduais, 275 municipais e 97 particulares. Ao ver do autor, o ensino pré-primário não tinha expressão significativa no estado, visto que a capital sergipana contava apenas com três unidades de jardim de infância. No que concerne ao ensino supletivo, este era “ministrado nos cursos de Educação de Adultos, em escolas particulares, geralmente pertencentes a instituições sociais e subvencionadas pelos poderes públicos, e nos cursos noturnos mantidos pela Prefeitura Municipal de Aracaju” (MENDONÇA, 1958, p. 75-76).

Grosso modo, o Estado contava, no ano de 1955, com 44 unidades de ensino de nível médio, as quais atendiam a um número estimado de 5.360 alunos matriculados, e 21 dessas escolas como dito anteriormente, eram de ensino secundário:

(16 do ciclo ginasial e 5 do ciclo colegial: 4 do curso científico e 1 do clássico); 7 de ensino comercial (2 do curso básico e do curso técnico); 7, de ensino normal; 7, de ensino industrial, e 2, de ensino agrícola (1 do curso de iniciação e 1 do curso de mestria (MENDONÇA, 1958, p. 76).

No entendimento de Mendonça (1958), as 21 escolas secundárias sergipanas da época apresentavam as mesmas características e falhas, como também os mesmos aspectos negativos de outras instituições do país. Desse total, cinco eram mantidas pelo Estado e as demais eram particulares. As deficiências apresentadas pelo autor dizem respeito às

instalações e equipamentos precários; falta de formação adequada dos professores; ensino mal orientado, expositivo e livresco, com propósitos puramente literários; programas e currículos uniformes e rígidos; ausência de orientação educacional; administração escolar autocrática; espírito rigidamente humanística, aristocrático por excelência, amparado na filosofia educacional do passado, sem qualquer ajustamento com as mudanças sociais, econômicas, tecnológicas e políticas que se processam no país (MENDONÇA, 1958, p. 78).

O estudo de Mendonça (1958) atesta ainda que essas instituições dispunham da “mesma impossibilidade de atender eficientemente aos objetivos de cada um dos cursos, especialmente, quanto ao encaminhamento dos alunos à aquisição de um instrumental de trabalho” (MENDONÇA, 1958, p. 77). Isto posto, fica evidente que tais problemas não eram exclusividade do Colégio Estadual de Sergipe.

Conquanto, as correspondências expedidas por Thétis Nunes reforçam a afirmação de Mendonça (1958) de que a falta de formação adequada dos professores caracterizava-se como

uma deficiência do sistema de ensino sergipano na época, o que explica a determinação da diretora do CES em formar um quadro de professores qualificados, além de denunciar a carência desses profissionais no citado estabelecimento de ensino.

Em vista disso, Thétis Nunes solicita de uma só vez a contratação por um ano dos seguintes professores: Jugurta Feitosa Franco, para lecionar Latim nas 3ª e 4ª séries do curso Ginásial, com doze aulas semanais, custando Cr\$ 25,00 cada aula ministrada; José Franklin, para lecionar Francês na 2ª série do ginásial, com duas aulas semanais e Geografia Geral na 1ª série ginásial, com quatro aulas semanais, custando Cr\$ 25,00 cada aula dada; Francisco Portugal, para lecionar Espanhol nas 1ª séries dos cursos clássico e científico, com oito aulas semanais, custando Cr\$ 30,00 a aula ministrada; José Fonseca Gesteira, para lecionar Matemática na 1ª série ginásial, com seis aulas semanais, custando Cr\$ 25,00 aula ministrada; Severino Uchôa, para lecionar Geografia Geral nas 1ª e 2ª séries ginásial, com doze aulas semanais, e Geografia do Brasil na 3ª série ginásial com duas aulas semanais, ambas no valor de Cr\$ 25,00 a aula dada; Maria das Graças Azevedo Melo, para lecionar História Geral na 2ª série ginásial, com dez aulas semanais, a Cr\$ 25,00 a aula ministrada; José Bonifácio Fortes Neto⁷³, para lecionar História do Brasil nas 3ª séries dos cursos clássico e científico, com seis aulas semanais, a Cr\$ 30,00 a aula ministrada; Maria José Ribeiro Teles, para lecionar Trabalhos Manuais na 2ª série, turmas D e E do curso ginásial, sendo quatro aulas por semana a Cr\$ 25, 00 por cada aula ministrada.

Também solicita a contratação de Maria Leite Melo e Joaquim Carlos de Souza para lecionarem a disciplina de Francês em turmas do curso ginásial, com duas aulas por semana, custando cada aula o valor de Cr\$ 25, 00; Walfrido Maria de Andrade para lecionar matemática em turmas do curso ginásial e curso de Colégio, e Manoel Joaquim Soares Lima para lecionar também matemática no curso ginásial (LIVRO DE CORRESPONDÊNCIAS – CEMAS, 1952). A aludida correspondência revela que os valores das aulas ministradas se diferem no que diz respeito aos cursos: ginásial Cr\$ 25, 00 e as do curso clássico e científico,

⁷³ José Bonifácio Fortes Neto nasceu no dia 26 de abril de 1926, na cidade de Aracaju (SE). Filho do casal Arício de Guimarães Fortes e Saudalina Passos Guimarães. Fez as primeiras letras no Jardim de Infância Augusto Maynard, cursou o ensino primário no Colégio Nossa Senhora da Glória, o ginásial no Colégio Tobias Barreto e o colegial no Atheneu Sergipense. Graduiu-se em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da Bahia. Especializou-se em Geografia nas Universidades do Brasil e Santa Úrsula, situadas no Rio de Janeiro. Foi redator do Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEIP-SE), por Sergipe. Atuou como promotor público, juiz de direito e do trabalho, além de procurador geral de Sergipe. Lecionou as disciplinas de História do Geral e do Brasil, nos colégios Atheneu Sergipense, Jackson de Figueiredo e na Escola Rui Barbosa. Foi um dos fundadores da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe; professor da Escola de Serviço Social de Sergipe e da Faculdade de Direito de Sergipe, bem como diretor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da UFS. Ocupou a Cadeira de nº 19, da Academia Sergipana de Letras. Também foi sócio do IHGSE e membro do Conselho Estadual de Cultura do Estado.

Cr\$ 30, 00 a aula ministrada. Em suma, ao analisar a relação de docentes do Atheneu Sergipense de 1952 a 1955, conforme prescrito no Livro de Atas (1950-1970) – CEMAS, não identifiquei o nome do professor Joaquim Carlos de Souza, citado acima, mas encontrei indícios que reforçam que as solicitações feitas por Thétis Nunes, especialmente essa com relação à contratação dos mencionados professores, foram atendidas por parte do governador, visto que o nome dos demais aparecem nas relações do corpo docente em exercício da instituição.

Em face da carência de professores constatada por Thétis Nunes ao assumir a direção do colégio, ela propõe a criação de um quadro de professores extranumerários igual ao existente no colégio da Bahia, preenchido via concurso, como previsto no Cap. V da Lei Orgânica do Ensino Secundário, no qual se exigia que o ingresso do professor de ensino secundário nos estabelecimentos de nível federal ou equiparado ocorresse mediante a prestação de concurso. No que diz respeito aos estabelecimentos reconhecidos, exigia-se do profissional de educação a realização da prova de habilitação, a ser realizada pelo Ministério da Educação.

Conforme evidenciaram as fontes, o quadro docente do CES era formado na época por professores catedráticos (efetivo e substituto), contratados e designados. Os quadros que seguem adiante, mostram como estava composto, nos anos de 1952, 1953, 1954 e 1955, o corpo docente da instituição. No que tange, ao vencimento dos professores catedráticos, Souza (2017, p. 59-60) assegura que estes recebiam “o valor de Cr\$ 2.000,00 para cumprir uma tarefa de 12 aulas semanais, com direito a aulas excedentes de 20 ou 15 cruzeiros, no valor de Cr\$ 300,00 como adicional de cada magistério, sendo um 1/3 dos vencimentos aos 25 anos e 4% de cinco anos”. Acerca dos vencimentos dos professores contratados ou designados, o autor endossa que estes recebiam o valor de “Cr\$ 15,00 e Cr\$ 20,00 no curso colegial e ginásial, não tendo direito a nenhum adicional do estabelecimento” (SOUZA, 2017, p. 60). Dito isso, vejamos como estava constituído o corpo docente do CES durante os anos de 1952, 1953, 1954 e 1955.

Quadro 4 – Corpo docente do Curso Ginásial do Colégio Estadual de Sergipe (1952, 1953, 1954 e 1955)

GINASIAL					
Nome do Professor	Matéria	Ano	Séries/Turmas	Situação Funcional	Nº do registro ou do ofício autorizando a lecionar

Alberto Bragança de Azevedo	Latim	1952	1ª ABCD e 2ª ABCD	Catedrático	D. 12.759
		1953	2ª ABC		
Antônia Melo Costa	Latim	1954	1ª AB	X	X
Artur Oliveira	Latim	1953	2ª A	Aluno da Faculdade de Filosofia de Sergipe	X
Aurea Melo	História Geral	1953	2ª ABC	Contrato	D. 4.413
		1954	2ª ABC		
		1955	2ª A-B-C		
Cândida Viana Ribeiro	Canto	1952	Todas as séries	Professora	D. 0.233
		1953			
		1954			
		1955			
Cleone Menezes	Ciências	1953	3ª ABCD	Contrato	D. 4.359 Curso FFSE
		1954	3ª D e 4ª ABC		
		1955	3ª AB		
Cleonice Xavier de Oliveira	Geografia do Brasil	1953	3ª A	Contrato	F. 4.225 Curso da Faculdade de Filosofia de Sergipe
	Geografia Hist. Geral	1954	3ª AB 4ª ABC		
	Hist. Geral Geografia	1955	1ª C e 3ª ABCD 4ª ABC		
Dalva Linhares Nou	Matemática	1952	3ª CD	Catedrático substituto	Exame de suficiência
		1953	3ª AD		
Ester Aquino Vasconcelos	Trabalhos Manuais	1952	1ª ABCDE e 2ª ABC	Professora	D. 5.605
		1953	Todas as séries		
		1954			
Felte Bezerra	Geografia do Brasil	1952	2ª E e 3ª BCD	Catedrático	D. 9.861
		1953	3ª BCD e 4ª ABC		
		1954	3ª CD e 4ª ABC		
		1955	3ª ABCD		
Fernando Barreto Nunes	História Geral	1953	3ª série	Designado	Aprovado em exame de suficiência
Gentil Tavares da Mota	Matemática	1952	4ª AB	Catedrático	D. 9.865
		1953	1ª A e 4ª B-C		
		1954	1ª A-B-C		
Gildete Lisboa	História Geral	1954	1ª ABC e 3ª C	Aluna da Faculdade de Filosofia	X
	Geografia	1955	1ª CD e 2ª A	Recém formada	
Gonçalo Rollemberg	História	1952	3ª C e 4ª AB	Catedrático	X

Leite				por concurso	
Jan Huideikoooper	Inglês	1955	3ª AB	X	Exame de suficiência Autorizado a lecionar ofício nº: 5.255/54 no G.N.S Auxiliadora
João Epifânio de Lima Neto	Latim	1955	1ª AB	Aluno do 3º ano de Filosofia	X
João Evangelista Cajueiro	Português	1952	2ª CD	Catedrático	D. 9.858
	Português Latim	1953	3ª ABCD 1ª AB; 2ª DE; 3ª C e 4ª BC		
	Português Latim	1954	1ª B e 4ª BC 3ª BCD e 4ª B		
	Português Latim	1955	3ª CD 1ª D		
João Machado Rollemberg	Matemática	1954	X	X	Autorizado a lecionar por ofício nº 8.052/1953
		1955	4ª ABC		
Joaquim Vieira Sobral	Desenho	1952	1ª DE	Catedrático	D. 9.869
	Desenho Inglês	1953	1ª BC 2ª ABC		
	Desenho Inglês	1954	3ª D e 4ª AB 2ª BC e 3ª AD		
	Inglês	1955	2ª D; 3ª CD e 4ª ABC		
José Almeida Pedroso	Latim	1955	1ª BC e 2ª A	X	Requeru exame de suficiência
José Antônio da Costa Melo	Latim	1955	4ª ABC	X	Portaria nº 113.746/54
José Augusto da Rocha Lima	Francês	1952	1ª ABCD; 2ª B; 3ª ABCD e 4ª AB	Catedrático	D. 9.859
		1953	1ª A e 4ª ABC		
	Francês Latim	1954	3ª B e 4ª ABC 1ª C e 3ª A		
	Francês	1955	2ª D e 3ª ABCD		
José Carlos de Souza	Francês	1952	2ª A	Contrato	D. 19.654 Aprovado em exame de suficiência
		1953	2ª AB		
		1954	2ª A e 3ª CD		
		1955	1ª ABC e 3ª ABC		

José Fonseca Gesteira	Matemática	1952	1ª DE	Designado	D. 11.756
		1953	2ª DE		
		1954	2ª CD e 3ª AB		
		1955	2ª ABC		
José Franklin	Francês	1952	2ª CD	Designado	D. 16
	Geo. Geral		1ª ABC		
	Inglês	1953	2ª DE		
		1955	2ª DE		
José Lima de Azevedo	Ciências	1953	4ª ABC	Contrato	Químico
		1954	3ª ABC		
José Olino de Lima Neto	Português	1952	1ª ABD; 2ª AB e 4ª AB	Catedrático	D. 11.166
	Português Latim	1953	2ª ABCDE 3ª D		
	Português	1954	3ª ABCD e 4ª A		
	Português Latim	1955	3ª AB e 4ª C 2ª BC e 3ª A		
José Vieira Menezes	Latim Francês	1952	1ª E e 2ª E 1ª E	X	X
Jugurta Feitosa Franco	Latim	1952	3ª ABCD e 4ª AB	Designado	D. 9.920
	Latim Hist. Geral	1953	1ª C e 3ª AB 3ª ABC		
	Latim	1954	2ª CD e 4ª AC		
		1955	3ª BCD		
Lucila de Oliveira Morais	Francês	1953	1ª BC e 2ª CD	Designada	D. 19.960
		1954	1ª ABC e 2ª BCD		
		1955	1ª B; 2ª AC e 4ª ABC		
Lucilo da Costa Pinto	Ciências	1952	3ª ABCD e 4ª AB	Catedrático	Concurso
		1955	3ª CD e 4ª AC		
Manuel Franco Freire	Inglês	1952	2ª ABCDE	Catedrático	D. 12.757
		1954	2ª A; 3ª BC e 4ª ABC		
		1955	2ª AC e 3ª AB		
Manuel Joaquim Soares Lima	Matemática	1952	2ª ABCD	Contrato	D. 18.839 Aprovado em exame de suficiência
		1953	2ª ABC e 3ª BC		
		1954	2ª AB e 3ª CD		
		1955	1ª ABC, 2ª D e 3ª BCD		
Manuel Ribeiro	História	1952	3ª BD	Catedrático	D. 9.973
Maria Clara Vieira Faro Passos	Geografia	1954	2ª AB	Aluna da Faculdade Filosofia	X
	Hist. Geral		3ª D		
	Hist. Geral	1955	1ª AB e 4ª ABC	Recém	

	e do Brasil			formada	
Maria das Graças de Azevedo Melo	História	1952	2ª ABCDE	Designado	X
Maria José Ribeiro Teles	Trabalho Manuais	1952	2ª DE	Contrato	X
Maria Leite Melo	Francês	1952	2ª E	Designada	Exame de suficiência
		1953	2ª E		
		1955	2ª E		
Maria Silva Sobral	Desenho	1952	2ª ABCDE, 3ª ABCD e 4ª A	Professora	D. 9.866
		1953	2ª ABCDE e 3ª BCD		
		1954	2ª ABCD; 3ª AB		
		1955	2ª ABCD e 3ª ABC		
Maria Thétis Nunes	Geografia do Brasil	1952	2ª B, 3ª A e 4ª AB	Catedrática por concurso	D. 6.643
		1953	1ª BC e 2ª A		
		1954	1ª C e 2ª D		
		1955	1ª AB e 2ª BCD		
Napoleão Agelio de Oliveira Dórea	Desenho	1952	1ª ABC e 4ª B	Catedrático	D.9.860
		1953	1ª A e 3ª A		
		1954	1ª ABC; 3ª C e 4ª C		
		1955	1ª ABCD		
Ofenisia Soares Freire	Português	1952	1ª CE; 2ª E e 3ª ABCD	Contrato	D. 12.107
		1953	1ª ABC; 2ª ABCD e 4ª ABC		
		1954	1ª AC e 2ª ABCD		
		1955	1ª CD; 2ª AB e 4ª AB		
Pe. José de Araújo Mendonça	Francês	1955	1ª CD	Catedrático interino	Exame de suficiência Catedrático interino
Rina Azaryah Barreto Nunes	Inglês	1953	3ª ABCD e 4ª ABC	Exame de suficiência	D. 9.190
		1955	3ª ABCD e 4ª ABC		
Rosa Moreira Faria	Trabalhos Manuais	1955	1ª ABCD e 2ª ABCD	X	D. 16.399
Severino Pessoa Uchôa	Geografia Geral	1952	1ª DE e 2ª ADC	Designado	D. 9.180
	História do Brasil	1953	1ª A		

	Geografia do Brasil		1ª A e 2ª BCDE		
	Geografia	1954	1ª AB		
Virginio Santana	História	1952	1ª ABCDE e 3ª A	Catedrático	D. 10.902
	História Geral e do Brasil	1953	2ª E 1ª BC e 4ª ABC		
	História do Brasil	1954	3ª A e 4ª ABC		
Walfrido Maria de Andrade	Matemática	1952	1ª ABC e 3ª AB	Contrato	D. 916
		1953	1ª BC e 4ª A		
		1955	1ª D e 3ª A		
Walter Cameron Donald	Inglês		3ª ABCD e 4ª AB	Professor	D. 9.864

Fonte: elaborado a partir de documentos do CEMAS.

Quadro 5 – Corpo docente do Curso Colegial Clássico e Científico do Colégio Estadual de Sergipe (1952, 1953, 1954 e 1955)

COLEGIAL: CLÁSSICO E CIENTÍFICO					
Nome do Professor	Matéria	Ano	Série/Turmas	Situação Funcional	Nº do registro ou do ofício autorizando a lecionar
Alberto Bragança de Azevedo	Latim	1953	1º, 2º e 3º Clássico	Catedrático	D. 12.759
Augusto Pereira de Azevedo	Matemática	1954	1º A Científico	Catedrático	D. 13.801 Químico
	Química	1955	1º ABCD; 2º AB e 3º Cient.		
Cleonice Xavier de Oliveira	Geografia do Brasil	1953	2º e 3º Clás.; 2º AB e 3º Cient.	Curso da Faculdade de Filosofia	F. 4.225
	Hist. Geral	1954	1º Clássico e 1º CD Cient.		
	Geografia		3º Clássico e 3º Científico		
	Hist. Geral Geografia	1955	1º Clássico 3º Clássico e 3º Científico		
Dalva Linhares Nou	Matemática	1952	1º; 3º Científico e 1º Clássico	Catedrático substituto	D. 19.897 Exame de suficiência
		1953	1º BCD e 2º AB		
		1954	1º BCD; 2º e 3º Científico		
		1955	1º C Científico e 2º AB		
Francisco Portugal	Espanhol	1952	1º Clássico e 1º		

Cajueiro			Científico	Catedrático	X
	Espanhol Grego	1953	1º ABCD 1º; 2 e 3º		
Felte Bezerra	Geografia Geral e do Brasil	1952	3º Clássico e 3º Científico	Catedrático	D. 9.861
		1954	1º Clássico		
		1955	1º Clássico e 1º D Científico		
Fernando Barreto Nunes	História Geral	1953	1º Clássico e 1º ABCD	Designado	Aprovado em exame de suficiência
		1954	Clássico-uma série e 2º Científico		
Gentil Tavares da Mota	Matemática	1953	1º Clássico	Catedrático	D. 9.865
Gonçalo Rollemberg Leite	História Geral e do Brasil	1952	1º e 2º Cient.	Catedrático por concurso	X
		1953	2º AB e 3º Científico; 2º e 3º Clássico		
		1954	1º ABCD; 2º Clássico e 2º Científico		
		1955	3º Clássico; 1º CD e 3º Cient.		
João Alfredo Montes	Física	1952	2º e 3º Clás.; 1º; 2º e 3º Cient.	Catedrático	D. 6.181
		1953	1º ABCD; 2º e 3º Clássico; 3º Científico		
		1954	2º e 3º Clássico e 1º Científico		
		1955	2º e 3º Clássico; 1º ABCD e 3º Científico		
João Batista Perez Garcia Moreno	História Natural	1952	3º Clássico; 2º e 3º Científico	Catedrático por concurso	D. 9.863
		1953	3º Clássico; 2º e 3º Científico		
		1954	2º e 3º Clás.; 2º e 3º Científico		
		1955	3º Clás.; 2º AB e 3º Científico		
João Evangelista Cajueiro	Latim Grego	1952	1º; 2º e 3º Clás. 1º; 2º e 3º Clás.	Catedrático	D. 9. 858 Bacharel em Letras Neolatinas. Exame de suficiência
	Grego	1954	1º e 2º Clássico		
	Português Latim Espanhol	1955	Clássico 3º Clássico 1º B Científico		

	Grego		1º; 2º e 3º Clás.		em Grego
João Machado Rollemberg	Matemática	1955	1º D Científico	X	Autorizado a lecionar por ofício nº 8.052/1953
Joaquim Vieira Sobral	Desenho	1953	2º AB e 3º Científico	Catedrático	D. 9.869
		1954	1º ABC		
		1955	2º AB e 3º Científico		
José Antônio da Costa Melo	Latim	1955	1º e 2º Clássico	X	Portaria nº 113.746/54
José Augusto da Rocha Lima	Francês	1952	1º e 2º Clássico 1º e 2º Cient.	Catedrático	D. 9.859
		1953	1º e 2º Clás. 1º ABCD e 2º AB Científico		
		1954	1º ABCD; 2º Clás. e Cient.		
		1955	1º e 2º Clássico; 1º ABCD e 2º AB Científico		
José Barreto Fontes	Matemática Química	1952	2º Científico 2º e 3º Clássico; 1º; 2º e 3º Cient.	Catedrático	P. 17.776 Engenheiro Químico
	Física Matemática	1953	2º AB Clássico 3º Científico		
	Matemática Química	1954	3º Científico 2º Clássico		
	Química	1955	2º e 3º Clássico		
José Bonifácio Fortes	História do Brasil	1952	3º Clássico 3º Científico	Designado	X
José Lima de Azevedo	Química	1953	1º ABCD	Contrato	Químico
José Olino de Lima Neto	Português	1952	1º ABC; 2º e 3º Científico	Catedrático	D. 11.166
		1953	2º AB e 3º Científico		
		1954	2º e 3º Cient.		
		1955	1º ABC e 3º Científico		
José Silvério Leite Fontes	História do Brasil	1954	2º Clássico 2º Científico	X	Exame de suficiência
Manuel Franco Freire	Inglês	1952	1º e 2º Cient.	Catedrático	D. 12.757
		1954	Todo o Curso		
		1955	1º e 2º Clás.; 1º ABCD e 2º AB Científico		

Maria Clara Vieira F. Passos	Hist. Geral e do Brasil	1955	1º AB e 2º AB Científico	Recém formada pela Faculdade de Filosofia de Sergipe	X
Maria Thétis Nunes	Geografia Geral e do Brasil	1952	1º e 2º Clássico; 1º e 2º Cient.	Catedrática	D. 6.643
		1953	1º Clássico e 1º ABCD Cient.		
		1954	1º ABCD; 2º Clássico e 2º Científico		
		1955	2º Clássico; 1º ABC e 2º AB Científico		
Mauro Taveira Magalhães	Química	1953	2º e 3º Clás.; 2º e 3º Científico	Químico	X
		1954	3º Clássico e 2º e 3º Científico		
Napoleão Agelio de Oliveira Dórea	Desenho	1952	1º; 2º e 3º Científico	Catedrático	D. 9.860
		1953	1º ABC		
		1954	1º D; 2º e 3º Científico		
Ofenisia Soares Freire	Português	1952	1º; 2º e 3º Clás.	Contrato	D. 12.107
		1953	1º; 2º e 3º Clás. e 1º ABCD		
		1954	1º; 2º e 3º Clás. 1º ABCD Científico		
		1955	2º e 3º Clás.; 2º AB Científico		
Pe. José de Araújo Mendonça	Filosofia	1955	2º e 3º Clássico; 3º Científico	Catedrático interino	X
Rina Azaryah Barreto Nunes	Inglês	1953	1º ABCD e 2º AB Clássico	Exame de suficiência	D. 9.190 D. 19.097 Obs. Dois registros
Vania Felisola	Espanhol	1954	1º Clássico e 1º ABCD Cient.	X	X
		1955	1º Clássico e 1º ACD Científico		
Virginio Santana	Filosofia	1952	2º e 3º Clássico; 3º Científico	Catedrático	D. 10.902 D. 12.760 Obs. Constam dois registros
		1953	2º e 3º Clássico; 3º Científico		
		1954	2º e 3º Clássico; 3º Científico		

Walfrido Maria de Andrade	Matemática	1952	2º e 3º Clássico	Contrato	D. 916
		1953	2º e 3º Clássico; 1º A Científico		
		1954	1º; 2º e 3º Clás.		
		1955	2º e 3º Clássico 1º AB Científico		
Walter Cameron Donald	Inglês	1952	1º e 2º Clássico	Professor	D. 9.864

Fonte: elaborado a partir de documentos do CEMAS.

Os quadros em exposição revelam quais dentre esses professores compunham a cátedra do Colégio Estadual de Sergipe: Alberto Bragança de Azevedo; Augusto Pereira de Azevedo – autorizado a fazer um curso pelo decreto de 31 março de 1950; Dalva Linhares Nou – nomeada catedrática substituta “com o afastamento para Escola de Química de Sergipe do catedrático de Matemática deste Colégio, Dr. José Rollemberg Leite” (LIVRO DE CORRESPONDÊNCIAS – CEMAS, 1952); Francisco Portugal Cajueiro; Felte Bezerra; Gentil Tavares da Mota; Gonçalo Rollemberg Leite; João Alfredo Montes; João Evangelista Cajueiro; João Batista Perez Garcia Moreno; Joaquim Vieira Sobral; José Augusto da Rocha Lima⁷⁴; José Barreto Fontes; José Olinio de Lima Neto; Lucilo da Costa Pinto; Manuel Franco Freire; Manuel Ribeiro; Maria Thétis Nunes; Napoleão Agelio de Oliveira Dores; Pe. José de Araújo Mendonça (interino), e Virginio Santana. Como explicitado, para ser professor catedrático da instituição, o docente tinha de prestar concurso, “ser nomeado por decreto e se tornar vitalício desde a posse” (SOUZA, 2016b, p. 127).

Outrossim, no documento intitulado “Relação nominal dos funcionários e extranumerários lotados na Repartição e dos que foram postos à sua disposição”, consta o nome do professor José Felix de Oliveira que se encontrava afastado das suas funções, conforme decreto de 30 junho de 1950, embora não apareça nos quadros do corpo docente em exercício nos anos de 1952, 1953, 1954 e 1955, era professor catedrático da casa. Deste modo, a citada relação nominal não é um documento em si, mas um diálogo claro entre o presente que é passado e o documento que aqui se faz presente.

⁷⁴ Nasceu no dia 22 de julho de 1897, em Gararu (SE). Filho do casal Manuel Alves Monteiro da Rocha e Laura Alves da Rocha. cursou Humanidades e Filosofia no Seminário Santa Luzia, na Bahia. Ingressou no Seminário Episcopal do Sagrado Coração de Jesus, em Aracaju, no ano de 1913. Vindo a ser ordenado sacerdote secular em 1920. Em 1930, renunciou ao sacerdócio. No ano de 1955, bacharelou-se em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia. Retornando para Aracaju atuou como professor e vice-reitor do Seminário Sagrado Coração de Jesus. Foi “secretário-geral da Cúria Episcopal, promotor do Bispado de Aracaju e capelão da fábrica Sergipe Industrial” (NASCIMENTO, 2017, p. 99). Lecionou a disciplina de História Geral na Escola Normal, no Colégio Jackson de Figueiredo e Colégio Tobias Barreto. De acordo com Nascimento (2017), foi o primeiro presidente da Academia Sergipana de Letras, bem como presidiu o IHGSE e foi secretário-geral da Associação de Cultura Franco-Brasileira. Faleceu no dia 14 de agosto de 1969, em Aracaju.

Os quadros também denota que os professores: Dalva Linhares Nou (Matemática), Jan Huideikoooper (Inglês), Fernando Barreto Nunes⁷⁵ (História e História Geral), João Evangelista Cajueiro (Grego e Espanhol), José Almeida Poderoso (Latim), José Silvério Leite Fontes⁷⁶ (História do Brasil), Manoel Joaquim Soares Lima (Matemática), Pe. José de Araújo (Francês) e Rina Azaryah Barreto Nunes (Inglês) foram aprovados em exames de suficiência para exercerem outras disciplinas. Esses exames tiveram como finalidade: “habilitar o aluno de qualquer série para promoção à série imediata” (BRASIL, 1942).

Na mencionada relação nominal, os professores Cleone Menezes (História Natural) e Cleonice Xavier de Oliveira aparecem como formados pela Faculdade de Filosofia. Já Artur Oliveira, Gildete Lisboa e Maria Clara Passos aparecem como estudantes da Faculdade de Filosofia, sendo que, na relação nominal de 1955, as duas últimas professoras aparecem como recém-formadas pela supradita faculdade. Desta maneira, percebe-se que, muito embora fosse desejo de Thétis Nunes formar um quadro de professores concursados, “a carência de professores formados para atuarem nesse estabelecimento de ensino” (OLIVEIRA, 2011, p. 24) fazia com que até mesmo estudantes fossem contratados.

Por meio dos quadros expostos anteriormente, verificou-se quais eram as disciplinas contempladas pelo currículo do Atheneu Sergipense no curso ginásial, sendo elas: canto, ciências, desenho, francês, história do Brasil, história geral, geografia, inglês, latim, matemática e trabalhos manuais, isto em observância ao já citado decreto-lei que regulamentou a Lei Orgânica do Ensino Secundário.

Por conseguinte, não foi possível visualizar nos supramencionados quadros a disciplina de Biologia, porém aparece História Natural. A Educação Física também não apareça no quadro de disciplinas por ser compreendida pela presente lei como “uma prática

⁷⁵ O ofício nº 248, datado de 29 de outubro de 1952, dá conta que Fernando Barreto Nunes (irmão de Thétis Nunes) era professor catedrático do Instituto Normal “Rui Barbosa”.

⁷⁶ José Silvério Leite Fontes nasceu no dia 06 de abril de 1924, em Aracaju (SE). Filho do casal Silvério da Silveira Fontes e Iracema Leite Fontes. Fez o curso primário e ginásial no Colégio Tobias Barreto e o curso complementar no Atheneu Sergipense. Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Bahia. Ao regressar para Aracaju, iniciou sua carreira no magistério ministrando a disciplina Economia Política na Escola de Comércio e a disciplina História do Brasil na Escola Normal e no Colégio Atheneu Sergipense. Para ocupar a cadeira de História Geral do Atheneu Sergipense defendeu em 1959, a tese “Formação de fato histórico na cultura ocidental”. Participou da fundação da Faculdade de Filosofia de Sergipe. Foi professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS) atuando no Departamento de História como docente de Filosofia e Metodologia da História, e no Departamento de Direito lecionou as disciplinas de Ética e Filosofia do Direito e Direito Internacional Público. Na gestão do governador Seixas Dória foi diretor do Atheneu Sergipense. Exerceu os cargos de procurador geral da UFS, presidente seccional da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e de conselheiro federal da OAB. Foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e ocupou a Cadeira nº 5 da Academia Sergipana de Letras, além de colaborar com a imprensa sergipana por meio de publicações de artigos nos jornais A Cruzada.

educativa obrigatória para todos os alunos, até a idade de vinte e um anos” (BRASIL, 1942), sendo ministrada seguindo os programas organizados por uma comissão geral ou especial, a ser designada pelo ministro da Educação.

De acordo com o suplemento da folha de pagamento aos professores e funcionários do CES, do ano de 1952, José de Góis Peixoto, José Carlos Freire Calazans, Maria Ester Lima Azevedo, Terezinha Hardman Mota, Paulo Silva Mendonça, Josafá Fonseca Ferreira e Fernando Mendonça foram os professores contratados para monitorar as práticas de Educação Física nesse ano. Convém salientar que na relação nominal dos funcionários de 1953, dos profissionais mencionados, só não constam os nomes de José de Góis Peixoto e Fernando Mendonça, um indicativo de que os contratos dos demais professores foram renovados. Isso não significa dizer que somente os professores supracitados se encarregaram das práticas de Educação Física, visto que as fontes revelam que alguns profissionais eram contratados por um mês ou um curto período de tempo.

Apesar de todo o empenho de Thétis Nunes em solicitar professores para o CES e em compor um quadro docente, nota-se, no Quadro 6, que não era o suficiente, como também explica sua alegação de que muitos professores ficavam sobrecarregados, pois, além das aulas das quais eram incumbidos de ministrar, ainda davam aulas suplementares.

Quadro 6 – Suplemento da folha correspondente às aulas suplementares do CES no mês de março de 1953

Nomes	Disciplinas	Nº de aulas		Importância Cr\$ ⁷⁷
		Ginásio	Colégio	
Aurea Melo	História	15		375,00
Cleone Menezes	Ciências	22		550,00
Cleonice Xavier de Oliveira	Geografia	3	8	315,00
Dalva Linhares Nou	Matemática	10		300,00
Ester de Aquino Vasconcelos	Economia Doméstica	5		125,00
Fernando Barreto Nunes	História	4	18	640,00
Francisco Portugal	Espanhol		20	600,00
Jan Huideikoooper	Inglês	22	15	1.000,00
Joaquim Vieira Sobral	Inglês	18		450,00
João Alfredo Montes	Física		13	390,00
João Evangelista Cajueiro	Latim e Grego	4	18	640,00
José Augusto da Rocha Lima	Francês	9	27	1.035,00

⁷⁷ O cruzeiro é estabelecido como padrão monetário nacional, no ano de 1942. A nova unidade correspondia a mil réis, ou seja, 1.000,00 réis = Cr\$ 1,00. Vindo a ser lançado em 1967, um novo cruzeiro, unidade transitória que equivalia a mil cruzeiros. Acessar o site da Educacional Sala de Aula para visualização de imagens da moeda brasileira. Disponível em: <http://www.educacional.com.br/reportagens/dinheiro/brasil.asp>. Acesso em: 14 abr. 2021.

José Barreto Fontes	Matemática e Física		17	510,00
José Bonifácio Fortes Neto	História do Brasil		7	210,00
José Carlos de Souza	Francês	8		200,00
José Fonseca Gesteira	Matemática	10		250,00
José Franklin	Inglês	16		400,00
José Lima Azevedo	Química e Ciências	17	24	1.145,00
José Olino de Lima Neto	Português e Latim	9	33	1.215,00
José Silvério Leite Fontes	História do Brasil		7	210,00
Jugurta Feitosa Franco	Latim e História	18		450,00
Lucila de Oliveira Moraes	Francês	6		150,00
Manoel Joaquim Soares Lima	Matemática	26		650,00
Maria Leite Melo	Francês	4		100,00
Maria Thétis Nunes	Geografia	10	22	910,00
Mauro Taveira Magalhães	Química		23	690,00
Ofenisia Soares Freire	Português	5	23	815,00
Rina Azaryah Barreto Nunes	Inglês	8	16	680,00
Severino Uchôa	Geografia e História	26		650,00
Virginio Santana	História	21		525,00
Walfrido Maria de Andrade	Matemática	18	12	810,00

Fonte: elaborado a partir de documentos do CEMAS.

Acerca do contrato do professor Jan Huideikooper, o ofício nº 101, de 06 de junho de 1953, revelou que o contrato dele vigoraria até o retorno do professor de inglês, Manuel Franco Freire, afastado das suas atividades. Ante o que já foi exposto, os professores, além de realizar as atividades em sala de aula, participavam das bancas examinadoras nos concursos para admissão de alunos e para cátedra do Atheneu Sergipense. Conforme, Souza (2016b, p. 232), no início de cada ano letivo a Congregação se reunia, e nela “os professores elaboravam suas listas de livros didáticos para serem adotados em cada série, nas diversas disciplinas do curso secundário”. Chervel (1990), ao discorrer sobre a função primeira do historiador das disciplinas escolares, que é estudar quais os conteúdos explícitos do ensino disciplinar, a saber da gramática até a aritmética escolar, aponta que:

Em cada época, o ensino dispensado pelos professores é, grosso modo, idêntico, para a mesma disciplina e para o mesmo nível. Todos os manuais ou quase todos dizem então a mesma coisa, ou quase isso. Os conceitos ensinados, a terminologia adotada, a coleção de rubricas e capítulos, a organização do corpus de conhecimentos, mesmo os exemplos utilizados ou os tipos de exercícios praticados são idênticos, com variações aproximadas (CHERVEL, 1990, p. 203).

Infelizmente, a pesquisa não sabe informar se os saberes dispensados pelos professores do CES eram idênticos. Porém, o ofício datado de 10 de maio de 1953, remetido por Hélia

Almeida, esta residente em Salvador, ao solicitar que Thétis Nunes informe os livros adotados pelo CES nas disciplinas de Latim, Francês e Inglês, tendo em vista realizar um estudo comparativo, reitera a assertiva de Chervel (1990). De antemão, o Quadro 7 revela quais foram os livros e autores adotados pela instituição para cada disciplina e série, no ano de 1952.

Quadro 7 – Livros adotados pelo Colégio Estadual de Sergipe para o ano de 1952

CURSO GINASIAL	
1ª SÉRIE	
Disciplina	Livro/Autor
Português	José Cretella Junior
Latim	Ludus Primus – Pe. Milton Luiz Valente S. J.
Francês	Novelles Leçons de Français – Henri Lanteuil
Matemática	Algacyr Munuz Maeder
História do Brasil	Haddock Lobo e Alcindo Souza
Geografia Geral	Moisés Gicovate
2ª SÉRIE	
Português	José Cretella Junior
Latim	Ludus Secundus – Pe. Milton Luiz Valente S. J.
Francês	Novelles Leçons de Français – Henri Lanteuil
Inglês	Modern English – F. Fietzschke
Matemática	Algacyr Munuz Maeder
História das Américas	Joaquim Silva e Haddock Lobo
Geografia Geral	Moisés Gicovate
3ª SÉRIE	
Português	José Cretella Junior
Latim	Ludus Tertius – Pe. Milton Luiz Valente S. J.
Francês	Novelles Leçons de Français – Henri Lanteuil
Inglês	The English Ginnasial Grammar– Hubert Coventry Bethell
Matemática	Algacyr Munuz Maeder
Ciências	Paulo Decourt e Anibal Freitas
História do Brasil	Joaquim Silva e Mário Sette
Geografia do Brasil	Moisés Gicovate
4ª SÉRIE	
Português	José Cretella Junior
Latim	Ludus Quartus – Pe. Milton Luiz Valente S. J.
Francês	Noveles Leçons de Français – Henri Lanteuil
Inglês	The English Ginassial Grammar– Hubert Coventry Bethell
Matemática	Algacyr Munuz Maeder
Ciências	Paulo Decourt e Anibal Freitas
História do Brasil	Joaquim Silva e Mário Sette
Geografia do Brasil	Moisés Gicovate
CURSO CLÁSSICO	
1ª SÉRIE	

Português (Para colégio)	José Cretella Junior
Latim	José Cretella Junior
Grego (Curso elementar)	Riemann et Goelzen
Francês	Precies de Litterature – Henri Laneteil
Inglês	The World Language of Today – Anscar Kund Jansen
Espanhol (Básico)	José Ramon Calleja Alvarez
Matemática	Algacyr Munuz Maeder
História Geral	Haddock Lobo
Geografia Geral	Moisés Gicovate e Aroldo de Azevedo
2ª SÉRIE	
Português	José Cretella Junior
Latim	José Cretella Junior
Grego (Curso elementar)	Riemann et Goelzen
Francês	Precies de Litterature – Henri Lanteuil
Inglês	English for College – Isabel Junqueira Schmidt
Filosofia	Estevão Cruz
Matemática	Algacyr Munuz Maeder
Física (1º volume)	Anibal Freitas
Química	Paulo Décourt
História Natural	Paulo Décourt
História do Brasil	Haddock Lobo
Geografia do Brasil	Aroldo de Azevedo
3ª SÉRIE	
Português	José Cretella Junior
Latim	José Cretella Junior
Grego	Riemann et Goelzer
Filosofia	Estevão Cruz
Matemática	Algacyr Munuz Maeder
Física (2º volume)	Anibal Freitas
Química	Paulo Décourt
História Natural	Paulo Décourt
História do Brasil	Vicente Tapajós
Geografia do Brasil	Aroldo de Azevedo
CURSO CIENTÍFICO	
1ª SÉRIE	
Português (Língua Portuguesa)	Geraldo de Uchôa Cintra
Francês	Precies de Litterature – Henri Lanteuil
Inglês	The World Language of Today – Anscar Kund Jansen English Modern Grammar – O. Serpa
Espanhol (Básico)	José Ramon Calleja Alvarez
Matemática	Algacyr Munuz Maeder
Física	Anibal Freitas e Hyperides Zamello

Química	Luiz Macedo e Paulo Décourt
História Geral	Haddock Lobo
Geografia Geral	Aroldo de Azevedo e Moisés Gicovatte
2ª SÉRIE	
Português (Língua Portuguesa)	Geraldo de Uchôa Cintra
Francês	Precies de Litterature – Henri Lanteuil
Inglês	English Litterature – M. S. Hall e Machado da Silva
Matemática	Algacyr Munuz Maeder e Tales de Melo
Física	Anibal Freitas e Hyperides Zamello
Química	Luiz Macedo e Paulo Décourt
História Natural	Paulo Décourt
História Geral	Haddock Lobo
Geografia Geral	Aroldo de Azevedo e Moisés Gicovatte
3ª SÉRIE	
Português (Língua Portuguesa)	Geraldo Uchôa Cintra
Filosofia	Estevão Cruz
Matemática	Algacyr Munuz Maeder
Física	Anibal Freitas
Química	Paulo Décourt
História Natural	Paulo Décourt
História do Brasil	Basilio de Magalhães
Geografia do Brasil	Aroldo de Azevedo e Moisés Gicovatte

Fonte: elaborado a partir de documentos do CEMAS.

É possível afirmar que os livros de matemática, de Algacyr Munuz Maeder, foram adotados em todas as séries dos três cursos como também que, em sua maioria, foram selecionados os mesmos autores e livros para o curso ginásial e para o curso clássico, o que não se constata no curso científico. Importa salientar que alguns desses livros encontram-se salvaguardados no arquivo do CEMAS.

Porventura, inferiu-se que o Colégio Estadual de Sergipe contou, no período estudado, com um quadro formado por excelentes professores que contribuíram para a fundação da UFS, muitos dos quais, após a fundação dessa, compuseram seu quadro docente. Essa visão foi compartilhada pelo ex-aluno Arivaldo Ferreira de Andrade e reforçada por Francisco Rollemberg. Os dois ex-alunos do CES compactuam da mesma ideia de que os professores do Atheneu Sergipense participaram da fundação da Universidade, como também “se tornaram os professores titulares dela, além do mais, que os professores do Atheneu daquela época eram notáveis. O que havia de melhor na cultura sergipana” (ROLLEMBERG, 2020).

Tereza Cerqueira da Graça, ao estudar os ginasianos de Aracaju da década de 1950, apontou que os professores da Escola Normal e do Atheneu Sergipense eram os mais referenciados pela sociedade na época. Acerca dos professores catedráticos, essa autora afirma que estes haviam “comprovado seus saberes e competências em concursos muito rigorosos que a imprensa não deixava de registrar em notas elogiosas” (GRAÇA, 2002, p. 104). Ressalta ainda que existiam entre eles figuras que se destacavam pela produção acadêmica e também por ocupar cargos elevados na administração pública, a exemplo de José Rollemberg Leite, que foi governador do Estado.

Dessa feita, a próxima seção revela as ações da diretora Thétis Nunes em prol do corpo discente do Colégio Estadual de Sergipe.

3.2 UM OLHAR SOBRE O CORPO DISCENTE DO COLÉGIO ESTADUAL DE SERGIPE

O corpo discente do Colégio Estadual de Sergipe foi também motivo de muita preocupação para a diretora Thétis Nunes. No total de 849 alunos matriculados no ano de 1951, 570 eram do curso ginásial e 279 do curso colegial. Convém frisar que, na visão da diretora, esse quantitativo de alunos era superior à capacidade que o atual edifício poderia suportar, acarretando em turmas de até 50 alunos. Chama muito atenção da diretora o elevado número de alunos que abandonaram o curso no decorrer do ano letivo, principalmente o curso de colégio, ocasionando despesas para o Estado com a criação de novas turmas.

No tocante ao aproveitamento dos estudantes, Thétis Nunes assevera ter sido pequeno em face da aprovação de cinco ou seis alunos apenas em algumas turmas. Com relação às causas referentes a esse baixo aproveitamento, a diretora relatou que:

Pelos resultados das aprovações finais já publicados no Diário Oficial do Estado, concluímos que o aproveitamento dos alunos foi pequeno, pois, turmas existem, onde só foram aprovados 5 ou 6 alunos apenas. As causas deste baixo aproveitamento são difíceis de se precisar e somente um estudo mais detalhado e profundo poderá revelar as suas causas. É o que pretendemos fazer no decorrer do corrente ano (LIVRO DE CORRESPONDÊNCIAS – CEMAS, 1952).

Segundo Franco (2015), os elevados índices de reprovação do CES não eram um fato novo, embora fossem justificados pela Congregação. Ao analisar o relatório referente às atividades administrativas do ano de 1952, principalmente no campo destinado ao corpo discente, constatou-se que a matrícula daquele ano letivo foi de 563 alunos no curso ginásial, sete a menos de que no ano anterior, e 278 no curso colegial, uma matrícula a menos que em 1951, perfazendo um total de 841 alunos, oito matrículas a menos levando em consideração as da administração passada.

No segundo relatório, igualmente como fez com o primeiro, Thétis Nunes apontou como problema de difícil solução o abandono dos alunos no decorrer do curso, notadamente no curso de Colégio. Como já dito, esse fator acarretava despesas inúteis para o Estado que, por sua vez, criava novas turmas para suprir a demanda de matrículas.

Como no primeiro relatório, Thétis Nunes relatou que não saberia precisar as causas que levaram ao baixo aproveitamento dos estudantes no ano de 1951, e que somente um estudo mais detalhado e profundo poderia revelar as causas desse problema. Conquanto, em

1952, não foi possível para Thétis Nunes realizar um estudo minucioso a respeito da questão em baila, vindo ela a sugerir como solução imediata “o exame de seleção, como faz o Colégio Pedro II e outros estabelecimentos congêneres, para o ingresso no curso colegial” (LIVRO DE CORRESPONDÊNCIAS – CEMAS, 1952).

Corroborando com Mendonça (1958), Thétis Nunes apontou como principais causas para o recorrente problema “o curso primário mal feito, o espírito da nossa época, a falta de cooperação dos pais, falhas no sistema educacional, predomínio do ensino teórico” (LIVRO DE CORRESPONDÊNCIAS – CEMAS, 1952).

Entretanto, a situação financeira da família também deve ser levada em conta, pois, para Santos (1999), o ingresso do aluno “menos aquinhado” no Atheneu Sergipense era bastante difícil, bem como para manter-se nele, uma vez que, apesar de configurar-se como um estabelecimento de ensino público, cabia à família “arcar com as despesas de fardamento, do material escolar etc. Diga-se de passagem, por menores que fossem, comprometiam os pequenos rendimentos familiares” (SANTOS, 1999, p. 30).

Franco (2015) assevera que no ano de 1953, a situação na instituição não era diferente. Havia 537 alunos matriculados no curso Ginásial, 254 no curso Científico e 68 alunos no curso Clássico. Segunda essa autora, os altos índices de reprovação se mantinham, e o acréscimo no número de matrícula “exigia o avanço das obras de complementação das instalações físicas do prédio” (FRANCO, 2015, p. 176). Com relação ao quantitativo de matrículas do primeiro semestre de 1954 e de 1955, seguem ilustradas no Quadro 8 e no Quadro 9.

Quadro 8 – Matrículas do 1º semestre de 1954

		1º CICLO			2º CICLO					
		Mas.	Fem.	Total	Curso Comum			Curso Científico		
		Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total
Manhã	1ª Série	74	28	102						
	2ª Série	77	51	128						
	3ª Série	86	50	136						
	4ª Série	53	52	105						
	Total	290	181	471						
Tarde		Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total
	1ª Série						37			170
	2ª Série						19			42
	3ª Série						16			41
	Total						72			253
TOTAL GERAL: 796										

Fonte: elaborado a partir de documentos do CEMAS.

Quadro 9 – Matrículas do 1º semestre de 1955

		1º CICLO			2º CICLO					
					Curso Comum			Curso Científico		
		Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total
Manhã	1ª Série	101	35	136						
	2ª Série	104	45	149						
	3ª Série	103	63	166						
	4ª Série	48	40	88						
	Total	356	183	539						
Tarde		Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total	Mas.	Fem.	Total
	1ª Série				15	21	36	90	73	163
	2ª Série				05	07	12	51	38	89
	3ª Série				06	10	16	14	18	32
	Total: 348				26	38	64	155	129	284
TOTAL GERAL: 887										

Fonte: elaborado a partir de documentos do CEMAS.

No ano de 1954, foram matriculados nos cursos ginásial e colegial 804 alunos, sendo dois dos quais foram transferidos e seis cancelaram suas matrículas, perfazendo o total de 796 alunos matriculados no Colégio Estadual de Sergipe. Em 1955, houve 91 matrículas a mais que no ano anterior, perfazendo um quantitativo de 887 matrículas.

Na portaria nº 21, de 30 de dezembro de 1953, Thétis Nunes deixou claro que o número de pedido de transferências de outros estabelecimentos ultrapassava as possibilidades de matrículas do curso ginásial ofertado pelo Colégio Estadual de Sergipe, tornando-se, pois, difícil, sem um critério prático e justo, atender todas as solicitações. Isso ocorreu devido ao fato de que a aprovação de alunos transferidos no ano findo foi mínima e que outros estabelecimentos oficiais de ensino, a exemplo do Pedro II, adotavam criteriosamente os exames de seleção para receber transferências.

Por isso resolveu que haveria na instituição exame de seleção para os alunos que desejassem se transferir para o curso ginásial. Tal exame seria realizado a partir do dia 15 de fevereiro de 1954, por meio de provas escritas que contemplariam o programa da série cursada pelo estudante. Os candidatos que desejassem matricular-se na 2ª série realizariam uma prova de português e matemática; os desejosos da 3ª série, prova de português, matemática e francês, e os da 4ª série, prova de português, matemática, francês e inglês. Seriam aprovados os alunos que obtivessem nota superior ou igual a quatro em todas as disciplinas, seguindo a ordem de classificação do aluno e ao número de vagas.

3.2.1 Tempos de recordar: ações de incentivo da diretora Thétis Nunes para com os alunos do Colégio Estadual de Sergipe

No discurso proferido por Thétis Nunes na sessão solene da Academia Sergipana de Letras, em 2003, ela recordou um fato que muito a marcou enquanto diretora do Colégio Estadual de Sergipe. Este fato diz respeito ao nível de intolerância do governador Arnaldo Garcez para com os atos de manifestações realizadas pelos ativistas, sindicalistas, não comunistas e comunistas. Outrossim, o setor antivarguista do exército realizou operações repressivas pelo Estado contra a sociedade civil, na qual prenderam pessoas vinculadas ao Partido Comunista (DANTAS, 2004).

Segundo a diretora Thétis Nunes, no ano de 1953, “a reação ensaiava apoderar-se do poder no Brasil, sob o pretexto de uma ameaça comunista, a qual, diziam, partia de Sergipe. Enfrentei, o Coronel que queria entrar no estabelecimento para prender dois alunos, que ele dizia serem comunistas” (NUNES, 2003, p. 236).

Essa fala de Thétis Nunes coincide com a do ex-aluno Francisco Guimarães Rollemberg que quando perguntado na entrevista concebida a pesquisadora Adriana Andrade, qual fato lhe marcou enquanto aluno do CES?. Respondeu de prontidão que “foi a tentativa do exército de invadir o Atheneu a fim de prender alunos, e a Thétis Nunes reagiu e não permitiu que as tropas militares invadissem o colégio e os prendessem. O exército respeitou a postura dela e não invadiu o Atheneu”. O recuou do coronel se deu por meio da postura forte de Thétis Nunes, sob a alegação desta de que, se ele invadissem o estabelecimento para prender os dois alunos, ela encaminharia seu pedido de demissão ao governador.

Como já mencionado, ela aceitou o cargo mediante a condição de despachar diretamente com o governador. Ao tecer considerações sobre esse assunto, o professor Genivaldo Martires (2020), menciona que na ocasião valia a ordem do governador. Thétis Nunes era uma mulher de convicções claras, e assim não permitiria que passassem por cima da ordem do governador, “pois estariam passando por cima do poder dela. É uma questão de autonomia administrativa. É claro que quem for falar do assunto não vai se ater à questão da autonomia administrativa, mas, sim, à questão social de defesa dos estudantes e tal” (MARTIRES, 2020). Defendo o argumento de que na ocasião Maria Thétis Nunes valeu-se do poder simbólico a ela conferido pelo governador, aquele “poder quase mágico que **a permitiu**

obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), **isso** graças ao efeito específico de mobilização **que** só se exerce se for reconhecido”, poder esse defendido por Bourdieu (1989, p. 14, grifo do autor).

Partindo do precedente das ações de incentivos da diretora perante a classe discente do CES, importa ressaltar sua atuação face ao Grêmio Literário Clodomir Silva⁷⁸, sociedade cultural literária criada nos findos de 1933 por um grupo de alunos do então Colégio Atheneu Pedro II. O grêmio foi inaugurado em 10 de janeiro de 1934. Recebeu essa denominação em homenagem ao saudoso professor Clodomir Silva⁷⁹ que havia falecido em 1932.

A criação dessa entidade literária contou com a autorização e apoio de Joaquim Vieira Sobral, que naquele momento estava à frente da direção dessa renomada casa de ensino secundário. Todavia, de acordo com Rodrigues (2015),

não foi localizado nenhum registro que comprovasse que o referido professor, no ano de 1934, respondia pela direção da instituição. É possível que, no momento da criação do Grêmio Literário Clodomir Silva, o professor Joaquim Vieira Sobral tivesse assumido o cargo de diretor interino, uma vez que, de acordo as fontes consultadas, o diretor efetivo, João Andrade Carvalho, afastou-se por diversas vezes do cargo para tratamento de saúde deixando a direção do colégio sob a responsabilidade de um professor (RODRIGUES, 2015, p. 132).

Os cargos da diretoria do Grêmio no ato de sua criação foram ocupados provisoriamente pelos alunos Lauro Fontes, que assumiu como presidente; João Simões dos Reis – vice-presidente; Joel Silveira⁸⁰ – secretário, posteriormente presidente; e Silvio Rocha – orador. Vale destacar os nomes dos alunos Paulo Reis e Lyses Campos dentre os

⁷⁸ Ver RODRIGUES, Simone Paixão. **Com a palavra, os alunos**: associativismo discente no Grêmio Literário Clodomir Silva (1934 - 1956). 2015. 337 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

⁷⁹ Clodomir de Souza e Silva nasceu no dia 20 de fevereiro de 1892, em Aracaju. Filho do casal Eugênio José da Silva e Argemira de São Pedro e Silva. Foi aluno e também professor adjunto da cadeira de português do Atheneu Sergipense. Lecionou ainda na Escola Técnica Conselheiro Orlando. Atuou como redator do jornal oficial do Estado, intitulado O Estado de Sergipe. Foi um dos fundadores do jornal O Necdalus, além de diretor e redator do jornal Correio de Aracaju. Redigiu em Aracaju, segundo Guaraná (1925, p. 103), “diversos periódicos literários e humorísticos, entre os quais: O Tagarela, A Rua, A Trombeta, O Espião, Vida Sergipana, Helianto e A Semana. Tem usado na imprensa os pseudônimos Essiele e João das Cubas”. Foi ainda redator do Sergipe Jornal; diretor do jornal A Folha e aluno do quarto ano da Faculdade de Direito do Recife. Foi membro substituto do Conselho Superior de Ensino e eleito deputado estadual para a legislatura de 1920 a 1922.

⁸⁰ Nasceu em 23 de setembro de 1918, na cidade de Lagarto (SE). Foi aluno do Atheneu Sergipense e um dos fundadores do Grêmio Literário Clodomir Silva. Aos 19 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro, local no qual trabalhou com grandes publicações, a exemplo dos jornais O Cruzeiro, Diretrizes, Última Hora, O Estado de S. Paulo, Correio da Manhã e revista Manchete. Foi repórter correspondente na Itália durante a Segunda Guerra Mundial. Atuou mais de 60 anos como jornalista e também se destacou como escritor pelos mais de 40 livros lançados. Recebeu os prêmios Líbero Badaró, Esso Especial, Jabuti, Golfinho de Ouro e Machado de Assis, o mais importante da Academia Brasileira de Letras. Faleceu no mês de agosto do ano de 2007, no Rio de Janeiro.

colaboradores e membros do órgão que se reuniam duas vezes por semana, mais precisamente às terças e sextas-feiras, por volta das 17h. Os encontros ocorriam sempre após a última aula. Nas reuniões discutiam-se literatura e os problemas que afligiam os homens daquela época.

Vinculado ao Grêmio Literário Clodomir Silva, foi criado em meados dos anos 1934 o jornal estudantil “A Voz do Atheneu”, dirigido por Joel Silveira com a colaboração de Jaguanharo Passos. Preenchiam as poucas páginas do citado jornal artigos relacionados a política local e nacional, poemas e homenagens *in memoriam* dedicados aos seus associados, notas sobre as ações dos integralistas e anti-integralistas em Sergipe, além de discursos sobre a intelectualidade do Atheneu Sergipense.

Ao debruçar-se sobre os escritos de Gilfrancisco (2019) e Rodrigues (2015), notou-se que estes dois autores apontam momentos de paralisação e continuidade das atividades do referido grêmio. Isto posto, justifica o porquê de não haver em circulação nenhum jornal quando Thétis Nunes assumiu a direção do colégio, vindo ela a solicitar verba ao secretário da Fazenda, Produção e Obras Públicas, Renato Cantidiano Vieira Ribeiro, em maio de 1952, na proposta orçamentária referente ao exercício do ano de 1953. Nessa proposta, a diretora propõe subvenção ao Grêmio Clodomir Silva, “órgão representativo da classe estudantil, **alegando que a presente verba possibilitaria**, pelo ao menos, a saída de um jornalzinho anual” (LIVRO DE CORRESPONDÊNCIAS – CEMAS, 1952, grifo do autor). Foi identificado na proposta orçamentária referente ao ano de 1954, expedida em 29 de abril de 1953, que Thétis Nunes novamente pediu subvenção ao Grêmio sob a mesma alegação de que tal verba possibilitaria, “pelo menos, a saída de um jornalzinho anual” (LIVRO DE CORRESPONDÊNCIAS – CEMAS, 1953). Não identifiquei⁸¹ entre as correspondências expedidas e recebidas do Atheneu Sergipense nenhum documento que ateste o recebimento desse recurso financeiro; porém o jornal voltou a circular em maio de 1953, como evidenciou Gilfrancisco (2019) ao relatar que a

estudentada do Colégio Estadual, especialmente a Diretoria do Grêmio daquele estabelecimento, está bastante satisfeita, com a notícia de que o presidente do G.C.C.S., em palestra com a Diretora da Casa a Ilm^a Prof.^a Maria Thétis Nunes, soube dos propósitos da diretoria, em fazer, sair, em breves dias, um jornal, que será o órgão oficial do G.C.C.S. e defensor dos estudantes do tradicional Colégio. Ao que sabemos, o jornal do CES será batizado com o nome do O Atheneu. A turma estudiosa recebeu com alegrias a atitude da Prof.^a Maria Thétis, a diretora que tem conseguido dar novos rumos àquela Casa e o colega Souza Ramos, já fizeram sentir junto à

⁸¹ Não encontrei, mas isso não significa que não exista tal documento, pois, devido à pandemia, o acervo do CEMAS se encontra com as portas fechadas. Por causa deste fato as buscas por fontes foram suspensas.

Direção, o prazer, o contentamento do Grêmio em o aparecimento d'O Atheneu. A Prof.^a Thétis, à diretoria do Grêmio Cultural Clodomir Silva e aos estudantes do Colégio Estadual, os nossos parabéns pela ordem em que se encontra atualmente o Colégio e pelo aparecimento d'O Atheneu (GILFRANCISCO, 2019, p. 347).

Outrossim, além disso, compartilho da mesma ideia, no sentido de que, “para o historiador, o documento atinge valor pela teia social que o envolve e pelo que revela de mais amplo de uma época e de uma sociedade” (KARNAL & TASTCH, 2011, p. 21). E foi isso que fez o pesquisador Gilfrancisco (2019).

Ademais, Thétis Nunes, como bem acentuou Santos (1999, p. 31), acreditava “no papel educativo do jornal, enquanto fonte geratriz de ideias, formador de opinião e descobridor de jornalistas”. Tanto que não poupou esforços para que esse voltasse a circular na instituição. Santos (1999, p. 31), pontuou que o desejo de Thétis Nunes “se materializou quando, em maio de 1954, saiu a primeira edição do jornal O Atheneu, sob a direção do estudante José Joaquim d'Avila Melo, então presidente do Grêmio Estudantil Clodomir Silva. No entanto, em uma passagem do texto de Gilfrancisco (2019) notabiliza-se que a primeira edição do jornal teria saído em 1953 e não em 1954.

O Ateneu (órgão oficial do Grêmio Cultural Clodomir Silva), Ano I, nº1, 7 de setembro, 1953. Neste ano, Antônio Souza Ramos foi reconduzido à Presidência do Grêmio Cultural e diretor do jornal Atheneu (Colégio Estadual de Sergipe): “Depois de uma das mais agitadas campanhas eleitorais, já realizadas no Colégio Estadual, conseguiu, como muitos esperavam, os louros da vitória, o nosso estimado colega e diretor deste órgão, Antônio Souza Ramos. O pleito, apesar de disputadíssimo e do interesse das partes contendoras, decorreu na mais perfeita ordem, sob a presidência do colega José Jorge Santos Mesquita, que, após a apuração, declarou em presença da Ilm^a profa. Maria Thétis Nunes, diretora do estabelecimento, do Ilustre prof. Napoleão Agílio Dória e de vários estudantes, a vitória da chapa ‘Conservadora’, o que foi aceito por todos os presentes, partidários e adversários e chapa vencedora. Porém algumas horas depois da apuração o presidente da chapa derrotada interpôs recurso (inconstitucional e intempestivo) contra a eleição do colega Ramos, ao presidente em exercício do Grêmio, que em decisão acertada e baseado nos princípios constitucionais não conheceu do recurso, ficando assim, de pé a vontade livre e soberana da maioria dos colegas atheneuense (GILFRANCISCO, 2019, p. 348).

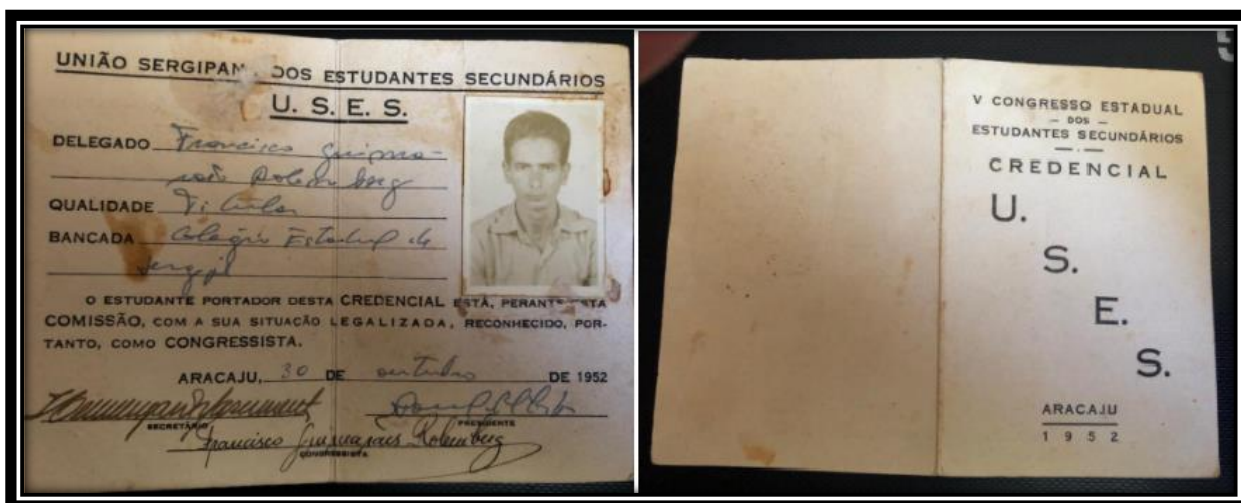
No tocante à campanha eleitoral do grêmio Clodomir Silva, à qual, o texto acima faz alusão, evidenciou-se que o aluno José Joaquim d'Avila Melo encaminhou ofício à diretoria do CES pedindo recurso de interposição contra a eleição ocorrida para diretoria do mencionado órgão literário, obtendo como resposta de Thétis Nunes “que o Diretor deve estar

acima das agitações partidárias que, como é natural, surgem no decorrer de qualquer pleito" (LIVRO DE CORRESPONDÊNCIAS – CEMAS, 1952). Portanto, qualquer que fosse sua decisão enquanto regente do supradito colégio, no mencionado recurso ela poderia ser mal interpretada. Para ela, caberia ao diretor “se manter dentro da imparcialidade que até o **momento vinha** seguindo, acatando e prestigiando qualquer chapa vencedora, só intervindo quando **as ações fossem** de encontro à disciplina da casa” (LIVRO DE CORRESPONDÊNCIAS – CEMAS, 1952, grifo do autor).

O ex-aluno Francisco Rollemberg (2020) revelou que ele e os colegas do CES faziam política estudantil. Inclusive, havia aqueles que eram da direita e da esquerda, isso em 1951 e 1952, período no qual ele estudou na instituição. Ademais, segundo Francisco, não lhes era proibido fazer política estudantil e nelas eles debatiam/discutiam

[...] uma série de coisas. A professora Thétis não nos proibia em coisa alguma. E nós éramos filiados da União de Estudantes Secundários de Sergipe e eu no meu segundo ano de Atheneu, fui eleito para representar o Atheneu no Congresso da UFS, em 1952 (ROLLEMBERG, 2020).

Figura 17 – Credencial do estudante Francisco Guimarães Rollemberg como membro da União Sergipana dos Estudantes Secundários – USES (1952)



Fonte: Disponibilizada pelo ex-aluno.

Outrossim, o ex-aluno Arivaldo Ferreira de Andrade assevera que Thétis Nunes percorria todo o prédio do CES, andava pelos corredores de sala em sala, mas, é claro, sem interromper as aulas dos demais colegas de profissão. De acordo com o ex-aluno Arivaldo,

[...] ela ficava praticamente na porta do edifício do Atheneu, olhando cada aluno que entrava, para que cada um se portasse dignamente com a sua farda toda colocada, abotoada e os alunos poderiam sentir que ela, além de ser a professora que foi. Era uma diretora atenta para a imagem dos seus alunos.

Quanto a esses alunos foi uma época excelente (Arivaldo Ferreira de Andrade – entrevista concebida no dia 20 de agosto de 2020).

Conforme, menciona Alves (2012), o uso do uniforme por parte dos alunos do Colégio constituía-se como uma norma regimentar da instituição. Assim sendo, aquele aluno que não se portasse com o devido respeito ou fizesse mau uso do uniforme estava sujeito a punições.

Acerca do simbolismo atribuído ao fardamento escolar, Graça (2002) denotou que:

Mesmo no primário, a força simbólica do fardamento era tão importante que até as instituições filantrópicas anunciavam a sua doação indicando a cor, o modelo e, até, o tipo de tecido. Era um distintivo que valia a pena ser propagado. Por serem distintivo representativo da ordem e da disciplina, as escolas esmeravam-se em adotar modelos sóbrios, rico em detalhes e nada confortáveis. A cada grau de escolaridade alcançado pelo aluno correspondia um fardamento mais “trabalhado” nesses elementos – representava o distinto social que marcava o “status quo” dos estudantes dentro de uma mesma unidade de ensino (GRAÇA, 2002, p. 80).

Diante da impossibilidade do contato físico, se fez imperioso o contato virtual, no qual, notei, que a fala do aluno citado anteriormente estava carregada de toda uma simbologia da representação do fardamento escolar como parte da cultura escolar daquela instituição. Contudo, carece esclarecer o sentido que tem a expressão “cultura escolar” nesse contexto.

Aqui, tomo de empréstimo o conceito de cultura escolar defendido por Faria Filho (2007, p. 195) como a forma que, em “uma situação histórica concreta e particular são articuladas e representadas, pelos sujeitos escolares, as dimensões espaço-temporais do fenômeno educativo escolar, os conhecimentos, as sensibilidades e os valores a serem transmitidos e a materialidade e os métodos escolares”.

Acerca do fardamento escolar, Graça (2002, p. 268, grifo do autor) assevera que “eram extremamente sóbrios e desaclimatados, **as meninas usavam** meião grosso, que chagava até acima dos joelhos, com mangas compridas e punhos, com saias até a metade da perna”. Todavia, de acordo com essa autora, nos findos do decênio de 1950, à medida que a sociedade acompanhava as mudanças de costumes, notava-se significativa modificação no fardamento escolar. As meninas vestiam saias mais curtas, feitas com tecido leve e mangas mais curtas também, sendo a meia estilo soquete. Já os meninos passaram a vestir “camisas de mangas curtas **e também** podiam permanecer nas salas de aula com dois ou três botões das camisas abertas e com as bocas das calças mais apertadas. **No que tange** aos jaquetões, ficaram restritos a ocasiões especiais” (GRAÇA, 2002, p. 268, grifo do autor).

No que concerne às dimensões espaço-temporais do estabelecimento de ensino, o ex-aluno Arivaldo Andrade (2020) também demonstrou orgulho ao falar que o “Atheneu tinha uma estrutura muito boa, tinha o seu laboratório, as salas de aulas muito bem organizadas, tudo limpo; os funcionários cada um nas suas funções como disciplinador dos alunos, os sanitários limpos, corredores limpos”. Ele elenca ainda que em todas essas ações existia o dedo de Thétis Nunes.

De acordo com as palavras do ex-aluno Francisco Rollemberg (2020), a diretora era uma mulher bondosa e muito justa, que agia democraticamente. Porém, também era muito rígida; exigia disciplina dos alunos, senso de patriotismo; tanto que aqueles alunos que não comparecessem à parada escolar, desfile cívico de 7 de setembro – eram penalizados.

Foucault (1996), nesse sentido, compreende por punição tudo o que é capaz de fazer o sujeito sentir o erro que cometeu. Para esse autor, “a disciplina traz consigo uma maneira específica de punir [...] tudo o que está inadequado à regra, tudo o que se afasta dela, os desvios, sendo, portanto, passível de pena o campo indefinido do não-conforme” (FOUCAULT, 1996, p. 160, grifo do autor). Nesse caso, as portarias nº 23 e nº 24 (ANEXO O), datada de 9 de setembro de 1953, revelam como punição, ao “não-conforme”, a suspensão de oito dias a um grupo de alunos do curso ginásial e do curso colegial do CES por não ter comparecido à parada de 7 de setembro, Livro de Penas Impostas aos Alunos (1943-1958) – CEMAS.

As práticas de premiar e punir os alunos no cotidiano escolar do Atheneu Sergipense revelam as

relações entre os micro poderes [...] e as práticas de poder estabelecidas nas sociedades modernas, que pressionam todas as instituições pelo uso de meios coercitivos, diretos ou indiretos, que recaem sobre aqueles que vão de encontro às normas estabelecidas (ALVES, 2012, p. 46).

De acordo com essa autora, a congregação de professores do Atheneu Sergipense incumbia-se da responsabilidade de elaborar o regimento interno da instituição. Evidencia, ainda que estas práticas vinham desde o Lyceu Sergipense, quando a Congregação deste enviou um relatório à Assembleia Provincial no ano de 1850, declarando que era “interessante que se estabelecessem prêmios ou sinais de distinção – medalhas, para os estudantes que mais aproveitassem o curso” (ALVES, 2012, p. 47). Também foram identificados pela pesquisadora sinais de punição aos alunos transgressores. Teria o aluno em questão escrito palavras caluniosas contra os professores e um outro perturbado a aula, rastejando os pés

sobre o pavimento; o primeiro teria sido punido com a perda do ano letivo, enquanto que ao segundo teria sido aplicada “pena de detenção por três dias [...], a este deveria ser aplicada outra sanção [...] a pena deveria também ser publicada na imprensa local” (ALVES, 2012, p. 48).

Acerca do assunto, Foucault (1996, p. 160), denota que: “A ordem que os castigos disciplinares devem fazer respeitar é de natureza mista: é uma ordem “artificial”, colocada de maneira explícita por uma lei, um programa, um regulamento”. Entretanto, para este autor: “A punição na disciplina não passa de um sistema duplo: gratificação-sanção” (FOUCAULT, 1996, p. 161).

3.3 PARA ALÉM DA SALA DE AULA: UM OLHAR ACERCA DOS OUTROS ESPAÇOS DO COLÉGIO ESTADUAL DE SERGIPE

Segundo Gallindo e Andreotti (2012, p. 136), a administração escolar no Brasil no período do nacional-desenvolvimentista (1946-1964) “deve ser observada como parte das iniciativas que refletiam o movimento e a expansão industrial, dentro dos moldes do capital internacional”. Esses autores partilham do entendimento de Felix (1982) acerca do conceito de administração como um fenômeno geral por se fazer presente “na organização e domínio do modo de produção de várias sociedades desde a antiguidade” (GALLINDO & ANDREOTTI, 2012, p. 136). No entanto, na visão desses autores, a administração se tornou mais explícita e estruturante submersa ao modelo de produção capitalista pelo fato de este ter como objetivo a acumulação de capital, desencadeando assim “a sistematizada exploração máxima da força de trabalho e o controle rigoroso do capital” (GALLINDO & ANDREOTTI, 2012, p. 136).

Entretanto, no que diz respeito à administração escolar no Brasil, principalmente no marco temporal estudado neste trabalho, “não havia sido produzido um corpo teórico que desse suporte às suas necessidades ou que permitisse avançar nas áreas de organização do sistema e da estrutura da rede escolar” (GALLINDO & ANDREOTTI, 2012, p. 138).

Como evidenciado, entre 1951 e 1955, vigorava ainda a Lei Orgânica do Ensino Secundário de 1942, na qual a função de diretor relacionava-se

a um gerenciador, a serviço do sistema escolar em seus aspectos econômicos (verbas da educação e produção de mão de obra para o mercado), políticos (cumprimento da legislação com vias ao crescimento econômico) e sociais (atender aos anseios da população por uma escolarização que implicaria em emprego, melhoria econômica e ascensão social). [...] O diretor da escola assim ocupou posição hierarquicamente constituída e, dentro da concepção da administração empresarial, assumiu um papel de comando, todavia, encontrava-se subordinado à legislação, cumprindo então o papel reprodutor das políticas públicas, fixando sua ação na área administrativa e não pedagógica (GALLINDO & ANDREOTTI, 2012, p. 140).

Convém salientar que quando Thétis Nunes assumiu a função de dirigente do Colégio Estadual de Sergipe não havia nenhuma exigência quanto à obtenção de registro de diretor, uma vez que ela foi nomeada pelo próprio governador. Todavia, ao localizar a portaria nº 954, datada de 29 de novembro de 1954, identifiquei que há nesse documento instruções para aqueles que desejavam, a partir desse ano, candidatar-se às funções de diretor e de secretário

de estabelecimentos de ensino secundário equiparados e reconhecidos, ou ainda que tinham autorização do governo para funcionar. Essa portaria notifica ao possível candidato a exigência prévia do registro da Diretoria de Ensino Secundário. Dessa forma, só poderiam exercer as funções de diretor e professores aqueles que estivessem devidamente registrados nessa diretoria e que fosse portador do registro de diretor. Para obtenção do registro, tinham que se submeter à prova de certidão de capacidade profissional, cultural e de condições pessoais.

Antes dessa portaria, a administração de cada estabelecimento estava

enfeixada na autoridade do diretor, que presidiria ao funcionamento dos serviços escolares, ao trabalho dos professores, às atividades dos alunos e às relações da comunidade escolar com a vida exterior, velando **para** que regularmente se **cumprisse**, no âmbito de sua ação, a ordem educacional vigente no país (LIVRO DE CORRESPONDENCIAS – CEMAS, 1952 a 1959, grifo do autor).

Dito isso, cabia ao diretor presidir o funcionamento dos serviços escolares. Desse modo, constatou-se que a diretora Thétis Nunes presidiu com desenvoltura suas funções, notadamente quanto à biblioteca escolar do Colégio Estadual de Sergipe, que recebeu dela significativa atenção. Como dito anteriormente por Franco (2015), a organização da biblioteca, principalmente no que tange à elaboração do plano de aquisição de novas obras, catalogação e fichamento, viria a ser uma das principais dificuldades enfrentadas no primeiro ano de funcionamento dessa instituição.

Partindo dessa premissa, ao analisar as correspondências do Atheneu no ano de 1952, pude constatar que realmente desde o início Thétis Nunes voltou seu olhar para a questão da biblioteca. O ofício datado de 14 de janeiro de 1952 faz-nos em conhecedores de que Maria Deodora Santos e José Garcez Sobrinho eram os bibliotecários da instituição, sendo que este último também ocupava a função de auxiliar do diretor. Ainda nessa mesma data, no fim do ano, enviou ao professor João Evangelista Cajueiro, diretor do Departamento de Educação, relatório que prescrevia minuciosamente as atividades desse estabelecimento de ensino, relativo ao ano de 1951 (Ver APÊNDICE E).

Já em ofício datado de 02 de abril de 1952, Thétis Nunes encaminhou para Renato Cantidiano Vieira Ribeiro – secretário da Fazenda, Produção e Obras Públicas na época, uma relação de material permanente a ser adquirido pelo CES, e dentre esse material constam livros, revistas e outras publicações destinadas à biblioteca. Também explicita que os livros deveriam ser adquiridos na Livraria Regina, Gráfica Editora e Monteiro, no valor de Cr\$

3.000,00, sob a alegação de que no início do ano letivo era imprescindível aparelhar a biblioteca de livros essenciais ao curso. Reforçou ainda que a biblioteca da instituição estava desfalcada de obras-primas das literaturas nacional e universal, o que tornava vital a compra delas.

Em maio, agora na proposta orçamentária, elaborada pela diretora para o exercício de 1953, (ver no APÊNDICE G), ela solicitou que, pela verba 3.32-8.33.2-23 – destinada a material permanente, fossem adquiridos livros ou quaisquer publicações, visto que estas vinham sofrendo considerável aumento no preço. Mais uma vez a diretora reiterou que com a verba de que dispunha, a instituição nada poderia fazer para melhorar a situação da biblioteca, que naquele momento se encontrava desfalcada, principalmente de obras essenciais para atender à sua finalidade. Novamente, e com a mesma justificativa, o alto custo de vida do sergipano exigiu, em 11 de setembro de 1952, suplementação da mencionada verba no valor de Cr\$ 2.000,00 para aquisição de livros, revistas e outras publicações destinadas a coleções e à biblioteca.

Em Sergipe, na década de 1950, houve, segundo Santos e Oliva (1998), um crescimento industrial do operariado e de criação de sindicatos. Apesar do modo como essas transformações ocorreram agravou ainda mais a desigualdade entre as regiões do país. Para as autoras, enquanto o estado de São Paulo e a região sudeste cresciam, agravava a situação dos estados situados na região nordeste. Sergipe foi um desses estados a sentir de perto essas dificuldades.

Retomando a discussão sobre a afirmação de Santos (1999) de que o governador Arnaldo Rolemberg Garcez teria vestido a camisa do Atheneu Sergipense, uma vez que todas as solicitações feitas por Thétis Nunes sempre foram atendidas, não sei precisar se houve de fato esse atendimento, mas o ofício de nº 123⁸², datado de 19 de março de 1953, expedido por Antônio Carlos do Nascimento Junior, que respondia na época como secretário da Fazenda, Produção e Obras Públicas, dá-me indícios de que algumas das solicitações feitas pela diretora Thétis Nunes tinham resposta favorável. Um exemplo disso é o ofício de nº 41, no qual Thétis Nunes solicitou que fosse liberada pelo governador verba para a compra de livros, revistas e outras publicações destinadas à biblioteca, no valor de Cr\$ 3.000,00. O governador liberou a verba, mas apelava para que não a ultrapassasse.

⁸² Ver Ofícios nº 41 e nº 123 no (ANEXO F e G)

O relatório enviado em 10 de janeiro de 1953 (Ver APÊNDICE F) para o então diretor do Departamento de Educação, Exupero Monteiro⁸³, reforça o argumento de que as solicitações feitas por Thétis Nunes eram atendidas, pois esta, ao discorrer sobre a biblioteca, explicitou que

nossa Biblioteca escolar consta de alguns melhores exemplares para empréstimo ao estudante pobre, o que tem facilitado muito o estudo, tendo em conta o alto nível de vida. É a nossa Biblioteca, porém, desorganizada, sem fichários, sem pessoal especializado, o que a torna um amontoado de livros. Nada ainda podemos tentar no sentido de sua remodelação por falta de sala adequada, o que tentaremos fazer, no próximo ano com a inauguração da nova parte do edifício (LIVRO DE CORRESPONDÊNCIAS – CEMAS, 1953).

Quando Thétis Nunes falou que consta o acervo de exemplares melhores é porque certamente alguns dos seus pedidos foram atendidos. No entanto, constata-se que a biblioteca ainda continuava desorganizada, sem fichários e sem pessoal especializado, sendo uma questão a ser trabalhada no ano vindouro de 1953, com a inauguração da nova parte do edifício.

Por outro lado, o ofício nº 144, de 8 de agosto de 1953, este em resposta ao ofício de nº 14/54, enviado pelo diretor da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, evidencia que a biblioteca do CES servia a outras instituições. Nesse documento, Thétis Nunes relatou que tinha a satisfação de colocar à disposição da Faculdade de Filosofia os livros da biblioteca do Colégio Estadual de Sergipe “para o uso que deles precisarem fazer os alunos e professores dessa Escola superior” (LIVRO DE CORRESPONDÊNCIAS – CEMAS, 1953).

Outrossim, nesse mesmo ano, a Faculdade de Filosofia também solicitou que fosse colocado à sua disposição o gabinete de Física⁸⁴ do CES, tendo obtido de Thétis Nunes resposta favorável ao pedido (ANEXO H, I e J). Nas entrelinhas, percebe-se uma certa animosidade entre Thétis Nunes e Dom Luciano Duarte – diretor da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.

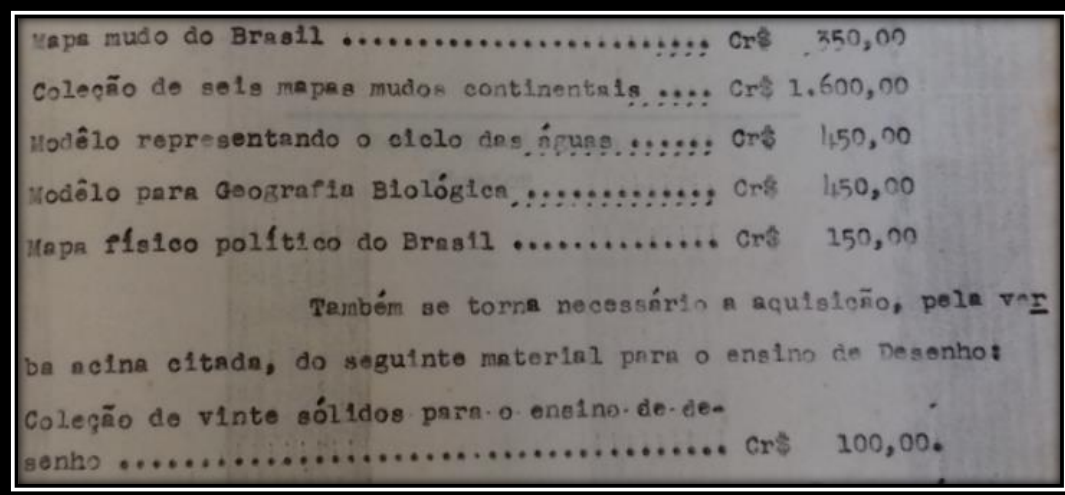
As fontes revelam que os salões de Geografia e História também receberam atenção da

⁸³ Exupero de Santana Monteiro nasceu em Itabaianinha (SE), no dia 8 de fevereiro de 1900. Filho do casal Pedro Santana e Firmina Santana Monteiro. Aos cinco anos de idade foi levado para Estância, onde permaneceu sob os cuidados de sua madrinha, Maria Cândida Monteiro – mestra e diretora do Colégio Camerino. Foi diretor do Departamento de Educação e da Imprensa Oficial, além de ter sido inspetor escolar. Como jornalista escreveu no jornal “A Razão e de Estância”. Poeta e prosador cearense, autor das obras Rui Barbosa (1958), Musa Matuta (1932), Na Luta (s/d), Musa Aldeã (s/d) e Alma Pagã (1939). Confrade da Academia Sergipana de Letras, inebriou-se com o discurso em 19 de novembro de 1931, na solenidade de recepção de Pedro Calazans, patrono da cadeira vaga por Hermes Fontes, diretor em exercício do Departamento de Educação.

⁸⁴ Ver Gabinetes e/ou salões de Física e Química nos (ANEXOS K, L e M).

diretora, pois, no ano de 1952, dentro da verba destinada a material permanente, ela procurou adquirir alguns materiais essenciais à sua organização. Por meio do ofício nº 85, de 9 de maio de 1953, solicitou novamente ao secretário da Fazenda – Antônio Carlos do Nascimento Júnior, que o governador liberasse verba para a compra dos materiais descritos a seguir:

Figura 18 – Materiais solicitados por Thétis Nunes para os Salões de Geografia e História



Mapa mudo do Brasil	Cr\$ 350,00
Coleção de seis mapas mudos continentais	Cr\$ 1.600,00
Modelo representando o ciclo das águas	Cr\$ 450,00
Modelo para Geografia Biológica	Cr\$ 450,00
Mapa físico político do Brasil	Cr\$ 150,00
Também se torna necessário a aquisição, pela ver	
ba acima citada, do seguinte material para o ensino de Desenho:	
Coleção de vinte sólidos para o ensino de de-	
senho	Cr\$ 100,00.

Fonte: Acervo do CEMAS.

Além do mais, solicita que esses materiais sejam comprados na Casa Ernesto Tavares, no Rio de Janeiro, por ser a empresa que apresentou o melhor preço. Isto mostra que Thétis Nunes também se preocupava em realizar orçamentos e comparar preços para assim não ultrapassar as verbas, como solicitado pelo governador.

Outrossim, constatou-se que Maria Thétis Nunes tinha ciência de que os salões de História/Geografia e de Física/Química eram de muita serventia ao alunado do CES. Tanto que, com as sobras das verbas, e quando possível, comprava materiais necessários para o seu funcionamento. No parecer da diretora, o colégio estava, no ano de 1952, desaparelhado de material escolar adequado às exigências pedagógicas modernas em todos os âmbitos.

Em vista disso, evidenciou-se que o laboratório de Química há muito tempo vinha sendo motivo de reclamações por parte da classe estudantil do CES, fato notabilizado no artigo intitulado **Laboratório de Química do Colégio Estadual de Sergipe**, escrito pelo aluno D. R. de Mendonça e publicado no jornal estudantil “A Voz do Estudante”, em agosto de 1946.

Figura 19 – Artigo denunciando as precárias condições do Laboratório de Química do Atheneu Pedro II

"Inicio hoje uma série de comentários sobre o que há de mal no ensino secundário em Sergipe, através de A Voz do Estudante, porta-voz das nossas reivindicações mais sentidas. Os meus primeiros comentários serão em torno do Laboratório de Química do nosso estabelecimento de ensino, o que de mais irrisório pode existir para o fim a que se destina. Organizado com os mais tenazes esforços do prof. Augusto Pereira Azevedo, que tem arrotado mil sacrifícios para assim o fazer, o nosso Laboratório de Química muito pouco possui, é totalmente incompleto, e, de modo algum, poderá ser, para produzir os resultados desejados, utilizado em prática de Química. Porém, o que se poderia esperar de uma verba de Cr\$5.000,00 anuais, sob o nível de vida atual, em que, uma simples pipeta, por exemplo, custa uma fortuna? Isto não pode nem deve continuar. Sergipe sempre gozou de alto renome em todo o Brasil. Nada mais justo do que elevar, e cada vez mais alto esse conceito do nosso pequenino Estado. Mas como poderá a mocidade sergipana hodierna primar por tal cousa se, não dispõe de meios para assim proceder, se não possui um laboratório de Química (o atual nem um bico de Bunsen tem), um Laboratório onde se possam executar práticas de uma matéria que faz parte do exame de admissão às faculdades, matéria básica para Medicina, Odontologia, Engenharia, e outras carreiras mais! Deixo aqui este apelo, feito em nome da classe, o dinâmico Diretor desta Casa, Prof. Joaquim Vieira Sobral, para que intervenha junto ao atual Interventor Federal no Estado, com o fito de ser aumentada a verba que se destina ao nosso Laboratório: por outro lado, deixo lançada a idéia de se fazer uma campanha por todo o Estado, com o intuito de adquirir-se uma verba para melhoramentos em nosso Laboratório de Química. Colegas se quiserem ter um Laboratório de Química, condizente com as nossas necessidades, que lutemos por ele, que consigamos, com nossos próprios esforços, uma vez que o Estado não procura se lembrar das necessidades por que passam os estudantes, melhorar o atual, para que, os únicos prejudicados não sejamos nós".²⁴⁰

Fonte: Gilfrancisco, (2020).

Diante dessa situação, a diretora procurou, com as parcas verbas de que dispunha o estabelecimento de ensino e com a compreensão do governador do Estado, "adquirir material para o salão de História e Geografia **e no ano de 1953**, organizar as salas de línguas vivas, de Desenho e Trabalhos Manuais" (LIVRO DE CORRESPONDÊNCIAS – CEMAS, 1953, grifo do autor).

A cabo de explicação, muitos dos salões supraditos já existiam na antiga instituição. Assim sendo, coube a Thétis Nunes, como dito por Santos (1999), arrumar e projetar o uso dos espaços da nova instituição.

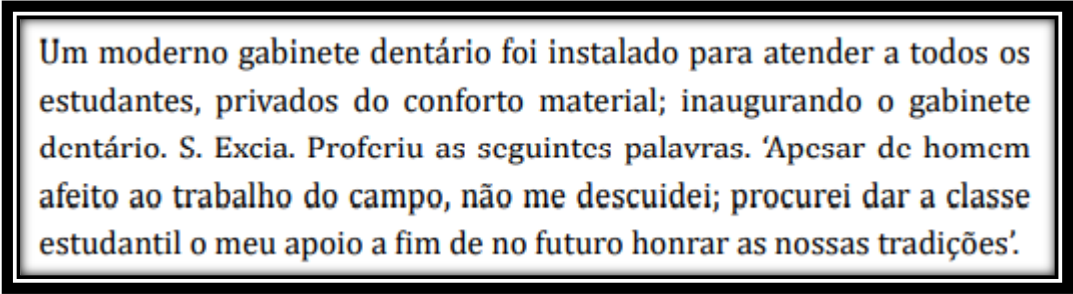
Segundo o ex-aluno Francisco Rollemberg (2020), o novo prédio, quando foi entregue contava com seis salas grandes na frente. Afirma ainda “que construído só tinha a área ao lado da praça e a frente, todo o restante era murado para posteriormente ser construído” (ROLLEMBERG, 2020). Deste modo, a pesquisa esbarra no principal percalço enfrentado na gestão de Thétis Nunes, que foi gerir uma instituição de ensino inacabada e com obras em andamento.

Outro fato que atesta e dá subsídios no sentido de que as investidas e pedidos feitos por Thétis Nunes eram realmente atendidos – além de sua gestão ter-se preocupado deveras com o alunado pobre – foi a inauguração do gabinete dentário, em 18 de fevereiro de 1952, pouco tempo após ela assumir a direção da instituição. As despesas desse consultório dentário foram acrescentadas na proposta orçamentária para o exercício de 1953. Acerca desse assunto, Thétis Nunes mencionou:

Em setembro do ano passado inauguramos um moderno gabinete dentário que, desde então, tem prestado relevantes serviços ao estudante pobre. Foram atendidos muitos alunos, tendo sido feitas neste curto espaço de tempo 101 obturações e 41 extrações (LIVRO DE CORRESPONDÊNCIAS – CEMAS, 1953).

No artigo intitulado **Arnaldo Garcez e os Estudantes do Colégio Estadual**, escrito pelo aluno do 1º ano do curso clássico, Francisco Melo de Novais, e publicado no jornal “O Atheneu”, em 7 de setembro de 1953, ele, em nome dos demais estudantes, parabenizou o governador Arnaldo Rollemberg por concluir as obras de construção do CES, iniciadas no Governo de José Rollemberg Leite, como também por desenvolver assistência social (GILFRANCISCO, 2019). A respeito do gabinete dentário, noticiou-se que:

Figura 20 – Passagem do artigo “Arnaldo Garcez e os Estudantes do Colégio Estadual”



Um moderno gabinete dentário foi instalado para atender a todos os estudantes, privados do conforto material; inaugurando o gabinete dentário. S. Excia. Proferiu as seguintes palavras. 'Apesar de homem afeito ao trabalho do campo, não me descuidei; procurei dar a classe estudantil o meu apoio a fim de no futuro honrar as nossas tradições'.

Fonte: Gilfrancisco (2019).

A passagem do texto apresentado anteriormente, além de enfatizar a instalação do gabinete dentário do CES, revela a postura da administração do governador Arnaldo Rollemberg, notadamente no que concerne à classe estudantil da época.

Diante do que já foi exposto sobre o consultório dentário, as fontes revelam que Noeme Meneses Santos foi contratada desde o ano de 1952 para atuar como odontóloga responsável por esse gabinete, tendo seu contrato renovado em 1953 e 1954. Entretanto, o feito que mais marcou a gestão de Thétis Nunes foi a inauguração do auditório⁸⁵ do Colégio.

Figura 21 – Thétis Nunes discursando na inauguração do Auditório



Fonte: Santos (1999).

Como dito por Santos (1999) e acrescido por Franco (2015), a ala administrativa, composta de salas específicas para a direção, secretaria, sala da congregação/professores/inspetoria e o auditório, seria concluída e inaugurada no transcorrer do mandato de Arnaldo Garcez.

A construção do auditório deu-se a partir da liberação do crédito especial no valor de dois milhões e oitocentos e um mil cruzeiros (Cr\$ 2.801.000,00) por parte do supramencionado governador, por meio do decreto nº 206, de 02 de junho de 1953 (Ver ANEXO B).

⁸⁵ Ver ANUNCIAÇÃO, Tássia Oliva de Souza. **O teatro Atheneu e suas memórias: palco-casa da arte em Aracaju/Sergipe**. São Cristóvão, SE, 2019. 77 f. Monografia (Licenciatura em Artes). Universidade Federal de Sergipe, 2019.

Em virtude disso, tomo de empréstimo as palavras proferidas por Thétis Nunes no ato da solenidade de inauguração do auditório, a fim de demonstrar sua satisfação quanto à entrega desse espaço:

Este auditório é o triunfo da Esperança.

A esperança de sua construção é longínqua, muitos o sonharam. A realidade, porém, só hoje temos, graças à ousadia e ao espírito empreendedor do governador Arnaldo Garcez. Data do início do seu governo, o sonho da construção do auditório, sonho exposto à Congregação do Colégio Estadual de Sergipe e entusiasticamente recebido, havendo de logo apaixonados dela sobretudo os professores Manuel Ribeiro e Felte Bezerra [...] É nossa esperança que, no futuro, aqui poderemos através de grandes intérpretes ouvir ecoar as vozes de personagens imortais criados por Molière, Ibsen, Shaw ou Shakespeare; (...) nos encontraremos com os ritmos das baladas criadas por Tchaikowsky, Shubert ou Stravinsky; (...) ouviremos execuções famosas de Chopin, Ligt ou Bethoven. Conferencistas famosos, aqui, poderão nos trazer, através de sua palavra, as últimas conquistas das ciências ou mensagens literárias [...] para nossa mocidade escolar, o Auditório terá profunda influência. Permitirá o despertar de vocações, o desabrochar de talentos nos festivais a serem organizados (NUNES, 1999, apud SANTOS, 1999, p. 32-33).

De acordo com declaração publicada no Diário Oficial, em 19 de abril de 1955, a comissão de membros da congregação do Atheneu Sergipense ficaria encarregada, por decreto governamental, de administrar o auditório, vindo a esclarecer ao público que em

ponto de vista da Comissão que, sendo o Auditório um anexo do colégio, que é por excelência uma Casa de educação, nada deverá ser exibido em seu palco, que possa, de qualquer jeito, causar dano à boa formação da adolescência. Deste modo, exposições, teatro, etc., ficam com seus argumentos sujeitos a um prévio exame da Comissão;

b) A Comissão considera o Auditório patrimônio do Colégio; não se reconhece nele o destino de se prestar à concorrência com os teatros locais, ao ser cedido ou contratado por companhias de teatro; o auditório não foi edificado com o fim de ser explorado comercialmente;

c) Conforme estabelece o regimento da Comissão, toda entidade ou pessoa, de reconhecida idoneidade ou juridicamente responsável, a juízo da Comissão, que pretender a cessão do Auditório, deverá dirigir um requerimento, por escrito, ao diretor do Colégio que é o presidente nato da Comissão, em que indica a finalidade de que pleiteia, dia e hora, e deverá aguardar que o diretor lhe dê a devida resposta, negativa ou favorável, e nesta hipótese o diretor confirmará a data solicitada ou oferecerá outra, de acordo com a revogada pela Comissão e os interesses do Colégio. Somente depois da obtenção desta resposta, o interessado poderá anunciar ou divulgar a data fixada, e nunca antes da resposta, à revelia da Comissão, como já tem acontecido, o que poderá levar o público a um julgamento errôneo dos responsáveis pelo Auditório, desconhecidas as verdadeiras razões que originem a aparente revogação de medidas (HEMEROTECA – Recortes de Jornais: Diário Oficial de Sergipe 1951 à 1957).

Embora coubesse à comissão de membros da congregação do Atheneu Sergipense administrar o auditório, caberia a Thétis Nunes, como diretora da instituição e como presidente da comissão, dar veredito favorável ou não a qualquer solicitação feita quanto ao uso desse espaço.

Na visão do ex-aluno Francisco Rollemberg (2020), Arnaldo Garcez fez o auditório/teatro para estimular as artes. Conforme Santos e Oliva (1998, p. 98), a Sociedade de Cultura Artística de Sergipe – SCAS, pouco tempo depois da inauguração do auditório/teatro possibilitou a apresentação em seu palco “de artistas famosos, do Brasil e do estrangeiro”. Em contrapartida, as autoras alegam que pouca gente participava em Aracaju desse movimento cultural, em virtude de a maioria da população estar fora da escola e de o analfabetismo entre os adultos ser enorme. Outro ponto enfatizado por elas diz respeito à migração de muitos sergipanos para outros estados, sendo que muitas das vezes eles não conseguiam dar notícias suas às famílias, e quando conseguiam, corriam o risco de ficar sem resposta, visto que suas esposas e filhos tinham que esperar alguém que pudesse lê-las e responder às missivas.

Aproximadamente na metade de 1930, intensificou-se a pressão popular por mais escolas e contra o analfabetismo. Em vista disso, também urgiu a necessidade de modernização do país em face do processo de expansão da industrialização. Foi, sobretudo, no decênio de 1950 que se instauraram em todo o país manifestações em prol de mais escolas para o povo.

Segundo as mencionadas autoras:

Esta década é muito importante para a história pela luta da educação. É deste período a criação dos primeiros cursos universitários em Sergipe. Os estudantes universitários e secundaristas começaram a fazer manifestações exigindo mais escolas públicas de segundo grau e fazendo campanha contra o analfabetismo. Algumas dessas lutas, iniciadas nos anos 50, só alcançaram realizações nos primeiros anos da década de 60 (SANTOS; OLIVA, 1998, p. 99).

Contudo, apesar de os sergipanos vivenciarem, em meados do decênio de 1950, um cenário marcado pela violência política e pela frágil economia, limitada principalmente pelo longo período de seca e de uma situação educacional distante do ideal, notabilizava-se um acréscimo no número de matrículas, o que fez o governador Leandro Maciel disponibilizar, em 1956,

recursos para melhorias necessárias, suplementando o orçamento do Departamento de Educação. **Desse modo**, foram destinados para a

complementação das obras do Colégio Estadual de Sergipe Cr\$ 2.765.910,00. **Nesse mesmo ano, foi restaurada** a Arcádia Estudantil, liderada por Iroito Dórea Leó, nela estimulava-se o interesse dos estudantes pela vida cultural e artística da instituição (GRAÇA, 2015, p. 178, grifo do autor).

De acordo com Graça (2015, p. 183), também foi motivo de preocupação desse governo a manutenção das estruturas físicas do Colégio Estadual de Sergipe, notadamente quanto à ampliação e atualização das “estruturas de apoio pedagógico, como a biblioteca, os gabinetes de química, física e história natural”.

BREVES CONSIDERAÇÕES

Como que por um acaso do destino, a menina que amava fazer peripécias, que tinha como *robby* subir em árvores, que, do alto da grande mangueira existente em seu quintal, deslumbrava-se com os encantos da bela serra de Itabaiana, num piscar de olhos passou a vislumbrar-se com a imensidão de água do estuário do rio Sergipe.

A filha de dona Anita guardou consigo as lembranças daqueles que sobremaneira marcaram seus jovens anos escolares. A priori, a querida professora Izabel Esteves, de quem recebeu os primeiros ensinamentos, na pequena e modesta Escola de Nº 1, em Itabaiana; a posteriori, Leonor Teles, professora com quem fez um breve curso preparatório para ingressar no Atheneu Sergipense. Somam-se a essas duas profissionais as figuras dos célebres e eternos professores do Atheneu Sergipense, Arthur Fortes, Joaquim Vieira Sobral e Felte Bezerra, que proporcionaram conhecimentos a Thétis Nunes desde o curso ginásial, científico e complementar, e que muito a incentivaram em sua trajetória intelectual.

De Itabaiana a Aracaju, de Aracaju rumo à Bahia. Baía de Todos-os-Santos, do axé, do acarajé, do maculelê, do escritor Jorge Amado e do compositor Dorival Caymmi. A jovem universitária Maria Thétis Nunes viu, em meados de 1942, sua vida mudar totalmente, mudou seus ares e o estilo de vida, pois teve que morar sozinha, longe do aconchego e da proteção familiar. Em contrapartida, os bancos universitários da Faculdade de Filosofia da Bahia lhe proporcionaram participar ativamente da UEB, onde atuou como vice-presidente e chegou a ser premiada pela publicação de artigos na revista **Cultura**.

Longe de casa, viveu e experienciou novas emoções: a dor da perda do seu querido professor Arthur Fortes, o medo iminente do envolvimento do Brasil na Segunda Guerra Mundial, o impacto e o horror ocasionados pelos torpedeamentos de navios nas costas litorâneas de Sergipe e da Bahia. Lá teve bons professores, a exemplo de Thales de Azevedo, que lhe abriu os caminhos rumo à pesquisa; criou laços que se ataram além dos portões da Faculdade e que transcenderam as divisas entre Bahia e Sergipe.

Como diz o ditado popular: “O bom filho à casa torna”. Embora tivesse sido convidada pela Faculdade de Filosofia da Bahia para permanecer lá ministrando aula (NUNES, 2003), retornou para Aracaju e para o Atheneu Sergipense, não mais como aluna, sim como professora catedrática da cadeira de Geografia Geral, por meio de concurso, que deu “muito pano para as mangas” na época e que nos dias hodiernos, com um pedaço de

retalho daqui e outro acolá, ainda faz uma bela colcha de casal.

Thétis Nunes foi uma mulher leal a seus princípios, uma pessoa de convicções claras e de personalidade muito forte que não se deixou abater diante das adversidades da vida, principalmente pelo fato de ser, na época, a primeira e única mulher dentre os 21 professores catedráticos a compor a cátedra do Atheneu Sergipense, e a posteriori a primeira mulher a dirigi-la, rompendo assim com alguns estigmas acerca da cultura feminina da época, a exemplo da ideia de que cabia à mulher ser devota ao lar.

Ademais, na época as oportunidades profissionais para a mulher, sendo esta pertencente à elite, restringia-se a uma educação com ênfase na vida doméstica (cuidado para com os filhos, o marido e a casa), quanto à classe média e pobre consideravam-se funções femininas: à docência, o bordado, a costura, a enfermagem, o secretariado, podendo ainda atuarem como comerciária, telefonista e operária nas fábricas, destarte da mulher desse tempo estavam os cargos de chefia e diretivos, cargos estes que conferiam prestígio ao homem (SANTOS, 1999).

A pesquisa, ao tentar responder ao questionamento por que, dentre os seus pares, Maria Thétis Nunes foi a escolhida para atuar como diretora do Colégio Estadual de Sergipe, por meio das memórias das fontes orais desmistifica a narrativa criada que sua indicação não teve nenhuma vinculação política. Ao conceder uma entrevista no dia 03 de dezembro de 2020, o professor Dr. Jorge Carvalho do Nascimento, relatou que tanto Thétis Nunes como o seu irmão Fernando Barreto Nunes eram ligados ao PSD.

Prudente, Maria Thétis Nunes não declarava publicamente seus interesses pessoais, nem mesmo levantava bandeira para partido X ou Y. O professor testemunha ainda que os irmãos Nunes eram amigos pessoais do grupo liderado por Arnaldo Garcez, bem como que Thétis Nunes, todos os anos no aniversário do governador ia até a sua propriedade, a fazenda Camaçari, situada em Itaporanga D'Ajuda para cumprimentá-lo e levar-lhe um presente, fato que perdurou até a morte dele (NASCIMENTO, 2020).

Outrossim, de acordo com as memórias do professor Jorge Carvalho do Nascimento, não era só o governador Arnaldo Garcez que compunha a rede de sociabilidade de Thétis Nunes nessa época, e sim, variados nomes da liderança do PSD como José Rollemberg Leite, Armando Rollemberg, Manoel Cabral Machado e outras personalidades que lideravam o partido. Um fato concreto é que Thétis Nunes era uma pessoa que escolhia sabiamente com quem se relacionar e cultivava muito bem estas relações, a exemplo dos professores catedráticos Arthur Fortes, Felte Bezerra e Joaquim Vieira Sobral, professores seus nos jovens

anos escolares no Atheneu Pedro II, e que se não fosse pela morte do primeiro, seriam todos eles companheiros de profissão dela.

Todavia, é notório que o governador sabia da capacidade intelectual e de liderança que possuía Thétis Nunes, por que se ela não fosse capaz de liderar a congregação não teria sido nomeada para o cargo. Percebe-se então que o governador no processo de escolha não levou em conta somente a vinculação política, mais também o cabedal intelectual e o respeito dos demais catedráticos para com Thétis Nunes. Posto que na época havia no estado poucos professores licenciados e com cursos superiores, em virtude disso era comum advogado, engenheiro, médico e outros autodidatas ganharem títulos provisórios para ministrarem aulas (NASCIMENTO, 2020).

Partindo da premissa de que ninguém faz nada sozinho, durante sua gestão como diretora do Colégio Estadual de Sergipe, Maria Thétis Nunes contou com grandes préstimos de uma equipe formada por: auxiliar de diretor⁸⁶ e secretário, função gratificada; dois oficiais administrativos e cinco escriturários; dois bibliotecários, um conservador de biblioteca e um arquivista; um porteiro e sete zeladores; sete inspetores de aluno e um auxiliar de disciplina; dois serventes, duas serventes diaristas e tarefeiros, os quais a ajudaram a presidir o funcionamento dos serviços escolares. Contou também com o apoio do governador Arnaldo Rollemberg Garcez, que muito contribuiu para que ela exercesse, com muita desenvoltura, o papel de dirigente da principal casa de ensino secundário do Estado.

A diretora Thétis Nunes, com muita diligência, conseguiu catalogar os livros da biblioteca. No ano de 1954, por meio do decreto de 14 de outubro desse ano, autorizou o uso do livro de registro das obras pertencentes ao colégio. Nesse livro, constam o número de registro, o número de classificação, nome do autor e título da obra. Dentre as obras, constam as de célebres escritores sergipanos, a exemplo de Tobias Barreto⁸⁷ (Dias e Noites, Polêmicas, Discursos, Estudos de Direitos, Estudos Allemães, Questões Vigentes, Menores e Loucos e Fundamentos do Direito de Punir); Laudelino Freire⁸⁸ (Revista de Língua Portuguesa) e

⁸⁶ No ofício de nº 47, de 28 de fevereiro de 1952, aparece como auxiliar de diretor o senhor Epaminondas Rocha Teles.

⁸⁷ BARRETO, Luiz Antônio. Tobias Barreto: uma bio-bibliografia. In: **Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro**. Tobias Barreto (1839-1889): bibliografia e estudos críticos, s/d. Disponível em: http://www.cdpb.org.br/antigo/tobias_barreto.pdf. Acesso em: 26 jan. 2021.

⁸⁸ Laudelino de Oliveira Freire nasceu em Lagarto (SE), em 26 de janeiro de 1873. Formou-se em Direito, no ano de 1902. Exerceu a advocacia e cargos públicos no magistério. No jornalismo, colaborou na imprensa sob os pseudônimos Lof e Wulf. Enveredou-se na política, na qual cumpriu três mandatos como Deputado Estadual na Assembleia Legislativa de Sergipe. Foi professor catedrático do Colégio Militar, diretor da Gazeta de Notícias e colaborou em diversos jornais. Foi fundador da Revista da Língua Portuguesa, na qual publicou trabalhos de alto valor literário e filológico, a exemplo da Réplica de Rui Barbosa. Ocupou a cadeira de nº 10 da Academia

Armindo Guaraná⁸⁹ (Dicionário Bio-bibliográfico Sergipano). Também constam muitas das obras apontadas no Quadro 7 – Livros adotados pelo Colégio Estadual de Sergipe para o ano de 1952.

Notabiliza-se que, apesar dos prós e contras, Maria Thétis, por meio dos muitos esforços, conseguiu, na medida do possível, disponibilizar uma biblioteca aparelhada de obras de grandes préstimos para a classe menos afortunada do colégio, bem como realizar sua catalogação, possibilitando, assim, ao aluno pobre o acesso a livros e obras indispensáveis à formação intelectual utilizando-se do empréstimo e manuseio via biblioteca escolar. Somam-se a suas ações em prol dos menos afortunados a instalação e manutenção do gabinete dentário, a partir do ano de 1952, o que mostra um certo lado assistencialista da diretora, que muito sonhou com um mundo mais justo e mais humano, sem as profundas desigualdades sociais dominantes (NUNES, 2003).

Outrossim, constatou-se que Maria Thétis Nunes, com o apoio do governador, fez significativas realizações no campo da didática escolar do Colégio Estadual de Sergipe com a instalação e aparelhamento dos salões de História/Geografia, de Física/Química e de Desenho/Trabalhos Manuais.

Possivelmente, por Maria Thétis Nunes ter vivenciado muitas dificuldades no seu tempo de aluna e por ser de família modesta, situação semelhante à que viviam alguns alunos do CES, ela focou, durante sua gestão, e se preocupou deveras com a condição e permanência desses alunos na instituição. Entretanto, no que tange à Cooperativa Escolar João Ribeiro, que Thétis Nunes teria fundado, só encontrei um documento datado de 26 de outubro, que trata do termo de abertura de um livro com 50 páginas destinado às atas das sessões da diretoria da Cooperativa, sendo esta anexa ao colégio, fato que comprova a existência desta.

Brasileira de Letras, em sucessão a Rui Barbosa. Atuou como advogado, jornalista, professor, político, crítico e filólogo. Faleceu no dia 18 de junho de 1937, no Rio de Janeiro (RJ). **ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS**. Biografia: Laudelino Freire, s/d. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/laudelino-freire/biografia>. Acesso em: 30 jan. 2021.

⁸⁹ Manoel Armindo Cordeiro Guaraná nasceu em 4 de agosto de 1848, na cidade de São Cristóvão. Filho do casal Teodoro Cordeiro Guaraná e Andrelina Muniz de Menezes. Coursou as primeiras letras em São Cristóvão, posteriormente estudou no Atheneu Baiano e fez o Curso de Humanidades do Colégio das Artes em Pernambuco. Graduou-se em Direito no ano de 1871 pela Faculdade de Direito do Recife. Entre os anos de 1832 a 1908, dedicou-se ao jornalismo e à elaboração de trabalhos em jornais, revistas e outras publicações periódicas. Foi promotor geral da Comarca de São Cristóvão (SE); promotor público da capital e da Comarca de Estância; secretário da Província do Piauí e da Província do Ceará; juiz de Direito da Comarca de Oeiras, Província do Piauí. Atuou ainda como chefe de Polícia Interino da Província de Sergipe e juiz de Casamentos, em Aracaju. Para mais informações consultar ANDRADE, Adailton. Manoel Armindo Cordeiro Guaraná. **Fontes da História de Sergipe**, 2017. Disponível em: <https://fontesdahistoriadesergipe.blogspot.com/2017/07/manoel-armindo-cordeiro-guarana.html>. Acesso em: 05 fev. 2021.

Inferiu-se, assim, que as correspondências oficiais da instituição têm muito o que reverberar sobre a gestão de Maria Thétis Nunes no Colégio Estadual de Sergipe e a situação educacional sergipana. Esse fato é evidenciado, particularmente, nos relatórios de fim de ano, os quais revelam que, muito embora a instituição tivesse ganhado uma nova sede, não passava de um prédio inacabado, sendo necessárias adaptações estruturais, formação de um quadro docente especializado na área, alto índice de reprovação escolar, carência de materiais pedagógicos e indisponibilidade de verbas para sanar a necessidade financeira da principal instituição de ensino secundário do Estado de Sergipe.

Averiguou-se que Thétis Nunes, ao longo de sua gestão, ausentou-se algumas vezes de suas funções. Seu primeiro afastamento data de 15 de julho de 1952, por meio de decreto expedido pelo governador, ficando responsável pelo expediente o professor catedrático Virginio Santana, retornando em 1º de agosto desse ano. O ofício nº 21, de 09 de fevereiro de 1953, revela que, nesta data, a diretora teria reassumido suas funções, das quais se achava afastada desde 27 de janeiro de 1953, ficando responsável pela direção o professor Gentil Tavares da Mota. Vindo afastar-se novamente em 11 de julho do ano em curso, respondendo pelo expediente até ao seu retorno em 03 de agosto, o professor José Augusto da Rocha Lima, conforme noticiou o ofício nº 125 de 13 de julho de 1953.

Cumprе lembrar que além de diretora do CES, Thétis Nunes era professora da casa, decerto esses afastamentos se deram pela sua participação em Encontros e Congressos voltados ao ensino, posto que, teria ela participado nos anos de 1953 e 1954, do I e II Congresso de Professores Secundários do Nordeste, realizados nos estados da Paraíba, Ceará e Paraná.

Devido à má conservação e ao descarte⁹⁰ inadequado de muitos dos documentos do Atheneu Sergipense, especialmente das décadas de 1950 e 1960, ressaltamos a escassez de documentação referente particularmente ao ano de 1954. Por outro lado, destacamos a existência de um número significativo de livros de correspondências expedidas e recebidas e folhas avulsas principalmente nos anos de 1951 e 1952.

Sobremaneira, por meio das correspondências expedidas e recebidas, constatou-se que a diretora Thétis Nunes, quando não despachava diretamente com o próprio governador, despachava com o seu secretário particular, Dr. José Silvério Leite Fontes, o que não significa

⁹⁰ O documento intitulado Ata de Incineração de Provas Escritas denota a prática de incineração de papéis e documentos do Atheneu Sergipe no período de (1936, 1940, 1942, 1943 e 1950). LIVRO DE ATAS – CEMAS, (1848-1950). Doc. 169FASS01.

dizer que todas as questões eram tratadas diretamente com o governador ou com o secretário particular.

Convém sublinhar que Thétis Nunes defendia o discurso que os cargos administrativos não lhe atraíam, os quais ela ocupava “por força das circunstâncias” (NUNES, 2003). Foi por meio dessa concepção que surgiu o título desse trabalho. No entanto, partilho do entendimento de que essa afirmação não seja verdadeira. Não posso afirmar com precisão, o real motivo que a fazia pregar esse discurso. Entretanto, comungo das seguintes assertivas: de que Thétis Nunes para não ser atacada e nem chamar atenção para si, a fim de fazer parecer que ela não concorria com os homens e com outras pessoas; como autodefesa, para se proteger, utilizava-se do discurso de ‘não me sinto atraída’, ‘não é da minha escolha’, ‘vou porque me convidam!’. À vista disso, agia com prudência e maestria, sabia muito bem o que falar, quais os caminhos trilhar e a quem aliar-se. Diante do exposto, manifesto interesse futuro em explicar a sua participação nos conselhos como o de Educação, de Cultura e diretor da UFS, e quem sabe ainda sua participação como dirigente do Centro de Estudos Brasileiros, na Argentina, e como vice-reitora da UFS, além de sua gestão de 32 anos no IHGS (1971-2003).

Dessa forma, concluo este trabalho alegando que a marca registrada de Maria Thétis Nunes, como diretora do Colégio Estadual de Sergipe, foi a “persistência”, pois ela não cruzava os braços diante das devoluções dos ofícios nos quais solicitava verbas ou materiais para a instituição, a exemplo do ofício de nº 17, datado de 7 de fevereiro de 1953, no qual ela relata que em face da devolução do ofício nº 8, se fazia necessário o reenvio deste explicando paulatinamente os motivos da referida solicitação.

Percebe-se então que ante as recusas, Thétis Nunes arregaçava as mangas e reenviava outra solicitação até que esta fosse atendida, muitos foram os pedidos dela por suplementação de verbas, compras de materiais de consumo e expediente, bem como de livros e revistas para a biblioteca e para os laboratórios de Física/Química/História e Geografia, além de reparos no prédio, portarias de aumento salarial, renovação de contrato, contratação e designação de professores para assumirem turmas complementares.

À vista das dificuldades enfrentadas no período de escrita, resultantes especialmente pela pandemia da covid-19 que me impossibilitou a ter acesso a novas fontes documentais, a realizar as entrevistas presencialmente, sem falar das angústias e do medo iminente de perder um ente querido ou de contrair a doença e morrer, o que desfavoreceu e muito a capacidade de concentração no processo de escrita, tornando o trabalho mais difícil e penoso. Como

sabiamamente notabilizou o professor Manolo Garcia Florentino (2020), pesquisar em meio a esse contexto catastrófico deixa o pesquisador para baixo, e para conseguir me concentrar tive que me afastar um pouco das notícias diárias sobre a pandemia e o acréscimo alarmante do número de mortes e infectados, e criar um mundo paralelo entre o real e o imaginário.

Logo, reitero a importância e as contribuições dessa pesquisa para a historiografia sergipana, para o Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED), somando-se assim a muitos outros estudos biográficos e que abordam trajetórias de vida de intelectuais sergipanos desenvolvidos por pesquisadores desse Departamento e claro pelo potencial das fontes utilizadas para trabalhos posteriores.

Aqui deixo minhas sinceras admirações e respeito pela menina meiga, travessa, irrequieta, aluna dedicada, inteligente, disciplinada e fiel de Arthur Fortes que se tornou em uma profissional cordial, zelosa pela coisa pública; mulher pertinaz e de concepções claras; uma professora que lutou pela educação sergipana, com senso de responsabilidade, amor pelo que fazia e que cultuou “a liberdade, defendendo o seu domínio porque **viveu** dois períodos ditatoriais, sabendo, assim, o **significado da liberdade**, quando **desta foi privada**” (NUNES, 2003, p. 239 , grifo do autor).

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Biografia Luís Viana Filho, s/d. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/luis-viana-filho/biografia>. Acesso em: 22 dez. 2020.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Biografia: Laudelino Freire, s/d. Disponível em: <https://www.academia.org.br/academicos/laudelino-freire/biografia>. Acesso em: 30 jan. 2021.

ADREOTTI, Azilde L. A administração escolar na era Vargas (1930-1945). In: ADREOTTI, Azilde L.; LOMBARDI, José Claudinei; MINTO, Lalo Watanabe (Orgs.). **História da administração escolar no Brasil**: do diretor ao gestor. Campinas, SP: Alínea, 2012.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE SERGIPE. Trajetória de Manoel Cabral Machado é destacada durante homenagem na Alese, 2016. Disponível em: <https://al.se.leg.br/trajetoria-de-manoel-cabral-machado-e-destacada-durante-homenagem-na-alese/>. Acesso em: 21 mar. 2021.

ALMEIDA, Marlaine Lopes de. **Leyda Régis**: reminiscências de formação intelectual e atuação profissional em Sergipe. 2009. 139 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2009.

ALMEIDA, Sayonara do Espírito Santo. **A reforma Gustavo Capanema**: vislumbrada no currículo do Atheneu Sergipense (1940-1944). 2009. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2009.

ALMEIDA, Sayonara do Espírito Santo. **Economia doméstica**: uma disciplina escolar no secundário ginasial sergipano do Atheneu Sergipense (1944-1954). 2017. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

ALVES, André Luís Conceição. **A geografia e uma história**: a disciplina de geografia no Atheneu Sergipense entre os anos de 1870 e 1908. 2014. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

ALVES, Eva Maria Siqueira. **O Atheneu Sergipense**: uma Casa de Educação Literária, examinada segundo os planos de estudos (1870-1908). 2005. 318 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

ALVES, Eva Maria Siqueira. **O Atheneu Sergipense**: traços de uma história. Aracaju: ADGRAF, 2005.

ALVES, Eva Maria Siqueira. Prêmios e sanções no cotidiano escolar. In: SOUZA, Josefa Eliana Souza; DAANTAS JÚNIOR, Hamilcar Silveira (Orgs.). **Instituições e práticas educativas no Brasil**: teoria e história. São Cristóvão: Editora UFS, 2012. p. 41-59.

ALVES, Eva Maria Siqueira. **Entre papeis e lembranças**: o Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense e as contribuições para a História da Educação. Aracaju: Edise, 2015.

AMADO, Paula Barreto Doria. **Corpo regulamentado, corpo rebelado**: Atheneu Sergipense (1909–1911). 2017 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tiradentes, Aracaju, 2017.

ANANIAS, Mauricéia. A administração escolar no período imperial (1822-1889). In: ADREOTTI, Azilde L.; LOMBARDI, José Claudinei; MINTO, Lalo Watanabe (Orgs.). **História da administração escolar no Brasil: do diretor ao gestor**. Campinas, SP: Alínea, 2012.

ANDRADE, Adailton. Manoel Armino Cordeiro Guaraná. **Fontes da História de Sergipe**, 2017. Disponível em: <https://fontesdahistoriadesergipe.blogspot.com/2017/07/manoel-armindo-cordeiro-guarana.html>. Acesso em: 05 fev. 2021.

ANDRADE, Guaraci de Santana Marques. **Um estudo da relação do professor de língua portuguesa e do aluno com os recursos tecnológicos, a internet e o blog no Colégio Atheneu e no CODAP/UFS**. 2013. 126 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

ANUNCIAÇÃO, Tássia Oliva de Souza. **O teatro Atheneu e suas memórias: palco-casa da arte em Aracaju/Sergipe**. 2019. 77 f. Monografia (Licenciatura em Artes) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

BARRETO, Luiz Antônio. Tobias Barreto: uma bio-bibliografia. In: **Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro**. Tobias Barreto (1839-1889): bibliografia e estudos críticos, s/d. Disponível em: http://www.cdpb.org.br/antigo/tobias_barreto.pdf. Acesso em: 26 jan. 2021.

BARRETO, Luiz Antônio. Maria Thétis Nunes: perfil historiográfico de uma mestra. **Revista do Mestrado em Educação**, UFS, v.9, p. 9-16, jul./dez. 2004.

BARRETO, Luiz Antônio. Tobias Barreto: uma bio-bibliografia. In: **Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro**. Tobias Barreto (1839-1889): bibliografia e estudos críticos, s/d. Disponível em: http://www.cdpb.org.br/antigo/tobias_barreto.pdf. Acesso em: 26 jan. 2021.

BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. Os padres de Dom José: o Seminário Sagrado Coração de Jesus (1913-1933). **Revista Educação em Questão**. Natal, v. 21, n. 7, p. 136-160, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8385/6043>. Acesso em: 13 abr. 2021.

BELLOTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução Maria Helena. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 160 p.

BRITTO, Clovis Carvalho; DANTAS, Rafael Jesus da Silva & SANTOS JUNIOR, Roberto Fernandes dos. **Sob os véus de Mnemosyne: a imaginação museal de Maria**

Thetis Nunes. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2018. 182 p.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 191 p.

CABRAL, Mario. **Roteiro de Aracaju**. Aracaju: Livraria Regina LTDA, 1955. 347 p.

CASTANHA, André Paulo. Retornar às Fontes: desafios aos estudos históricos-educativos. In: SILVA, João Carlos da. (Org.) *et al.* **História da Educação**: arquivos, instituições escolares e memória histórica. Campinas, SP: Editora Alínea, 2013.

CARMO, Kátia de Araújo. **Uma História do curso de Ciências Biológicas na Universidade Federal de Sergipe**: para quê? para quem? como? (1969-1983). 2011. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. In: **Teoria & Educação**, 2, 1990. p. 177-229.

COLÉGIO ATHENEU SERGIPENSE. **Anuário**. Aracaju, SE: 1936. 111 p.

CORREA, Rubens Arantes. Os intelectuais e a escrita da história – as contribuições metodológicas de Jean-François Sirinelli. **Escritas**, vol. 8, n. 2, 2016. p. 265-278.

CORREA, Rubens Arantes. Os intelectuais: questões históricas e historiográficas – uma discussão teórica. **SÆculum - Revista de História**. João Pessoa, jul./dez. 2015. p. 395-410.

CORREIO DE SERGIPE (JORNAL). **Memórias de Sergipe**: Personalidades sergipanas. Aracaju, SE: Correio de Sergipe, 2004 - 2006. 49 fascículos.

COSTA, Rosemeire Macedo. **A instrução pré-militar como disciplina escolar**: marcas do Exército no Atheneu Sergipense (1909-1946). 2018. 133 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

COSTA, Silvânia Santana. **Histórias contadas e vividas**: memórias da Escola Normal Rural Murilo Braga de Itabaiana/Sergipe (1950-1972). 2016. 206 f. Porto Alegre/RS. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, PUCRS, Rio Grande do Sul, 2016.

CPDOC/ FGV – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Avelar Brandão Vilela**. Disponível em:
<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/avelar-brandao-vilela>. Acesso em: 12 abr. 2021.

CPDOC/ FGV – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. **Thales de Azevedo**. Disponível em:
https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/thales_de_azevedo. Acesso em: 13 abr. 2021.

CRUZ, Crislaine Santana. **“Caridade sem limites. Ciência sem privilégios”**: o ensino universal de Jacotot por Benoît Mure no Brasil (1840-1848). 2018. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

CRUZ, Luiz Antônio Pinto. **“A guerra do Atlântico na costa do Brasil”**: rastros, restos e aura dos u-boats no litoral de Sergipe e da Bahia (1942-1945). 2017. 255 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

DALLABRIDA, Noberto. A reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário. **Educação**: Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 185-191, maio/ago., 2009.

DANTAS, José Ibarê Costa. **Os partidos políticos em Sergipe (1889-1964)**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

DANTAS, Ibarê. **História de Sergipe**: República (1889-2000). Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

DANTAS, Ibarê. Maria Thétis Nunes (06.01.1923 a 25.10.2009). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju, n. 39, 2009.

DANTAS, Ibarê. **Leandro Maynard Maciel na política do século XX**. Aracaju: Criação, 2017. 438 p.

DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José André; PERNAMBUCO, Marta Maria. **Ensino de Ciências**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

DEMARTINI, Zelia de Brito Fabri; ANTUNES, Fátima Ferreira. Magistério primário: profissão feminina, carreira masculina. **CP – Cadernos de pesquisa**. São Paulo, n. 86, p. 5-14, 1993. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/934>. Acesso em: 26 dez. 2020.

DIAS, Alfrancio Ferreira. **Relações de gênero no trabalho docente**: um estudo de caso no Colégio Estadual Atheneu Sergipense. 2013. 241 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2013.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Escolarização e cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafio. In: BENCOSTA, Marcus Levy (Org.). **Culturas escolares e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

FARIAS, Iara Alves de. **Economia doméstica no Atheneu Sergipense**: uma análise da disciplina entre os anos de 1944 e 1949. 2009. 43 f. Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2009.

FERREIRA, Mary. Mulher e política educacional: descortinando um passado recente num Maranhão presente. In: **Revista do Mestrado em Educação**. Núcleo de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão: UFS/NPGED, 2006, Vol. 12.

FERREIRA, Otilia Tatiana de Cácia da Conceição. **'Entre o discurso médico e o jurídico'**: Garcia Moreno e as primeiras interferências da medicina legal em Sergipe (década de 1940).

2004. 54 f. Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, 2004.

FILHO, José de Oliveira B. A Livraria Regina. **Aracajuantigga**, 2009. Disponível em: <http://aracajuantigga.blogspot.com/>. Acesso em: 28 dez. 2020.

FLORENTINO, Manolo Garcia. “As angústias deste momento trágico desfavorecem a capacidade de concentração”. **Revista Pesquisa FAPESP**, 2020. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/as-angustias-desse-momento-tragico-desfavorecem-a-capacidade-de-concentracao/>. Acesso em: 07 maio de 2021.

FONSECA, Simone Silva da. **Os saberes matemáticos nas instituições de ensino profissionalizante de Sergipe (1909 -1971)**. 2020. 238 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

FONSECA, Taís Nívia de Lima. História cultural e história da educação na América Portuguesa. In: **Revista Brasileira de História da Educação**, nº12, jul/dez de 2006. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38627/20158>. Acesso em: 06 mar. 2019.

FONSECA, Sônia Maria; MENARDI, Ana Paula S. A administração escolar no Brasil Colônia. In: ADREOTTI, Azilde L.; LOMBARDI, José Claudinei; MINTO, Lalo Watanabe (Orgs.). **História da administração escolar no Brasil: do diretor ao gestor**. Campinas, SP: Alínea, 2012.

FONTES, Jirlan Costa. A disciplina História da Civilização no Atheneu Sergipense entre os anos de 1938 a 1943. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1996.

FRANCO, Josevanda Mendonça. **Atheneu “Pedro II”**: memória e restauro. Aracaju: Edise, 2015. 328 p.

FRANCO, Josevanda Mendonça. Educação Pública em Sergipe: dos primórdios ao “Atheneu Pedro II”. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**. Nº 47, 2017.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. Educando mulheres em Sergipe, na passagem do século XIX para o século XX: possibilidades e tendências. In: **Congresso Brasileiro de História da Educação**, 2., 2002, Natal. Anais eletrônicos [...] Natal: UFRN, 2002. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema5/0509.pdf>. Acesso em: 25 dez. 2020.

FREITAS, Marcos Cezar de. A historiografia de Maria Thétis Nunes e o ISEB: a historiografia diante das metáforas do tempo. **Revista do Mestrado em Educação**, UFS, v.9, p. 17-24, jul./dez. 2004.

FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

GALLINDO, Jussara; ANDREOTTI, Azilde L. A administração escolar no nacional desenvolvimentismo (1945-1964). In: ANDREOTTI, Azilde L.; LOMBARDI, José Claudinei; MINTO, Lalo Watanabe (Orgs.). **História da administração escolar no Brasil: do diretor ao gestor**. Campinas, SP: Alínea, 2012. p. 125-145.

GALLY, Christianne de Menezes. **Brício Cardoso no cenário das Humanidades do Atheneu Sergipense (1870-1874)**. 2004. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Núcleo de Pós-graduação em Educação, Pró-reitora de Pós-graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2004.

GILFRANCISCO. **Agremiações culturais de jovens intelectuais na imprensa estudantil: grêmio Clodomir Silva e mensagens dos novos em Sergipe**. Aracaju: Edise, 2019. 592 p.

GILFRANCISCO. O Camarada Manoel Franco Freire. **Evidencie-se**, s/d. Disponível em: <https://evidencie-se.com/o-camarada-manoel-franco-freire/>. Acesso em: 02 dez. 2020.

GILFRANCISCO. Austrogésilo Porto, apresentado a Sergipe. **Evidencie-se**, s/d. Disponível em: <https://evidencie-se.com/austrogesilo-porto-apresentado-a-sergipe/>. Acesso em: 20 mar. 2021.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira. **Pés-de-anjo e letreiros de neon: ginasianos na Aracaju dos anos dourados**. São Cristóvão/SE: Editora UFS, 2002. 291 p.

GUARANÁ, Armindo. **Dicionário biobibliográfico sergipano**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1925.

GUIMARÃES, Danielle Virginie Santos. **Do ponto à forma: a disciplina desenho no Atheneu Sergipense (1905-1930)**. 2012. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012.

GUIMARÃES, Mariza Alves. **Um olhar sobre a história da organização curricular da educação física no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (1959-1996)**. 2016. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

IMPRESSÕES: arcádia literária estudantil Colégio Estadual Atheneu Sergipense. [s.l.]: s.e., 2006. 152 p.

JESUS, Danilo Mota de. **Uma história da odontologia em Sergipe: do ensino à estruturação do campo (1925-1975)**. 2018. 165 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. Tradução de Gizele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**, nº1 jan./jun. 2001. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/37742506.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2021.

JULIEN, Alfredo; ARAÚJO, Ruy Belém de; LIMA, Luiz Eduardo Pina de. Maria Thétis Nunes, a Civilização Árabe e a Civilização Ocidental. **Revista do Mestrado em**

Educação, UFS, v.9, p. 41-43, jul./dez. 2004.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. A memória evanescente. In: PINSKY, Carla Barcelar; LUCA, Tania Regina de. (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LEITE, Geraldo. 161- Sergipe: João Batista Perez Garcia Moreno. **Médicos ilustres da Bahia e de Sergipe**, 2012. Disponível em: <http://medicosilustresdabahia.blogspot.com/2012/01/161-sergipe-joao-batista-perez-garcia.html>. Acesso em: 21 mar. 2021.

LE MOS, Renato. Augusto Maynard Gomes. **CPDOC/ FGV – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**, s/d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/gomes-augusto-maynard>. Acesso em: 05 jan. 2021.

LOMBARDI, José Claudinei. A importância da abordagem histórica da gestão educacional. In: ADREOTTI, Azilde L.; LOMBARDI, José Claudinei; MINTO, Lalo Watanabe (Orgs.). **História da administração escolar no Brasil: do diretor ao gestor**. Campinas, SP: Alínea, 2012. p. 15-28.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary Del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 443-481.

MACIEL, Ane Rose de Jesus Santos. **Entre fatos e relatos: as trajetórias de Carmelita Pinto Fontes e Rosália Bispo dos Santos na educação sergipana (1960-1991)**. 2016. 180 f. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

MACIEL, Ane Rose de Jesus Santos. **Sob a tutela da moral e os auspícios da ordem: a trajetória de Dom Luciano José Cabral Duarte no Conselho Federal de Educação (1968-1986)**. 2020. 260 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

MAGALHÃES, Luiz Antônio. Joel Silveira morre no Rio aos 88 anos. **Observatório da Imprensa**, Ano 20 - nº 1114, 2007. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/joel-silveira-morre-no-rio-aos-88/>. Acesso em: 24 nov. 2020.

MANCILHA, Virgínia Maria Netto. Nas páginas da imprensa feminina: uma análise da revista Brasil Feminino e da participação feminina no movimento do Sigma (1932-1937). In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. **Entre tipos e recortes: histórias da imprensa integralista**. Guaíba: Sob medida, 2011. p.183-205.

MARTIRES, José Genivaldo. **"Flagrando a vida": trajetória de Lígia Pina - professora, literata e acadêmica (1925-2014)**. 2016. 139 f. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

MARTIRES, José Genivaldo. **Do capelo ao fardão: a inserção de professoras na Academia Sergipana de Letras no século XX**. 2020. 322 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

MELINS, Murillo. **Aracaju romântica que vi e vivi anos 40 e 50**. Aracaju: UNIT, 2000.

MELINS, Murillo. **Aracaju romântica que vi e vivi anos 40 e 50**. 3ª ed. Aracaju: UNIT, 2007.

MELLO, José Octávio de Arruda. Nas vivências de uma educadora, também geógrafa e historiadora. **Revista do Mestrado em Educação**, UFS, v.9, p. 25-32, jul./dez. 2004.

MELNIKOFF, Elaine Almeida Aires. **Trajetória de Núbia Nascimento Marques: contribuições para a educação em Sergipe**. 2014. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

MENDONÇA, José Antônio Nunes. **A Educação em Sergipe: (ano de 1956)**. Aracaju: Livraria Regina LTDA, 1958.

MENEZES, José Américo Santos. **Escola de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe: uma possível história**. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 1997.

MÉSZAROS, I. **A educação para além do capital**. Trad. Isa Tavares. 2ª ed., São Paulo: Boitempo, 2005.

MIRANDA, Antônio Lisboa Carvalho de. Arthur Fortes (1881-1944). **Antônio Miranda**, 2020. Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/sergipe/ARTHUR%20FORTES.html. Acesso em: 03 dez. 2020.

MIRANDA, Antônio Lisboa Carvalho de. Santo Souza. **Antônio Miranda**, 2010. Disponível em: http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_brasis/sergipe/santos_souza.html. Acesso em: 20 mar. 2021.

MONTEIRO, Rísia Rodrigues Silva. **Nazaré Carvalho e a circulação de práticas educativas na TV sergipana (1971-1979)**. 2016. 177 f. Dissertação (Pós-Graduação em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

NASCIMENTO, José Anderson. **Perfis Acadêmicos**. Edise, 2017. 758 p.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Os estudos sobre intelectuais na historiografia de Maria Thétis Nunes. **Revista do Mestrado em Educação**, UFS, v.9, p. 33-40, jul./dez. 2004.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. A história da educação de Sergipe no bicentenário da independência. **Conferência de Abertura do I Encontro Sergipano de História da Educação – ESHE**, realizado entre os dias 05 e 08 de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=x0TsVNU0A3k&list=PLLLVZBbHqffYPQoRuTElGv_i_yMChFsvBM. Acesso em: 29 out. 2020.

NASCIMENTO, Randeantony da Conceição do. **O Atheneu Sergipense e a educação física: (1916-1950) memórias**. 2001. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) –

Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2001.

NETO, Urbano. Biografia de Freire Ribeiro. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Edição comemorativa ao centenário de nascimento de João Freire Ribeiro. Aracaju: Associação Sergipana de Imprensa, 1931. Disponível em: <file:///C:/Users/drika/Downloads/10326-Texto%20do%20artigo-29269-1-10-20181104.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2021.

NEVES, Rogério Xavier; MARTINS, Maria do Carmo. Fontes de pesquisas escolares e a formação da memória educacional. In: ZAMBONI, Ernesta [et al.] - (Orgs.). **Memórias e histórias da escola**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2008. p. 35-50.

NUNES, Maria Thétis. **Ensino secundário e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos Brasileiros, 1962. 136 p.

NUNES, Maria Thétis. **História de Sergipe a partir de 1820**. Rio de Janeiro: Catedra, Brasília, DF: INL, 1978. 199 p.

NUNES, Maria Thétis. **História da educação em Sergipe**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. 320 p.

NUNES, Maria Thétis. **Sergipe colonial I**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989. 307 p.

NUNES, Maria Thétis. **Sergipe colonial II**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. 332 p.

NUNES, Maria Thétis. **Sergipe provincial I: 1820-1840**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. 394 p.

NUNES, Maria Thétis. **A civilização Árabe: sua influência na civilização ocidental**. Aracaju, SE: J. Andrade LTDA., 2002. 92 p.

NUNES, Maria Thétis. Discurso da professora Maria Thétis Nunes ao tomar posse na Academia Sergipana de Letras da Cadeira nº 39, que tem como Patrono o poeta Joaquim Martim Fontes, sucedendo ao jornalista Orlando Dantas. Ato ocorreu em 06 de abril de 1983. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**, Aracaju/SE, nº 30. 1990, p. 81-94.

NUNES, Maria Thétis. Discurso proferido pela acadêmica Maria Thétis Nunes na sessão solene da Academia Sergipana de Letras, realizada no dia 13 de janeiro de 2003, agradecendo as homenagens recebidas por ocasião do seu 80º aniversário natalício. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. Aracaju/SE, nº 35. 2005, p. 233-239.

NUNES, Maria Thétis. Discurso proferido pela professora Maria Thétis Nunes por ocasião das comemorações dos 50 anos de sua vida literária, no Conselho Estadual de Cultura, (s/d) e (s/e).

OLIVA, Luiz Eduardo. **O processo de gestão de uma universidade do nordeste: o caso Sergipe**. 1990. 156 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Socioeconômico, Florianópolis, 1990.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. **O curso de geografia e história da Faculdade Católica**

de Filosofia de Sergipe (1951-1954): entre alunas, docentes e disciplinas – uma história. 2008. 95 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. As aulas de Maria Thétis Nunes na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1956). **IV Congresso Internacional de Pesquisa (Auto) Biográfica**, Universidade de São Paulo: SP, 2010.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. **Disciplinas, docentes e conteúdos:** itinerários da História na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (1951-1962). 2011. 226 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. Os professores de história da “Antiga FAFI”. **Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura**, v. 6, n. 10, p. 46-60, 31 out. 2012. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/pontadelanca/article/view/3320>. Acesso em: 20 dez. 2020.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. **Caminhos cruzados:** itinerários de pioneiros professores do ensino superior em Sergipe (1915-1954). 2015. 319 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. "Caminhos percorridos" por Maria Thetis Nunes: pioneira catedrática do Atheneu Sergipense. **19º Encontro Internacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero – REDOR**, 2016, p. 764-778. Disponível em: http://www.sinteseeventos.com.br/redor_2016/gt02.pdf. Acesso em: 20 dez. 2020.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. Itinerários de Maria Thétis Nunes na Faculdade de Filosofia da Bahia (1943-1946). **Fronteiras e Identidades: reunião de artigos do III EIFI**. Pelotas: Edição do Autor, 2017, p. 282-290. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=IMIZDwAAQBAJ&pg=PT283&lpg=PT283&dq=Itiner%C3%A1rios+de+Maria+Th%C3%A9tis+Nunes+na+Faculdade+de+Filosofia+da+Bahia+\(1943-1946\)&source=bl&ots=gQ1LKbGtq7&sig=ACfU3U0s9nlYWm2GIGaWcwGpKlnVVzmItg&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjQtbPP3rLxAhWQqZUCHfvVB94Q6AEwEHoECAQQA#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=IMIZDwAAQBAJ&pg=PT283&lpg=PT283&dq=Itiner%C3%A1rios+de+Maria+Th%C3%A9tis+Nunes+na+Faculdade+de+Filosofia+da+Bahia+(1943-1946)&source=bl&ots=gQ1LKbGtq7&sig=ACfU3U0s9nlYWm2GIGaWcwGpKlnVVzmItg&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjQtbPP3rLxAhWQqZUCHfvVB94Q6AEwEHoECAQQA#v=onepage&q&f=false). Acesso em: 20 dez. 2020.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. Maria Thetis Nunes: o ingresso da “subversiva” nos caminhos do magistério (1944-1945). **Anais Eletrônicos do IX Congresso Brasileiro de História da Educação** – Universidade Federal da Paraíba: PB, 2017.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. Vestígios “dos jovens anos escolares” de uma intelectual brasileira: itinerários da aluna Maria Thetis Nunes no Atheneu Sergipense (1935-1941). **Revista de História e Historiografia da Educação**. Curitiba, Brasil, v. 1, n. 1, p. 174-192, janeiro/abril de 2017.

OLIVEIRA, João Paulo Gama; OLIVEIRA, Roselusia Teresa de Moraes. Arthur Fortes: o professor e “poeta da rosa vermelha”. In: CONCEIÇÃO, Joaquim Tavares da; SOUZA, Josefa Eliana; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Entre trajetórias e disciplinas**. 1ª ed. Jundiaí/SP: Paco Editora, 2020. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=zYzVDwAAQBAJ&pg=PT17&lpg=PT17&dq=Arthur>

[+Augusto+Gentil+Fortes&source=bl&ots=4eqRC0NqAm&sig=ACfU3U3mj-1rXlCh3qrs2jvDLT8khQH-CQ&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwibr5eucPtAhUOSK0KHdHzCd4Q6AEwDXoECAkQAg#v=onepage&q=Arthur%20Augusto%20Gentil%20Fortes&f=false](https://repositorio.ufes.br/bitstream/handle/10071/10071/1/1rXlCh3qrs2jvDLT8khQH-CQ&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwibr5eucPtAhUOSK0KHdHzCd4Q6AEwDXoECAkQAg#v=onepage&q=Arthur%20Augusto%20Gentil%20Fortes&f=false). Acesso em: 10 dez. 2020.

OLIVEIRA, Lizianne Torres. **A arquitetura como palimpsesto**: análise teórica da intervenção de restauração do antigo Atheneuzinho, atual Museu da Gente Sergipana. 2019. 89 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2019.

OLIVEIRA, Nayara Alves de. **A Faculdade de Educação da Universidade Federal de Sergipe (1967-1971)**: origens e contribuições. 2011. 185 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.

OLIVEIRA, Norberto Rocha de. **Maria Thétis Nunes**: uma contribuição a historiografia sergipana. 1997. 44 f. Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. A imprensa integralista brasileira em perspectiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. **Entre tipos e recortes**: história da imprensa integralista. Guaíba: Sob medida, 2011. p. 19-46.

PAES, Marilene Leite. **Arquivo**: teoria e prática. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

PAIXÃO, Roberto Carlos Bastos da. **A trajetória de Euzébio Vanério na instrução pública brasileira (1784-1852)**. 2020. 220 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

PECHMAN, Robert. Eronides Ferreira de Carvalho. **CPDOC/ FGV – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**, s/d. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eronides-ferreira-de-carvalho>. Acesso em: 24 dez. 2020.

PEREIRA, Carla Cristina Alves. **A luta por um mundo mais justo**: atuação do movimento estudantil do Colégio Estadual de Sergipe, CES, no período de 1964 - 1968. 1997. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 1997.

PEREIRA, Manoel Odilon Farias. **A Arte na Educação Brasileira**: o ensino do Desenho no Atheneu Sergipense (1899-1906). 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arte e Comunicação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2006.

PEREIRA, Manoel Odilon Farias. **Artes no ensino secundário**: o aprendizado do Desenho no Atheneu Sergipense (1889-1908). 2008. Monografia (Especialização em Artes Visuais) – Pós-Graduação Lato Sensu. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e Historia Cultural**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica.

PILETTI, Nelson. **História da Educação no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática S.A., 1991.

PRADO, Rosemeiry de Castro. **Do engenheiro ao licenciado: os concursos a cátedra de do Colégio Pedro II e as modificações do saber do professor de matemática do ensino secundário**. 2003. 136 f. Dissertação (Mestrado em Matemática) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2003.

RABELLO, Sylvio. **Itinerário de Sylvio Romero**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1944. 260 p.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. **Para uma história cultural**. Lisboa, Portugal: Estampa, 1998. 432 p.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. 36ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

RODRIGUES, Cibele de Souza. **Ignácio de Souza Valladão: traços do precursor da cadeira de Pedagogia do curso Normal do Atheneu Sergipense (1870-1884)**. 2013. 30 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

RODRIGUES, Cibele de Souza. **O Porvir, jornal literário e recreativo: propriedade de uma associação de estudantes do Atheneu Sergipense (1874)**. 2016. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2016.

RODRIGUES, Simone Paixão. **Com a palavra, os alunos: associativismo discente no Grêmio Literário Clodomir Silva (1934 - 1956)**. 2015. 337 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

SALLES, João Carlos. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas: breve nota sobre o sentido de sua história. IN: TOUTAIN, Lúcia Maria Brandão. SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves (Orgs). **UFBA: do século XIX ao século XXI/Universidade Federal da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 343-347.

SANTANA, Adriana Menezes de. **Apresentais os fatos, ensinais a efetuar o mundo: as cartas de Parker em Sergipe (1912-1953)**. 2015. 130 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

SANTANA, Carla Patrícia; ALVES, Ivíia. Lavínia Augusta Machado. **Biografia e Trajetória Literária**, s/d. Disponível em: <http://www.escritorasbaianas.ufba.br/Lavinia/biogtraj.html>. Acesso em: 22 dez. 2020.

SANTANA, Sayonara Rodrigues do Nascimento. **Por entre as memórias de uma instituição: o arquivo e as práticas administrativas do Atheneu Sergipense (1870-1926)**. 2012. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012.

SANTOS, Ana Márcia Barbosa dos. **Sob a lente do discurso: aspectos do ensino de Retórica e Poética no Atheneu Sergipense (1874-1891)**. 2010. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2010.

- SANTOS, Andréia Bispo dos. **Arquivo Central da Universidade Federal de Sergipe: um “guardião” para a História da Educação (1998–2016)**. 2019. 153 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.
- SANTOS, Cleverton dos. **O catolicismo colonial sergipano segundo de Maria Thétis Nunes**. São Cristóvão, SE, 2008 64 f. Monografia (Especialização em Ciências da Religião) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008.
- SANTOS, Elissandra Silva. Livraria Regina: notas sobre a aventura do livro em Aracaju (1918-1976). **Revista do IHGSE**. Aracaju, n. 42, pp. 287-312, 2012.
- SANTOS, Gilvan Vitor dos. **O Círculo Operário Católico em Sergipe: práticas educativas e organização da cultura operária (1935-1969)**. 2011. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.
- SANTOS, Ivan Paulo Silveira. **Manoel Bomfim: trajetória, suas críticas e concepções sobre o Brasil como nação**. 2017. 139 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.
- SANTOS, Luiz Fernando Cajueiro dos. **O gênero biográfico no ensino das artes visuais: a vida e a pintura de José de Dome (1955-1981)**. 2018. 174 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.
- SANTOS, Magno Francisco de Jesus. A face opaca da república: Izabel Esteves de Freitas e as escolas de primeiras letras em Itabaiana (1926-1932). **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 53, p. 403-413, out. 2013. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/312643356_A_face_opaca_da_republica_Izabel_Esteves_de_Freitas_e_as_escolas_de_primeiras_letras_em_Itabaiana_1926-1932. Acesso em: 10 dez. 2020.
- SANTOS, Marcos Antônio do Monte. **Dos lentes aos compêndios: o ensino da disciplina História no Atheneu Sergipense entre os anos de 1875-1890**. 2018. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2018.
- SANTOS, Maria Conceição Lima. **Entre os documentos oficiais e a prática pedagógica: o uso das TIC no ensino de língua portuguesa no Colégio Estadual Atheneu Sergipense**. 2016. 104 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2016.
- SANTOS, Maria Edna. **A escola normal do Atheneu Sergipense durante a ação do regulamento de 1874**. 2013. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.
- SANTOS, Maria Edna. **A Congregação do Atheneu Sergipense (1871-1875)**. 2016. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.
- SANTOS, Maria Nely. **Professora Thétis: uma vida**. Aracaju: Gráfica Pontual, 1999.

SANTOS, Patrícia Batista dos. **'Amai a pátria': o ensino da disciplina escolar educação moral e cívica no Atheneu Sergipe (década de 70 do século XX)**. 2012. 109 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2012.

SANTOS, Patrícia Francisca de Matos. **José Aloísio de Campos: trajetória e representações sobre o seu reitorado na Universidade Federal de Sergipe**. 2015. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

SANTOS, Lenalda Andrade; OLIVA, Terezinha Alves. **Para conhecer a história de Sergipe**. Aracaju: Opção Gráfica, 1998. 142 p.

SANTOS, Ricardo Costa dos. **Ecos de um Brasil francófono: a língua francesa no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (1960-2013)**. 2020. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2020.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. **Tempos de Capanema**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SILVA, Anna Karla Melo. **Felte Bezerra: um quartel de atividades lítero-científicas**. São Cristóvão, 2014. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

SILVA, Ana Patrícia da; SILVA, Jaqueline Luzia da. Alfabetização e Educação Física: caminhando juntas rumo à cidadania. **Revista do Mestrado em Educação**, Universidade Federal de Sergipe. – Vol. 1, São Cristóvão, 1998.

SILVA, Jandison Moura da. **Maria Thétis Nunes: um olhar sobre a Revolta de Santo Amaro**. São Cristóvão, SE, 2014. Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2014.

SILVA, Patrícia de Sousa Nunes. **Médicos por formação, docentes em ação: o perfil profissional e a formação do campo médico em Sergipe (1966-1973)**. 2018. 252 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2018.

SILVA, Waldinei Santos. **'Written in black and white': o ensino da língua inglesa no Atheneu Sergipense (1870-1877)**. 2017. 145 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2017.

SILVA, Wênia Mendonça. **Um olhar sobre o Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense: sua configuração, objetivos e práticas como fonte para a história da educação em Sergipe (2005-2016)**. 2016. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

SILVA, Wênia Mendonça. **A pedagogia musical do canto orfeônico e a sua configuração como disciplina escolar no Atheneu Sergipense (1931-1956)**. 2019. 137 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

SIMÕES, Renata Duarte. *Impressa oficial integralista: uso e ciclo de vida do jornal A*

Offensiva. In: GONÇALVES, Leandro Pereira; SIMÕES, Renata Duarte. **Entre tipos e recortes**: história da imprensa integralista. Guaíba: Sob medida, 2011. p. 47-82.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003. p. 231-269.

SOUTELO, Luiz Fernando Ribeiro. **Arthur Fortes**: a vida. s/d. Disponível em: <file:///C:/Users/drika/Downloads/8007-Texto%20do%20artigo-22850-1-10-20171215.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

SOUZA, Josefa Eliana. **Em busca da democracia**: a trajetória de Nunes Mendonça. 1998. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-graduação em Educação, Pró-reitora de Pós-graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 1998.

SOUZA, Josefa Eliana. **Nunes Mendonça** – um escolanovista sergipano. Aracaju: Editora UFS/Fundação Oviêdo Teixeira, 2003.

SOUZA, Josefa Eliana. **História e memória Universidade Federal de Sergipe**: 1968 - 2012. São Cristóvão, SE: Editora UFS, 2015. 446 p.

SOUZA, Renilfran Cardoso de. **“Mestra na essência da palavra”**: trajetória docente de Ofenísia Soares Freire (1941 - 1966). 2017. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

SOUZA, Salim Silva. **O curso de biblioteconomia e documentação da Universidade Federal de Sergipe (2008-2017)**: criação, implantação e funcionamento. 2019. 180 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019.

SOUZA, Suely Cristina Silva. **Uma história da disciplina matemática no Atheneu Sergipense durante a ação da reforma Francisco Campos (1938-1943)**. 2011. 252 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, 2011.

SOUZA, Suely Cristina Silva. **“Habilitado ou inabilitado”**: os concursos para professores do ensino secundário em Sergipe. 2016. 399 f. Tese (Doutorado em Educação) – Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016a.

SOUZA, Suely Cristina Silva. **História da Matemática no Brasil (1938-1943)**. Curitiba: Appris, 2016b. 277 p.

TELES, Igor Pereira. **Concursos para professores do Atheneu Sergipense**: a cadeira de História. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008.

THOMPSON, Paul. História oral e contemporaneidade. Tradução de Andréa Zhouri e Lígia Maria Leite Pereira. **Revista História Oral**, V. 5, 2002, p. 9-28. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5>

[B%5D=47](#). Acesso em: 20 jan. 2021.

VIDAL, Valdevania Freitas dos Santos. **O Necydalus**: um jornal estudantil do Atheneu Sergipense (1909-1911). 2009. 211 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2009.

VIEIRA, Silvanaide Silva. **História e memória**: o Colégio Atheneu Sergipense como palco para análise do ensino de história (1930-1945). 2003. 100 f. Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de História, Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2003.

WYNNE, J. Pires. **História de Sergipe**. Rio de Janeiro: Pongetti & C, 1973.

93NOTÍCIAS.COM.BR. BRAZ, Carlos. Réquiem a Luiz Antônio Barreto, 2019. Disponível: <http://93noticias.com.br/noticia/42854/requiem-a-luiz-antonio-barreto> Acesso: 21 out. 2020.

LEIS E DECRETOS:

BRASIL. **Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931**. Dispõe sobre a organização do ensino secundário. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/437916/publicacao/15621228>. Acesso em: 13 de set. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 21.241, de 4 de abril de 1932**. Consolida as disposições sobre a organização do ensino secundário e dá outras providências. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21241-4-abril-1932-503517-publicacaooriginal-81464-pe.html>. Acesso em: 08 de jan. 2021.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 4.244, de 9 de abril de 1942**. Lei orgânica do ensino secundário. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del4244.htm. Acesso em: 15 de set. 2020.

BRASIL. **Decreto nº 10.282, de 20 de março de 2020**. Regulamenta a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, para definir os serviços públicos e as atividades essenciais. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/decreto/D10282compilado.htm. Acesso em: 02 fev. 2021.

DOCUMENTOS CONSULTADOS NO CEMAS (Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense)

LIVRO DE ATAS – INCINERAÇÃO DE PROVAS ESCRITAS (1848-1950). Doc. 169FASS01.

LIVRO DE ATAS – EXAMES DE ADMISSÃO, (1931-1940). Doc. 80FSS01.

LIVRO DE ATAS – EXAMES DO CURSO COMPLEMENTAR, (1931-1940). Doc. 106FSS01.

LIVRO DE ATAS, (1950-1970). Doc. 1171FASG1S01.

LIVRO DE ATAS, (1950-1970). Doc. 1159FASG1S01.
LIVRO DE CORRESPONDÊNCIAS, (1952). Doc. 64FASG1S05.
LIVRO DE CORRESPONDÊNCIAS, (1952). Doc. 1187FASG1S05.
LIVRO DE CORRESPONDÊNCIAS, (1953). Doc. 1206FASG1S05.
LIVRO DE CORRESPONDÊNCIAS, (1953). Doc. 1190FASG1S05.
LIVRO DE CORRESPONDÊNCIAS, (1952-1959). Doc. 1207FASG1S05.
RECORTES DE JORNAIS, (1942-1944). Doc. 328FASS07.

DOCUMENTOS CONSULTADOS NO ARQUIVO PÚBLICO ESTADUAL DE SERGIPE – APES

HEMEROTECA – Recortes de Jornais: Diário Oficial de Sergipe 1951 à 1957.

JORNAIS

A Cruzada. Aracaju, 16 de março de 1968, p. 2. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>. Acesso em: 07 de jan. 2021.

Correio de Aracaju. Aracaju, 06 de março de 1920, p. 2. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>. Acesso em: 07 jan. 2021.

Correio de Aracaju. Aracaju, 25 de julho de 1945, p. 4. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>. Acesso em: 23 dez. 2020.

Correio de Aracaju. Aracaju, 30 de julho de 1946, p. 2. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>. Acesso em: 23 dez. 2020.

Diário de Sergipe. Aracaju, 31 de dezembro de 1950, p. 1. Disponível em: <http://jornaisdesergipe.ufs.br/>. Acesso em: 07 jan. 2021.

FONTES ORAIS – ENTREVISTAS

ANDRADE, Arivaldo Ferreira de, 2020. Entrevistadora Adriana de Andrade Santos. Aracaju/SE. 20 ago. 2020, às 11h.

MARTIRES, José Genivaldo, 2020. Entrevistadora Adriana de Andrade Santos. Aracaju/SE. 04 dez. 2020, às 10h.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do Nascimento, 2020. Entrevistadora Adriana de Andrade Santos. Aracaju/SE. 03 dez. 2020, às 19h30min.

ROLLEMBERG, Francisco Guimarães, 2020. Entrevistadora Adriana de Andrade Santos. Aracaju/SE. 19 nov. 2020, às 20h.

APÊNDICE

APÊNDICE A – Quadro de levantamento de produções sobre o Atheneu Sergipense

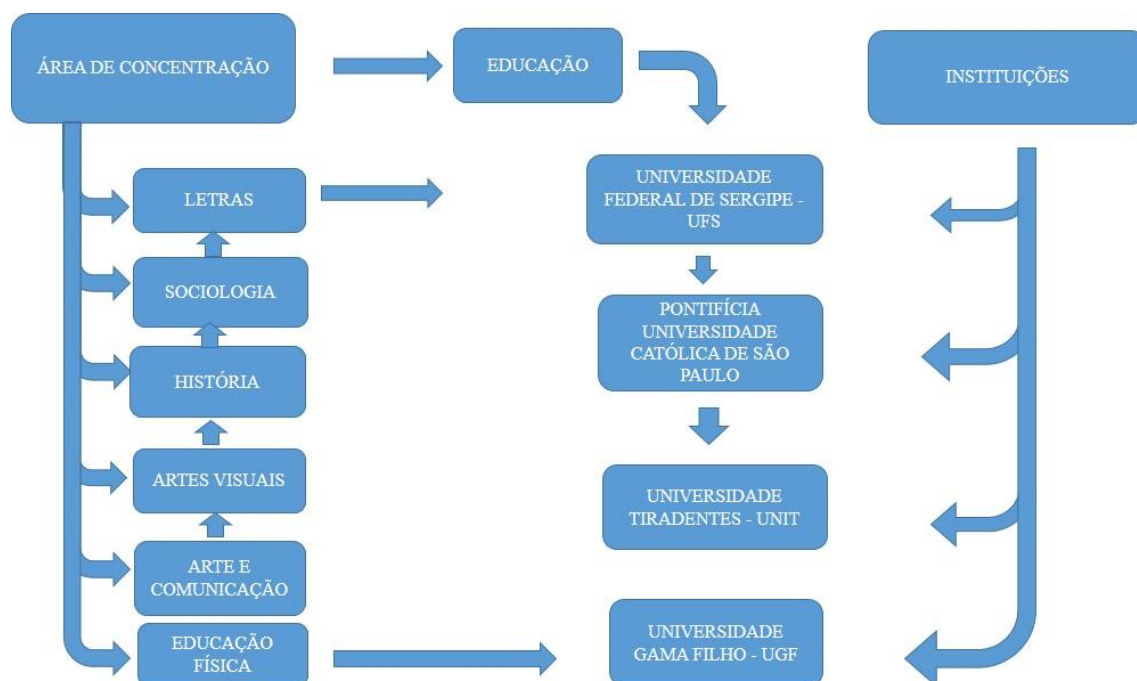
TESE DE DOUTORADO		
Ano	Autor	Título do trabalho
2005	Eva Maria Siqueira Alves	O Atheneu Sergipense: uma Casa de Educação Literária, examinada segundo os planos de estudos (1870-1908).
2013	Alfrancio Ferreira Dias	Relações de gênero no trabalho docente: um estudo de caso no Colégio Estadual Atheneu Sergipense.
2015	Simone Paixão Rodrigues	Com a palavra, os alunos: associativismo discente no Grêmio Literário Clodomir Silva (1934 - 1956).
2016	Suely Cristina Silva Souza	“Habilitado ou inhabilitado”: os concursos para professores do ensino secundário em Sergipe (1875-1947).
2018	Rosemeire Marcedo Costa	A Instrução Pré-militar como disciplina escolar: marcas do exército no Atheneu Sergipense (1909-1946).
2020	Simone Silva da Fonseca	Os saberes matemáticos nas instituições de ensino profissionalizante de Sergipe (1909 - 1971).
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO		
Ano	Autor	Título do trabalho
2001	Randea Antony da Conceição do Nascimento	O Atheneu Sergipense e a educação física: (1916-1950) memórias.
2004	Christianne de Menezes Gally	Brício Cardoso no cenário das Humanidades do Atheneu Sergipense (1870-1874).
2009	Valdevania Freitas dos Santos Vidal	O Necy dalus: um jornal estudantil do Atheneu Sergipense (1909-1911).
2010	Ana Márcia Barbosa dos Santos	Sob a lente do discurso: aspectos do ensino de Retórica e Poética no Atheneu Sergipense (1874-1891).
2011	Suely Cristina Silva Souza	Uma história da disciplina matemática no Atheneu Sergipense durante a ação da reforma Francisco Campos (1938-1943).
2012	Danielle Virginie Santos Guimarães	Do ponto à forma: a disciplina desenho no Atheneu Sergipense (1905-1930).
2012	Patrícia Batista dos Santos	'Amai a pátria': o ensino da disciplina escolar educação moral e cívica no Atheneu Sergipe (década de 70 do século XX).
2012	Sayonara Rodrigues do Nascimento Santana	Por entre as memórias de uma instituição: o arquivo e as práticas administrativas do Atheneu Sergipense (1870-1926).
2013	Guaraci de Santana Marques Andrade	Um estudo da relação do professor de língua portuguesa e do aluno com os recursos tecnológicos, a internet e o blog no Colégio

		Atheneu e no CODAP/UFS.
2014	André Luís Conceição Alves	A geografia e uma história: a disciplina de geografia no Atheneu Sergipense entre os anos de 1870 e 1908.
2015	Adriana Menezes de Santana	Apresentais os fatos, ensinais a efetuar o mundo: as cartas de Parker em Sergipe (1912-1953).
2016	Cibele de Souza Rodrigues	O Porvir, jornal literário e recreativo: propriedade de uma associação de estudantes do Atheneu Sergipense (1874).
2016	Maria Conceição Lima Santos	Entre os documentos oficiais e a prática pedagógica: o uso das TIC no ensino de língua portuguesa no Colégio Estadual Atheneu Sergipense.
2016	Maria Edna Santos	A Congregação do Atheneu Sergipense (1871-1875).
2017	Sayonara do Espírito Santo Almeida	Economia doméstica: uma disciplina escolar no secundário ginasial sergipano do Atheneu Sergipense (1944-1954).
2017	Paula Barreto Doria Amado	Corpo regulamentado, corpo rebelado: Atheneu Sergipense (1909–1911).
2017	Waldinei Santos Silva	'Written in black and white': o ensino da língua inglesa no Atheneu Sergipense (1870-1877).
2018	Marcos Antônio do Monte Santos	Dos lentes aos compêndios: o ensino da disciplina História no Atheneu Sergipense entre os anos de 1875-1890
2019	Wênia Mendonça Silva	A pedagogia musical do canto orfeônico e a sua configuração como disciplina escolar no Atheneu Sergipense (1931-1956).
2020	Jirlan Costa Fontes	A disciplina História da Civilização no Atheneu Sergipense entre os anos de 1938 a 1943.
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO/ESPECIALIZAÇÃO		
Ano	Autor	Título do trabalho
1997	Carla Cristina Alves Pereira	A luta por um mundo mais justo: atuação do movimento estudantil do Colégio Estadual de Sergipe, CES, no período de 1964 – 1968.
2003	Silvaneide Silva Vieira	História e memória: o Colégio Atheneu Sergipense como palco para análise do ensino de história (1930-1945).
2006	Manoel Odilon Farias Pereira	A Arte na Educação Brasileira: o ensino do Desenho no Atheneu Sergipense (1899-1906).
2008	Igor Pereira Teles	Concursos para professores do Atheneu Sergipense: a cadeira de História.
2008	Manoel Odilon Farias Pereira	Artes no ensino secundário: o aprendizado do Desenho no Atheneu Sergipense (1889-1908).

2009	Iara Alves de Farias	Economia doméstica no Atheneu Sergipense: uma análise da disciplina entre os anos de 1944 e 1949.
2009	Sayonara do Espírito Santo Almeida	A reforma Gustavo Capanema: vislumbrada no currículo do Atheneu Sergipense (1940-1944).
2013	Cibele de Souza Rodrigues	Ignácio de Souza Valladão: traços do precursor da cadeira de Pedagogia do curso Normal do Atheneu Sergipense (1870-1884).
2013	Maria Edna Santos	A escola normal do Atheneu Sergipense durante a ação do regulamento de 1874.
2016	Wênia Mendonça Silva	Um olhar sobre o Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense: sua configuração, objetivos e práticas como fonte para a história da educação em Sergipe (2005-2016).
LIVRO		
Ano	Autor	Título do trabalho
1936	Colégio Atheneu Sergipense	Anuário.
2005	Eva Maria Siqueira Alves	O Atheneu Sergipense: traços de uma história.
2006	Autor não identificado	IMPRESSÕES: arcádia literária estudantil Colégio Estadual Atheneu Sergipense.
2015	Eva Maria Siqueira Alves	Entre papéis e lembranças: O Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense e as suas contribuições para a História da Educação.
Total	04	

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora por meio de informações coletadas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e da BICEN.

APÊNDICE B – Fluxograma das áreas de concentração das publicações sobre o Atheneu Sergipense



APÊNDICE C – Quadro de produções do GREPHES (2011-2020)

CATEGORIA ANO	AUTOR FORMAÇÃO	TÍTULO DO TRABALHO
Dissertação 2011	Kátia de Araújo Carmo Licenciatura em Ciências Biológicas	Uma História do Curso de Ciências biológicas na Universidade Federal de Sergipe: Para quê? o quê? Para quem? Como?
Dissertação 2011	Gilvan Vitor dos Santos História	O círculo operário católico em Sergipe: práticas educativas e organização da cultura operária (1935-1969) Educativa Espírita (1947-1992)
Dissertação 2014	Anna Karla de Melo Silva Pedagogia	Felte Bezerra: um quartel de atividades lítero-científicas
Livro 2015	Josefa Eliana Souza	História e Memória: Universidade Federal de Sergipe
Dissertação 2016	Ane Rose de Jesus Santos Maciel Licenciatura em História	Entre fatos e relatos: as trajetórias de Carmelita Pinto Fontes e Rosália Bispo dos Santos
Dissertação 2018	Danilo Mota de Jesus Odontologia	Uma História da Odontologia em Sergipe: do ensino à estruturação do "campo" (1925-1975)
Dissertação 2019	Salim Silva Souza Biblioteconomia	O curso de biblioteconomia e documentação da Universidade Federal de Sergipe (2008-2017): criação, implantação e funcionamento
Dissertação 2019	Andréia Bispo dos Santos Pedagogia	Preservando memórias, escrevendo histórias: um olhar sobre o arquivo central da Universidade Federal de Sergipe (1998-2016)
Tese 2018	Patrícia de Souza Nunes Educação Física	Memória e biografia coletiva de médicos docentes sergipanos: intelectualidade, política, cultura e sociabilidade
Tese 2020	Ane Rose de Jesus Santos Maciel Licenciatura em História	Sob a tutela da moral e os auspícios da ordem: a trajetória de Dom Luciano José Cabral Duarte no Conselho Federal de Educação (1968-1986)
Tese 2020	Ricardo Costa dos Santos	Ecos de um Brasil francófono: a língua francesa no colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (1960-2013)

Fonte: Quadro elaborado pela pesquisadora por meio de informações coletadas no site do PPGED e da BICEN.

APÊNDICE D – Transcrição do 1º relatório anual de Maria Thétis Nunes

14 de janeiro de 1952

Nº. 9

Senhor diretor:

Assumindo as funções de Diretor do Colégio Estadual de Sergipe em 17 de dezembro findo, justamente quando já o ano terminava, difícil nos é pois, apresentar-lhe um relatório minucioso das atividades deste estabelecimento relativo ao ano de 1951.

Procuraremos, porém, recorrendo às fontes informativas, levar ao seu conhecimento o que nos foi possível obter.

EDIFÍCIO – Durante o ano findo, o Colégio funcionou no novo edifício a ele destinado. É natural que se tratando de um edifício inacabado, tornaram-se necessárias algumas adaptações, principalmente procurando possibilidades de acomodar os alunos matriculados. Com a conclusão das obras que ora se iniciam, naturalmente ficará o nosso Colégio bem instalado, dispondo, também de alguns salões a mais para aulas.

No momento, torna-se necessária a construção de uma área coberta que sirva de recreio para os alunos, pois não há nenhum lugar onde possam estes ficar, quando em folga.

Problema inadiável é da Educação Física. Não há no estabelecimento local apropriado para a realização dos exercícios físicos que foram feitos, desorganizadamente, em plena rua. Este fato deu margem a inúmeras reclamações, não só por parte da Inspetoria Federal através de ofícios encaminhados à Diretoria passada, como de pais de alunas pois as moças estavam sujeitas aos ditos de quem passasse pela rua.

Sugerimos, como medida solucinadora do caso, o aproveitamento do antigo campo de esportes “Adolfo Rolemberg”, não só pela sua proximidade do Colégio, como, também, por ser o local que na planta do estabelecimento figura como Estádio.

Urge, também, uma reforma quanto ao pessoal de Educação Física. Atualmente a Educação Física deste estabelecimento ocupa 20 pessoas, umas como extranumerárias mensalistas, outras designadas, ainda como contratadas, além do professor e 2 médicos. Na sua quase totalidade, pessoas sem nenhum curso especializado.

Sugerimos que além do professor da casa e que ora se encontra em licença premio no Rio de Janeiro, haja um Assistente para o que deve ser oriado o lugar e que deve ser preenchido por pessoa com curso especializado.

CORPO DISCENTE – Foi a seguinte a matrícula deste estabelecimento no ano letivo que terminou:

Curso ginásial - 570 alunos

Curso colegial - 279 alunos

TOTAL 849

O total da matrícula nos mostra um número de alunos superior à capacidade atual do atual edifício, dando lugar a turma até de 50 alunos. Nota-se, folheando as cadernetas escolares que grande foi o número de alunos a abandonarem o curso, sobretudo no Curso de Colégio, acarretando despesas para o Estado com a criação de novas turmas.

Pelos resultados da aprovações finais já publicados no “Diário Oficial” do Estado, concluimos que o aproveitamento dos alunos foi pequeno, pois, turmas existem, onde só foram aprovados 5 ou 6 alunos apenas. As causas deste baixo aproveitameto são difíceis de se precisar e somente um estudo mais detalhado e profundo poderá revelar as suas causas. É o que pretendemos fazer no decorrer do corrente ano.

CORPO DOCENTE – Do corpo de professores catedráticos efetivos continuam afastados o padre José Felix de Oliveira, catedrático de Latim e o professor Augusto Pereira de Azevedo, catedrático de Química, respectivamente substituídos pelos professores João Evangelista Cajueiro e Dr. José Barreto Fontes. Nota-se que muitos professores estão sobrecarregados, com umm excesso de turmas além da sua tarefa, o que talvez se explique não só pela falta de professores para determinadas disciplinas, como também devido ao alto custo da vida atual que obriga a professor que tem família a se desdobrar a fim de fazer face ao orçamento doméstico.

Seria interessante, como solução para o caso, a criação de um quadro de professores extranumerários como existe no Colégio da Bahia, preenchido através de concurso.

PESSOAL ADMINISTRATIVO – Dado o pouco tempo que estamos à frente desta tradicional casa de ensino, ainda não podemos fazer as devidas apreciações acerca do pessoal administrativo. Notamos, porém, que o quadro de Inspectores de Alunos conta com poucos homens e um grande número de mulheres, o que não se justifica num estabelecimento onde o maior número de alunos é do sexo masculino. Talvez se explique isto pelo fato de o ordenado

de Inspetor de Alunos ser pequeno, não atraindo, assim, pessoas de um certo nível cultural. Seria interessante, pois, uma reestruturação no quadro de Inspetores de Alunos.

BIBLIOTECA – A Biblioteca escolar do nosso estabelecimento consta de alguns milhares de volume e tem prestado grande serviços ao estudante desprovido de recurso para a compra de livros pelo alto custo atual. Todavia está desorganizada a nossa Biblioteca. Não há nenhum método na sua catalogação, não há fixário, nem plano para aquisição de livros de leitura, o que a torna, apenas, um amontoado de livros. É necessário, assim, uma reorganização total neste setor, o que só poderá ser, totalmente, possível quando foram concluídas as obras ora iniciadas, onde há o salão destinado à Biblioteca. Nesta ocasião, poderemos enquadrar a nossa Bibliloteca na sua verdadeira finalidade.

APARELHAMENTO ESCOLAR – Constatamos, também, a falta do material escolar adequado às exigências pedagógicas modernas. Na seccção de Educação Física há falta de material apesar de inúmeros pedidos, não só feitos pelos professores como pela Inspetoria Federal. Não há material para Geografia, História e línguas vivas, o que torna o Colégio de Sergipe desaparelhado para o ensino moderno. Temos um edifício magestoso mas falta o complemento essencial à educação secundária nos dias atuais, quando todos os setores educacionais sofrem uma renovação que conduz a um melhor aproveitamento escolar.

SITUACÃO ECONOMICA – Algumas verbas foram suplementadas no decorrer do ano findo. Outras deixaram pequenos saldo. Outras deixaram, porém, como a de Material Permanente – Máquinas de escritório, móveis e utensílios – Material de Educação Física e a verba de “Concursos a realizarem-se”. O saldo da primeira, porém, implica na falta de elementos indispensáveis não só a seccção de Educação Física como à própria vida administrativa do Colégio. O saldo da verba de “Concursos a realizarem-se” é explicado porque não foi realizado concurso no ano findo, havendo apenas exame de suficiencia no início do ano letivo. No corrente ano, teremos, porém, logo, em março, o concurso para a catédra de História Natural.

Eis o que nos foi dado observar nos poucos dias da nossa vida administrativa à frente do Colégio Estadual de Sergipe.

Certos de contamos com o apoio de V. Sa. e dos órgãos competentes para levar avante o nosso programa administrativo, reafirmo o nosso desejo de fazer alguma coisa pela educação no nosso Estado.

Atenciosos cumprimentos

Maria Thetis Nunes

Diretor

Ao Ilmo. Sr. Professor João Evangelista Cajueiro,
M. D, Diretor do Departamento de Educação.

APÊNDICE E – Transcrição do 2º relatório anual de Maria Thétis Nunes

10 de janeiro de 1953.

Nº. 3

Senhor Diretor:

Após o término do primeiro ano da minha administração à frente do Colégio Estadual de Sergipe, apresento-lhes o relatório deste estabelecimento relativo ao ano de 1952.

EDIFÍCIO: É o edifício do Colégio de Sergipe o mais moderno dos estabelecimentos de ensino do nosso estado, todavia ainda inacabado, donde as necessidades de algumas adaptações, visando principalmente, acomodar o maior número possível de alunos. Com a inauguração próxima das obras em conclusão, o Colégio de Sergipe estará bem aparelhado para fazer face às exigências atuais.

Ainda é necessário a área coberta para o recreio dos alunos, pois, a que temos não satisfaz o número de alunos do estabelecimento. Quanto à Educação Física, sentimos falta de um estádio em consonância com o majestoso edifício que temos. Mas, assim, com o aterro parcial do terreno lateral do edifício e da sua muragem, contornamos o problema. Temos no momento, necessidade de uma área coberta no local destinado aos exercícios físicos. Com a nomeação do novo professor de Educação Física esperamos que os exercícios físicos alcancem no nosso Colégio sua finalidade. Estamos extinguindo os professores contratados, na sua totalidade estudantes, que criavam problemas de disciplina. Com a compra de material especializado, está a Secção de Educação Física aparelhada parcialmente.

CORPO DISCENTE: A matrícula do ano letivo que terminou foi a seguinte:

Curso ginásial – 563 alunos

Curso colegial – 278 alunos

TOTAL – 841 alunos

Um problema de difícil solução é o abandono dos alunos no decorrer do curso pelos alunos no decorrer do ano, sobretudo no curso de Colégio, o que acarreta despesas inúteis para o estado com a criação de novas turmas. Creio que a solução para o problema seria o

exame de seleção, como faz o Colégio Pedro II e outros estabelecimentos congêneres, para o ingresso no curso colegial.

Também as reprovações foram em grande escala donde, concluímos que, infelizmente, o aproveitamento foi pequeno. As causas deste pequeno aproveitamento são difíceis de se precisar. Talvez o curso primário mal feito, o espírito da nossa época, a falta de cooperação dos pais, falhas no sistema educacional, predomínio do ensino teórico sejam as causas que merecem ser tomadas em consideração e estudada. Todavia, neste ano de adaptação para nós não foi possível um melhor estudo do problema.

CORPO DOCENTE: Na segunda metade do ano, o nosso Colégio sofreu com o afastamento imprevisto de catedráticos como Dr. Manoel Ribeiro e o Prof. Franco Freire, continuando afastado ainda o Pe. José Felix, o Prof. Augusto Azevedo. Muitas das vezes para suprir as lacunas deixadas por estes professores tivemos que apelar para outros professores já sobrecarregados. Notamos também, que muitos dos nossos professores estão sobrecarregados, o que se explica pelos pequenos vencimentos e o alto custo de vida que prejudica, assim, o rendimento escolar. Somos pela criação de um quadro de professores extranumerários por concurso, a exemplo do que se faz no Colégio da Bahia.

PESSOAL ADMINISTRATIVO: É sobretudo, no setor dos encarregados da disciplina dos alunos que notamos a deficiência do nosso pessoal administrativo. São em geral pessoas idosas, sem nenhuma compreensão dos problemas da adolescência, que nada resolve quanto à disciplina. Talvez se explique isto pelo pequeno ordenado do cargo, que não atrai pessoas de melhor nível cultural.

É inadiável a criação do cargo de Vice-diretor do Colégio de Sergipe, pois, o Diretor não é capaz, de, sozinho, enfrentar todos os problemas que surgem.

BIBLIOTECA: A nossa Biblioteca escolar consta de alguns melhores exemplares para empréstimo ao estudante pobre, o que tem facilitado muito o estudo, tendo em conta o alto nível de vida. É a nossa Biblioteca, porém, desorganizada, sem fichários, sem pessoal especializado, o que a torna um amontoado de livros. Nada ainda podemos tentar no sentido de sua remodelação por falta de sala adequada, o que tentaremos fazer, no próximo ano com a inauguração da nova parte do edifício.

MATERIAL ESCOLAR: Encontramos o nosso colégio desparelhado de material escolar adequado às exigências pedagógicas modernas. Procuramos com as nossas pequenas verbas e com a compreensão do nosso Sr. Governador do Estado adquirir material para o

salão de História e Geografia. No próximo ano procuraremos organizar as salas de línguas vivas, de Desenho e Trabalhos Manuais.

GABINETE DENTÁRIO: Em setembro do ano passado inauguramos um moderno gabinete dentário que, desde então, tem prestado relevantes serviços ao estudante pobre. Foram atendidos muitos alunos tendo sido feitas neste curto espaço de tempo 101 obturações e 41 extrações.

SITUAÇÃO ECONÔMICA: Algumas verbas foram suplementadas enquanto outras deixaram pequenos saldos, o que se explica pelo fato de o nosso Orçamento ser o mesmo de alguns anos anteriores, não acompanhando, assim, o aumento do custo de vida. Podemos, porém, afirmar que encerramos o ano de 1952 sem nenhuma dívida deixada para o próximo ano.

REGULAMENTO: Aguardamos a publicação do novo regulamento do Colégio, elaborado pela Congregação deste Colégio e enviado à Assembleia que o devolvei ao Poder Executivo. A sua adoção fará entrar em vigor normas dentro da pedagogia moderna.

Eis, assim, em síntese, o relatório do ano de 1952 do Colégio Estadual de Sergipe.

Contando com o apoio de V.S. e dos órgãos competentes para executar nosso programa administrativo, esperamos fazer alguma coisa de positivo em prol da educação da juventude de Sergipe.

Cordiais Saudações

Maria Thétis Nunes

Diretor

Ao Ilmo. Sr. Exupero Monteiro,
N.D. Diretor do Departamento de Educação
NESTA
T/A

APÊNDICE F – Transcrição da Proposta Orçamentária do CES para o ano de 1953

Nº. 138.

19 de maio de 1952

Senhor Secretário:

Segue, anexa, a proposta orçamentária deste Colégio para o exercício de 1953. Na sua confecção procurei, dentro do possível, impedir o aumento das verbas. Algumas, porém tiveram que sofrer aumento, umas aumento insignificante, outras aumento maior, por uma séries que razões que passo a expor:

Verba 3.32.8.33.1-16 – Temos no estabelecimento dois diaristas que recebem, respectivamente, Cr\$ 10,00 e Cr\$ 14,00 diários. É impossível com o alto custo de vida dos dias atuais manter esta mesma tabela. Assim, com este aumento de verba poderemos melhorar um pouco o salário ínfimo que estes diaristas recebem.

Verba 3.32.8.33.2-23 – Os livros ou quaisquer publicações vem sofrendo um aumento considerável. Assim, com a verba que temos nada poderemos fazer para melhorar a nossa biblioteca que, no momento, se encontra desfalcada de obras essenciais à sua finalidade.

Verba 3.32.8.33.2-24 – Também necessita o estabelecimento para a sua nova instalação, de utensílios escolares. É com o objetivo de suprir esta lacuna que introduzo este aumento.

Verba 3.32.8.33.3-34 – Os trabalhos gráficos sobem assustadoramente dia a dia e o acréscimo feito visa solucionar esse problema. Para dar uma prova concreta basta dizer que a última remessa de papel de prova que recebi foi de a de Cr\$ 430,00 o milheiro. No momento, está custando Cr\$ 600,00 o milheiro. Vemos o que isto representa para um colégio que gasta cerca de 20.000 folhas anuais. Imagine-se o aumento do próximo ano, quando este orçamento entrará em vigor.

Verba 3.32.8.33.4-40 e 3.32.8.33.4-47 – São verbas diminutas e tenho notado que anos anteriores tem sido necessária a suplementação.

Todos os outros aumentos visam apenas enquadrar as verbas dentro da desvalorização monetária atual.

Acrescento algumas novas despesas não computadas no orçamento anterior, o que justifico a seguir:

Prêmios para os melhores alunos das séries dos dois cursos Cr\$ 1.200,00. A Congregação deste Colégio já instituiu esses prêmios que são um estímulo à mocidade. Assim, procuro tornar realidade o que já está criado.

Subvenção ao Grêmio “Clodomir Silva” – O Grêmio “Clodomir Silva” – é o órgão representativo da classe estudantil. Uma subvenção virá possibilitar, pelos menos, a saída de um jornalzinho anual.

As despesas com o Gabinete Dentário são necessárias porque no momento está sendo instalado no estabelecimento um gabinete dentário.

Atenciosos cumprimentos

Maria Thétis Nunes
Diretor

Ao Ilmo. Sr. Dr. Renato Cantidiano Vieira Ribeiro,
D.M. Secretário da Fazenda, Produção e Obras Públicas

APÊNDICE G – Transcrição da Proposta Orçamentária do CES para o ano de 1954

29 de abril de 1953.

Nº. 82.

Senhor Secretário:

Passo às mãos de V. S^a. a proposta orçamentária deste Colégio para o exercício de 1954. Em linhas gerais, ela é a mesma que apresentei o ano passado para o atual exercício financeiro. Procurei, na sua feitura, dentro do possível, impedir o aumento de verbas. Todavia, algumas verbas tiveram que sofrer aumento, umas menos insignificantes, outras, maiores, em virtude de uma série de razões que passo a expor e que foram as mesmas razões da minha exposições de motivos do ano passado.

Verba 3.32-8.33.1-16 – Temos no estabelecimento dois diarista que recebem, respectivamente, Cr\$ 10,00 e Cr\$ 14,00 diários. É impossível, com o alto custo de vida dos dias atuais, manter esta mesma tabela. Assim, com este aumento de verba poderemos melhorar um pouco o salário ínfimo que estes diaristas recebem.

Verba 3.32-8.33.2-23 – Os livros ou quaisquer publicações vêm sofrendo um aumento considerável. Assim, com a verba que temos nada podemos fazer para melhorar a nossa biblioteca que, no momento, se encontra desfalcada de obras essenciais à sua finalidade.

Verba 3.32-8.33.2-24 – Também necessita o estabelecimento, para sua nova instalação, de utensílios escolares.

Verba 3.32-8.33.3-34 – Os trabalhos gráficos sobem assustadoramente dia a dia e o acréscimo feito visa solucionar esse problema.

Verba 3.32-8.33.4-40 e 3.32-8.33.4-47 – São verbas diminutas e tenho notado que em anos anteriores tem sido necessário a suplementação.

Todos os outros aumentos visam apenas enquadrar as verbas dentro da desvalorização monetária atual.

Acrescento algumas novas despesas não computadas no orçamento anterior, o que justifico a seguir:

Prêmios para os melhores alunos das séries dos dois cursos – Cr\$ 1.200,00. A Congregação deste Colégio já instituiu esses prêmios que são em estímulo à mocidade. Assim, procuro tornar realidade o que já está criado.

Subvenção ao Grêmio “Clodomir Silva” – O Grêmio “Clodomir Silva” é o órgão representativo da classe estudantil. Um subvenção virá a possibilitar, pelo menos, a saída de um jornalzinho anual.

As despesas com o Gabinete Dentário são necessárias porque foi instalado no estabelecimento um gabinete dentário.

Aproveito o ensejo para apresentar-lhes os meus cordiais cumprimentos.

Maria Thétis Nunes
Diretor

Ao Ilmo. Sr. Major Antônio Carlos Nascimento Júnior,
M.D. Secretário da Fazenda, Produção e Obras Públicas.

APÊNDICE H – Transcrição da Proposta Orçamentária do CES para o ano de 1954

ESTADO DE SERGIPE
SECRETÁRIA DA FZENDA, PRODUÇÃO E OBRAS PÚBLICAS

CIRCULAR N. 7

Aracaju, 22 de abril de 1952.

Senhor Diretor,

De ordem do Excelentíssimo Senhor Governador do Estado, solicitamos vossas providências no sentido de ser remetida a esta Secretaria, por intermédio do Departamento da Fazenda, até o dia 15 de maio vindouro, a proposta orçamentária dessa repartição para o futuro exercício de 1953, ao qual deverá ser elaborada de acordo com as instruções anexas.

Com o objetivo de facilitar o trabalho dessa repartição, estamos enviando, junto à apresente, o material abaixo discriminado, destinado à confecção, em duas vias, dos principais quadros e tabelas que terão de instruir a aludida proposta orçamentária:

- a) tabela explicativa da despesa (modelo 3);
- b) quadro comparativo das despesas fixados no orçamento de 1952, com as que forem propostas para 1953 (modelo 81);
- c) relação nominal de funcionários e extranumerários, inclusive diaristas (modelo 83).

A segunda via dos quadros acima mencionados ficará fazendo parte do arquivo dessa repartição.

A Secção de Estudos Econômicos e Financeiros do Departamento da Fazenda poderá prestar quaisquer outros esclarecimentos que jugardes necessários à organização da proposta desse órgão.

Esperamos contar com a vossa valiosa e indispensável cooperação para o melhor êxito dos trabalhos de elaboração orçamentária do Estado, aproveitamos o ensejo para apresentar-vos protestos de real estima e elevada consideração.

Atenciosas saudações

Renato Cantidiano Vieira Ribeiro
Secretário da Fazenda, Produção e Obras Públicas

APÊNDICE I – Transcrição de cobrança do relatório de fim de ano das atividades desenvolvidas pelo CES, no ano de 1952

ESTADO DE SERGIPE
SECRETARIA DA JUSTIÇA E INTERIOR

CIRCULAR N. 1

Aracaju, 26 de novembro de 1952.

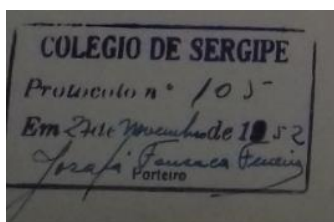
Senhor Diretor,

Afim de que esta Secretaria possa organizar o seu relatório geral concernente às atividades dos diversos departamentos públicos que lhe são subordinados, solicito vossas providencias no sentido de nos ser remetido, até o dia 10 de janeiro de 1953, improrrogavelmente, o relatório dos serviços dessa repartição referente ao exercício de 1952, prestes a expirar.

Recomendo-vos que esse documento deve ser elaborado de modo objetivo, sucinto, contendo dados, de maneira que o relatório geral desta Secretaria, possa representar a situação fiel de cada setor administrativo.

Devo esclarecer que esse relatório servirá de base à próxima mensagem que o Exmo. Sr. Governador terá de enviar ao Poder Legislativo na sua primeira instalação no ano vindouro, em 1º de março, nos termos do prescrito constitucional.

Certo da vossa colaboração nesse sentido, confio em que o prazo da apresentação do relatório solicitado não exceda àquela data acima fixada.



SAUDAÇÕES

(Acrísio Cruz)
Secretário da Justiça e Interior

APÊNDICE J – Transcrição justificando o reenvio da solicitação no adiantamento de verbas

Nº. 17.

7 de fevereiro de 1953.

Senhor Secretário:

Em face da devolução do ofício nº 8 deste, solicitando o adiantamento para o corrente exercício, faço, em obediência ao Decreto nº. 166, de 31-12-1952, a seguinte exposição justificando o citado adiantamento.

O Colégio Estadual de Sergipe, como estabelecimento escolar que é, necessita de estar aparelhado para o início do ano letivo, daí, a necessidade de aquisição de material de expediente, impressos, livros para a biblioteca, etc. Também são necessários reparos inadiáveis no período de férias dada a sua possibilidade no período de aulas.

São as seguintes as dotações orçamentárias por onde deverá o adiantamento correr:

Pessoal variável - Diaristas e tarefeiros.

Verba 3.32-8.33.1-16 - Duodécimo Cr\$ 733,33.

Material Permanente - Livros, revistas e outras publicações destinadas a coleções ou bibliotecas.

Verba 3.32-8.33.2-23 - Duodécimo Cr\$ 416,66.

Material Permanente - Máquinas de escritório, móveis e utensílios.

Verba 3.32-8.33.2-24 - Duodécimo Cr\$ 1.250,00.

Material Permanente - Materiais diversos - Materiais para a Secção de Educação Física.

Verba 3.32-8.33.2-29 - Duodécimo Cr\$ 666,66.

Material de Consumo - Material de expediente e escolar, inclusive impressos.

Verba 3.32-8.33.3-34 - Duodécimo Cr\$ 2.000,00.

Material de Consumo - Materiais diversos - Material para as aulas práticas de Química, Física e História Natural.

Verba 3.32-8.33.3-39 - Duodécimo Cr\$ 500,00.

Despesas diversas - Água, esgoto, asseio, luz e força.

Verba 3.32-8.33.4-40 - Duodécimo Cr\$ 250,00.

Despesas diversas - Despesas de conservação em geral.

Verba 3.32-8.33.4-42 - Duodécimo Cr\$ 416,60.

Despesas diversas - Contribuições, embargos e serviços diversos - Concursos a realizarem-se.

Verba 3.32-8.33.4-44 - Duodécimo Cr\$ 666,60.

Despesas diversas - Despesas postais, telegráficas e telefônicas - Verba 3.32-8.33.4-47 - Duodécimo Cr\$ 100,00.

Despesas diversas - Despesas não especificadas.

Verba 3.32-8.33.4-56 - Duodécimo Cr\$ 833,30.

TOTAL - Cr\$ 7.833,00.

Outrossim, a importância do referido adiantamento deverá ser entregue ao sr. Fabiano Barros, Porteiro deste Colégio.

Atenciosos cumprimentos

Maria Thétis Nunes
Diretor

Ao Ilmo. Sr. Capitão Antônio Carlos do Nascimento Júnior,
M.D. Secretário da Fazenda, Produção e Obras Públicas.
NESTA

T/A

APÊNDICE K – Transcrição de pedido de solicitação de compra de materiais para os salões de Geografia e História

Nº 85.

9 de maio de 1953.

Senhor Secretário:

O ano passado, dentro da verba Material Permanente, procurei adquirir algum material essencial à organização do salão de Geografia e História deste estabelecimento.

É meu desejo continuar a organização do referido salão para o qual solicito de V. S^a. providências no sentido de que o Exmo. Sr. Governado do Estado dê a necessária organização para a compra do material abaixo enumerado, correndo a despesa por conta da verba 3.32-8.33.2-24.

Mapa mudo do Brasil.....	Cr\$ 350,000
Coleção de seis mapas mudos continentais.....	Cr\$ 1.600,00
Modelo representando o ciclo das águas.....	Cr\$ 450,00
Modelo para Geografia Biológica.....	Cr\$ 450,00
Mapa físico político do Brasil.....	Cr\$ 150,00

Também se torna necessário a aquisição, pela verba acima citada, do seguinte material para o ensino de Desenho:

Coleção de vinte sólidos para o ensino de desenho.....	Cr\$ 100,00.
--	--------------

O material constante desta relação deverá ser adquirido na Casa Ernesto Tavares – Rua Antônio Vargas, 127 – Rio de Janeiro, firma que melhor preço apresentou, dentre outras que me forneceram catálogos com os respectivos preços.

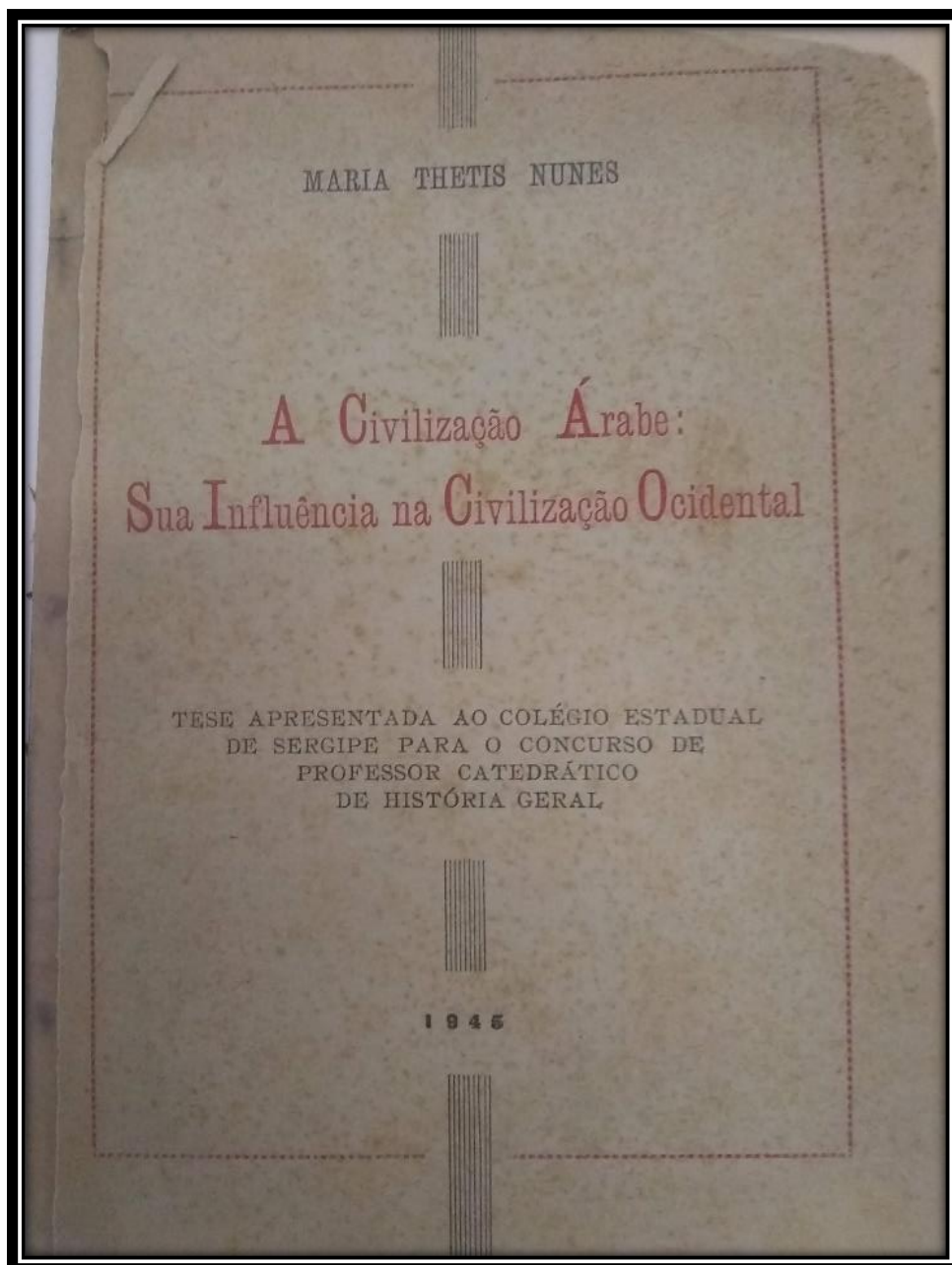
Atenciosos cumprimentos

Maria Thétis Nunes
Diretor

Ao Ilmo. Sr. Major Antônio Carlos Nascimento Júnior,
M.D. Secretário da Fazenda, Produção e Obras Públicas

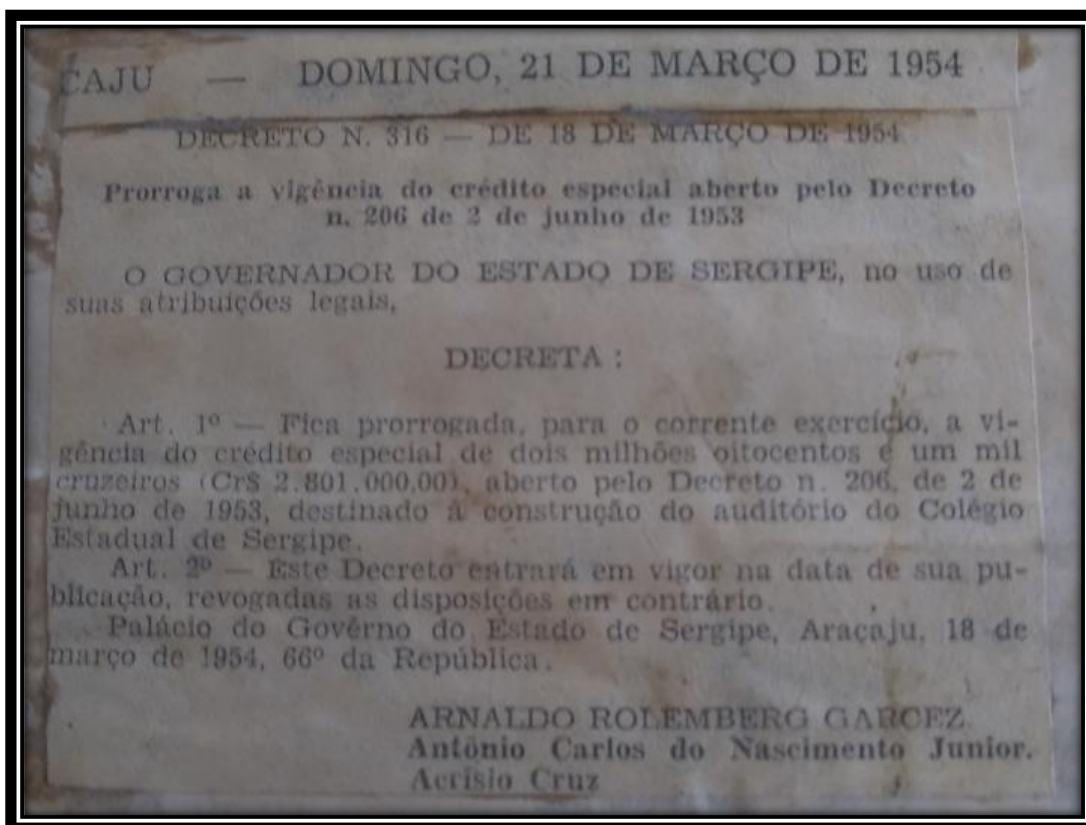
ANEXO

ANEXO A – Capa da tese apresentada por Thétis Nunes no concurso para professor catedrático do Atheneu Sergipense (1945)



FONTE: Biblioteca Central da Bahia – Campus Ondina, 2019.

ANEXO B – Decreto de vigência de crédito para construção do Auditório do Atheneu Sergipense



FONTE: Hemeroteca do Arquivo Público de Sergipe (1951-1957).

ANEXO C – Entrega da nova sede do Colégio Estadual de Sergipe

As novas, imponentes e moderníssimas instalações do Colégio Estadual de Sergipe, a serem inaugurados, hoje, constituem um relevante empreendimento educacional, que credencia o nosso benemérito Governador José Rollemberg Leite à imperecível gratidão dos sergipanos

Colégio Estadual de Sergipe

A entrega, hoje, das novas instalações á douta Congregação

O trabalho do Governador José Rollemberg Leite é silencioso.

Os ruidos discursivos, o alarido publicitário jamais conseguiram empolgar o nosso jovem e dinâmico governante, que realiza sem prometer.

Homem eminentemente prático, trabalhador infatigável e dotado de um tipo administrativo pouco comum, o Dr. José Rollemberg Leite, que é, com muita razão, chamado de Governador de todos os sergipanos, deixa empreendimentos vultosos em todos os setores da pública administração.

Hoje mesmo, vão ser entregues á douta Congregação do Colégio Estadual de Sergipe, as novas instalações para o funcionamento de tão importante casa de ensino secundário

Dotado de imponentes e moderníssimas linhas arquitetônicas, o novo prédio, construído sob as melhores exigências da pedagogia moderna, está evidentemente aparelhado para suprir as necessidades que já se faziam prementes no ensino secundário sergipano.

Esta é, sem dúvida, mais um relevante empreendimento educacional da administração Rollemberg Leite, há muito reclamado em face da carencia de instalações adequadas.



Fonte: Jornal Diário de Sergipe, 1950.

ANEXO D – Alunos dos CES que ganharam bolsa de estudos para especializar-se

Nº. 11. 14 de março de 1953.

Senhor Diretor:

Apresento a V. Sa. o aluno dêste estabelecimento, José Sotero Filho, candidato à bolsa de estudos dêsse Colégio, cujos documentos de matrícula já se encontram em poder de V. Sa.

Aproveito o ensejo para apresentar-lhe os meus atenciosos cumprimentos.

Maria Thetis Nunes
Diretor

Ao Ilmo. Sr. Vandick Londres da Nóbrega,
M.D. Diretor do Internato do Colégio Pedro II.
São Cristóvão - Rio de Janeiro.

24 de janeiro de 1953.

Nº. 12.

Senhor Secretário:

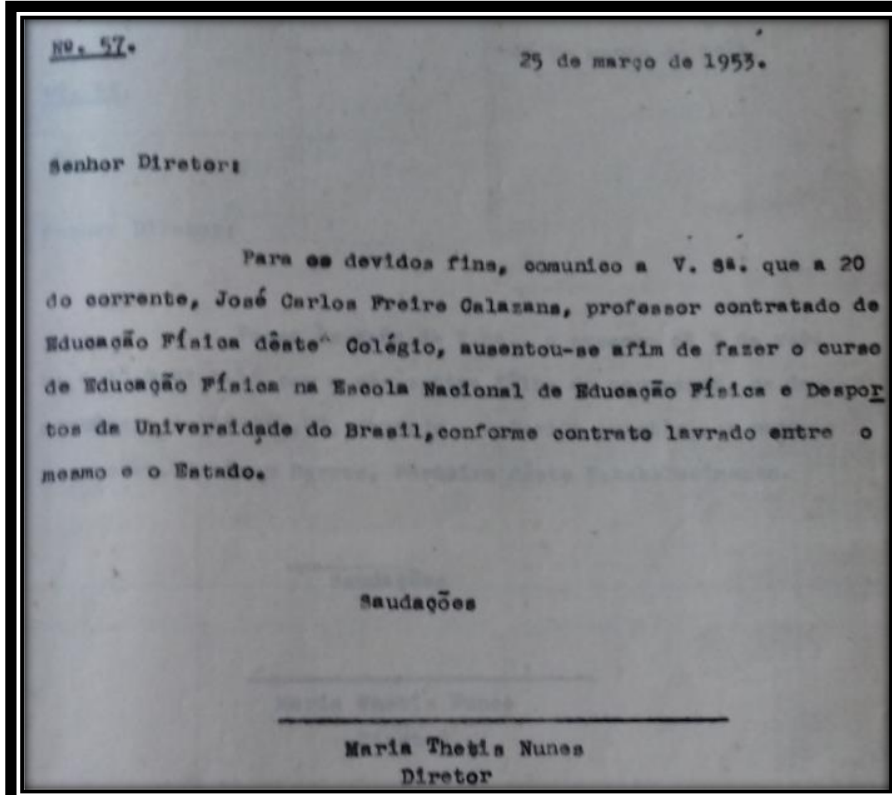
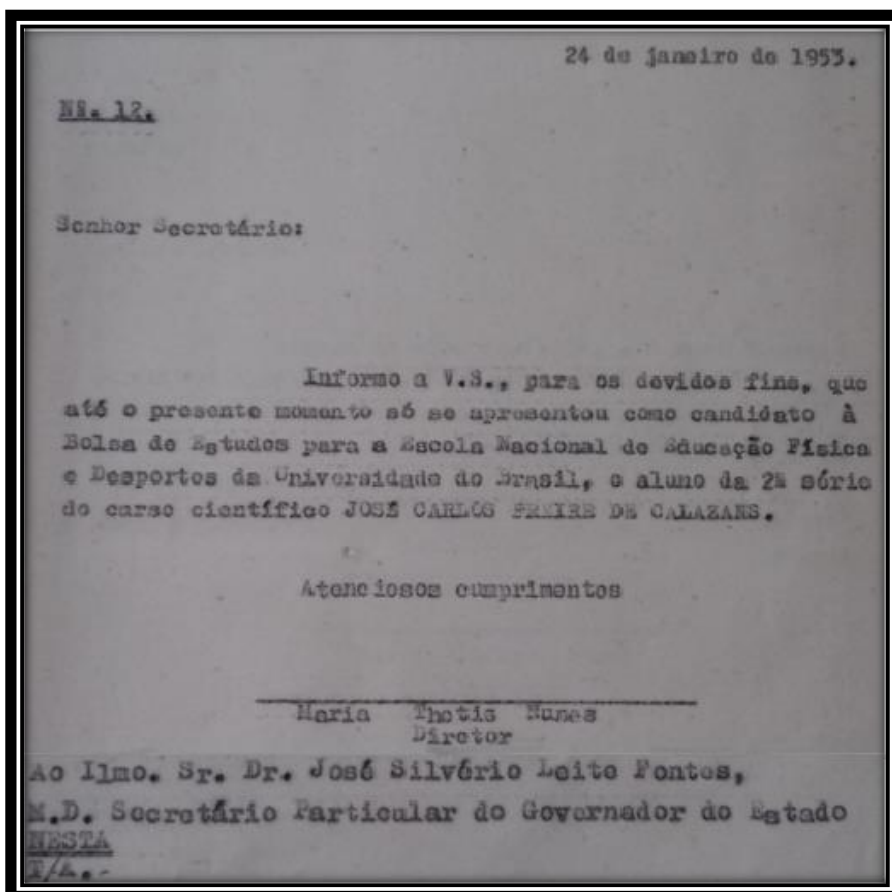
Informo a V.S., para os devidos fins, que até o presente momento só se apresentou como candidato à Bolsa de Estudos para a Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, o aluno da 2ª série do curso científico JOSÉ CARLOS FREIRE DE CALAZANS.

Atenciosos cumprimentos

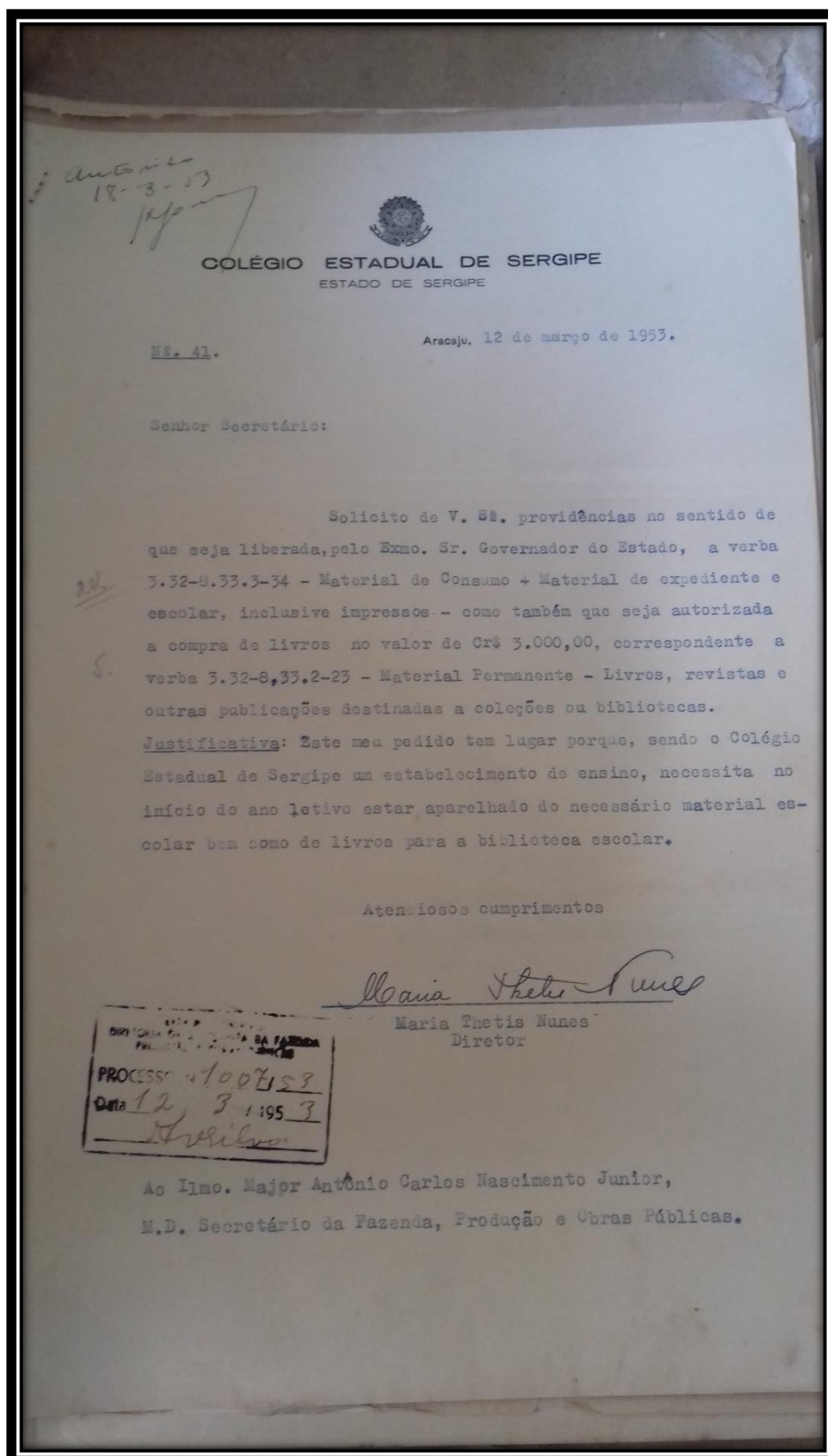
Maria Thetis Nunes
Diretor

Ao Ilmo. Sr. Dr. José Silvério Leite Pontes,
M.D. Secretário Particular do Governador do Estado
NESTA
DATA.

ANEXO E – Correspondências a respeito do aluno/professor contratado José Carlos Freire Calazans

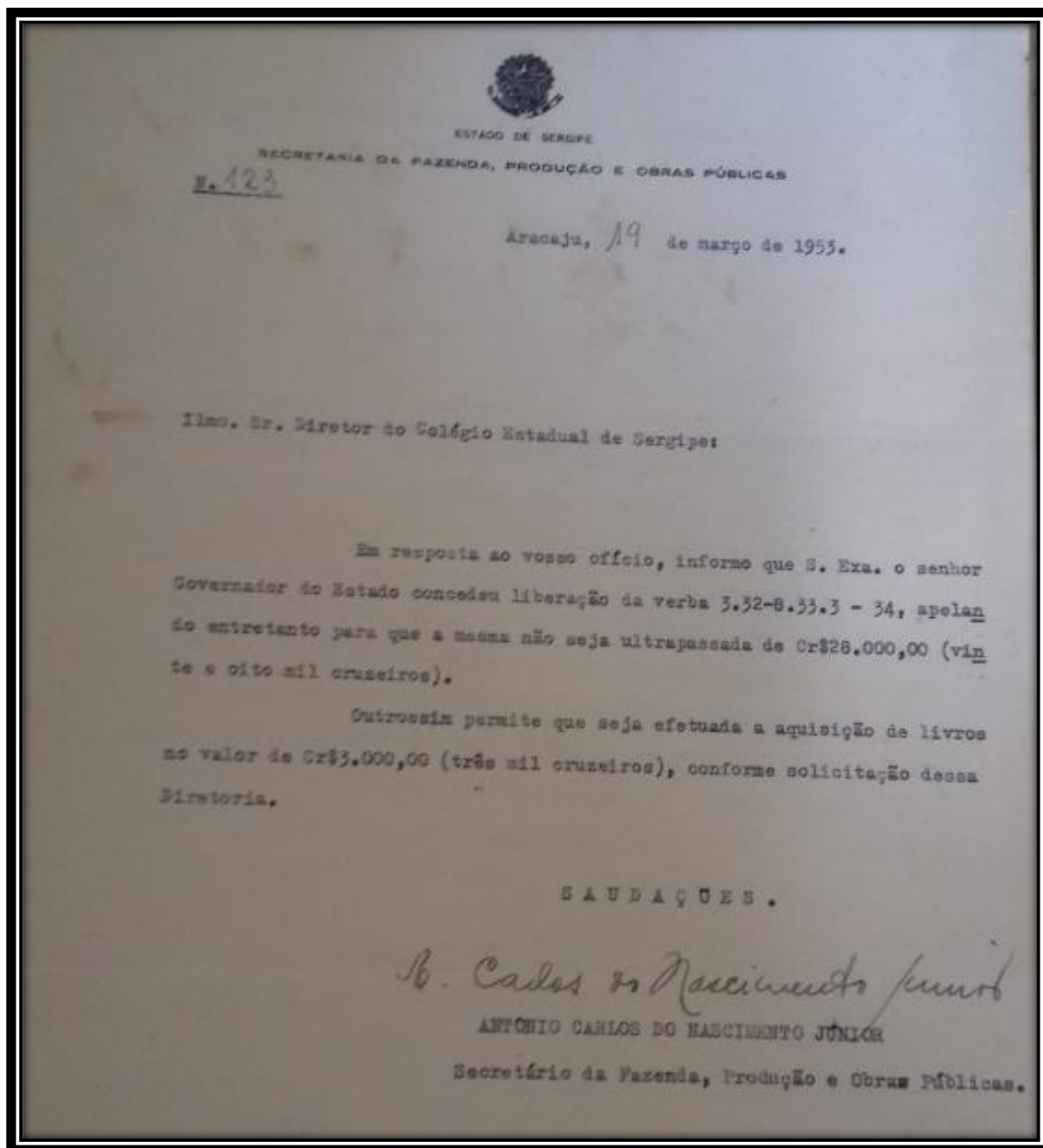


ANEXO F – Ofício nº 41



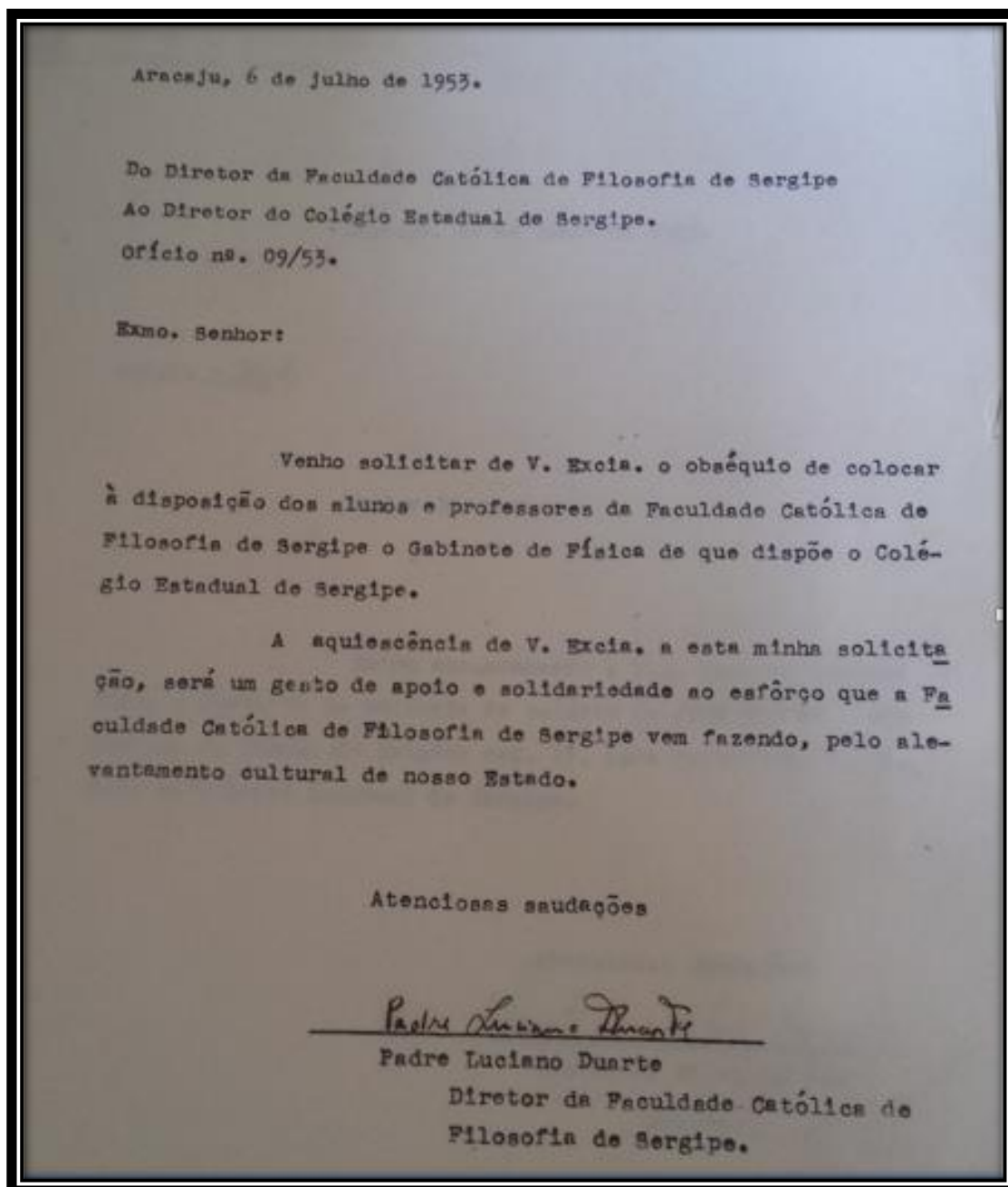
Fonte: Acervo do CEMAS.

ANEXO G – Ofício nº 123



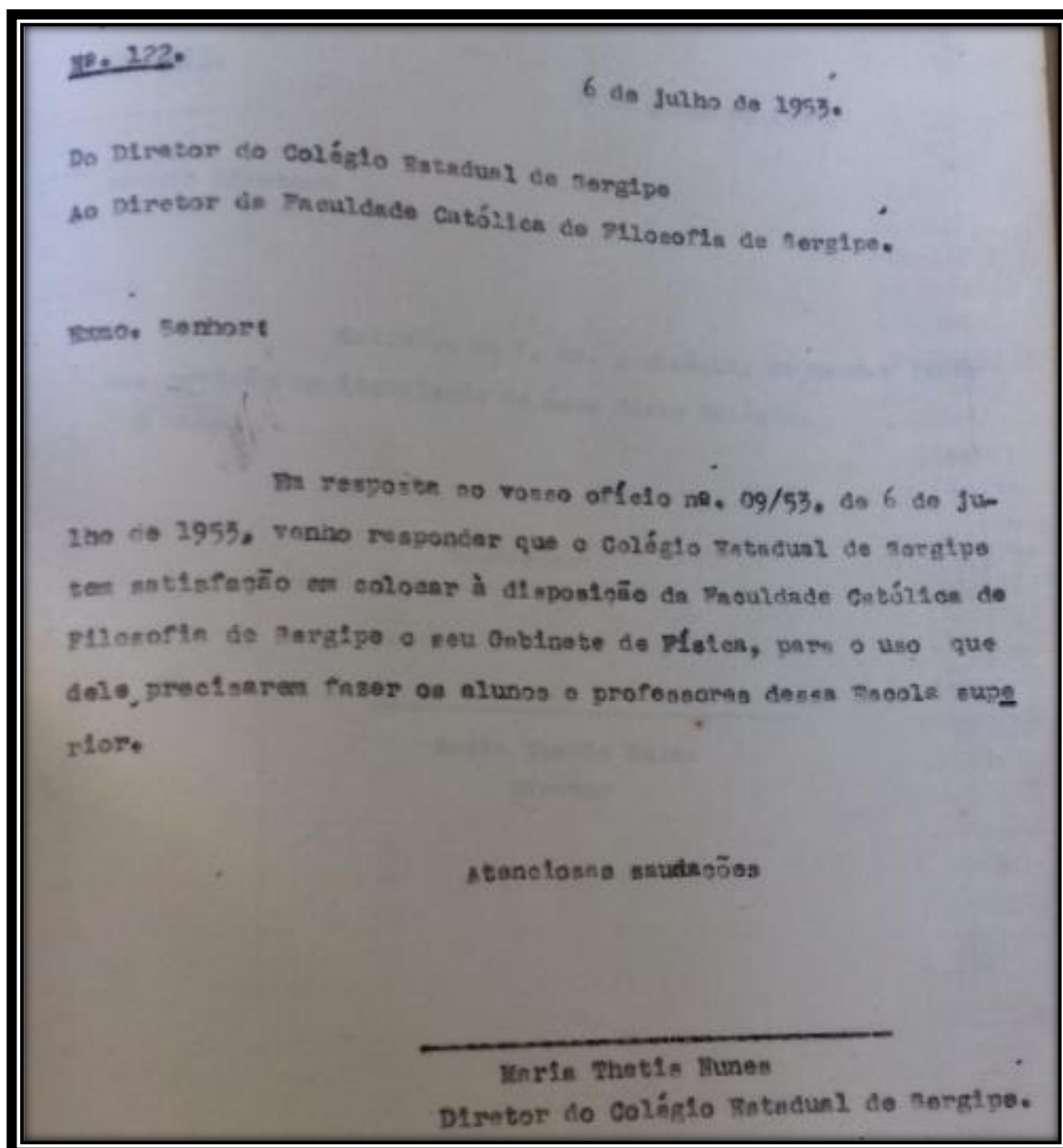
Fonte: Acervo do CEMAS.

ANEXO H – Pedido de Dom Luciano (Diretor da Faculdade de Filosofia de Sergipe) para fazer uso do Gabinete de Física do CES



Fonte: Acervo do CEMAS.

ANEXO I – Resposta favorável de Maria Thétis Nunes (Diretora do Colégio Estadual de Sergipe) ao pedido de Dom Luciano



Fonte: Acervo do CEMAS.

ANEXO J – Resposta favorável de Maria Thétis Nunes (Diretora do Colégio Estadual de Sergipe) ao pedido de Dom Luciano

Nº. 144.
8 de agosto de 1943.

Do Diretor do Colégio Estadual de Sergipe
Ao Diretor da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe.

Exmo. Senhor:

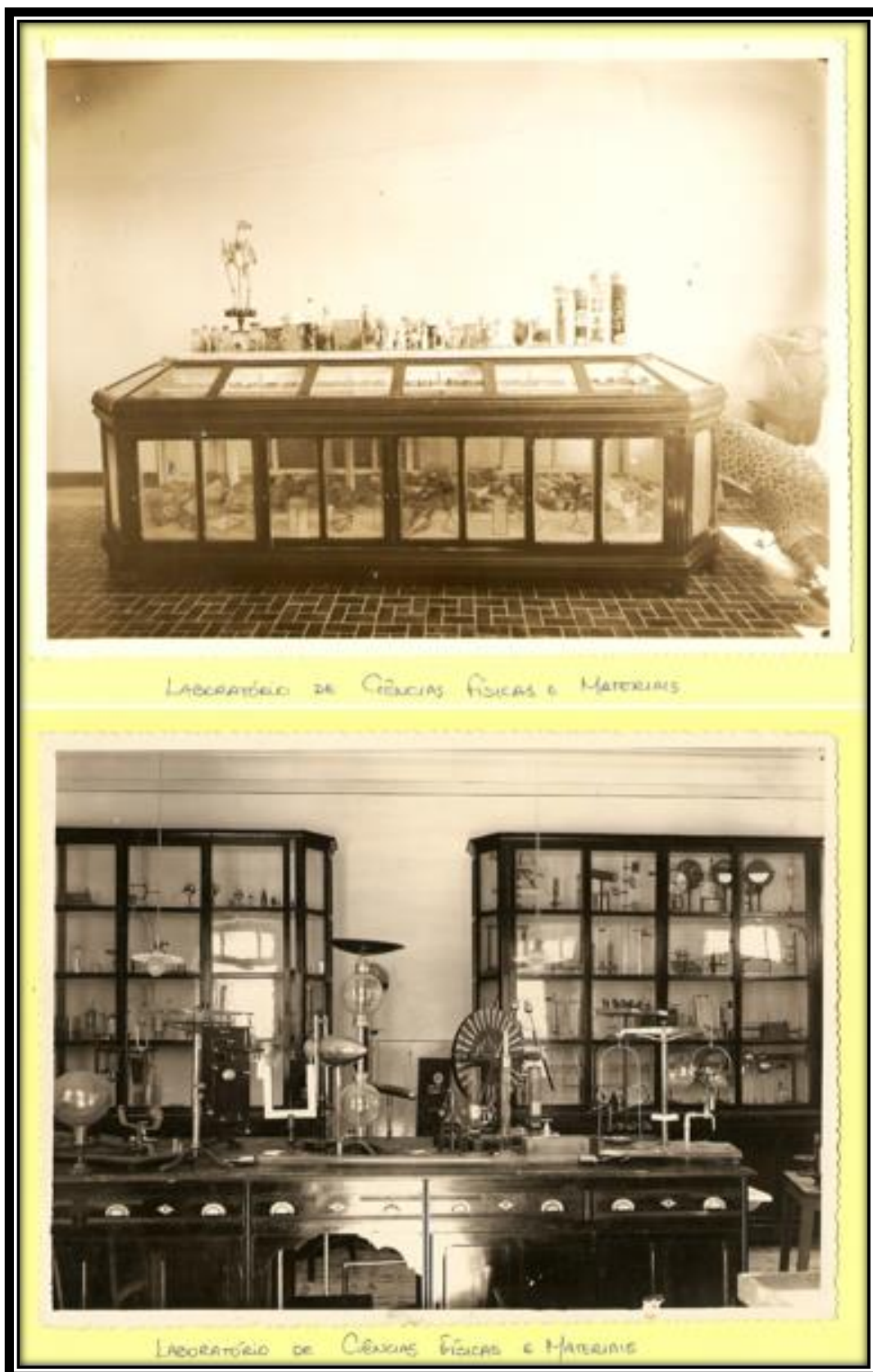
Em resposta ao vosso ofício nº. 14/53, de 7 de agosto de 1943, venho responder que o Colégio Estadual de Sergipe tem satisfação de colocar à disposição da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe os livros da Biblioteca deste Colégio, para o uso que deles precisarem fazer os alunos e professores dessa Escola superior.

Atenciosos cumprimentos

Maria Thetis Nunes
Diretor do Colégio Estadual de Sergipe.

Fonte: Acervo do CEMAS.

ANEXO K – Laboratório de Ciências Físicas e Materiais



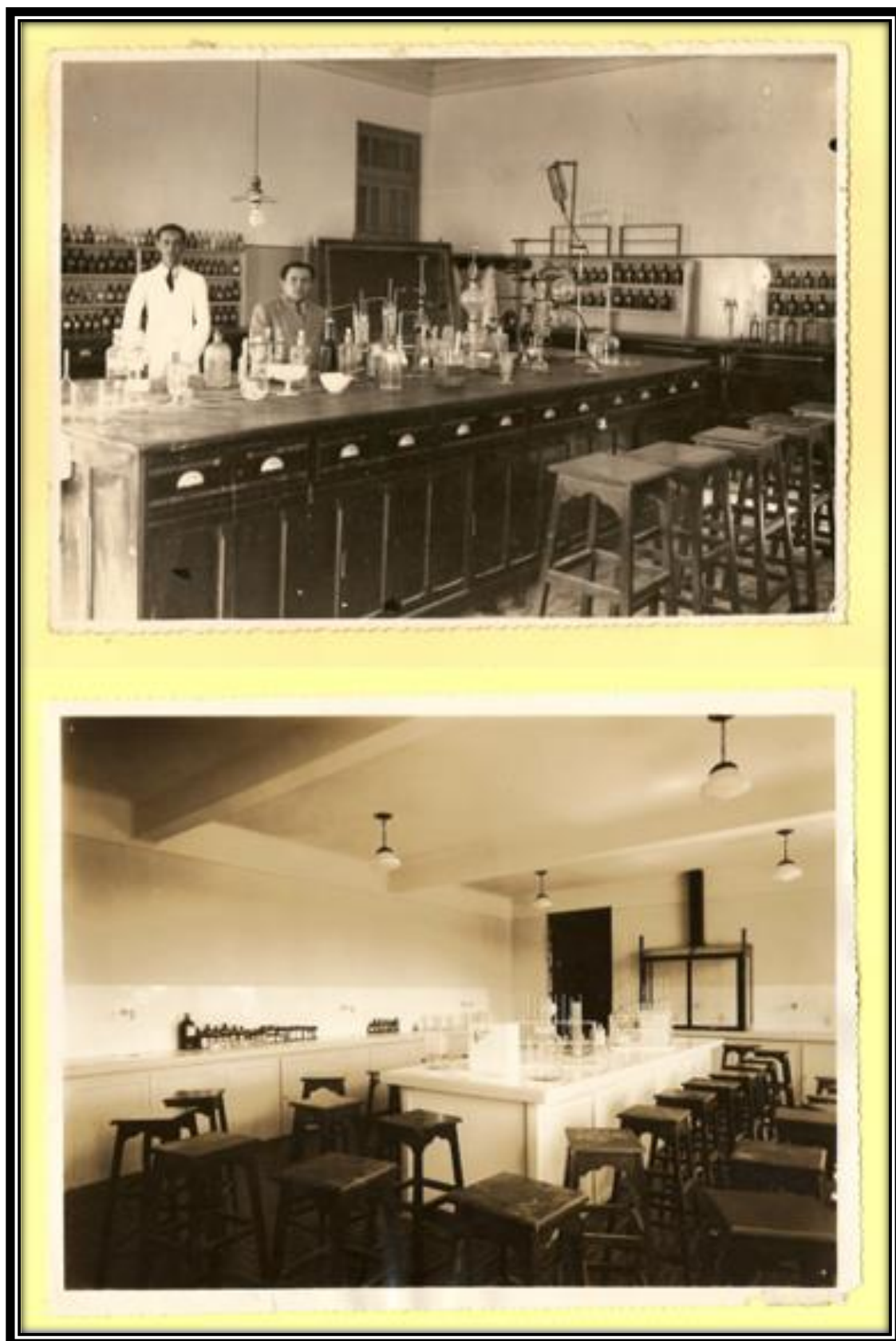
Fonte: Acervo do IHGSE.

ANEXO L – Sala de aula em laboratório de Ciências Físicas e Materiais



Fonte: Acervo do IHGSE.

ANEXO M – Laboratório de Química do Atheneu Pedro II e do Colégio Estadual de Sergipe



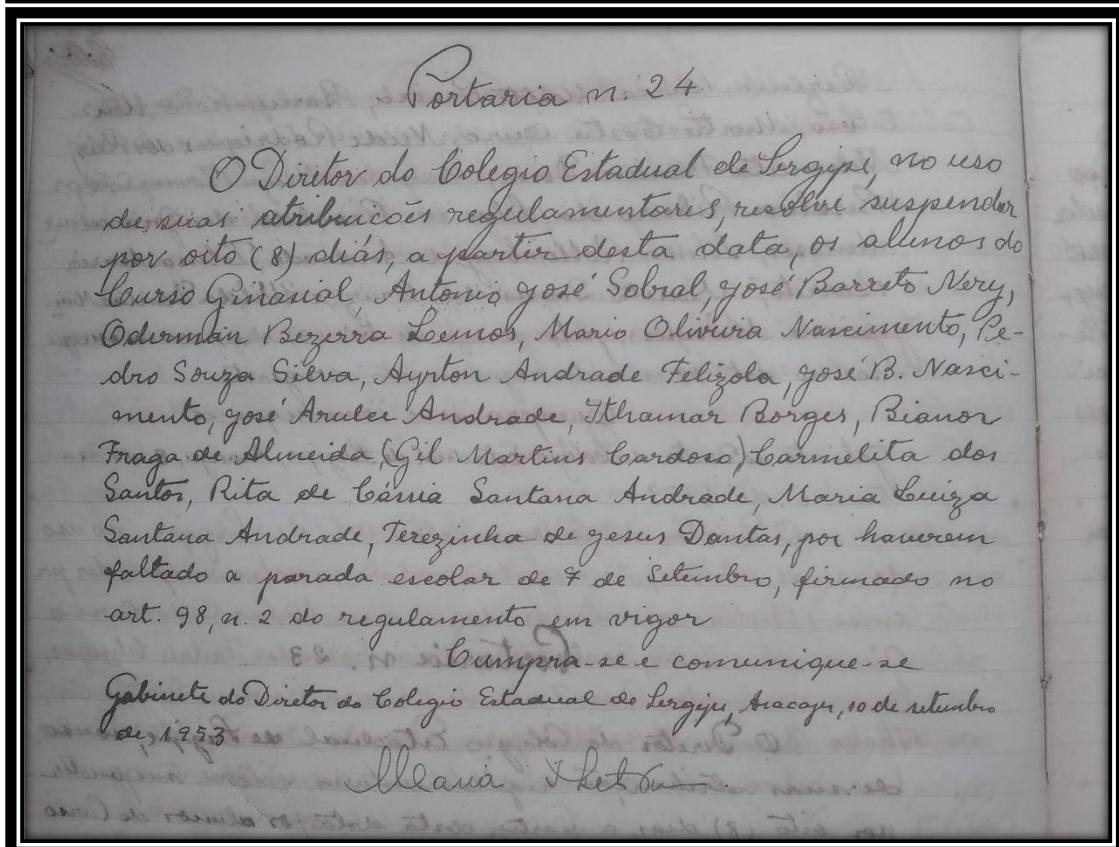
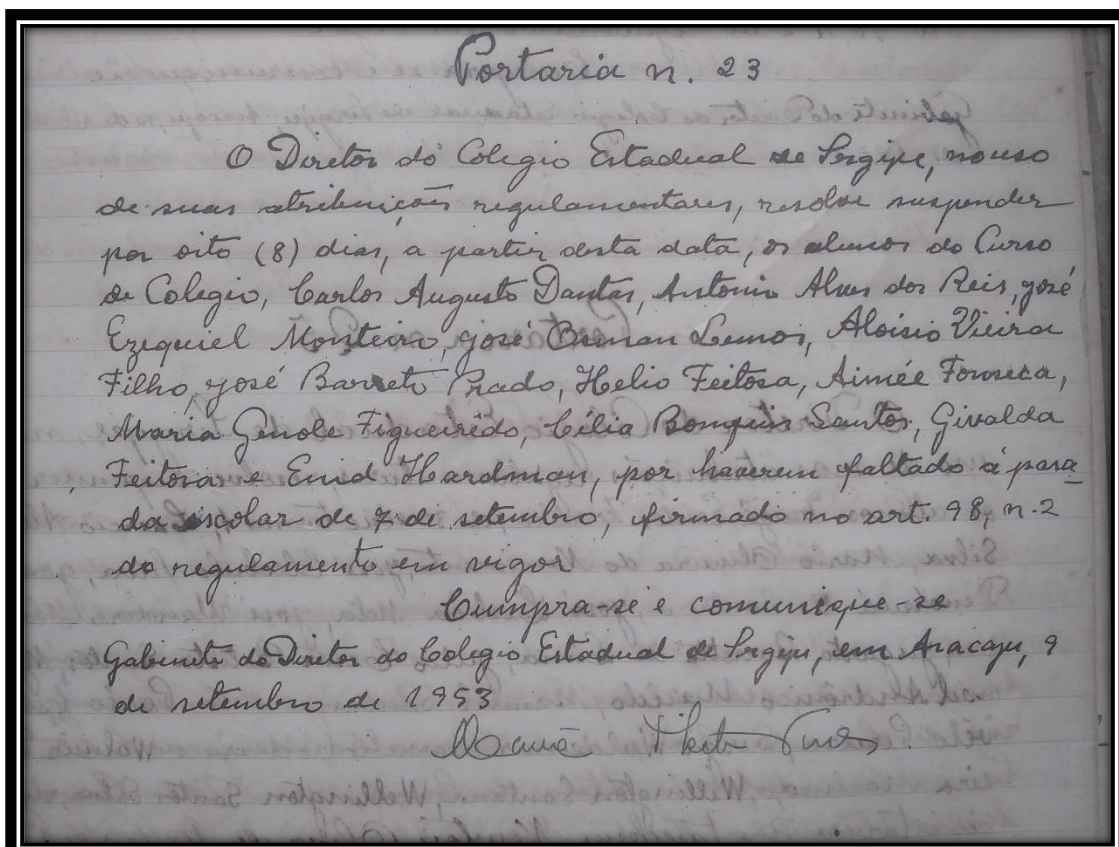
Fonte: Acervo do IHGSE.

ANEXO N – Turma concludente do Atheneu Pedro II, em 1939 – sendo a primeira à esquerda Maria Thétis Nunes



Fonte: Acervo do CEMAS.

ANEXO O – Livro de Penas Impostas aos Alunos (1943-1958) – CEMAS: Portarias nº 23 e nº 24



ANEXO P – Inauguração da ala administrativa do Colégio Estadual de Sergipe



Fonte: Acervo do CEMAS.